

STEAN

O Jogo em Vermelho

CHARLIE F. GROSSKOPF





Capítulo 01

Uma garota, simplesmente uma garota pendurada em um gancho no matadouro supostamente mal-assombrado. Os pulsos amarrados em uma corda e a ponta desta corda fixada em um gancho no teto. As costas cobertas de pequenos cortes, alguns com um caco de vidro enfiado na carne. Joelhos esfolados, pernas com arranhões e marcas roxas. Os braços com marcas nítidas de dedos, perto e no ombro marcas de mordidas. A barriga e os seios com cortes e cortes. O nariz quebrado, maxilar deslocado, olho roxo, pequenos arranhões.

E os olhos fitavam o vazio pareciam mortos mesmo que ela ainda respirasse.

Camile Simons abriu os olhos e só viu escuridão, não enxergaria a própria mão na frente do rosto. Demorou segundos para entender que estava com o rosto enfiado em um travesseiro, por isso a escuridão e a dificuldade para respirar. Esfregou o rosto, tentando se orientar. Os números brilhantes em seu relógio indicavam que estava atrasada, então logo saiu da cama com movimentos lentos. Percebeu que fora acordada por um peso quente na base das costas, peso este que caminhou dali até seu ombro para acordá-la.

O frio sob seus pés a acordou um pouco mais, como sempre. Kriss, um gato preto com alguns pelos brancos no pescoço, desceu miando e passou a se esfregar entre suas pernas enquanto ela caminhava em direção a cozinha, tentando não cair com a agitação do gato em pedir atenção.

O apartamento era grande para alguém como ela, que morava sozinha — ou quase sozinha. Sétimo andar, ou penúltimo. Era perto do trabalho, dois quarteirões, dava para ir caminhando. Ela era detetive, mas apesar disso seu escritório era em um prédio comercial ao lado do Instituto Davis Archer, que era quase a mesma coisa que um IML. Oficialmente, era considerada uma subordinada do legista-chefe de lá. Vários policiais trabalhavam por ali, a maioria como parceiro de legistas, como ela.

O gato subiu na bancada e se sentou no lugar habitual, a frente de um pote destinado à ração. Camile pegou seu pote para cereal, pôs os pequenos flocos e o leite. Depois pegou um punhado de ração e serviu à Kriss.

Comeu enquanto observava seu gato pegar cada grão de ração e mastigá-los antes de engolir. Algumas vezes balançando levemente a cabeça para facilitar o trabalho. Não reclamou quando o bichano enfiou a cabeça em seu pote para beber um pouco do leite, apenas riu pelo nariz pelo hábito do animal.

Depois do café da manhã e de ter limpado a sujeira, tomou seu banho gelado para sair.

Estavam no inverno, então o vento frio da manhã castigou seu rosto quando ela saiu do prédio. A noite havia nevado, o chão estava coberto com uns dois centímetros de neve, e alguns flocos ainda caíam. Mesmo depois de anos em um lugar que nevava no inverno, mesmo com quase trinta anos, Camile precisava controlar o impulso de pôr a língua para fora e pegar um floco de neve todas as vezes que estivessem caindo.

Ao invés de caçar floquinhos, ela apertou mais o casaco em volta do corpo e saiu caminhando em direção ao Norte. Não havia muitos pedestres, a maioria preferia andar de carro ou em um transporte coletivo ao invés de enfrentar o frio, mas ela não se importava.

Seu rosto, ela sabia, estava corado, ficava avermelhado fácil por ter a pele clara. O

vento mudava de direção e às vezes lançava os fios negros presos em um rabo-de-cavalo em direção ao seu rosto. Ela tinha quase 1,80 m e não reclamava disso, na verdade isso ajudara muito em seu trabalho. Com certeza as pernas longas ajudavam a se locomover mais rápido, consequentemente aumentando sua capacidade de corrida. Além de aparentemente fazer ela parecer um pouco ameaçadora.

Como era rotina, ela primeiro iria ao Instituto antes de ir para seu escritório. Logo que entrou no hall, sentiu seu braço ser puxado e segundos depois estava dentro da sala de triagem, antes que pudesse ofender quem havia arrastado viu que era Vincent Brown.

Vincent era o legista-chefe e raramente estava lá antes das dez da manhã, e sequer eram oito. O homem tinha a mesma altura que ela, os cabelos ruivos estavam salpicados com fios grisalhos. Os olhos acinzentados dele mostravam agitação.

— Onde está Cooper?

— Não faço ideia, eu moro bem longe

— Precisamos dela aqui

— Ligue para ela

— Não atende

— Bem, ela sempre chega atrasada. O que houve, senhor?

— Temos um novo caso, Camile — ela ergueu as sobrancelhas, o tom de voz dele e o fato de ter a chamado pelo primeiro nome a preocupou

— O que há de errado?

— Foi um assassinato brutal e eu acredito que não será o único

Camile apenas concordou com a cabeça, começando a pensar sobre isso. Vincent pegou uma pasta e a entregou, na etiqueta dizia “Katherine S. Cooper”, e depois saiu da sala. Camile caminhou até a mesa de centro e olhou a relação legista-caso e viu que apenas aquele fora designado à sua parceira. Conhecendo a rotina da legista, saiu e foi para o escritório dela. Era no nono andar, sala 97, era pequeno. As paredes eram pintadas de um cinza muito claro e não havia janelas. Tinha um arquivo, uma estante com alguns livros variados, uma escrivaninha incrivelmente bem organizada. Pilhas perfeitas de papel e de fichas, dois potes cheios de canetas e marcadores e um bloco de notas. Duas cadeiras, uma para quem trabalhava ali e a outra em frente à mesa. Havia um ventilador de teto que na verdade era apenas uma espécie de acessório, já que todas as salas tinham sua temperatura controlada pelo sistema de ventilação do andar, nas salas ou no corredor, o andar inteiro tinha a mesma temperatura ideal.

Camile sentou na cadeira de visitas e cruzou as pernas e abriu a pasta para começar a ler enquanto esperava.

Quase quarenta minutos depois, entrou na sala uma mulher tirando a neve dos ombros e resmungando. Tinha o cabelo loiro, em um tom de bronze, a pele levemente morena, como bronzeada. Os olhos azuis, cerca de quinze centímetros mais baixa que Camile. Estava usando botas de salto alto que fizeram Simons erguer a cabeça ao ouvir o som

— Faz o que aqui, senhorita Simons?

— Está atrasada

— Problema meu

— Temos um caso novo — ergueu a pasta que lhe foi arrancada da mão — Sorte sua, essa é a única autópsia do dia

— Ótimo — se jogou na própria cadeira
— Por que demorou tanto?
— Não interessa
— Cooper, pelo que Brown disse, não é um caso comum
— Caso comum — ergueu uma sobancelha e abriu a pasta — Já deu uma olhada?
— Já li umas dez vezes
— Hm — olhou as fotos, leu as poucas informações — Violento, parece passional, apesar de ter deixado o bilhete
— Esse bilhete me deixa confusa — franziu o cenho — Parece confirmar ser algo passional e ao mesmo tempo parece confirmar que pode haver outros. E sabemos que comuns passionais são casos com um ou dois mortos
— Sim, sim — esfregou o rosto
— Ressaca, uh? — reprimiu um riso — Quer um analgésico?
— Não — suspirou — Vai pro seu escritório ou quer me acompanha?
— Eu deveria ir para o escritório — olhou o relógio de pulso — Mas não acho que Brown vai ficar incomodado
— Provavelmente não — e deu de ombros

O fosso era como chamavam o necrotério, ficava no subsolo, logo abaixo do prédio. Ao todo, eram doze andares. Dez 'comuns' e os outros dois ficavam abaixo do solo. No segundo subsolo era aonde ficava as geladeiras, os caixões simples para enterro de indigentes e o almoxarifado. Eram doze macas no morgue, sete delas ocupadas e com legistas trabalhando. Assim que entraram, depois de vestir as roupas adequadas, um dos técnicos se aproximou. Katherine entregou a pasta e ele foi buscar o corpo, alguns minutos depois o corpo estava pronto para ser examinado e ela o dispensou, Camile poderia ajudar.

O homem estava em um estado deplorável. Nariz esmigalhado, faltava muitos dentes, o rosto inchado quase irreconhecível. Havia marcas de espancamento em todo o corpo, os órgãos genitais haviam sido arrancados e não encontraram sinais deles perto da área do crime. Depois de examinar cuidadosamente, Katherine abriu o corpo. Pelo exame interno, viu que duas costelas do lado esquerdo e uma do lado direito haviam se partido e perfurado o pulmão, além das costelas flutuantes estarem rachadas. O baço fora rompido e havia muito sangue. Ela viu que o fígado estava muito danificado, indicando que provavelmente o homem era um alcoólatra.

A causa da morte, aparentemente fora hemorragia interna.

Vendo tudo aquilo, Camile teve uma sensação estranha. Como se soubesse que aquele seria o caso que mudaria tudo a sua volta e a si mesma. Sua experiência de vida dizia que coisas que mudam vidas quase sempre não são boas.

E aquela era uma dessas.

O bilhete dizia: *é tudo relativo.*

Capítulo 02

Os dedos da garota se entrelaçaram com os fios da outra, que gemeu baixo, quase como um rosnado. O lugar era quente, abafado, pequeno. Pequeno demais para conseguirem realmente tirar a roupa. Então, basicamente, podiam apenas se apertarem uma contra a outra. Cada segundo, o lugar parecia mais quente. Como um vulcão prestes a entrar em erupção e elas não podiam controlar

Stean, esse era seu nome 'artístico'. Essa palavra apenas veio em sua mente e ele não poderia dizer o porquê. Mas um dia, no meio da noite, enquanto observava a cidade, este nome simplesmente veio a sua mente e ele o pronunciou. A palavra saiu de sua boca suave, leve e fria. Quase tinha um gosto, e era um gosto contraditório. A doçura de um cubo de açúcar, azedo como limão puro. Ácido, amargo. Escuro. Naquele instante, seu plano estava completo. Sua teia de aranha estava formada em sua mente, apenas precisaria executá-la com perfeição e cuidado.

Todos têm uma rotina, por que um assassino em série não teria? Ele era um humano, tinha as necessidades de um humano, e também tinha os sentimentos de um humano. Alguns o chamariam de psicopata, de psicótico, de louco. Mas ele sabia que não era assim, mas também não era um justiceiro vingador. Tinha plena consciência de que era errado.

E era essa consciência que o motivava.

Caminhou até a cozinha, queria um café bem quente com canela. Pôs a máquina para funcionar, era antiga e barulhenta, mas nunca se importou com isto. Esse barulho o fazia se lembrar de quando não era tão solitário, era algo até agradável.

Enquanto esperava, caminhou até a sala. Na mesa havia dezenas de papeis, desenhos, fotos. Seu plano, cada detalhe e cada vertente estava detalhadamente anotada naquelas folhas pouco organizadas. Ficou olhando alguns segundos antes de pescar uma folha. Uma antiga folha de caderno, arrancada, levemente amarelada. Era um rosto masculino, o queixo quadrado e forte coberto com uma barba rala. Careca, o nariz torço, os olhos negros e ameaçadores. Era perfeito, como uma fotografia.

Stean sabia que quem desenhara aquilo era muito talentosa e tinha o sonho de ser desenhista, mas sua vida foi tão bruscamente mudada que ela se afastou desse sonho para se tornar outro tipo de profissional. Era boa naquilo, mas nunca foi seu sonho. O assassino sabia que estava feliz, mas também sabia que ela seria mais feliz ganhando a vida desenhando.

Pôs a folha de volta na mesa quando a cafeteira apitou avisando que seu café estava pronto. Pegou sua caneca, que tinha 'S' desenhado, colocou a dose de canela e açúcar antes de voltar para a sala.

Sentou no sofá, observando a massa de papéis. Em um canto, havia algumas folhas de um pequeno bloco de notas, eram os bilhetes. Cada um com uma frase, um pensamento. Stean queria que vissem o que pensava, suas opiniões, e seu modo não era exatamente limpo, mas era o suficiente. Pegou uma folha e escreveu sua segunda mensagem antes de pôr mais um detalhe no jogo.

Katherine Cooper focou o olhar em sua respiração enquanto esquentava as mãos as pondo dentro do bolso, apoiando a pá na lateral da perna, antes de conseguir voltar a sua pequena

missão: tirar o excesso de neve em volta do carro. Nevou mais naquela noite do que na noite anterior, então a camada de neve era bem maior. E a temperatura baixara o suficiente para quase compactar a neve. Havia conseguido apenas tirar da roda dianteira esquerda, ainda faltava as outras três e a frente. Era um trabalho árduo e ela se sentia cada segundo mais perto de uma hipotermia, suas orelhas pareciam duas pedras dos lados de sua cabeça.

— Precisa de uma ajuda? — a legista se virou rapidamente em direção a voz e viu Camile caminhando até ela

— O que faz aqui?

— Eu sei que você vai de carro até o trabalho, caiu muita neve esta noite então achei uma boa ideia vir até aqui

— Bancar a boa samaritana?

— Eu sei que você não gosta de mim, mas estou aqui para ajudar — pegou a pá — Temos um corpo novo — enfiou a pá na neve ao lado do pneu traseiro — Bilhete, estado deplorável e um nome. Ou apenas uma palavra

— Qual o nome?

— Stean

— Stean — repetiu, tentando descobrir de onde vinha este nome — Qual o bilhete?

— A vida não é justa — enfiou a pá com mais força — Como se eu não soubesse, uh?

— Sim, como se você não soubesse — observou a detetive tirar o excesso de gelo, a velocidade e a leveza com o que ela fazia a ação fez parecer fácil — Como você consegue?

— Consigo o que?

— Fazer isso com tanta facilidade

— Facilidade aparente — parou alguns segundos, com o corpo reto — Assim como você faz uma autópsia parecer algo simples, mas não é — voltou a tirar montes de neve — Você estudou anos para ser capaz disso. Aposto que passou muitas noites sem dormir para estudar, teve muita dor de cabeça. Trabalhou muito para chegar aonde chegou, uma das melhores legistas do país

— Bem, é verdade

— Então, não é fácil fazer uma autópsia, e não é fácil tirar gelo daqui. Eu apenas tenho uma boa forma física, sou uma policial, policiais precisam ser assim

Katherine cruzou os braços e continuou observando, quando Camile terminou aquela roda foi para o outro lado. Uma nuvem de vapor também saía de sua boca, seu rosto estava levemente corado. Por minutos, os únicos sons eram o vento e as batidas fortes com a pá. Quando terminou de tirar o gelo, a detetive devolveu a pá para Katherine, que a guardou em seu lugar: ao lado da porta de entrada do prédio.

— Por que essa cara de tédio? — Camile bateu levemente na porta do carona — Vamos, temos que trabalhar

— E quem disse que vou te dar uma carona?

— Eu acabei de desatolar o seu carro, Cooper, onde está seu espírito de colaboração

— Você não faz nada de graça, não é? — destrancou o carro e entrou

— Eu fiz duas coisas por você e apenas quero uma carona — Katherine ergueu uma sobrancelha e a observou entrar e por o cinto de segurança enquanto esperava uma resposta — Primeiro, vim até aqui. Segundo, tirei toneladas de neve compacta.

— Por que veio até aqui? — ligou o aquecedor — Eu sei o caminho para o Instituto, ok?

— Claro que sabe, mas nós não vamos para o Instituto

— Vamos para onde? — deu partida no carro para sair e entrar na rua vazia

— Host's Hill

— Estamos no inverno, ninguém vai a Host's Hill no inverno

— Um assassino em série vai

A Host's Hill é uma colina nos limites de Beschi, em Minnessota, e era um dos pontos mais frios da cidade. No pico, havia uma grande e antiga casa que pertenceu a família Beschi, que fundou a cidade e lhe deu este nome. Alguns costumam dizer, principalmente os de idade avançada, que a grande casa era mal-assombrada, por isso era tão frio. Havia muitas lendas envolvendo a colina.

No inverno, era difícil alguém ter coragem o suficiente para ir lá.. À noite nevava, durante o dia parte derretia e depois se solidificava. O que formava um solo difícil, com neve por todos os lados e poças escorregadias por baixo. Por isso carros não conseguiam subir, mesmo com tração e correntes nas quatro rodas, por mais que acelerasse, acabava escorregando e voltando a descer. O único jeito de chegar no topo era subindo a pé e com muita força de vontade.

Katherine parou o carro entre um veículo de polícia e um furgão do Instituto e pulou para fora. A subida não era muito íngreme, mas era difícil. A legista escorregou algumas vezes precisou agradecer mentalmente a presença da detetive logo atrás de si, pois se não houvesse os reflexos rápidos por perto teria rolado colina abaixo, mas não iria admitir.

A casa era enorme, havia tanta neve sobre o telhado que dava a impressão de que iria despençar. As paredes um dia foram azuis estavam desgastadas, com limo crescendo na base das paredes. Elas entraram, havia três peritos procurando pistas no hall. Camile perguntou ao que estava mais próximo e ele apostou para o corredor:

— Última a esquerda

O quarto estava vazio, apenas com o corpo no centro. O homem era um afro-americano um pouco acima do peso. Estava completamente nu, deitados de costas com os braços e as pernas bem abertas, o que fez a detetive lembra imediatamente do *homem vitruviano*. Estava no mesmo estado do caso do dia anterior, o que mais incomodava era o cheiro, uma mistura de fezes, urina e sangue. A legista se agachou próxima ao corpo e ficou quase quinze minutos observando ele, o que deu tempo de Camile xingar todas as gerações da família do *serial killer*. Por *ser* um assassino em série, por ter colocado um cadáver em um lugar frio, mesmo que por dentro a casa tivesse uma temperatura relativamente agradável, do lado de fora estava frio e era difícil subir a colina, por estar fazendo uma série de assassinatos na época mais gelada do ano.

Estavam perto do Natal, mas não era isso que incomodava, o que fazia isso era o fato tudo parecer um plano muito bem arquitetado para afetar quem se envolvia no caso. Ela tinha uma sensação estranha quanto aos motivos das mortes. Mas ainda não havia como determinar o padrão, foram duas vítimas diferentes e aparentemente sem ligações uma com a outra. Entretanto, aquele tipo de assassino não deixava pontas, não deixava fatos sem motivos. Havia algo grande por trás, e elas queriam descobrir.

Talvez os bilhetes fossem a chave: *'la vie n'est pas juste*

Capítulo 03

Frio, muito frio. Ela sentia o sangue escorrer de um corte na testa. Havia cacos de vidro no seu colo e o cinto de segurança sufocava, o carro havia parado de capotar com o lado esquerdo no chão. Cuspiu sangue e tentou olhar em volta, mas a dor era paralisante, ela simplesmente não conseguia se mover. Seu pulmão queimava, era difícil respirar. Tinha vaga consciência do que aconteceu. Discussão, um erro, algo batendo no seu carro. A sua vida parecia não ter valor, como areia, o tempo escorria. Cada segundo ela se sentia mais perto do fim. Ela fechou os olhos e pediu perdão para cada pequeno erro cometido, se arrependeu do que deixou de fazer. Lembrou dos momentos bons, como se um filme passasse em sua mente.

Fechou os olhos e deixou a escuridão vir.

— Edgar Thompson, acusado de estuprar a sobrinha de nove anos. E David Carp, acusado de estuprar duas garotas — largou a pasta em cima da mesa — Acho que é isto, Simons, o nosso padrão

— Estupradores

— Acusados de estupro

— Estupradores do mesmo modo, Cooper — se jogou na cadeira — Por que não conseguiram condenar eles?

— Falta de provas — esfregou o rosto — Os exames não apontaram nada no corpo de Thompson, acredito que não haverá nada no de Carp

Camile jogou a cabeça para trás, os olhos fechados, os casos a intrigavam. Dois homens acusados de estupro, com sinais de tortura, com um padrão de posicionamento e bilhetes. Era como se alguém quisesse passar uma mensagem, e ela não enxergasse. Como se estivesse em sua visão periférica, ela apenas via a sombra do seu conteúdo. E ela tinha impressão de que Katherine sentia o mesmo, a mesma sensação de não ver o que está realmente acontecendo.

— Stean — Katherine apoiou o queixo na mão — O que significa Stean?

— Não faço ideia — começou a brincar com o punho da camisa — Pode significar qualquer coisa

— Ou significar nada — deu de ombros — Não é isso que importa, nós ainda não temos sequer certeza do padrão

— Estupradores?

— Acusados, já falei

— É a mesma coisa, já falei também — Katherine sacudiu a cabeça, desistindo antes mesmo de começar a discussão, estava de ressaca e seu humor não era dos melhores — Quantos mortos vamos esperar para termos um padrão? Vinte? Cinquenta?

— Você está exagerando

— Você sempre diz que estou exagerando — resmungo, rodando o botão que tinha no punho — Olhe bem, é um padrão, pronto

— Está bem, é um padrão, acusados de estupro ou estupradores, que seja — juntou as mãos — Como vamos pegar ele antes de mais mortes, não nenhuma pista

— Eu não disse que vamos pegar ele antes de mais mortes, eu apenas disse que não

precisamos ter dezenas de cadáveres antes de dizer o padrão

— E como vamos encontrar ele? — revirou os papéis — Eu nunca vi assassinatos tão limpos

— Nenhum crime é perfeito, sabe disso — apesar de alguns anos mais jovem, Camile estava há mais tempo em investigações do que Katherine e havia visto mais casos complicados do que a legista — Pensei que já havia aprendido isto nos últimos anos

— Não é preciso trabalhar por aqui para saber disso — arrumou em uma pilha perfeita o material do caso — Só é preciso assistir algumas séries policiais

— E é por causa delas que está aqui? — ergueu as sobrancelhas, com o meio sorriso irônico que irritava a parceira — Ou nunca vou saber o porquê?

— Vai saber no dia em que eu souber o seu

— Precisa de um porquê?

— Bem, precisa de um porquê? — retrucou com a mesma pergunta, fazendo Camile perceber que não seria fácil conseguir resposta

Fazia quase um ano que trabalhavam juntas e Katherine não sabia nada sobre a detetive, apenas que não era americana, isso percebeu pelo sotaque levemente britânico, mas isso não fazia dela britânica, principalmente porque a garota parecia não conseguir se acostumar com o frio da pequena cidade. E pelo que Cooper sabia, britânicos não tem muito problemas com frio. Não sabia idade, se era formada em alguma coisa, se tinha família, sequer sabia o nome completo.

Em contraste, Camile sabia tudo — ou quase tudo — sobre a legista. Já tinha perdido as contas de quantas vezes leu a ficha completa. Até mesmo o motivo da mulher ter mudado de carreira era quase explícito na ficha, mas Camile tinha curiosidade de ouvir da boca dela o porquê.

De certa maneira, ela entendia. Normalmente pessoas não entenderiam porque alguém saiu de uma cidade grande, onde tinha toda a chance de construir uma boa carreira como neurocirurgiã para ser legista — não que seja uma especialização ruim, apenas não é tão 'honrosa' quanto neurocirurgia — em uma cidade pequena e fria como Beschi. Onde não importava o dia, estava frio, e no inverno todos os nevava pra burro.

Não fazia sentido sair de Washington D.C., a capital, para uma cidade praticamente no meio do nada.

Isso não importava, eram poucos legistas, pessoas o suficiente para cobrir a demanda de mortos de uma cidade pequena. Não que fossem muitos, nessa época tão gelada, muitas pessoas morriam por doenças causadas pelo clima. Havia até mesmo hipotermias, principalmente de moradores de rua.

Simons levantou e conteve o impulso de esticar o corpo, já que o insano pé direito da sala era de apenas 2,20m, o teto ficava a apenas quarenta centímetros da cabeça da detetive. Era mais baixo do que deveria, o que fazia Camile se sentir mais alta do que realmente era. E o portal não era muito diferente, 1,90m de irritação toda vez que ela passava. Katherine segurava o riso pelo fato da garota bater com as mãos na parte de cima todas as vezes que passava, ela não sabia o porquê, mas era engraçado ver o quão pequeno o lugar realmente era.

Era um prédio antigo, mas mesmo assim não havia explicação para andares tão baixos. Essa altura era o motivo de irritação de muitos e o de risada para outros, irritava

principalmente os altos distraídos que sempre acabavam batendo no teto. Camile já havia feito parte deste grupo, mas os quatro anos trabalhando ali havia feito com que ela se acostumassem com o problema técnico.

Pegou a cópia do relatório e se despediu da legista, que agora estava concentrada em relatórios da semana anterior.

Seu escritório era maior que o do Instituto, mais novo também. As paredes perfeitamente brancas e lisas. Uma estante ao lado da porta com não muitos livros, a maioria relacionada com medicina e psicologia forense, também alguns sobre filosofia e os outros relacionados a assuntos diversos. Ela já havia lido quase todos, havia realmente muitos poucos que não foram lidos ou utilizados de alguma forma.

A estante era a única coisa organizada.

O arquivo estava abarrotado com papéis que já estavam por ali há anos, desde que havia chegado. Folhas e mais folhas saíam das gavetas, estavam amontoados em cima. As duas cadeiras de espaldar reto destinadas a visitantes também estavam cheias de papéis, fichas e pastas. Ela não sabia com ainda não havia caído tudo aquilo. A escrivaninha estava com pilhas de papéis ofício, blocos de notas, bloquinhos de post-it, canetas e marcadores. As gavetas cheias de mais canetas e marcadores, apenas uma gaveta era organizada, com três fichas completas.

Era uma bagunça.

Mas Camile conseguia sobreviver na própria bagunça. Precisava fazer relatórios do caso anterior e abrir um novo sobre o caso atual. Então juntou as folhas em uma pilha, junto aos blocos de notas e aos post-it, e colocou no chão ao pé da mesa. Jogou quase todas as canetas e marcadores na gaveta já lotada, precisou de tapas e muita insistência para fechar.

Tinha muito a fazer.

O homem gritou.

A dor confundia sua mente, era excruciante. O cheiro de carne queimava o enojava, podia sentir bolhas se formarem em sua pele nos locais em que o óleo fervente tocava. O seu carrasco se inclinou para encarar ele.

Os olhos eram escuros, não pela cor, um castanho claro, e sim pelo ódio que havia neles. Ódio, raiva, sede de morte, eram negros como um buraco sem fundo. Não havia traços de humanidade neles, eram quase demoníacos.

Isso aterrorizou o homem.

Enquanto a dor entorpecia seu corpo, ele lembrava de todos os pecados. De todos os erros cometidos. Estava pagando, sabia disso. Quase implorava pelo fim, para que a tortura acabasse.

Era um fim.

— Toda derrota gera ódio

O carrasco sussurrou, segurando a panela quente e vazia um pouco acima da cabeça.

— Toda derrota gera ódio

O golpe desceu, esmagando o nariz do homem, espalhando sangue pelo rosto dele e sujando a camisa

— Toda derrota gera ódio

A pele chiou com o calor, o carrasco golpeou outra vez. Mais uma vez, e outra, outra,

outra e mais uma vez.

— Toda derrota gera ódio

O homem não respirava mais, seu coração não batia. Mais um estava morto. Uma última vez o carrasco repetiu:

— Toda derrota gera ódio

Capítulo 04

O garoto precisava de toda sua força de vontade para não desabar, estava reunindo coragem para entrar na sala. Estava com medo. Por um lado, ansiosa para ver sua pequena irmã e provar para si mesma que todos os pesadelos eram falsos. Apenas pesadelos, que a menina estava viva e ficaria bem. Por outro lado, temia ver sua garotinha na cama de hospital. Em coma, com fios e tubos anexados ao corpo, feridas e hematomas espalhados pela pele e que provavam que todo o horror foi real.

Provavam que ele não conseguiu proteger quem mais amava.

Estava um frio terrível, Katherine apertou mais o casaco em volta do corpo, sua respiração formava uma fumaça branca em contato com o ar. O dia foi cansativo, havia tantos relatórios para terminar que ela havia começado a pensar que nunca mais sairia do escritório. Nem, é isso que acontece quando se passa meses enrolando para finalizar todos. Ela gostava mais do trabalho prático do que da parte burocrática. Segurar um bisturi, abrir corpos e explorar o que havia por dentro ocupava sua mente muito mais do que sentar na sala apertada e mergulhar em papéis. O estacionamento ficava a alguns metros do Instituto, e ela sabia que teria que outra vez tirar neve que se acumulara em volta do carro. Franziu o cenho, confusa, quando viu Camile encostada no seu carro, com os braços cruzados, uma pá encostada na perna.

Ela estava sorrindo, aquele velho meio sorriso irônico que era como sua assinatura. Mesmo tendo presença, parecendo invencível, Katherine notou o nariz vermelho e as mãos tremendo por causa do frio. Destravou o carro, se perguntando onde a detetive conseguiu a pá. Sua pergunta foi respondida quando Camile entregou a pá para alguém dentro de uma van que passou por elas, saindo do estacionamento.

— Está com frio?

— Imagina, estou precisando de um ar condicionado com esse calor — enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta — E você?

— Congelando — abriu a porta do carro e se enfiou dentro, desceu o vidro — Não vem?

— Está oferecendo uma carona? — tombou a cabeça para o lado e sorriu, um sorriso um pouco mais verdadeiro do que os carregados de ironia — Por que?

— Não sei — deu de ombros — Está frio e escuro lá fora

— Eu moro aqui há cinco anos — apoiou uma mão no teto do carro, manteve a outra no bolso mesmo, e se inclinou para se aproximar da legista — E eu ando do meu apartamento para o Instituto todos os dias... e o caminho reverso também

— Estou sendo legal com você — bateu os dedos no volante — Estamos no pior inverno dos últimos dez anos, vi isso no jornal

— Está bem — se rendeu — Mas apenas com uma condição

— Qual seria?

— Se você me levar vai ter que subir comigo — Katherine abriu a boca para protestar — Vamos lá, apenas entrar e beber um chocolate quente antes de ir para o seu apartamento

— Okay — revirou os olhos e esperou Camile se sentar ao seu lado — Onde você mora?

— Duas quadras daqui, *Primrose Dickens Palace*

— Sério? — todo mundo conhecia o 'conjunto' habitacional, construído quase cinquenta anos antes com o objetivo de ser um grande hotel. Mas o clima gelado não ajudava a atrair turistas, então Damon Dickens, que pôs o nome de sua mãe no hotel, decidiu vender os apartamentos. Eram quatro prédios, cada um com cinco andares e dois apartamentos em cada andar. Era caro morar lá, bem caro, já que manter um lugar grande daquele custava muitas verdinhas, precisavam cobrar aluguéis e taxas exorbitantes — Que eu saiba, é um lugar caro para se morar

— Bem — deu de ombros, demonstrando não se preocupar com o dinheiro — Foi o único lugar perto da Instituto que encontrei na época, então fiquei com o apartamento

— Não seria mais fácil comprar um carro?

— Comprar um carro? Nesta cidade? Olhe o clima, neva metade do ano. Eu não sou escavadeira para ficar tirando neve e desatolar um carro — percebeu que Katherine estava segurando uma risada enquanto esperava para poder passar pelo semáforo — Que foi?

— Não sei se você percebeu, mas desatolar um carro foi exatamente o que você fez com esse aqui, e *duas* vezes

— Isso é diferente, eu não *preciso* fazer isso, eu fiz para ser gentil com você

— Como estou sendo gentil com você?

— Exato

— Por que?

— Porque aposto que você sempre chega atrasada por nada mais do que o acúmulo de neve em volta do seu lindo carro

— Ao menos eu posso ir aquecida para o trabalho

— E eu ao menos não tenho que escavar gelo todas as manhãs antes de ir para o trabalho — riu — Admita, é muito mais fácil sem carro

— Sim, mas eu moro do *outro lado* da cidade, você mora a cinco minutos do trabalho

— Me rendo, mais fácil para mim — encostou a cabeça no banco, Katherine subiu na pequena rampa e parou na frente do grande portão de garagem, um porteiro se inclinou pela pequena janela do seu cubículo e antes que a legista pudesse perguntar algo, Camile já havia se inclinado em direção ao homem com um cartão de identificação. Resmungou um xingamento, a garota voltou ao banco e o portão foi aberto — Por que está cara?

— Que tal por que de repente você estava *perto demais*?

— E qual o problema? — riu — Não é como se fossemos fazer algo demais, não há nada demais nisso — Katherine apenas resmungou algo — Moro no último a esquerda — apontou, não havia carros, apesar de haver vagas na frente de todos os prédio — São para visitantes, essas vagas, os carros de quem mora aqui ficam no terreno ao lado. Não sei muito bem, as motos ficam atrás dos prédios, então eu nunca perguntei como é essa do carro

— E você tem uma moto?

— Sim — pulou para fora do carro assim que a legista estacionou — Mas não uso, não faz diferença. Vamos

Por serem antigos, os elevadores eram lentos, e Camile foi direto para as escadas. Ela morava no terceiro andar, então não era muito para se subir. Quando chegaram ao apartamento, Katherine observou a sua volta. Era grande, espaçoso, e não muito limpo. Quer dizer, era limpo, apenas era bagunçado. Um gato preto, com uma pequena mancha branco no pescoço/peito, veio correndo se esfregar entre as pernas de Camile. Que estava sorrindo antes

mesmo do gato começar a se esfregar nela. Ela se abaixou e o pegou. Ele se contorceu em direção a legista, cheirando o ar perto dela.

— Ele quer saber quem está invadindo a casa dele — justificou — Deixe ele cheirar sua mão — Katherine encarou o animal desconfiada, nunca foi fã de gatos, o bichano também parecia muito desconfiado com a presença dela, hesitantemente ela esticou a mão em sua direção, ele cheirou por alguns segundos e se afastou, contorcendo o corpo para descer — O que foi? — Kriss rosnou em direção a ela e andou para a cozinha — Acho que ele não gostou de você

— Também acho — ergueu as sobrancelhas, observando o bicho pular para a bancada e ali sentar, olhando para a dona — E também penso que ele quer alguma coisa

— Comida — ela pegou um pote vazio e pôs comida — É um fresco — passou a mão no gato, que se inclinou para comer — Vai ficar parada aí?

— Não — ela podia dizer que Kriss não ter gostado dela a deixou sem graça — Seu apartamento é... é bonito

— É um caos — pegou um par de canecas — Essa praguinha não vai te atacar, sente aqui — apontou para um banco perto da bancada

— Tem certeza?

— Tenho, se ele te atacar eu o jogo na parede — riu e pôs o leite para esquentar — Mas ele não vai atacar, apenas vai terminar de comer e ir dormir embaixo da minha cama

— Certo, então, espero que realmente o jogue na parede se me atacar

O chocolate ficou pronto antes que mesmo que Kriss tivesse terminado sua refeição, Katherine o observou descer da bancada e sumir no corredor. Ela não gostava do gato, o gato não gostava dela. Simples assim, não havia complicação nenhuma. Camile tinha um olhar divertido, que por algum motivo fez Katherine corar e voltar a atenção para seu chocolate quente doce e delicioso. Depois de sorver todo o líquido, Katherine pôs a caneca do balcão e Camile logo estava do seu lado para levá-la para seu carro. Uma coisa que a legista observou, foi que realmente havia pessoas que cuidavam do lugar, pois havia pouca neve por ali. Ao contrário do lado de fora, com montes de neve nas calçadas. Compactas no asfalto, o tornando escorregadio.

Ela teve que dirigir com cautela, e chegou em casa exausta.

O homem era pesado, então houve uma certa dificuldade em o arrastar. Tirar de dentro do carro e o colocar na escadaria. A Host's Hill foi um bom lugar para esconder um corpo. Mas não podia jogar ele lá, era perigoso demais. Então o levou à um antigo açougue, sujo e fétido. Que, em sua opinião, era extremamente condizente com o que o homem era.

Fez um caminho de sangue, uma trilha em direção a sala. Amarrou os pulsos com uma corda firme. Precisou de toda sua força para o pendurar em um gancho, como se pendura pedaços de carne, em exposição para serem escolhidas. Depois do abate, como um animal, o homem balançava levemente. Era quase simbólico, como uma 'homenagem' à uma antiga memória. Um acontecimento que deveria ser esquecido.

Não, um acontecimento que jamais deveria ter sido real.

Ali estava, um estuprador morto. Pendurado como um porco. Cortes em todo o corpo, hematomas e muitos ossos quebrados. Com certeza, ele sofrera bastante. Merecido, certamente. Já que a justiça não havia feito nada contra aquele tipo de ser, Stean fazia algo

com as próprias mãos.

— Talvez alguém entenda...

Capítulo 05

Orgulho brilhava nos olhos do homem naquele momento, vendo a garota terminar de se arrumar. O uniforme era perfeitamente ajustado ao seu tamanho, escuro e contrastava com a pele tão clara dela. Ela sorriu, ele também e a abraçou. Mal podia acreditar que era a garota que quase ele havia salvo anos antes. A garota que por semanas ele havia achado que nunca mais acordaria.

E ali estava ela, na formatura. A melhor da classe, com a maior chance de crescer na carreira. Ele poderia correr de felicidade, mas apenas a abraçou. Forte, muito forte, como se não pudesse a deixar ir. Mas deveria, precisava.

— Minha garota

Ela poderia voar.

Kriss correu, em disparada, estava no horário de acordar Camile. Pulou e aterrissou em suas costas, a fazendo acordar e quase pular. Ela gostava da sensação, as patas geladas nas costas, ele andando até seu ombro e se esfregando na sua orelha. Ronronando e pedindo comida. Ela o puxou, deixando ele de barriga para cima e enfiou o rosto no pelo quente e macio do gato.

Seu momento com o felino foi interrompido com o toque do telefone, o bicho rosnou quando ela se esticou para pegar o aparelho e parou de fazer os carinhos que ele tanto adorava. O identificador de chamadas mostrou que era Katherine, o que era estranho.

— Katherine? — resmungou, ainda acordando e com a voz levemente abafada por ter enfiado o rosto outra vez na barriga do gato — O que aconteceu?

— Temos um novo corpo — ela parecia estar se movendo com pressa — O endereço é relativamente perto das Host's Hill

— E por que você está tão... — ela não sabia exatamente como se expressar — Você nunca está acordada no horário — rolou na cama para sair

— Ele está em um açougue, Simons — Camile para ouviu ela resmungar xingamentos e o som do carro sendo ligado e se perguntou se a garota havia tirado a neve antes de ligar ou alguém havia feito para ela — É uma merda

— O que há de tão errado com isso? — perguntou enquanto andava em direção a cozinha — Ele não pode estar tão pior assim

— Ele não é daqui, sua identidade diz que ele é da capital

— Capital? — com uma mão, tentou não derrubar tudo enquanto colocava cereal na tigela — Agora o governo vai querer mandar agentes

— Eles já mandaram — bufou — Esse é o problema, mandaram uma agente

— Você não parece gostar dela — riu enquanto observava Kriss enfiar o focinho dentro da tigela e empurrar flocos de milho grunhindo por não ter leite

— Eu não gosto de agentes federais

— Teoricamente eu também sou — claro que era, ela trabalhava para o governo e não para a polícia local

— E quem disse que eu gosto de você?

— Ouch — jogou leite dentro da tigela e tentava pegar cereal enquanto o gato não lhe dava chance — Essa doeu

— Eu não quis te ofender — suspirou

— Estou brincando — empurrou a tigela, desistindo de tentar competir com o bicho
— Mas você parece muito irritada com ela, mais irritada do que comigo
— Por que você acha que eu estou mais irritada com ela do que com você?
— Apenas acho — voltou para o quarto e pegou roupas, podia imaginar Katherine revirando os olhos
— Esquece isso, apenas vem
— Ótimo — resmungou — Endereço?
— É perto da Host's Hill, é o açougue abandonado
— Por que diabos o cara largou o corpo em um açougue abandonado?
— Não está apenas largado, o policial disse que é algo grotesco
— Todas as cenas são
— Apenas venha, rápido
E desligou.

Katherine parecia com um humor pior do que o comum, os braços cruzados e a esperando. Havia um policial e um perito perto dela, e um perito conversando com uma mulher que Camile sabia que conhecia ela de algum lugar. Não fazia ideia de onde, mas algo nela era familiar. E Katherine a encarava com um olhar de ódio, diferente de como olhava para a detetive, que era apenas um pouco de irritação. Na verdade, a legista olhava a todos com indiferença, menos Camile, e agora para aquela agente.

— Você a conhece? — parou atrás dela
— Isso não te interessa — rosnou e virou em direção a entrada — Vamos
— Cooper, acho que eu posso saber, já que você detesta tanto ela
— Não, você não pode — girou para ficar de frente a ela, com o mesmo olhar de ódio que lançava à agente — Então pare, está bem? Pare de tentar ser legal comigo, pare de tentar ser minha amiga. Eu não quero isso, não quero que se aproxime de mim. Então pare de ser assim. Fique longe de mim

Camile deu um passo para trás, não esperava aquele tipo de resposta, como se tivesse levado um soco no estomago. Não precisava saber, não eram amigas, apenas duas mulheres que estavam sendo obrigadas a trabalhar juntas em algo tão difícil e complicado quanto assassinatos. Mas também não precisava desse tipo de reação. Katherine voltou a andar em direção aos fundos, onde ficava o depósito e onde estava o novo corpo. Camile enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e a seguiu.

Era um corredor curto, o cheiro de sangue ficava mais forte enquanto se aproximavam do depósito. Camile presumiu que talvez a tal agente entrou antes e já havia visto o corpo e que Katherine estava irritada com isso.

A legista sabia que não precisava ter respondido daquele modo, com aquelas palavras e aquele tom. Podia apenas ter dito que não queria conversar ou algo do tipo. Não era culpa da detetive se algumas coisas a estressavam a ponto de fazê-la quase explodir de raiva. Ela não queria explicar que conhecia a agente, muito menos o tipo de relacionamento que tiveram.

Então apenas se concentrou no caso.

O depósito era grande, bem grande. Dezenas de ganchos pendurados pelo teto. O homem estava pendurado em um deles, Katherine se aproximou dele, fedia a sangue e urina.

Ele estava em estado deplorável, cheio de hematomas e feridas. Esperava que Camile falasse algo, mesmo depois do que ela havia dito, então virou para ver o que a garota estava fazendo.

Camile estava parada na porta, paralisada encarando o corpo. Ela sentiu se estomago se revirar, querendo expulsar o pouco cereal e leite que ela havia consumido. Sentiu que suas mãos estavam ficando geladas dentro das luvas e sabia que estava pálida. Mais branca que o normal e a garganta se fechando. E também que suas mãos estavam começando a tremer, ela as fechou para tentar controlar algo. Parecia que um tanque estava em seu peito, estava difícil respirar.

Reagindo fisicamente à imagem.

— Ei, o que houve? — caminhou em sua direção, Camile deu alguns passos para trás como se tivesse se assustado com a proximidade — Simons?

— Eu... eu só não... — limpou a garganta, a voz entrecortada e mais aguda que o comum — Eu não esperava que estivesse tão ruim, que ele estivesse... — gesticulou em direção ao corpo — Pendurado

— E eu não esperava que você fosse sensível

— Eu não sou sensível — resmungou e olhou pelo depósito, para as paredes e para o chão, evitando os ganchos e principalmente o homem

— Você parece que vai vomitar — parecendo esquecer o que havia dito sobre não serem amigas, Katherine tirou a luva de látex e pôs a mão na testa da detetive — Você esta gelada — antes que ela pudesse se controlar, empurrou a detetive delicadamente pelos ombros para longe da cena de crime, que se encolheu ao toque — Eu não vou te machucar

Camile não disse nada, deixou que Katherine a levasse até o lado de fora. Para onde era aberto e frio, onde não fedia e não havia um homem pendurado em um gancho. A mulher que Camile supôs ser a agente não estava mais ali, havia apenas os dois peritos e o policial. Nenhum dos três falou algo sobre como a detetive parecia doente, eles sabiam o quão feio estava a cena e também que todos tem dias ruins, talvez esse fosse um.

Katherine praticamente a arrastou para o carro e a fez entrar nele. Era uma médica, mesmo que muitos esquecessem desse detalhe, ela era formada em Medicina antes de se especializar em Medicina Forense. Sendo assim, ela sabia como cuidar de uma pessoa e também podia diagnosticar algumas coisas. Muitas coisas, na verdade. E seu instinto dizia que Camile estava em algo entre um ataque de pânico e choque. Ligou o aquecedor e apenas ficou observando a detetive, que encostou a cabeça no apoio do banco e abraçou o próprio corpo, com um pouco de dificuldade, puxou as pernas para cima do banco e se encolheu quase como uma bola, enfiando o rosto entre os braços.

Não demorou muito tempo para Camile abrir a janela do carro e enfiar a cabeça para fora e expulsar a pouca comida que tinha dentro do estomago. Katherine pegou uma garrafa d'água que estava no porta copos e lhe deu, ela não pensou duas vezes antes de bochechar com um bocado e depois beber quase metade.

— Melhor?

— Sim — sussurrou, continuou com as pernas para cima, mas não enfiou o rosto entre os braços — Você não precisa ser legal comigo

— Não estou sendo legal com você — pôs o cinto de segurança — Não se deixa sua parceira desmaiar na cena do crime

— Eu não ia desmaiar — virou o rosto em sua direção

— Não? — riu — Ok, não se deixa sua parceira vomitar na cena do crime

— É um argumento válido — admitiu e, com quase a mesma dificuldade, colocou as pernas no lugar certo — Você não precisa me dar uma carona

— Você não parece muito bem — manobrou o carro para entrar na pequena rua — Eu não sou louca de te deixar andar por aí nesse estado

Camile não reclamou, apenas encostou a cabeça no apoio e fechou os olhos. Se amaldiçoando por ter essa reação nem um pouco discreta. Ao menos não desmaiou e Katherine não a encheu de perguntas. Ela não esperava que seu corpo reagiria a visão, ela não estava acostumada com isso. Era irracional e a fazia se sentir uma criança, fazia muito tempo que seu corpo reagira a algo sem seu consentimento. Mas naquela época, aquilo fora bom e ela podia culpar os hormônios. Agora, não havia hormônios a serem culpados ou desequilíbrios psicológicos.

Era apenas um homem morto.

Então desviou os pensamentos para descobrir de onde a mulher era familiar, aonde ela havia visto. O nome, o nome dela parecia escapar toda vez que ela chegava perto. Camile conhecia a agente, talvez não pessoalmente, mas sabia de algo sobre sua vida. E também que isso estava relacionado a Katherine, ela apenas precisava lembrar.

Apenas lembrar.

Capítulo 06

A mulher entrelaçou os dedos no cabelo vermelho. O beijo era viciante, muito viciante. As mãos da outra se enfiaram por dentro da blusa dela, as mãos envolveram seus seios com força. Os toques a deixavam mais e mais excitada. Seu sexo latejava e ela queria aquelas mãos e aquela boca tocando ela entre suas pernas.

As mãos da ruiva escorregaram para suas costas, arranharam a pele até chegar na sua bunda. Apertou a carne, enfiou a perna entre as pernas da mulher e usou a coxa para fazer pressão sobre o sexo dela. A mulher puxou o seu cabelo e gemeu no beijo. Riu baixo e deu pequenas mordidas no seu queixo.

— O que quer?

— Que me toque — arfou — Agora

— Você é muito puta — agarrou o cós da saia — Puta pra caralho

Puxou o pano para baixo, ignorando o fato de estarem no escritório e que alguém poderia e chegar, inclusive o marido da mulher. A ruiva segurou a barra da blusa e tirou, deixando a mulher seminua. Não era nada mais do que sexo, eram apenas amigas que transavam.

Carter.

Abigail Carter.

Este era o nome da agente. Camile conseguiu lembrar depois de cinco minutos a observando na reunião. Carter tinha o cabelo avermelhado, mais perto do ruivo natural do que se costuma ver. Camile sabia que ela não era ruiva por causa das sobranceiras, duas linhas loiras. E aquele tom parecia combinar muito mais com a agente do que seu tom de cabelo natural.

Simons não prestou atenção na reunião, sabia tudo o que o legista-chefe ia falar. Então preferiu desenhar, com uma caneta azul, em uma das folhas em que deveria estar anotando tópicos para seu relatório.

Vincent Brown, o legista-chefe convocou a reunião. Ele e as três responsáveis pelo caso. Ele tinha um porte forte. Como um rei, ele era o Rei do Instituto. Todos gostavam dele, claro que gostavam, sempre estava afundado em trabalho burocrático e fazia anos que não fazia uma autópsia.

E ele sabia que a detetive estava olhando, e movimentando a mão, demais para estar prestando atenção no que ele falava.

Ele falou o pouco que sabiam, os casos. Como foram encontrados os corpos, os lugares e os resultados dos exames. Não falou muito sobre o daquela manhã, afinal, ainda não havia resultados, apenas a autópsia. Que revelava o mesmo dos outros. Era o mais perturbador e Brown descreveu o modo em que o encontraram como *"estava pendurado em um gancho, exatamente igual um pedaço de carne exposto"*.

Brown liberou ela e Katherine, a legista pareceu se controlar para não correr, como se quisesse a maior distância possível entre ela e a agente. Em nenhum momento a detetive insistiu, afinal, não queria levar outro fora como o da cena do crime. E a legista também não tocou sobre o momento frágil da garota, estava concentrada na presença de Carter no caso.

Aquele foi um péssimo dia

O despertador tocou, alto e irritando, acordando Katherine. Ela praticamente o jogou no chão para o silenciar. Sua cabeça apenas latejava mais quando aquilo a acordava, ou seja, todas as manhãs. Resmungou quando saiu das cobertas e pisou no chão gelado. Ao menos o choque de temperatura a acordou, quando a diferença entre o chão gelado e seu corpo quente fez um arrepio correr pelo seu corpo.

Isso era irritante.

Ela detestava o frio.

"Quanto mais trabalho, mais sua mente será ocupada"

Esse era o seu mantra e o que a fazia se levantar todas as manhãs mesmo com ressaca. Chutou uma garrafa vazia, ou quase vazio, porque um resto de líquido escorreu para o chão e o cheiro de rum chegou ao seu nariz. Pegou a garrafa e jogou no lixo da cozinha.

Estava enjoada, mas precisava comer alguma coisa. Não havia jantado na noite anterior, nem se lembrava de almoçar. Então caçou na geladeira algo. Havia apenas várias latas de cerveja, entre elas, Katherine encontrou uma única lata de soda. Era doce, poderia melhor seu enjoo e sua dor de cabeça. Enquanto bebia em pequenos goles, procurou pelos armários algo e encontrou macarrão e cereal, de manhã ninguém come macarrão e cereal apenas com leite.

E não havia leite.

Então ficaria apenas com soda. Tentaria se lembrar de comprar algo no mercado quando voltasse para casa, ou morreria de fome. Não era a primeira vez que estava daquele modo, então não iria morrer, era apenas comprar coisas que não fosse bebida.

Instituto Davis Archer.

Todos, ou quase todos, que ali trabalhavam estavam envolvidos de alguma forma com investigações. Médicos legistas, policiais, técnicos de laboratório, assistentes, detetives e alguns psicólogos. Alguns advogados e promotores algumas vezes apareciam por lá. Claro, também havia os que não estava ligados diretamente com casos, mas eram essenciais. O pessoal da limpeza, funcionários de funerárias, secretárias, os guardas... Afinal, era preciso suporte para que tudo funcionasse em perfeita ordem.

Não perfeita, talvez *relativa*. Sempre havia discussões, "tretas". E a maioria Holly Hernandez estava envolvida. A garota das apostas e ele não era exatamente um exemplo de honestidade.

E lá estava uma confusão, uma pequena confusão no hall quando Katherine chegou naquela manhã. Tirando a neve que havia se acumulado no pequeno trajeto de atravessar a rua, o que a fez bufar de irritação. Sério? Logo de manhã já havia motivo para se estressar. Depois de três dias em que era acordada com um corpo novo, não havia um naquela manhã.

Aproveitando o fato de não ser exatamente grande, e também por estar de botas — para evitar qualquer possível, ou todas as quedas que certamente teria enquanto caminhasse sobre o chão escorregadio — e esgueirou o corpo entre duas pessoas que formavam o círculo em volta da confusão.

E no centro estava Holly deitada no chão com uma funcionária de funerária, pelo que dizia sua camisa, montada em seus quadris a estapeando.

— Mas que merda é essa? — ela ouviu a voz raivosa de Camile — Saia da frente

A figura da detetive apareceu três pessoas a esquerda da legista, o rosto corado de frio e irritação. Uma carranca se formou em seu rosto quando ela viu as duas mulheres no chão brigando. Parecia de mau humor, como todas as vezes que ela acabava passando a noite fazendo relatórios no escritório. Sem dormir, sem comer e com frio. Destacou-se do círculo, indo em direção à briga no chão, enquanto tirava flocos de neve dos ombros. Colocou a bolsa no chão, um dos guardas também saiu em direção as mulheres. O guarda abraçou a funcionária, prendendo seus braços rentes ao corpo, e a ergueu. A detetive, nem um pouco delicada, agarrou o braço de Holly e a fez se levantar.

Sua mão segurava o braço dela com tanta força que seus dedos com certeza marcariam ela. Katherine achava que se ela um dia se metesse em briga e a detetive a segurasse seu braço daquele modo, nunca mais levantaria um dedo contra uma pessoa. Era quase patético o modo como as pessoas tinham pressa de sair do caminhos dos sois. Era grosseiro ficar no caminho de alguém, e era desagradável ficar no caminho de alguém de muito mau humor que arrastava uma garota que havia acabado de sair de uma briga.

Katherine observou a multidão se dispersar e foi em direção a Sala de Vidro, onde havia as relações de legista - corpo, para saber se trabalharia em um corpo ou teria que se enfiar no escritório.

Trabalho burocrático, era o que estava escrito ao lado do seu nome.

Ele respirou fundo, seu peito ardia. Estava abafado e o ar era pesado. A fumaça o impedia de respirar direito. O quarto era minúsculo e estava completamente cheio dessa maldita fumaça.

Ouviu a tranca da porta e depois o rangido sofrido dela, anunciando a chegada de mais uma seção de tortura. Sentiu sua cabeça rodar com a proximidade de mais dor.

Um pouco mais de crueldade.

Capítulo 07

Natal, ela não era fã do Natal.

Puxou o chapéu vermelho mais para baixo, em uma tentativa falha de mantê-lo no lugar. Talvez sua cabeça fosse grande demais para um chapéu daquele tamanho. Ou a roupa inteira fosse pequena demais para uma garota com aquele tamanho. Ela desconfiava que isso fosse culpa da mente pervertida da sua melhor amiga.

Uma garota que adorava vê-la ficar vermelha.

Era uma pervertida filha da puta do cacete.

Ela abaixou para amarrar as botas pretas, se sentindo quase uma atriz de filme pornô com aquela roupa completamente colada em seu corpo. Olhou-se no espelho, ajustando o cinto preto e lamentando por ter aceitado a ideia. Ir ao saguão do hotel e animar as crianças que iam em busca de alguma atenção.

O Papai Noel daquele ano era uma garota, normal.

Principalmente pelo fato do Papai Noel ser gordo e aquela roupa fazia parecer que ela estava indo para uma noite de sexo, roupa de fantasia sexual.

Perversa.

Camile brincava com um dos elásticos do pulso como se isso fosse a coisa mais interessante do mundo enquanto pensava na sua cama aquecida. Bem mais confortável do que aquele caso. Laurie Becker estava perto dela com o velho olhar de diagnóstico, como se tivesse tentando descobrir o que se passava na mente da detetive.

Laurie era uma das técnicas de laboratório que faziam parte da equipe que cobria aquele horário. Não era excepcionalmente bonita, tinha algo que atraía as pessoas para gravitarem ao redor dela. A pele mediterrânea herdada da mãe, cabelos enrolados e escuros — também herdados da mãe — e olhos cor de mel, esses herdados do pai, sinceramente era bela de um modo exótico. Tinha a altura de Katherine, mas se mantinha sempre longe dos saltos.

Trabalhava lá antes de Camile entrar para o Instituto. Ela foi a primeira a estender a mão e oferecer amizade para a estrangeira recém chegada e com um sotaque estranho. Ela gostava de observar a detetive prestando toda a atenção do mundo em todas as palavras que falava. Sabia que aquela amizade havia começado pelo fato de Simons ser diferente, não era comum policiais estarem totalmente interessados em aprender o que um técnico pode ensinar. Quando não tinha coisas para fazer — ou estava procrastinando seus relatórios — ela simplesmente sentava do outro lado do balcão, apoiava o queixo no punho fechado e abria a mente para novas informações.

Os assuntos das conversas mudaram lentamente até chegar ao ponto em que rodeavam entre ciência e assuntos um pouco mais pessoais. O tempo havia ensinado a Laurie ler um pouco Camile. Então sabia o que aquele olhar distante significava.

— Hey, você está bem? — ela assentiu e esfregou o rosto — Quer conversar?

— Não, obrigada — olhou entre os dedos com um olhar de cachorrinho que caiu do caminhão de mudança — Eu detesto esse caso, quero ir pra casa

— Não, Cam, não me olhe assim — desviou o olhar, às vezes a detetive saía fudido do seu papel de mulher de ferro e era adoravelmente fofa — Assim eu vou querer adotar

você — fez um gesto com os braços como se estivesse segurando um bebe e fez uma voz infantil — Mãe, posso pegar para criar essa criatura resmungona?

— Eu não sou resmungona!

— É sim

Camile revirou os olhos ao perceber o quanto Laurie estava provavelmente certa, como sempre. Cruzou os braços em cima do balcão e enfiou o rosto neles, adorava estar certa e realmente detestava estar completamente errada. E com Laurie, a segunda alternativa ocorria com uma frequência assustadora.

Deixou um suspiro fraco escapar quando sentiu Becker sentar na banquetta ao seu lado e começar a acariciar suas costas com um pouco de força em formatos aleatórios. Certas coisas nela nunca iam mudar, e o fato que não importasse o quanto despertada estava, se alguém fizesse esse tipo de carinho, delicado mas nem tanto, ela *ia* ficar com sono. E, bem, e por isso afundou mais o rosto nos braços, mesmo querendo se manter acordada.

— Você parece um filhote — arrastou os dedos com mais força no meio das costas, fazendo-a esticar-se um pouco — Sério

— Se fuder, vai — resmungou

— Não — passou a usar as duas mãos — Você está com medo

— O que? Não! — respondeu com uma voz mais estridente do que o normal e saiu de sua posição relaxada para uma de defesa — Por que acha isso?

— Eu não acho — Laurie apoiou o cotovelo na beira do balcão e fechou a mão em punho para apoiar o queixo — Eu sei

— Isso não faz sentido — uma carranca se formou em seu rosto

— Que não faça, Cam, que não faça sentido, mas para mim você *está* com medo

— Por que eu estaria?

Laurie deu de ombros e desceu da banquetta, ficando de costas para a detetive, que revirou os olhos e bufou. Havia uma grande diferença entre medo e insegurança, ou talvez *nem tanta* diferença assim, e isso era irritante. Escondeu o rosto nas mãos, podia sentir o olhar avaliador da técnica de laboratório. Ela tinha que admitir, pelo menos para si mesma, que *talvez* — enfatize bem o ‘talvez’ — *apenas talvez* ela pudesse estar com um *pouco* de medo. Pouco, bem pouco mesmo. Quase imperceptível.

Ou poderia ser insegurança, não?

Sim, sim, era insegurança.

Novo corpo.

Que seu dia seja estragado.

Katherine quase matou Camile por ela ter pedido para não ir naquela cena de crime. Não era no açougue, Cooper até tentou dizer isso, mas a detetive preferiu continuar no laboratório.

Ou seja, quem iria era Carter.

Uma merda total.

Steane resmungou quando algumas gotas de água fervente caíram em sua mão, ele queria fazer um café e sempre acabava se queimando.

Morava sozinho, claro, desde que seu último relacionamento sério havia terminado,

nunca tentou outro. Claro que não, ainda sentia algo pela garota. Sentia muita coisa pela garota. Talvez por isso não fosse considerado um psicopata, não pela maioria.

Era apenas um assassino em série.

Capítulo 08

A mulher resmungou de dor quando tentou se levantar, a enfermeira a obrigou a se deitar novamente.

— Fique deitada aí, precisa descansar

— Eu não quero descansar — tentou se levantar

— Por favor, faça o que é melhor para a senhorita

— Eu vou fazer o que eu quiser — ela tentou arrancar o tubo que colocava soro e medicamento em sua corrente sanguínea, mas a enfermeira segurou seus pulsos — Me largue, quero ir para casa, onde estão minhas roupas?

— O seu amigo as levou, disse que traria novas quando a senhorita pudesse sair

— Que amigo? Eu não tenho amigos

— Foi o que ele disse, senhorita

— Pare de me chamar de senhorita

— Desculpe, fique deitada, já disse que precisa descansar

— E eu já disse que não quero ficar deitada, não quero descansar, quero sair daqui

— Fique deitada, pare de ser tão teimosa — um homem disse, o que fez as duas olharem para ele, a enfermeira se afastou e a mulher deitada ergueu as sobrancelhas, não o conhecia, ele fez um gesto indicando que a enfermeira podia deixar o quarto — Você não quer se machucar ainda mais, não é?

— Quem é você?

— Seu futuro chefe

Nenhuma palavra, nenhuma frase, nenhum monólogo poderia ser o suficiente para descrever o que o homem morto no centro da sala sofreu para estar naquele deplorável estado.

Essa merda dava agonia apenas de pensar sobre ela.

Abigail rodeou lentamente o corpo, analisando e imaginando o que o carrasco fez, aonde era o laboratório de tortura dele e como seria estar no inferno dele. Aquele homem viveu um pesadelo, um dos piores pesadelos que uma mente humana pode criar, antes que sua vida fosse finalmente ceifada.

— Ele está pior do que eu imaginei — Carter disse enquanto se agachava

— Assim parece que você não viu os outros corpos — Katherine rebateu

— Eu vi as fotos, ele não está pior?

— Como se algum estivesse bonito

— Não precisa ser tão... antipática

— Não estou sendo antipática, o que você queria que eu fosse?

— Talvez a mesma Cooper que eu conheci, não acha?

— Não sou mais adolescente há muito tempo

— Você não era adolescente

— E você não deveria achar que eu ia ser para sempre daquele modo — se levantou e tirou as luvas

— Por que não? As pessoas com vinte e cinco anos normalmente tem sua personalidade formada

— Talvez eu não tivesse — se virou e caminhou para fora, sendo seguida de perto

pelo quarto

— Claro que tinha, duvido que você seja assim com todo mundo

— Por que se importa em como eu trato as pessoas?

— Porque não é agradável trabalhar com alguém assim e sua parceira não parece ter problemas com você

— Não estou obrigando ninguém a trabalhar comigo

— Você realmente trata todos assim?

— Do que isso importa? — começou a procurar as chaves do carro no bolso — Não é como se eu quisesse ser amiga de todos, eu não tenho a obrigação de ser a rainha da simpatia

— Não precisa se irritar comigo

— Então não fique enchendo a minha paciência — destrancou o carro — Apenas me deixe fazer o meu trabalho

O vestiário feminino era imaculadamente limpo e tinha um leve odor de lavanda, Cooper entrou em um dos cubículos de troca de roupas. Ela gostava de ser uma legista, mas detestava a roupa que era obrigada a vestir. Vestimentas sufocantes: roupa cirúrgica, avental cirúrgico, luvas, a bota branca, cobertura para o calçado e o protetor facial de plástico transparente. Ela vestiu tudo em um ritmo desanimado, o frio fazia isso com ela. Tornava seus movimentos lerdos, sua mente trabalhava mais devagar do que o comum.

Era uma *merda*.

O necrotério não era lá o lugar mais belo do mundo para trabalhar, mas ela realmente gostava do silêncio que era pontuado apenas por respirações e os sons metálicos dos instrumentos. Era tranquilizador, era relaxante, era perfeito.

Katherine conferiu se estava tudo perfeitamente alinhado, limpo e brilhante. Holly Hernandez, que além de ser a garota das apostas era uma das assistentes, iria ser a ajudante da vez. Cooper agradeceu mentalmente quando Camile, ao invés de Abigail, se postou ao seu lado, com os braços cruzados sobre o peito e o olhar fixado em todos os movimentos de Holly, como se estivesse evitando olhar para o cadáver do estuprador, que vestia a mesma roupa que a legista e se concentrava em fazer o exame externo. A detetive, já que não era obrigada a vestir o traje completo, usava apenas a máscara e as luvas. Sua postura mostrava o quanto estava tensa com o caso.

Hernandez estava procurando e colhendo qualquer evidência, qualquer objeto estranho encontrado poderia ajudar a estar mais perto do sádico assassino em série. Era um trabalho meticuloso, detalhista e Katherine queria que fosse o mais perfeito possível, então se pôs a ajudar. Podia sentir o olhar atento da detetive sobre si, parecia que a outra queria entrar em sua mente e investigar cada canto. Katherine abriu os sacos, as mãos do morto foram ensacadas na cena do crime, e removeu resíduos que estavam localizados debaixo das unhas. Os sacos foram removidos, dobrados e guardados junto com as outras evidências.

Aquele era apenas o começo do trabalho.

Não precisavam o despir, já que estava nu, os ferimentos foram examinados, antes da limpeza do cadáver. Logo após, o corpo foi limpo, pesado e medido antes de ser colocado na mesa de autópsia para um novo exame. A mesa era de alumínio e inclinada, com as beiradas mais altas e com várias torneiras e drenos. Esses equipamentos eram usados para lavar o sangue acumulado durante a investigação interna. O corpo foi virado de frente e foi

colocado um suporte embaixo de suas costas. O suporte era um "tijolo" de borracha que fazia com que o tórax do morto fique para frente, enquanto os braços e o pescoço caem para trás.

Essa posição era para facilitar a abertura do tórax.

Katherine fez uma descrição geral do corpo. Todas as características que o identificam anotadas, como a etnia, sexo, cor e comprimento do cabelo, cordos olhos, idade, qualquer característica identificadora.

Holly entregou um bisturi para Katherine. Ela começou exame interno com uma incisão larga e profunda, em forma de Y, que foi feita de ombro a ombro, passando pelo osso esterno e foi até o osso púbis. O próximo passo era soltar a pele, músculos e tecidos moles, usando um bisturi. Depois disso, o retalho torácico foi puxado para cima do rosto, expondo a caixa torácica e os músculos do pescoço.

Foram feitos dois cortes de cada lado da caixa torácica. Os tecidos que ficam por trás foram dissecados com um bisturi e, então, a caixa torácica foi afastada do esqueleto. Com os órgãos expostos, Katherine fez vários cortes que descolaram a laringe, o esôfago, várias artérias e ligamentos.

Em seguida, a legista afastou a ligação dos órgãos na medula espinhal, assim como a ligação da bexiga e do reto. Depois disso, o órgão inteiro foi puxado para fora e dissecado para a investigação adicional e coleta de amostras.

Durante a dissecação, os órgãos foram examinados e pesados. Também foram retiradas amostras de tecido. Essas amostras tinham a forma de "fatias", para serem facilmente visualizadas com um microscópio. Os vasos sanguíneos principais também foram cortados e examinados. A legista abriu o estômago, examinou e pesou os conteúdos. Isso era ser útil para descobrir a hora da morte e se aprofundar nos hábitos do homem. Então, a legista removeu o suporte das costas e o posiciona atrás do pescoço, como se fosse um travesseiro, levantando a cabeça do cadáver para que seja mais fácil remover o cérebro

Ela fez uma incisão com o bisturi, passando atrás de uma orelha, através da testa, chegando até a outra orelha e dando a volta. A incisão seria dividida e o couro cabeludo afastado do crânio, em dois retalhos. O corte da frente ficou sobre a face do paciente e o de trás sobre a parte de trás do pescoço. O crânio foi cortado com uma serra elétrica para criar uma "tampa" que deveria ser levantada, expondo o cérebro. Quando a tampa foi levantada, a dura-máter (membrana de tecido mole que cobre o cérebro) permaneceu presa à base da tampa craniana. O cérebro estava perfeitamente exposto. A conexão do cérebro com a medula espinhal e o cerebelo foi cortada e o cerebelo retirado do crânio para ser examinado.

Através de todo esse processo, a legista buscava evidências de trauma ou de outras indicações da causa mortis. O processo era bastante detalhado. A patologista forense estava se dedicando a um procedimento complexo e aprofundado, para se assegurar de que os indícios serão coletados e documentados corretamente.

Após o exame, o corpo se encontrava com a cavidade torácica aberta e vazia, com retalhos de tórax que pareciam duas borboletas. Falta a parte de cima do crânio e os retalhos que cobrem o rosto e o pescoço. Para liberar o corpo e a autópsia estar terminada, os órgãos foram colocados de volta no corpo; os retalhos do tórax foram fechados e costurados; a tampa do crânio foi recolocada.

Quando a autópsia foi finalizada e as amostras devidamente rotuladas, Camile se ofereceu para levá-las para o laboratório. Katherine não rejeitou a proposta, era a rotina.

Katherine se dirigiu ao vestiário para se trocar e Holly guardou o corpo.

O laboratório de toxicologia era a parte mais moderna do Instituto. Tudo limpo e branco, uma aparência de paz. O oposto do morgue, que mais parecia o cenário de um filme antigo de terror, com o chão de cimento manchado e paredes gastas. Até os jalecos dos técnicos que ali trabalhavam pareciam mais brancos e engomados do que o do resto da “população” do prédio.

Camile Simons gostava de passar mais tempo ali do que em seu escritório, isso não era segredo para ninguém. Talvez por isso a maioria não entendia como diabos ela entregava todos os relatórios sempre dentro do prazo, nunca se atrasava em uma entrega. Ainda por cima ajudava Laurie a entregar resultados aos legistas que não iam buscar por conta própria já que sempre estavam afundados em trabalho burocrático, ou seja, ajudava a entregar nove em cada dez resultados.

Naquele momento não era diferente.

Fazia mais de duas horas que havia levado amostras do corpo para serem analisados e decidira fazer uma “pausa” no lugar e agora estava sentada na banqueta ao lado de Becker observando cada movimento dela. Laurie achava divertido, realmente gostava, aquilo lhe lembrava seu irmão caçula. Irmão esse que sempre sentava ao lado dela e a observava, ela sentia falta dele.

Uma espécie de vazio.

Vazio que era um pouco preenchido pela detetive.

Era estranho, mas era um estranho bom e reconfortante. Quase uma sensação de estar em casa com alguém importante. Por isso que Camile havia se tornado importante, por isso que a cientista se importava com a australiana. Elas se tornaram amigas, Laurie gostava disso. Tinha dias que ela via a detetive deixar transparecer sua fofura, e isso fazia ela querer por a garota na mochila e levar pra casa.

Camile seria um ótimo bicho de estimação.

Laurie podia adota-la?

— Você parece estressada

— É um assassino em série, Laur

— Se precisar conversar, você sabe que estou aqui — sentiu a movimentação ao lado e soube que Camile puxou a camisa para cima e enfiou o rosto para dentro, olhou pro lado e confirmou — Não adianta se esconder, me diga o que há de errado

— É um maldito assassino em série

— Que tem como padrão estupradores — Camile soltou o ar com força pelo nariz, Laurie coçou a nuca — É isso?

— Por que seria?

— Porque não é a primeira vez que você está em um caso desse tipo, você está estranha

— Eu não gosto desse tipo de caso

— Eu também não — levantou e a abraçou, envolvendo seus ombros — Mas você é boa, Katherine é boa e tudo vai ficar bem

Tudo precisava ficar bem

Por ter ocupado sua madrugada em ler centenas de páginas cheias de informações

sobre todas as vítimas do assassino em série, ela simplesmente não conseguiu sentir um mísero pinga de pena dos homens mortos. Ela sabia que nenhum dos homens da lista eram inocentes, era a porra de um padrão.

Era errado, muito errado, mas ela não podia evitar. Ela não podia reprimir o mínimo sorriso que se desenhava em seus lábios ao pensar que havia um assassino em série, torturador que matava estupradores. Era satisfatório. Ela não podia evitar de jeito nenhum, até tentou, mas não podia. Havia uma pontada minúscula de prazer lá no fundo do seu ser, um ponto de maldade, um ponto de ódio irracional por homens como aqueles que fazia o lado escuro da sua mente e do seu coração pensar na possibilidade de deixar o carrasco solto pelo mundo.

Entretanto, também havia medo.

O lado certo, o lado policial e racional estava com aquele ínfimo risco cinzento de medo em sua clareza. Em sua visão de bondade aquilo tudo era errado, quase demoníaco. Mais errado ainda por sua parte má estar gargalhando no canto de sua mente. Isso a deixava confusa, coisa que ela detestava estar.

Stean sacudiu o bisturi, sorrindo. O homem estava amarrado e amordaçado, completamente preso na maca, e nu também. Com amarras nos pulsos, nos tornozelos, na cintura, nos ombros e na testa. Completamente imóvel, ele observou seu carrasco e sentiu um arrepio quando o bisturi dançou pelo seu peito em direção ao abdômem. Gemeu quando Stean abriu um corte na altura de seu estômago, depois desceu e o abriu o suficiente para enfiar a mão ali dentro.

Seu grito foi abafado.

Stean remexeu a mão dentro dele, causando tanta dor quanto era possível. Ele arrancou parte do intestino e começou a puxar, o fazendo sangrar e sentir uma dor excruciante. Enquanto sofria, o homem tentava se lembrar de algum motivo, qualquer motivo, para estar sendo torturado.

Ele nunca tocou uma garota, ou um garoto, à força, nem crianças. Talvez uma ou duas vezes, enquanto estava bêbado, talvez seja isso. Mas, pelo discurso que Stean havia feito, era um assassino de estupradores. É, um erro, um deslize, não havia sido consumado, mas era o suficiente.

E agora estava pagando.

Capítulo 09

A grama era verde, macia e confortável. A garota e o garoto estavam deitadas na grama, um do lado do outro olhando para o céu, observando as nuvens brancas na vastidão azul clara.

— *Você já sabe o que vai fazer depois do colégio?* — ele perguntou

— *Medicina, talvez*

— *Parece bom* — ele sorriu — *Você vai ser a melhor da sua turma*

— *Assim você me deixa sem graça*

— *Qualquer um te deixa sem graça*

— *Seu idiota* — ela levantou — *A culpa não é minha*

— *Sei, sei, volta aqui* — ele agarrou seus ombros e a puxou de volta ao chão — *Prometo que vou parar*

— Você parece irritada — Camile disse assim que entrou na sala de Katherine, depois de empurrar a porta com um pé, carregando relatórios

— Isso não é surpresa

— Parece mais do que o comum

— Hm — ela sequer ergueu os olhos para a detetive

— Não diga que isso tem algo a ver com eu não ir com você para a cena — Katherine ergueu os olhos

— Talvez

— O que? Não, não, não e não. Não diga isso

— Por que? Você sempre vai e dessa vez não foi, poderia ter ido, a única vez que realmente deveria ir

— Você reclama toda maldita vez que vou, agora vai reclamar quando não vou? Sério, Cooper? Você reclama de tudo o que eu faço, o que diabos quer de mim? — Camile estava irritada agora, muito irritada — Vamos, me diga. O que eu fiz de errado dessa vez? Está bem eu não fui com você para cena do crime, mas você sempre reclama e diz que é desnecessário que eu vá. Estou tentando ajudar, esse é o meu trabalho, ajudar você. Entende? — se aproximou, jogou os relatórios em cima da bagunça de papéis e apoiou as mãos na mesa — Eu não sou mais uma babaca com músculos que pode tirar a neve que se acumula ao redor do seu carro. Eu não sou só uma policial burra que acha que pode fazer qualquer coisa só porque tem uma arma. Então abra a porra da boca e diga o que quer que eu faça

— Quero que saia daqui — apoiou o queixo no punho — Saia agora

— Ótimo, vai continuar a mesma merda

— Saia

— E se eu não quiser?

— Você perguntou o que eu quero que você faça e estou respondendo

— Não foi nesse sentido que perguntei

— Eu quero que você pare de tentar ajudar, seu trabalho não é ser minha terapeuta

— Não estou tentando ser sua terapeuta

— Parece

— Estou tentando ser sua amiga

- Como se você se importasse de verdade
- Talvez eu me importe
- Você está tentando ser legal comigo
- Estou sendo sincera, é diferente
- Que seja, Simons, que seja, eu não me importo

Camile não respondeu, agora estava tão frustrada e irritada que poderia esganar Katherine, quebrar o nariz dela parecia uma boa ideia. Saiu e bateu a porta com força, por que ela continuava tentando? Se sentia um idiota total, era quase como tentar socializar com uma porta. E uma porta que tinha o péssimo hábito de dar foras e respostas rudes. Era uma porcaria completa ser tão teimosa, ela sabia que assim que ficasse calma iria tentar uma nova aproximação.

Ela desceu para seu esconderijo habitual, o laboratório de toxologia.

- Por que essa cara?
- Adivinha — sentou na banquetta em frente a Laurie, que terminava um relatório
- Katherine te dando coices outra vez?
- Exato — Laurie deixou o relatório de lado — Por que eu não desisto?
- Porque você se importa
- Por que eu me importo?
- Porque você é uma boa pessoa
- Resposta errada
- Você quer que eu te chame de idiota
- Apenas que diga a verdade
- Eu acabei de dizer

— Eu... — fez um som parecido com rosnado — Às vezes eu tenho vontade de quebrar a cara dela, sabe? Pra ver se ela vai aprender que talvez eu seja mais forte que ela

- Talvez, Cam? Já viu o seu tamanho? Você é bem mais forte que ela
- Eu sei, é só... — suspirou e deixou os ombros caírem, cansada — Eu só...
- Não, não, esse olhar não vale — Laurie tombou a cabeça observando a garota —

Olhos de cachorro abandonado são golpe baixo

- Eu não tenho olhos de cachorro abandonado
- Filhote de gato jogado na rua
- Isso não soa agradável... sério, Laur — batucou os dedos na bancada — Eu só queria saber o porquê dela me odeia tanto

— Ela não te odeia, não dá pra te odiar, nem ao menos não gostar de você. Olhe, você é tão amável, adoravelmente fofa por trás dessa sua fachada de detetive

- Ou você está mentindo ou ela é uma exceção
- Não estou mentindo e ela não é exceção, ela apenas está tentando fugir da obrigação de gostar de você

— Obrigação? Parece mais obrigação de me odiar

— Está bem, já ouviu falar que as pessoas fingem odiar quando amam muito alguém, que às vezes sabem e às vezes não sabe desse fato?

- E você já ouviu falar que a vida não é um clichê?
- Talvez exista um motivo para existir clichê
- Talvez a imaginação de quem os escreve

— Okay, talvez ela não esteja apaixonada por você
— Finalmente
— Mas talvez ela queira transar com você
— O que? — se ela estivesse bebendo algo provavelmente esse líquido iria para do outro lado do país — Eu era fofa e agora eu sou alguém... não sei, que desperta desejo sexual?

— Isso você nunca deixou de ser
— Ela não quer transar comigo
— Não sabe o que perderia, pelo menos a parte de dormir
— A parte de dormir?
— Seus seios são ótimos travesseiros, quentes e macios
— Eles são normais
— Continuam quentes e macios
— Está bem, você nunca vai esquecer isso?
— Quase ter feito sexo com você? É claro que não, principalmente a parte de você desistir antes mesmo que ficássemos completamente sem roupa

— Eu disse que não podia beber — Camile apontou o dedo indicador, a acusando do fato — Eu te avisei que poderia desistir se ficasse alterada demais

— E se não ficasse tanto?
— Você não teria dormido aquela noite
— Isso parece ameaçador
— Pare com essa cara de tarada
— Pare com essa cara de tarada — repetiu, sorrindo do olhar que a detetive lhe lançou

— Idiota
— Insana
— Babaca
— Louca
— Imbecil
— Tesão
— Está bem, pare, esqueça isso
— É só uma brincadeira
— Você precisa trabalhar
— Você também
— E tirar da sua cabeça essas ideias idiotas
— Não são idiotas
— Claro que são, Katherine não está apaixonada por mim e nem quer transar comigo, ela apenas me odeia

— Se quer acreditar nisso, acredite, eu vou continuar achando que ela que algo com você

— Para você todo mundo quer alguma coisa comigo
— Por que não iriam querer?
— Deixe pra lá — revirou os olhos — Eu não preciso de um relacionamento, então eu não preciso achar que as pessoas quando me odeiam na verdade estão apaixonadas por

mim

— Tudo bem — ergueu as mãos — Desisto, você ganhou

Alguns dias eram realmente difíceis, e aquele foi. Katherine demorou alguns minutos para encontrar um canivete para conseguir tirar o lacre da garrafa. Ela passou no mercado enquanto voltava para casa, o objetivo era comprar algum estoque de comida, mas isso não aconteceu. Acabou comprando uma garrafa de leite, uma lasanha de legumes congelada e uma garrafa de vodka. A mais barata da loja, provavelmente seria a pior coisa para se beber, mas ela não se importava. Ela abriu a garrafa enquanto esperava a lasanha terminar de esquentar, encheu um copo de vidro e sentou na bancada mesmo para comer e beber.

Era uma porcaria, tinha gosto de cera de ouvido.

Mas era algo alcoólico, isso era o importante. Se pudesse manter ela bêbada até a hora de dormir e não deixar sua mente viajar em sonhos, era bom. Mesmo que cada gole quase a fizesse vomitar e estivesse acabando com seu estômago, que se dane, era uma fuga do mundo. Quando percebeu, já tinha bebido metade da garrafa. Se deitou no sofá, com a barriga para baixo e o rosto imprensado contra uma almofada.

Não pensar, era melhor não pensar.

Abigail trazia memórias boas e ruins, o problema de memórias era o fato delas nunca mais poderem voltar. Ela tinha a sensação de que nunca mais seria feliz. Era por isso que não iria deixar Carter se aproximar outra vez, e também deixar Camile se aproximar. Mesmo que a detetive fosse incrivelmente insistente, ela iria continuar chutando a garota para fora.

Katherine não queria que alguém se importasse com ela e queria menos ainda se importar com alguém.

O modo como agiu no açougue foi uma puta escorregada do seu comportamento. Não deveria agir daquele modo, foi gentil demais. Entretanto, pareceu quase desumano não ajudar. Ela não queria ser um monstro desumano, ela só queria ser fria e distante.

Estava curiosa para saber o porquê de Camile parecer tão enjoada, quase doente, no açougue. Mas, para descobrir, teria que aceitar a proposta de amizade. Não, péssima ideia.

Sua única amiga era a bebida.

Capítulo 10

O homem respirou fundo, observando a garota sentada. Ele amarrou os punhos dela juntos, forçou seus braços para trás. A corda a prendia na cadeira. Os pés também presos com cordas na cadeira. Antes de prender ela ali, a deixou apenas de calcinha e sutiã. Ela estava desacordada, respirava calmamente.

Ele ajustou a câmera, assim seria divertido. Estava mascarado, vestido com um macacão negro e luvas. Ninguém poderia o reconhecer. Ele sempre gravava o que fazia com as garotas. Com aquela não seria diferente, gravaria todos as torturas com cuidado. Depois, ele poderia fazer cópias, três cópias de cada gravação. Uma cópia para ele, uma cópia para deixar com ela, esta seria confiscada pela polícia. E, se ela sobrevivesse, a terceira cópia seria enviada a ela para que pudesse se lembrar o pequeno castigo que viveu.

O homem mexeu nos instrumentos que usava para torturar suas pequenas amigas. Ele pegou uma gilete, pequena e afiada. Esperou a garota acordar para começar com apenas um corte. Ela abriu lentamente os olhos, ela se contorceu tentando escapar. O homem segurou seu cabelo e a obrigou a o olhar.

Sabia que a família dela estava desesperada procurando sua garota.

Esse era o Primeiro Dia.

Stean estava sentado na poltrona, o livro em seu colo era o único de sua estante que estava em inglês. E também o único que leu mais de uma vez. A capa era simples, preta e com o título “*Diamantes da Morte*” escrito em letras prateadas. O nome da autora também em dourado, em um tamanho de fonte menor e colocado no canto superior da capa.

Era o único livro lançado por ela, já que ela acabou morrendo no parto da filha mais nova e seu segundo projeto nunca foi finalizado, era uma história policial. Um assassino em série, ele simplesmente cortava o pescoço de suas vítimas. Em todos os corpos, ele deixou um papel com um diamante desenhado.

No final, o assassino era o legista. Após ser descoberto, ele enfiou um bisturi no próprio pescoço e ninguém conseguiu salvar ele.

Stean gostava desse livro.

E por isso era dentro dele que uma única foto estava guardada ali dentro. Achava um foto bonita, duas garotas. Irmãs, claro, quase como gêmeas. Na verdade, a família toda era parecida.

A maior diferença era as roupas, eram apenas sete anos de diferença entre elas. A mais velha vestia a beca preta com detalhes verdes como todos seus colegas, aquele era o dia de sua formatura na faculdade e havia felicidade em seus olhos, finalmente aos vinte e três ela conseguiu realizar o sonho. A outra garota usava uma camisa social branca, conseguia parecer mais jovem do que realmente era, como seu pai lhe ordenou, e parecia tão feliz quanto sua irmã.

Aquela foto foi tirada antes de Stean conhecer as duas garotas, antes de toda a merda acontecer.

Fechou o livro, a felicidade parecia machucar mais do que a tristeza. Passou os dedos pelo título, lendo o que ele já havia lido milhares e milhares de vezes. Letra por letra, escrito cuidadosamente na capa.

Academia, o segundo lugar favorito de Camile. Não a academia onde os moradores da cidade gostavam de ir, e sim a academia feita para os policiais treinarem. Era um lugar silencioso naquele horário, afinal, quantas pessoas estão acordadas fazendo exercícios às cinco horas da manhã? Apenas uma, Camile.

Ela era uma das poucas pessoas que podiam entrar ali em horários diferentes. Eram quase seis horas, o único som que ela ouvia era a mistura de sua respiração e seu coração. Era tão vazio que se ela se concentrasse o suficiente, ela poderia ouvir o som do seu corpo cortando o ar enquanto subia e descia.

Mas, talvez, ela não pudesse ouvir. Não tinha a melhor audição do mundo, seu ouvido esquerdo tinha alguns problemas para funcionar e ela detestava usar um aparelho. Sabia muito bem que em alguns anos ele não poderia mais funcionar. Era uma ideia desagradável pensar que poderia ficar sem audição de um lado.

Suas mãos seguravam a barra de metal com força enquanto ela usava seu próprio peso para manter sua forma física.

Era relaxante. Se movimentar daquele modo esvaziava sua mente. Seu problema era que quanto mais estressada ela ficava, mais exercícios ela fazia, isso podia machucar seu corpo. Seria mais esforço do que deveria fazer.

Já estava cansada.

Antes de ir embora, ela desceu a escada em direção aos banheiros. Um banho e estava pronta para o trabalho. Às sete da manhã estava subindo as escadas em direção para seu escritório.

A cabeça de Katherine parecia prestes a explodir. Pulsava, doía, ela detestava ressaca. Todos detestam. Era outro dia burocrático, Brown parecia querer que ela terminasse todos os seus relatórios acumulados.

Leu, leu e leu.

Em alguns momentos ela precisou parar e esfregar os olhos para que as letras gravadas nos papéis fizessem algum sentido. Ouviu uma pequena batida na porta e ergueu os olhos para a porta. Camile estava encostada no portal, com os braços cruzados.

— O que quer?

— Eu preciso do seu relatório sobre o último corpo — ela continuou na porta, ao contrário do que sempre vazia, que era entrar na sala — Está pronto?

— Sim — Katherine pegou uma pasta — Você pode entrar

— Hm, obrigada — entrou na sala e pegou o relatório — Em duas horas eu trago de volta, okay?

— Okay — ela concordou e Camile assentiu antes de sair da sala

Katherine suspirou, aquilo foi estranho. Camile, pela primeira vez desde que as duas estavam trabalhando juntas, havia sido tão fria quanto Katherine. Não era exatamente ruim, apenas parecia esquisito Camile agir daquele modo.

Apoiou o rosto entre as mãos e se sentiu cansada, muito cansada.

— Simons, você deveria prestar atenção em mim — Brown chamou, Camile estava

observando a janela atrás dele e voltou sua atenção ao homem

— Desculpe

— Okay — ele arrumou a pilha de folhas que tinha em frente a si — Apenas preciso que você se concentre mais

— Eu me concentro

— E se distrai com qualquer coisa

— A culpa não é minha — ergueu as mãos — Eu tento, okay?

— Eu sei, você sabe que preciso diminuir os seus prazos

— Ouch — franziu o cenho — Isso não é bom

— Não há o que fazer — ele deu de ombros — Agora com Carter por aqui, vamos ser pressionados. Aqui é uma cidade pequena, esses tipos de assassinatos em um lugar como esse faz tudo parecer algo pior

Camile suspirou, se ele diminuísse seus prazos, seria difícil terminar na hora. Brincou com o botão da camisa, pensando sobre o que Brown disse. Stean estava tornando seu trabalho mais difícil do que antes era.

Ela havia pensado que uma cidade pequena seria um ponto de tranquilidade, mas sentia que estava errada. Aquele ano, onde seu maior problema era trabalhar com uma mulher antipática, foi como a calmaria antes da tempestade.

Stean era uma tempestade.

Capítulo 11

“Era sufocante, muito sufocante.

Ele não conseguia respirar, sentia como se tivesse milhões de pequenos pedaços de vidro em seu peito. Era culpa dele, ele sabia, ele tinha que saber. Ele tinha plena consciência de que não deveria ter provocado a briga, sabia que sua mulher se distraía muito facilmente. Por isso ela não viu o caminhão a tempo de desviar e agora estavam morrendo presos no carro. Podia ouvir ela gemer baixo, tentando acordar e pensar no que fazer. Ele podia sentir que estava perto do fim. Talvez, apenas talvez alguém os salvasse. Talvez ele tivesse uma chance, mas parecia tão pequena...

Sentiu-se culpado quando sua mente imediatamente se desviou da mulher ao lado para sua irmã.

Ela também se sentiu assim? Ela chegou perto da morte, tão perto que poderia ter a tocado. Então era isso? Essa era a sensação de estar morrendo? Ele sabia, ela havia contado, que não havia esperança nenhuma quando tudo o que você sente é dor.

Era diferente, muito diferente.

Ele estava preso em um carro, ele poderia tentar sair dali se sentisse suas pernas. Ele poderia tentar salvar sua mulher. Sua mulher e seu filho... o filho que ele havia esquecido por alguns segundos. Por isso era tão diferente. Ele tentou se concentrar em se movimentar, mas fechar os olhos e deixar sua mente se apagar parecia tão mais simples e tão mais fácil.

Apenas cinco segundos, pensou.

Fechou os olhos e lembranças flutuaram em sua mente por entre a escuridão de dor.

Sons e imagens, cheiros e sabores, toques e sensações.

Sua mulher o abraçando de manhã. Seu filho rindo enquanto ele fazia cócegas em sua barriga. Sua irmã caçula deitada na grama falando algo sobre seu sonho. Ele sorrindo como um bobo na primeira vez que viu seu pequeno bebê. O gosto de café no beijo de sua mulher todas as manhãs. A sensação morna e familiar em ver seu filho dando os primeiros passos. O cheiro doce que sua irmã gêmea tinha depois de tomar banho. A segurança que ele sentia quando seu pai o abraçava.

As lembranças ruins também encontraram uma brecha.

A pedra que marcava o túmulo de seu pai. O desespero nos olhos da irmã gêmea quando não havia esperança. A sensação angustiante de esperar sua irmã acordar. A dor em perceber que sua realidade havia mudado, perceber que as pessoas mudam quando sofrem. A derrota que foi suportar sua irmã mais nova sofrendo em silêncio, se culpando e dizendo que tudo seria melhor se ela não estivesse ali.

E agora, não sabia se morreria ou não.

Apenas sabia que havia vivido alguma coisa real.”

Camile havia passado o último ano tentando se aproximar de Katherine, tentando que ela parasse de rejeitar a amizade que oferecia. Sabia que qualquer um teria desistido no segundo fora — ou seja, em menos de uma hora —, mas ser teimosa era algo que havia herdado. Era de família, ela tinha um orgulho imensurável de dizer que não gostava de desistir. Até Katherine podia afirmar isso, mesmo que a legista não quisesse contato algum, ela sabia que

as pessoas não insistiam tanto em algo que era aparentemente sem motivo.

Dois dias sem corpos.

Katherine já estava na quinta dose de vodka quando Camile apareceu no bar. Era um lugar um pouco escuro, desagradável. A fumaça de cigarro preenchia o lugar com um cheiro desagradável que incomodou o nariz da detetive. Ela resmungou e foi direto ao balcão onde Katherine estava, ignorando os sons que vinham dos cantos e também as cantadas idiotas que dois ou três homens bêbados lançaram para ela. Parou ao lado da legista e, antes que ela pudesse colocar a dose para dentro, colocou a mão na boca do copo. Katherine bufou e seguiu a mão com luva de motoqueiro meio dedo até o braço coberto pela jaqueta jeans e ombro até chegar ao rosto da detetive, que a olhava com um olhar preocupado.

— Acho que já bebeu o suficiente, Cooper — ela puxou o copo para si — Não acha?

— Eu sei me cuidar

— Não duvido disso

— Então o que faz aqui?

— Porque acho que você é teimosa o suficiente para tentar ir para casa no seu carro — destampou o copo e o segurou — Estou errada?

— Hm

— Vamos, eu te levo

— Me deixe em paz — resmungou, mau humorada — Eu não estou tão bêbada assim

— Katherine...

— Cale a boca

Katherine rosnou e pegou o copo de volta. Camile suspirou e observou a legista pôr a bebida para dentro. Se conteve para não fazer um escândalo no meio do bar. Estava começando a pensar em um plano quando um braço envolveu sua cintura e a puxou para perto de um corpo duro. O cheiro de bebida invadiu seu nariz e uma voz masculina sussurrou em seu ouvido:

— E aí, belezinha, sozinha? — ela revirou os olhos e o empurrou delicadamente — Se fazendo de difícil?

— Não estou interessada na sua companhia

Katherine virou o rosto para olhar o que estava acontecendo, sem pensar, apertou o corpo com tanta força que poderia quebrá-lo se fosse algo um pouco mais frágil. Sabia muito bem que nada impedia Simons de ir com ele para casa, mesmo assim ficou irritada. O homem continuou insistindo, prendendo a detetive entre os braços e tentando conseguir levar ela para cama, até Camile perder a paciência e aproveitar que ele estava muito interessado em ganhar um beijo para perceber onde a perna dela estava. Em um movimento rápido e brusco, ela ergueu o joelho e atingiu o homem nas genitais. Ele gritou de dor e se curvou. O barman riu baixo e se inclinou para sussurra no ouvido da detetive:

— Finalmente alguém fez isso

Camile deu um meio sorriso e observou o homem se afastar mancando. Virou em direção a legista, a mulher esticou o braço com o copo para pedir uma nova dose. O barman lançou um olhar rápido para a detetive antes de encher novamente o copo, a legista havia pago pela garrafa inteira, então ele não podia falar nada. Sabia que não deveria falar nada, então estava se controlando para negar.

Se você não pode com o inimigo, junte-se a ele.

Camile revirou os olhos e se encostou no balcão e pediu uma garrafa whiskey, a mais forte que tivesse disponível. Katherine ergueu as sobrancelhas para o ato, ela imaginava que a detetive fosse o tipo de pessoa que nunca bebia. Camile deu de ombros e agarrou a garrafa e um copo, encheu o copo e bebeu em um gole. Katherine percebeu que ela conseguia colocar a bebida amarga garganta abaixo sem nem ao menos mudar a expressão indiferente.

— Achei que você não bebia

— Achou errado — resmungou e encheu o copo outra vez

— Você não deveria beber

— Isso é bem contraditório vindo de você — colocou mais do líquido para dentro —

Eu não fico bêbada tão fácil

— Sei... — puxou a garrafa de whiskey e encheu o próprio copo

— Você está roubando a minha bebida — riu baixo e sua expressão voltou a ficar séria rapidamente — Sério, já é o suficiente

— Não, não é — Camile suspirou e segurou o braço da legista, a virou para ficarem uma de frente a outra — Me solte

— Você vem comigo, por bem ou por mal

— Você não pode me obrigar

Camile resmungou e se abaixou, agarrou a cintura da legista e a colocou sobre o ombro. A mulher se debateu e começou a dar socos nas costas da detetive. Katherine esperava qualquer coisa, menos que a detetive a carregasse assim para fora do bar. Resmungou e preejou ainda mais quando ela atravessou a rua, se afastando do carro estacionado em frente ao bar.

— Para onde está me levando?

— Para sua carona — a colocou no chão e apontou para a moto preta ao lado

— Eu não preciso de carona — tentou escapar, mas a detetive segurava sua cintura, Katherine estava tentando mais escapar da sensação que tinha do que efetivamente da detetive — Eu posso muito bem dirigir até minha casa

— Bêbada assim? Dá para sentir seu cheiro de longe — Katherine resmungou — Eu vou te levar

— Você também bebeu

— Não o suficiente — continuou segurando a legista com uma mão e levantou o banco para pegar o capacete, era prata com alguns detalhes brancos — É mais confiável andar de moto comigo do que de carro com você, amanhã te trago aqui e você pega seu carro — soltou Katherine e ofereceu o capacete — Agora, vamos

— Por que você tem dois capacetes? — sua atenção se prendeu a esse fato antes mesmo dela pensar

— Hm, nada demais — abaixou o banco — Coloque logo

Katherine resmungou e girou o capacete para poder colocar. Observou Camile colocar o próprio, que era exatamente igual, a única diferença era o fato dele ser todo preto e os detalhes serem prata. A detetive subiu na moto, Katherine colocou a proteção e subiu atrás da mulher. A parte interna do capacete cheirava a canela, era agradável, a última vez que precisou usar um desses, ele cheirava a suor. Camile riu, o som foi abafado.

— Você precisa se segurar — Katherine revirou os olhos, Camile quase podia ouvir isso, e segurou nas alças atrás dela — Isso aí não é muito seguro

— Pelo que eu saiba, essas alças foram feitas para se segurar

— Você está bêbada, é perigoso

— E onde você quer que eu me segure?

— Adivinhe

— Em você?

— Exato — riu e ligou a moto — Vamos logo, eu não mordo... — "se você não quiser"

Katherine pensou em argumentar, mas era melhor obedecer antes que a detetive fizesse algo para obrigá-la a segurar em si. Desconfortável, Katherine segurou sua cintura. Camile riu, segurou seus pulsos e a fez realmente a abraçar. A legista pensou em reclamar, mas decidiu ficar calada. Se manteve calada, enquanto Camile acelerava pelas ruas, se afastando rapidamente do bar, Katherine acabou apertando mais seus braços ao redor dela. A detetive parou em frente ao condomínio em que morava, ergueu o visor do capacete e o porteiro abriu o portão.

— Por que me trouxe aqui? — Katherine perguntou assim que desceu e tirou o capacete

— Porque não gosto muito de onde você mora — deu de ombros e guardou os capacetes — É só uma noite, você não vai morrer por isso — a detetive ergueu uma sobrancelha e lançou um meio sorriso em direção a outra

— Eu sei — arrumou a camisa, olhando para baixo para fugir da sensação de atração — Você não precisa fazer isso

— E você não precisa ficar envergonhada — sussurrou, Camile sabia que não deveria estar sendo tão gentil

— Seria mais fácil se você não fosse tão charmosa — Katherine arregalou os olhos com a própria fala, imediatamente seu rosto ficou vermelho e deu dois passos para trás — Me desculpe

— Tudo bem — falou mais rápido do que deveria, mas depois poderia colocar a culpa na bebida — Podemos culpar a bebida

— Eu não estou bêbada — Katherine sabia que estava apenas dificultando a própria situação, cruzou os braços e ficou o olhar nas pedrinhas no chão

— Não se complique mais — ergueu os olhos, Camile havia se aproximado, as mãos enfiadas na jaqueta — Você não vai querer estragar seu histórico, não é?

— His-histórico? — gaguejou, a detetive estava perto o suficiente para sentir o cheiro de whiskey em seu hálito

— De me tratar mal — perto o suficiente para Katherine enxergar o próprio reflexo nos olhos escuros — Então... você está estragando ele

— Isso importa?

— Talvez...

Katherine podia culpar a bebida por tudo...

Camile não se afastou quando Katherine se aproximou ainda mais. A detetive abaixou o rosto, a legista segurou o rosto dela e a beijou. Camile segurou sua cintura e a puxou para mais perto. Estava frio, estava começando a nevar, mas nenhuma das duas sentia isso. Camile se afastou, puxando o lábio inferior da legista com os dentes no processo e a fazendo gemer baixo. Katherine agarrou seu braço e começou a puxar em direção ao prédio. A legista

tinha boa memória, o suficiente para saber qual era o apartamento de Simons. Voltaram a se beijar dentro do elevador, Katherine não sabia a partir de que momento ela havia começado a sentir aquilo, mas estava com muita pressa de atender o desejo. Camile quase não conseguiu abrir a porta, Katherine estava ocupada beijando seu pescoço e a distraindo.

Quente, muito quente.

Um calor deliciosamente poderoso espalhava-se pelo corpo de Katherine. O toque dos dedos de Camile parecia pequenas explosões de fogo, e ela sequer estava tocando sua pele diretamente. Apenas por cima do tecido das roupas, ela imaginava como seria se não houvesse nada, nenhum tecido, entre elas. As mãos seguravam firmemente sua cintura, como se encaixassem perfeitamente naquela curva. Katherine sentia os toques com a força de uma bomba, era simplesmente melhor do que havia imaginado.

Os dedos da mão esquerda da legista estavam entre os fios negros, a mão direita agarrava sua nuca com força, tudo isso expressando o quanto desejava aquele beijo. Camile escorregou as mãos para as costas da mulher, deixando uma trilha de fogo, e a envolveu com os braços. Puxou ela ainda mais para si, sem deixar nenhum mínimo de espaço entre as duas.

Se separaram do beijo, mas continuaram muito próximas. As testas coladas, os narizes se tocando, as bocas com milímetros de distância, as respirações se misturando.

Camile empurrou Katherine até suas costas baterem na porta. A legista não se importava com a força com o qual era imprensada contra a madeira, ela estava mais concentrada nas sensações que Camile a fazia sentir. O corpo quente contra o seu, muito quente. Os fios macios entre seus dedos, a nuca que parecia em brasa, as mãos que não estavam nem um pouco tímidas em tocar seu corpo. Fazendo um caminho de toques excitantes dos ombros até as coxas, apertando cada parte da lateral de seu corpo. A detetive puxou uma das pernas de Katherine até a altura de sua cintura, usou toda sua habilidade para tirar o sapato dela. Sorriu quando Katherine tomou impulso e a envolveu com a outra perna também.

Camile carregou a legista até o quarto, acendeu a luz com um pouco de esforço, sem vacilar ou interromper o beijo, fazendo esforço para respirar pelo nariz. Sabia que no dia seguinte suas costas iriam ficar queimando, mas não se importou. Ela sabia que se a noite fosse ser tão boa quanto aparentemente seria, esse desconforto seria uma boa consequência.

As duas não reclamariam, afinal, a culpa era da bebida.

Camile gostava de como a legista era leve, pelo menos parecia ser bem leve naquele momento. De como suas pernas a envolviam e apertavam, de como as mãos a agarravam desesperadamente, de como o calor a atingia, de como sentia as curvas do corpo macio contra o seu e de como a mulher a deixava acesa e ofegante. Katherine gostava de como a detetive era forte. De como seus braços a envolviam, de como podia sentir os músculos trabalhando, de como sentia o calor, de como os corpos se tocavam e de como seu beijo podia ser viciante.

Katherine desceu de seu colo e empurrou a detetive até ela se sentar na cama. Camile segurou sua cintura e a puxou para mais perto. Katherine segurou as lapelas da sua jaqueta e começou a empurrar, Camile deixou o pano passar pelo seu braço e jogou de qualquer maneira no chão. Katherine tirou o casaco, a detetive segurou a barra de sua camisa e puxou até conseguir tirar. Continuou sentada na cama e cheirou sua barriga.

— Você é cheirosa — tocou com as pontas dos dedos a pele

— Você deveria tirar essas luvas — segurou os pulsos da detetive — Não acha?

Camile riu baixo e tirou as luvas, jogou elas para perto da jaqueta. Voltou a tocar Katherine, dessa vez com toda a mão. Beirou o cós do jeans, Katherine apertou seus ombros, sua pele arrepiava-se por onde os dedos de Simons passavam. Ela passou os dedos por baixo do elástico do sutiã, tateou até o fecho. Katherine gemeu baixo com a expectativa. Camile se inclinou para frente e beijou sua barriga, ao mesmo tempo em que tateava o cinto.

— Eu gostaria de saber... — Katherine sentiu os pelos da nuca se arrepiarem com a voz rouca da australiana

— Saber o que? — sua voz falhou levemente — Simons... o que quer saber?

— O quanto... — abriu o cinto devagar — você... — começou a puxar — está molhada.

Tirou o cinto e ergueu os olhos, podia ver o quanto Katherine estava excitada. Ela mal podia ver sua íris azul, ela gostava dos olhos da legista, mas tinha que admitir: aquilo era quente. Arfou ao imaginar como a mulher estava entre suas pernas.

Katherine lambeu os lábio e empurrou Simons até obrigá-la a se deitar. Subiu na cama, colocou um joelho de cada lado de seu corpo, as mãos ao lado de sua cabeça. Camile continuou segurando sua cintura com firmeza.

— Bastante... mais do que jamais fiquei — murmurou tão baixo que Camile não ouviria se ela não tivesse feito isso ao lado do seu ouvido bom — Gosta disso?

— Muito — passou a língua entre os lábios — Muito mesmo

— Sabe de uma coisa que eu não estou gostando nem um pouco? — o olhar de insegurança de Camile fez a legista sorrir — Você tira a minha roupa... mas continua vestida demais

Camile riu.

Beijou a legista e girou as duas sobre a cama. Katherine riu e antes que pudesse reagir, Camile já estava tirando sua calça. A detetive observou o corpo da mulher, tentando absorver o máximo de detalhes. Ela estava se perguntando em que momento algo havia mudado o suficiente para ter Katherine Cooper apenas de calcinha e sutiã brancos em sua cama.

Bendita bebida.

— Você deveria pelo menos tirar a bota...

Camile sorriu e se afastou. Tirou as botas surradas e as meias. O chão estava gelado, ela quase podia ouvir o chiado do contato entre seus pés e o chão. Tirou o cinto e a calça, voltou para a cama enquanto desabotoava a camisa. Katherine já estava a beijando novamente quando tirou a camisa, não queria dar tempo para a legista observar seu corpo. Desceu os beijos pelo queixo, seguiu a linha do maxilar até sua orelha. Sentiu Katherine agarrá-la, suas unhas já começando a marcar a pele. Camile começou a dar leves mordidas em sua orelha, seguiu a linha do maxilar com beijos até a outra orelha e fez o mesmo. Gostava do gosto que a pele da mulher tinha, era gostoso sentir a pele em sua língua.

Katherine cravou as unhas na nuca da detetive, sua mente a fez pensar em como seria se Simons fizesse o que estava fazendo no seu pescoço em outras partes do corpo.

A detetive beijou seu pescoço até o ombro, dando mordidas e marcando sem pudor a mulher. Camile praticamente arrancou seu sutiã, ela desceu marcando o caminho até os seios. Katherine enfiou as unhas com força em seus ombros enquanto sentia a detetive beijar, morder e lambe seus seios. A legista estava se controlando para não gemer alto demais,

puxou o sutiã da australiana até conseguir fazê-la tirar a peça. Ergueu um pouco o corpo, observando a expressão de prazer de Katherine enquanto massageava seus seios.

Sorriu e marcou o caminho até a calcinha branca de Cooper. Beijou e mordeu as coxas antes de finalmente tirar a última peça de roupa, a última barreira entre ela e o que tanto desejava. Camile apenas observou por alguns momentos, constatando o quanto a legista estava molhada e sentiu um arrepio subir por sua coluna, sabia que era por sua causa e isso era uma das melhores sensações que alguém pode sentir. Acariciou a virilha da legista, vendo ela se contorcer, tentando receber contato onde tanto precisava. Ajoelhou no chão, puxou Katherine para mais perto, deixando-a na beira da cama e com as coxas em seus ombros.

Katherine tentou se segurar, mas seu gemido saiu particulamente alto quando Camile finalmente a tocou onde precisava urgentemente. Agarrou o lençol enquanto sentia a língua da detetive se movimentar em seu sexo. Ela sabia muito bem o que estava fazendo, alternando entre lamber e sugar. Quando agarrar o lençol não pareceu mais suficiente, enfiou a mão direita no cabelo da detetive, a prendendo perto de si, e a outra mão foi para seu ombro, as unhas sendo cravadas na pele. Camile sabia que provavelmente algum vizinho reclamaria dos gemidos realmente altos da legista, que desistiu de segurar.

Provavelmente o prédio inteiro ouviu o grito "Camile".

A australiana ficou mais alguns segundos antes de sair do meio das pernas da legista. Engatinhou e a beijou, bem mas calmamente do que antes. Katherine envolveu a cintura da detetive com as pernas, enlaçou o pescoço dela com os braços.

— Isso foi... — suspirou, ainda com os olhos fechados — Maravilhoso

— Obrigada — riu, a expressão pós-orgasmo de Cooper era simplesmente adorável — Eu posso... posso te beijar outra vez?

Katherine sorriu, ainda sem abrir os olhos, e beijou Camile outra vez. Colocou uma perna entre as pernas da detetive e puxou para cima, fazendo pressão e arrancando um gemido da australiana. Toda a excitação voltou quando sentiu Simons gemer por causa dela. Katherine desceu as mãos pelas costas até sua bunda, apertando e a puxando mais para perto. Pressionando sua coxa contra a detetive, que gemeu mais alto. Camile enfiou o rosto no pescoço de Katherine, gemendo e tentando se controlar, suas mãos agarravam o lençol. Por mais que tentasse se controlar, ela não conseguia parar de rebolar contra a perna da legista.

— Ka-Ka-Katherine...

— Apenas sinta — apertou mais sua coxa contra ela

— Estou... sen-sentindo — mordeu o ombro de Katherine enquanto sentia o orgasmo chegando mais perto

— Olhe para mim — Camile ergueu a cabeça para encarar a mulher — Quase lá, certo?

Os olhos de Camile estavam escuros... muito escuros. Katherine continuou pressionando, podia sentir o prazer dela perto. Apertou com mais força, mais um pouco e retribuiria parte do que havia recebido. A australiana tentou abaixar o rosto, mas Cooper segurou seu rosto daquele modo. Com um último empurrão, Camile soltou um som entre um gemido e um rosnado. Ela fechou os olhos, a boca um pouco aberta enquanto respirava rápido e seu rosto estava avermelhado. Katherine a soltou, Camile abaixou o rosto e enfiou-se no pescoço da legista.

Simons não se lembrava da última vez em que ficou tão excitada que não precisava

de toques diretos para chegar ao limite.

— Eu não me lembro da última vez que... que me senti assim — Katherine murmurou

— Culpa da bebida — Camile sorriu — Eu também não me lembro

— Isso é bom...

A australiana beijou seu pescoço, Katherine gemeu baixo com isso. Desceu a mão entre as duas e sentiu como a legista ainda estava excitada por ela. Sentiu as unhas arranharem suas costas e gemeu baixo.

A noite mal estava começando.

Capítulo 12

"A garota não abriu os olhos, preferia ficar daquele modo. Parecia muito mais seguro do que antes.

Sentiu as mãos da namorada em suas costas, tocando delicadamente a pele quente dela. Ela fez carinho de cima para baixo, se aproximou e beijou seu ombro. A garota gemeu baixo enquanto sentia os lábios em seu ombro. A garota subiu a mão e entrelaçou os dedos nos fios curtos e recém coloridos, era um pouco estranho vê-la com o cabelo mais claro que o comum.

Beijou seus ombros, descendo pela linha da coluna vertical. Sorriu quando percebeu a pele se arrepiar. Era viciante tocá-la. Gostava do cheiro, da sensação, do sabor... de tudo.

Era tão macio que ela ficaria ali o dia inteiro."

Era uma sensação estranha. De algum modo, era algo confuso. Katherine não precisou abrir os olhos para saber que não estava em sua própria cama. Havia um cobertor em cima dela, ela conhecia seu corpo o suficiente para saber que estava nua debaixo dele. E também sequer precisava se mexer para saber que não estava sozinha, podia ouvir a respiração atrás de si. Fazia muito tempo que não acordava com alguém na mesma cama e mais tempo ainda que não acordava na cama de outra pessoa. Virou o rosto para o lado, em breve se lembraria do que aconteceu à noite. Camile estava deitada de bruços, ela parecia ter fugido do cobertor. Seu rosto virado para o outro lado e não estava nua como Katherine, estava vestida apenas com uma boxer preta que fez a legista perguntar a si mesma se Camile era fofa ou sexy naquele momento. Seus olhos foram atraídos pelos arranhões.

Muitas, muitas linhas vermelhas marcavam a detetive. Seus ombros e sua nuca pareciam em carne viva. E as costas, até mais ou menos o centro, também estavam fortemente marcadas. Desceu os olhos e se arrependeu de ter prestado atenção, de ter sido curiosa, ela viu o que menos gostava de ver em qualquer um: cicatrizes.

Várias, isso incomodou muito. Pequenas e finas linhas brancas na lombar da garota. Engoliu seco, sua mente dizia que ela não deveria se importar. Mas seu lado irracional jogou uma raiva em seu corpo. Ela sentiu uma enorme necessidade de proteger a detetive, saber o que havia acontecido.

Camile resmungou alguma coisa e virou o rosto em sua direção. Ela ergueu as sobrancelhas com o olhar tão fixo da legista.

— O que foi? — sua voz estava levemente rouca

— Nada — achou melhor não perguntar, sabia que não seria muito educado perguntar algo do tipo "quem fez isso com você?" — Ressaca

— Hm — fechou os olhos e enfiou o rosto no travesseiro — Hm — fechou os olhos e enfiou o rosto no travesseiro — Dormiu bem?

— Uhum — na verdade, ela não se lembrava da última vez que havia realmente dormido bem, mas não seria capaz de admitir que poderia dormir todas as noites ali — E você?

— Sim — ergueu o rosto e franziu o cenho — Estamos atrasadas?

— Não

Katherine deu um meio sorriso. Camile assentiu e enfiou novamente o rosto no

travesseiro. Cooper se arrastou para fora da cama e começou a pegar as peças de roupa largadas pelo quarto. Sentiu que estava sendo observada e olhou para cama, a detetive estava sentada, abraçada ao travesseiro, a olhando interessada. Sorriu e viu a garota corar e desviar o olhar.

— Você deveria... — pigarreou — Poderia... quer dizer. Se quiser... tome um banho. Sabe, tem... tem água quente. É... não estou dizendo que...

— Eu entendi, Simons — riu, se sentiu estranha por estar sendo gentil — Onde fica o banheiro?

— Bem em frente — coçou a nuca — Eu levo uma toalha pra você — gesticulou em direção ao monte de roupa que Katherine segurava — Você não precisa levar tudo isso...

Katherine não respondeu, deixou as roupas no chão e foi para o banheiro segurando a lingerie. Podia sentir que Camile a seguiu com os olhos e se segurou para não falar alguma besteira. Demorou alguns instantes para conseguir ajustar a temperatura para algo agradável. Fazia algum tempo que ela não acordava e tomava um banho se sentindo bem.

— Eu transei com Katherine Cooper — Camile se deitou na cama e cobriu o rosto com as mãos — Merda

Levantou e colocou a camisa que vestia na noite anterior, sem se preocupar em fechar adequadamente. Abriu o armário e pegou a primeira toalha que encontrou. Bateu na porta duas vezes antes de entrar e deixar a toalha na beirada da pia. Katherine murmurou um agradecimento. Quando Cooper voltou para o quarto, enxugando o cabelo, Camile jogou uma das camisas sociais e um jeans. Ela precisou largar a toalha para segurar as roupas, franziu o cenho para a ação.

— O que foi?

— Suas roupas estão cheirando a cigarro — resmungou e se abaixou para procurar algo debaixo da cama

— Não sei se você percebeu... digamos que sou menor que você

— E...? Podemos resolver

— Hm... — ela virou um pouco a cabeça — O que está procurando?

— Kriss — bufou e esticou o braço para alcançar a bota que de algum modo foi parar ali, o gato não estava lá

— Certo... — Katherine olhou para baixo e viu o gato escuro passar entre suas pernas e sentar na sua frente — Simons? — a detetive grunhiu, indicando que ouviu, Cooper riu e apontou para baixo — Serve esse?

— Serve... — ergueu a cabeça em direção a voz e viu Kriss sentado a observando — Onde você estava? — levantou, com a bota na mão e a jogou em direção ao seu par — Sumido

Katherine achou fofo o modo como a detetive falava com o bichano. Ela tinha que admitir que estava começando a ter uma opinião positiva demais sobre Camile. Não era uma fã de gatos, mas sabia que eles não gostavam de barulho e agitação. Supôs que Kriss havia se escondido em algum lugar quieto longe das duas. Pensando sobre isso, imaginou o quanto elas incomodaram os vizinhos. Na verdade, tinha que admitir que ela foi realmente escandalosa na noite anterior.

— Você deveria se vestir — Camile disse enquanto procurava um par de meias — Eu te ajudo

Katherine tentou recusar, mas logo a detetive estava atrás dela segurando a camisa para que vestisse, Camile ajudou a arrumar a peça, tomando cuidado para não tocar demais nela. Deu a volta nela e começou a fechar os botões. Katherine observou os dedos fazerem o trabalho rapidamente. Camile dobrou a manga, a deixando ajustada ao tamanho do braço dela. Katherine vestiu o jeans enquanto Camile procurava seu cinto. A legista engoliu seco quando a garota se ajoelhou para dobrar a barra da calça. Podia ver a nuca arranhada e isso a fez pensar se poderiam fazer tudo outra vez. Katherine apertou o cinto para garantir que seu jeans ficasse no lugar, agora faltava apenas o sapato, que estava na sala.

Katherine aproveitou o tempo que Camile demoraria para tomar banho e se arrumar para observar melhor o apartamento. Seu estômago roncou, mas ela ignorou, poderia comprar algo na cantina do Instituto. Ignorou e continuou observando o ambiente. Estava concentrada lendo os títulos dos livros na estante quando Camile apareceu do seu lado, ainda fechando a camisa.

— Fome?

— Não — mentiu

— Você precisa comer — franziu o cenho — O que come de manhã?

— Uma médica sem hábitos saudáveis?

— Médica de gente morta

— Médica do mesmo modo — terminou de arrumar a camisa — Vem comer

Katherine abriu a boca para protestar, mas desistiu quando a australiana ameaçou arrastá-la para a cozinha. Katherine bufou enquanto sentava no banco, ela não queria que Camile fosse tão gentil, isso apenas a atraía para mais perto. Observou ela colocar as duas tigelas em cima da mesa e encher elas de cereal. Colocou leite e deu a colher para Katherine. A legista se segurou para não revirar os olhos, deu um meio sorriso, fixou o olhar no cereal e começou a comer devagar. Kriss subiu na mesa e enfiou o focinho na tigela de Camile, mas a garota não prestou atenção, ela preferiu observar a legista.

Camile sabia que provavelmente Cooper faria questão de esquecer, mas no momento preferiu apenas observar.

— Você não passou a noite sozinha, certo? — Laurie arrancou os papéis das mãos de Camile, a obrigando a prestar atenção no que dizia — O que aconteceu?

— Nada demais

— Não minta para mim

— Não estou mentindo

— Está sim, diga logo o que fez!

— Não fiz nada demais — bufou e começou a corar

— Suas bochechas estão ficando vermelha — colocou os papéis na bancada e sentou no banco ao lado da garota — Vamos, diga logo

— Laur, pare com isso — bufou e passou a olhar para o chão

— Vamos lá... você, Katherine...

— Katherine?

— Vocês vieram juntas, pare de mentir para mim

— E o que vai fazer, me torturar? — Laurie riu, às vezes Camile parecia uma adolescente birrenta, se levantou, ficando de pé atrás da detetive, segurou seus ombros e

apertou — Ei, isso dói — tentou fugir, mas Laurie não deixou — Pare com isso
— Admita... sua nuca também está arranhada
— Está bem, está bem — revirou os olhos — Eu passei a noite com Katherine
— Finalmente — trou as mãos dos ombros da detetive e riu — Finalmente levou
alguém para cama depois de todo esse tempo
— Hum — resmungou e enfiou o rosto no relatório — Por que para você sexo é tão
importante?

— Porque sexo é bom — riu — Já planejou a próxima vez?
— Que próxima vez?
— Você sabe
— É coisa de uma noite só — revirou os olhos
— Sei...
— Apenas sexo
— Foi tão ruim assim?
— Não foi ruim
— Okay — bateu os dedos na bancada — Cam
— O que?
— Você deixou ela te tocar?
— Mais ou menos
— Cam
— Não diretamente
— Você teve um orgasmo? — Laurie viu a garota ficar ainda mais vermelha e
assentir — Não precisa ficar envergonhada
— Olhe o que você está perguntando
— Eu sei — riu — Vou parar de falar disso

Camile agradeceu e tentou se concentrar no relatório. Laurie tinha um talento incrível em deixar ela envergonhada. A mulher voltou a trabalhar, sorrindo divertida por causa da conversa. Ela poderia levar a detetive para casa, era a coisa mais fofa que ela havia visto.

Laurie sabia que a vida não era um clichê, sabia muito bem. Entretanto, ela conhecia Camile mais do que a garota imaginava. Prestava atenção no que ela falava, isso havia ajudado ela a moldar a imagem dela em sua mente. E por isso ela se lembrava de quando Camile havia dito que não era o tipo de pessoa que faziam sexo casual. Ou seja, era o tipo de garota que ia para cama quando sentia algo pela pessoa. Laurie sabia muito bem que foi por isso que no final as duas não fizeram nada, apenas acabaram dormindo na mesma cama.

Era exatamente por isso que queria fazer Camile admitir que sentia alguma coisa por Katherine.

Não estava pensando que ela estava apaixonada pela legista, estava pensando que a garota pelo menos gostava um pouco dela. Achava que Katherine provavelmente sentia alguma coisa também, por isso que ela rejeitava tanto a detetive.

A vida não era um clichê, mas isso não significava que algumas pessoas podiam viver isso.

Capítulo 13

"O homem abriu a porta e acendeu a luz, era o décimo dia em que a garota estava presa. No segundo dia, ele não lhe deu roupas e ela não pediu. O quarto era um pouco frio, na cama, ela estava enrolada em si mesma tentando manter algum calor. Ela era resistente, qualquer uma da sua idade, ou qualquer outra idade, provavelmente estaria pedindo piedade. Implorando para que ele não a machucasse mais ou matasse logo.

Ele sorriu, apertando a alça da pequena maleta, inflado de sadismo.

Cutucou-a rudemente para fazê-la se mexer. Ela gemeu enquanto se sentava, era dolorido se mover com todos aqueles hematomas e pequenos cortes. Seus olhos queimaram com a claridade, ele a deixou muitas horas no escuro. O homem a puxou, a obrigando a se ajoelhar perto da cama. Ela arfou, quando ele a empurrou para ficar com o tronco deitado na cama. Naquela posição, ela estava completamente exposta ao abuso dele. Ele abriu a maleta e pegou um bisturi, a lâmina brilhou na luz.

Com uma crueldade lenta, ele cortou suas costas. Devagar, com uma pressão controlada. Ela gemeu baixinho com a dor, o sangue quente sujou sua pele. Dez dias, dez cortes. Perfeitos, retos, curtos e um embaixo do outro. Ela podia sentir a excitação dele, era sufocante saber o que aconteceria. Ele espalmou as mãos ali e as sujou com o sangue, aquilo os deixou mais animado.

Tentando se mover calmamente, com as mãos vermelhas tremendo, o homem tirou o cinto, abriu a calça e a abaixou junto a cueca até o meio das coxas. Um arrepio correu seu corpo quando viu o quanto seu membro estava ereto. Pulsando. Ele buscou molhar a mão com mais sangue e lambuzou seu pênis com ele, arfando enquanto via a pele se tornar rubra com o líquido.

Com nem um pouco de cuidado, ele se posicionou. Uma mão segurou o ombro da garota e a outra ele usou para guiar seu membro até a entrada do ânus dela. Ele havia esperada dez dias para isso. Forçou a entrada até a cabeça cheia de sangue entrar. Observou ela ficar tensa, sorriu. Então subiu a outra mão pelas costas dela, agora segurando os ombros dela com ambas as mãos.

— Fale pra eu te foder com força — rosnou

— Me... fode... — era difícil falar, ela não queria — Com força

— Mais alto

— Me fode... com força

— Eu quero que grite

— Me fode com força — gritou o mais alto que a dor permitia

— Isso — ele gemeu e empurrou o quadril para frente, entrando de uma vez — Outra vez

— Me fode com força

— Geme meu nome

— Adam

Ele pegou um ritmo acelerado, ele via o corpo dela o rejeitar. Ele estava acabando com ela. Ele sentia ela sangrar, isso era delicioso para ele. Gemeu quando chegou ao ápice, suas mãos meladas de sangue, seu pênis melado de sangue e seu ego deliciosamente inflado."

A cabeça de Camile estava latejando, parecia prestes a explodir de dor. Nas últimas três horas, ela leu tantas coisas que não conseguia mais. As frases chegavam a se embaralhar em sua mente. Esfregou os olhos, ela queria ir para casa e dormir. Dormir e dormir até tudo acabar. Até não se lembrar de mais nada. Esquecer até o próprio nome. Entretanto, se dormisse por dois minutos onde estava, provavelmente seria bombardeada com pesadelos.

Pesadelos infernais.

Havia fotos dos corpos, inclusive do homem pendurado em um gancho, papéis de relatórios, canetas, marcadores, lápis e folhas brancas. Detestava aquelas fotos, pegou alguns papéis e colocou por cima das imagens. Pegou um lápis e uma folha branca, começou a rabiscar. Era o tipo de coisa que ela fazia para se distrair.

Era, de certa forma, algo involuntário. Não pensou sobre isso, sua mão deslizava pela folha rapidamente. Uma batida na porta a tirou do desenho, suspirou e olhou. Viu que havia o contorno da silhueta de um homem, com os braços para cima. Bufou, a imagem da última vítima de Stean estava gravada em sua mente como ferro. Ouviu a batida na porta outra vez, gritou que estava aberta e viu a cabeça de Carter aparecer em na brecha entre a porta e o batente.

— Posso entrar?

— Entre — enfiou o desenho debaixo de uma pasta

— Hm, ok — Abigail entrou e fechou a porta — Bem, como está indo os relatórios?

— Complicados — encolheu os ombros — E os seus?

— Complicados também

— Sempre assim — gesticulou para a cadeira — Sente-se

— Okay — sentou na cadeira e cruzou as pernas — Posso fazer uma pergunta?

— Faça

— Qual seu relacionamento com Katherine?

— Profissional — *"garota direta, essa"* — Sabe, ela é... fria. Digamos que não é lá muito simpática

— Costumava ser — isso fez Camile erguer a sobrancelha, duvidando um pouco — O que?

— Você conhece ela há muito tempo?

— Não muito. Na verdade, ela é como outra pessoa

— Não dizem que as pessoas mudam?

— Tanto assim?

— Eu não sei, eu levei um fora dela em menos de dez minutos

— Isso não é um sinal muito bom — riu, Camile não resistiu e riu junto — Mas você parece aguentar bem

— Sou muito teimosa

— *Demais*

— Eu sei, todos dizem

— Como aguenta isso? — Abigail olhou para ela, como se estivesse analisando e tentando adivinhar seus pensamentos — Tem que ser muito, hm, muito teimosa para insistir em um relacionamento assim

— Eu preciso trabalhar com ela — cruzou os braços — Apenas estou tentando não

brigar o tempo inteiro

— E está dando certo?

— Não muito — entrelaçou os dedos — Ela não gosta muito de mim

— Parece que ela não gosta de ninguém — Camile assentiu — E você continua tentando?

— Você não tentaria?

— Por motivos diferentes — deu um meio sorriso

— Que motivos?

— Você pode imaginar

Katherine empurrou a pasta para longe. Fechou os olhos, encostou na cadeira e respirou fundo. Sua mente escorregou para a noite anterior. Não bebeu o suficiente para esquecer tudo completamente. Consequia se lembrar do que não deveria.

A noite foi melhor do que ela havia esperado. Na verdade, ela tinha que admitir: deveria ter beijado a detetive antes. Ou não. No momento, seus pensamentos estavam voltados naquilo. Nos beijos e nos toques. E também no olhar da garota. Que era capaz de fazer ela sentir um arrepio subir por suas costas.

E outra coisa que ela pensava, era aquela rede de cicatrizes. Estava curiosa para saber o porque daquilo.

Esfregou o rosto, se pensasse demais na noite, começaria a querer outra vez.

— Como estão seus relatórios? — Brown apareceu na porta

— Infernais — resmungou

— Para Simons também — Katherine ergueu os olhos — Ela é sua parceira, vocês deveriam se ajudar

— São relatórios diferentes — no momento, ela precisava se manter longe

— Mas estão no mesmo caso

— Eu sei — bufou — Mas o que posso fazer?

— Colaborar com ela, é uma boa ideia — Katherine abriu a boca para retrucar, mas Brown continuou — Qual o problema de vocês? Vocês deveriam trabalhar *juntas*.

— Não gosto disso — folheou a pasta

— Não é pra gostar, srta. Cooper, é para colaborar.

— Posso colaborar, apenas não preciso ficar grudada nela

— Não grudada, apenas um pouco mais próxima — Katherine se conteve para não responder "*não quero ficar próxima, estou bem assim, e no momento vou querer fazer outra coisa se ficar perto tempo demais*" — Serem amigas

— Está bem, está bem — bateu os dedos na mesa — Vou tentar

Brown sorriu e saiu. Katherine colocou os braços em cima da mesa e enfiou o rosto ali. Não era a primeira vez que Brown pedia aquilo, em que ele insistia nesse assunto. Cooper não queria se aproximar. Uma pequena parte queria, sua parte traidora. Queria saber mais sobre a garota que insistia em continuar tentando. E sua parte tarada queria mais noites como a anterior.

Muitas noites.

Laurie batucou os dedos na bancada, esperando a impressora colaborar com sua vida e fazer

seu trabalho. Precisava dos novos resultados, estava quase na hora de Camile aparecer no laboratório perguntando onde estavam os resultados dos novos exames. Quando a impressora cuspiu as folhas cheias de números e palavras, a detetive finalmente apareceu no laboratório.

— Você aqui outra vez — sorriu e viu a garota sentar no banco — Alguma novidade?

— Não — encolheu os ombros — Bem, Carter veio falar comigo

— E parece que você não a odeia

— Por que odiaria?

— Não sei, sempre esqueço que você é simpática demais

— Isso é ruim

— Eu não acho... o que vocês conversaram?

— Hm, Katherine — murmurou — Ela disse que Katherine era mais, mais simpática

— Simpatia não parece combinar com ela — soltou uma risadinha pelo nariz

— Eu sei — franziu o cenho — Não acho que ela seja rude o tempo inteiro

— Se ela fosse, provavelmente vocês não teriam transado ontem

— Você fala isso como se fosse algo especial

— E não é?

— É só sexo, apenas sexo. Sexo, sexo, sexo, sexo e nada mais do que sexo. E apenas sexo, Laur, nada mais que sexo

— Você falou "sexo" dez vezes

— Porque não é nada mais do que sexo — bufou — Por que seria mais que isso?

— Porque vocês às vezes parecem um casal

— Não, não parecemos — massageou a nuca — Você vê coisas que não existem

— Nem sempre. Talvez a química seja real

— Não tem química nenhuma

— Tem sim

— Laur...

— Pare de ser teimosa, Simons — jogou uma caneta na detetive, que desviou rapidamente do projétil — Química é diferente de sentimentos. Não estou dizendo que você está apaixonada por ela, estou dizendo que vocês duas dão certo na cama.

— Já falei que...

— Foi apenas sexo. Diga isso mais uma vez que eu vou trancar as duas dentro de um quarto.

Camile fechou a cara e puxou alguns papéis para si. Não queria conversar sobre isso. Era o tipo de assunto que ela preferia fugir. No momento, Laurie estava falando de química. Na próxima conversa, começaria a enfiar sentimentos no meio da conversa.

Havia uma grande diferença entre tesão e paixão.

Capítulo 14

"A garota chutou a cadeira, sentindo o rosto queimar. Estava ficando vermelha de tanta raiva que sentia. Sabia muito bem que era egoísmo, sabia que não deveria agir desse modo. Seu irmão tinha o direito de seguir os sonhos dele, e ela não podia pedir para que ele desistisse. Não havia nada a fazer, o sonho dele era longe. Em outro país, com outras pessoas, longe dela.

Mas também não era justo ela precisar ficar ali. Não era justo ela não poder seguir os próprios sonhos. Certo?

Todos diziam que não era culpa dela. Por que seria? Ela não pediu aquilo. Ela foi jogada no inferno, queimou e foi castigada por erros que ela cometeu e que cometeria.

Era tudo egoísmo.

Se jogou no sofá e esfregou o rosto.

— Tente entender meu lado — seu irmão pediu — Por favor

— Estou tentando — bufou — Sabe, também tem o meu lado, não acha?

— Eu sei, mas...

— Mas o que? — ergueu os olhos, o garoto sentiu seu coração se apertar com o olhar dolorido — O que eu fiz de errado agora? O que eu fiz de errado na minha vida inteira?

— Ninguém falou que você fez algo de errado

— Tem certeza? — cruzou os braços — O que eu posso fazer? Eu não vou prender você aqui, não é isso que você quer? Então vai! — o garoto desviou o olhar — Vai antes que isso machuque mais

O garoto respirou fundo, suas malas estavam prontas e dentro do carro. Ele havia decidido. Apenas foi ao apartamento para tentar se explicar, foi mais doloroso e difícil do que imaginou. Precisava seguir em frente, não é? Ele não podia fazer nada se seu futuro não estava ali, estava em outro lugar.

Sabia que, se sáísse naquele momento, teria problemas em voltar. Sua irmã estava com raiva demais para perdoar ele. Entendia o lado dela, mas se decidiu. Decidiu ser quem desejava ser. Olhou ela por alguns segundos antes de caminhar até a porta. Sentindo seu coração queimar com a força da dor dentro dele. Respirou fundo.

— Desculpe — murmurou — Desculpe, minha garotinha"

Steane arrumou a camisa.

O homem sentado na cadeira parecia desesperado. Estava amordaçado, um pedaço de pano velho enfiado de qualquer maneira em sua boca. Toda vez que ele tentava cuspir o pano para fora, o objeto escorregava mais para fundo da boca. Seus olhos estavam lacrimejando com as ânsias que isso provocava.

Steane sorriu.

O homem estava em um estado não muito bom. O nariz quebrado, sangue sujava seu rosto até o queixo. Faltava alguns dentes em sua boca. O olho direito estava tão inchado que não se abria. Ele mal respirava. Havia hematomas em sua barriga, nos braços, nas pernas e nas costas. E cortes também.

Steane gostava disso.

Encarou um homem, um sorriso sádico se formou em seu rosto. Andou ao redor do estuprador, observando seu trabalho. Enterrou as mãos nos bolsos da calça. O homem seguiu Stean com os olhos, o máximo que conseguiu. Sentiu um soco na nuca e gemeu de dor.

Stean era um carrasco.

Estava nevando e muito. O vento rugia ensurdecador, o que fez Camile suspirar frustrada. Teria que esperar a nevasca diminuir para poder caminhar de volta para casa. E pelo que ela conhecia do inverno de Beschi, provavelmente não melhoraria até o amanhecer. Se isso acontecesse, ela teria que dormir no Instituto. Subiu as escadas até o escritório de Katherine, seu plano era pedir a chave para que, se a nevasca não diminuísse, pudesse dormir no escritório. Camile tinha talento para dormir, era capaz de adormecer em qualquer canto. Bateu devagar na porta.

— Entre! — Katherine exclamou, Camile empurrou um pouco a porta e enfiou a cabeça na fresta entre a madeira e o batente — Aconteceu algo?

— A nevasca aconteceu — ergueu a sobrancelha, Katherine estava ajeitando o french coat — Vim pedir um pequeno favor

— Diga

— Você pode me emprestar o seu escritório? Acredito que a nevasca não vá diminuir até o amanhecer, preciso de um cantinho para dormir

— Você quer dormir no escritório?

— Eu quero na minha cama quentinha, mas com essa neve e esse vento não posso andar até lá.

— Aqui é frio

— Um resfriado não vai me matar — riu baixo, Katherine revirou os olhos e pegou a bolsa e as chaves — Vai me emprestar?

— Não — Camile abriu a boca para protestar — Vou te dar uma carona

— Você mora do outro da cidade e é perigoso dirigir tanto

— Simons, você mora a dois quarteirões daqui, não vou morrer por dirigir alguns metros a mais — pendurou a bolsa no ombro e empurrou Camile para fora do caminho enquanto saía da sala — Prefere dormir no escritório?

— Eu não quero te incomodar

— Eu estou oferecendo, aceite logo

Camile ergueu as mãos em rendição, preferia essa versão um pouco mais gentil e simpática de Katherine. Era quase adorável o modo como a legista agia. Agradeceu mentalmente por Cooper ter decidido estacionar o carro atrás do Instituto, onde era fechado, protegido da nevasca potente. Katherine conferiu os pneus, para ver se as correntes estavam bem presas. As duas tiraram a neve que se acumulou nos ombros. Katherine destravou o carro e entrou, Camile entrou enquanto a legista ligava e ajustava o aquecedor.

Katherine bateu os dedos no volante e saiu da vaga. A neve batia violentamente contra o vidro, o vento rugia e dificultava a visão. Katherine dirigiu o mais cuidadosamente possível. Quando parou na entrada do edifício, Camile se curvou por cima dela, abriu um pouco a janela e acenou para o porteiro.

Havia neve por todos os lados, os carros tinham uma manta branca em cima deles. Katherine estacionou o carro. A nevasca piorou, tanto que Cooper percebeu que seria uma

péssima ideia dirigir naquela tempestade.

— Você não pretende dirigir nesse tempo, certo?

— Não parece uma boa ideia — rangeu os dentes — Pare uma péssima ideia

— É uma péssima ideia, Cooper — destravou a porta — Vamos subir. Meu apartamento é quente e tem um lugar confortável

— Está bem — suspirou e pegou a bolsa — Vamos

Katherine não reclamou quando Camile segurou seu braço, ela sabia que não era nem um pouco seguro caminhar na neve com vento. Do jeito que era, teria caído antes de dar o primeiro passo. Foi um alívio entrar no prédio e parar de ser açoitada pela ventania. Chegaram ao apartamento, Camile tirou as botas na entrada e Katherine seguiu o movimento.

— Está com fome? — tirou o casaco

— Não — encolheu os ombros

— Tem certeza? — andou até a cozinha

— Não precisa se incomodar — tirou o french coat — Vou emperar a nevasca passar e...

— Não vai melhorar até o amanhecer, eu moro nessa cidade há tempo o suficiente para saber que o inverno por aqui é bem complicado.

— Está bem, está bem — suspirou

— Então, está com fome?

— Não exatamente — observou Camile abrir o armário de mantimentos

— Estamos quase no final do mês, do ano, digamos que eu não tenho muita comida — pegou dois pacotes — Apenas tenho macarrão instantâneo, está bem?

Katherine assentiu. Sentou no banco que ficava perto do balcão. Observou Camile fazer os dois pacotes de macarrão e colocar nos potes. Colocou um garfo na tigela, pegou duas latinhas de soda. Sentou no banco, o balcão ficava entre elas. Comeram em silêncio, fazia tempo que Katherine não tinha um pequeno momento daquele. Comendo em paz e com alguém.

Depois de comerem, Katherine observou Camile lavar as duas tigelas.

— Você pode dormir no meu quarto, é mais aquecido — secou a tigela e guardou — Eu fico no de hóspedes

— Mas...

— Não seja teimosa — sorriu em sua direção

— Detetive, não acho boa ideia que a dona do apartamento durma no frio

— Não é frio

— Você que disse isso

— Você me deu uma carona. Está bem, vamos fazer o seguinte, você dorme na cama e eu me arranho.

— Camile...

— Pare com isso

Katherine preferiu desistir, Camile era insistente demais para ser convencida. A legista, já no quarto, tirou o cinto e o jeans. Escorregou para a cama, para debaixo do cobertor, antes que Camile a obrigasse a deitar ali. Viu Camile colocar cobertores no chão, uma almofada e se deitar. Katherine não gostava disso, mas era melhor aceitar antes que Camile perdesse a paciência e fizesse algum discurso.

Ela esperava que o dia seguinte fosse melhor, e também que o cheiro doce em seu nariz não a fizesse ter sonhos impróprios.

Capítulo 15

“O homem estava ajoelhado. Apenas de cueca, um pedaço de fita adesiva prateada cobria sua boca. Havia hematomas e cortes espalhados pelo corpo. Ele era magro, sempre dizia que não precisava ser um homem musculoso por não trabalhar em algo que exigia boa forma física. E também confiava o suficiente na policial, que havia acabado de ser promovida para detetive, para acreditar que ela poderia ajudá-lo em qualquer coisa.

O carrasco parecia um homem de negócios extremamente charmoso. O paletó cinza claro, com uma gravata azul, faziam ele parecer poderoso, e combinavam com os olhos cinzentos e gelados. Era um homem bonito, o queixo quadrado como um galã de televisão. O cabelo negro estava penteado perfeitamente, uma barba por fazer fazia ele ser quase sexy. Seria o sorriso não fosse tão sádico... ou se não tivesse um martelo em sua mão.

Adam Feltre era um psicopata de marca maior.

Ele ergueu o martelo e o desceu em direção a cabeça do homem. O sangue espirrou, manchando a perfeição de suas vestes. O homem gemeu baixo de dor antes de fechar os olhos. Adam deixou o homem cair no chão, sem tirar o martelo, tinha certeza que ele estava morto. Passou por cima do corpo em direção ao outro quarto, onde estava mais uma diversão.

A mulher tentou inutilmente se afastar dele. Estava tão machucada quando o outro homem. A diferença era que Adam a mantinha nua e sem uma fita cobrindo sua boca, afinal, ele não era apenas um psicopata. Ele era um maníaco sexual. E ela era um bom brinquedo para ele.

— Está na hora — ele agarrou o cabelo loiro-bronze e a puxou para perto, encarou seus olhos azuis intensamente — Vamos brincar mais um pouco, Susan...”

Se havia uma coisa no mundo que Camile Simons odiava, essa coisa era acordar no meio da noite com a cabeça latejando e a garganta ardendo por causa de um maldito pesadelo. A respiração descompassada, o coração batendo tão forte que parecia querer sair do peito, o corpo quente e tremendo descontroladamente.

Cobriu o rosto e tentou se acalmar.

Seu coração pareceu bater ainda mais forte e rápido quando sentiu mãos em seus ombros, teria se encolhido e corrido para longe se a voz suave de Katherine não sussurrasse algo em seu ouvido. Mesmo que tenha sido no seu ouvido ruim, ela conseguiu reconhecer aquela voz que ouvia todos os dias, mas não foi capaz de distinguir as palavras.

Não era o tom habitual, frio, sarcástico ou rude. Era suave, delicado, preocupado e quase carinhoso. Isso fez Camile se sentir confusa, sem saber se deveria aceitar aquela demonstração de gentileza ou se deveria levantar e fugir do momento.

— Ei... — Katherine sussurrou, Camile sentiu ela se movimentar para ficar a sua frente, as mãos ainda em seus ombros — Está tudo bem?

— Sim — não queria olhar para legista, não queria ver pena nos olhos azuis — Não foi nada...

— Você não parece bem

— Mas eu estou — encarou a legista e viu a pena que tanto detestava, o monstro de orgulho em seu peito rugiu e fez ela dizer — Pare com isso!

— Parar com o que?

— Pare de me olhar com pena, eu não preciso disso

— Eu só...

— Você não se importa, Cooper, só está com pena de mim — Camile tirou as mãos da legista de seus ombros, se levantou e foi em direção a porta — Volte a dormir.

— Espere — Katherine se levantou e seguiu a detetive — Você não precisa ficar zangada comigo

— Eu não estou zangada — parou na soleira da porta e girou em direção a mulher e controlou o tom de voz — Eu só... eu não quero isso, okay? Por que todos sempre acabam me olhando com pena em algum momento? Eu pareço tão frágil e fraca que preciso de alguém cuidando de mim o tempo inteiro?

— Não, não é isso — se aproximou, o quarto era aquecido, mas o resto do apartamento não e agora estava entrando ar frio no quarto, o que deixou Katherine arrepiada — Você parecia tão... indefesa. Me desculpe, okay? Não era minha intenção te chatear — Katherine sabia que estava se arriscando, saindo demais das suas muralhas quando parou perto de Camile e não desviou o olhar quando murmurou — Você parecia sentir dor e eu... e eu não sei explicar.

— Você queria me ajudar? — Katherine assentiu e abaixou a cabeça Camile estava surpresa — Mas... mas você me detesta

— Talvez não... eu não sei mais — bufou e esfregou o rosto

— Desculpe — Camile sussurrou — Desculpe

Katherine ergueu a cabeça para encarar a detetive. Respirou fundo, segurou os pulsos da Camile e começou a puxar ela para dentro do quarto. Camile não protestou, Katherine empurrou a porta para fechá-la. Empurrou ela para a cama.

— Katherine...

— Apenas deite

— Mas...

— O chão está gelado demais

Camile desistiu de insistir e deitou na cama, se encolheu. Odiava aquela sensação, parecia que era frágil e quebradiça. Como se um toque pudesse quebrar tudo ao seu redor. Quebrá-la em minúsculos pedaços de dor. Agradeceu mentalmente por não precisar falar nada para que Katherine não fosse embora.

A legista deitou na sua frente e cobriu ambas com o cobertor. A cama era pequena, não havia espaço o suficiente para ficarem sem se tocar. Katherine não poderia culpar a bebida por estar sendo quase adorável.

Carinhosa demais.

Esticou a mão e tocou o braço dela, Camile fechou os olhos e se aproximou. Katherine prendeu a respiração quando os braços da detetive envolveram sua cintura e ela escondeu o rosto em seu pescoço. A legista passou a acariciar suas costas.

— Camile... — murmurou e a detetive grunhiu em resposta — Posso fazer uma pergunta?

— Faça — sua voz estava abafada

— Seu sonho ruim, ele tem algo a ver com as cicatrizes? — perguntou, receosa que isso fizesse Camile se sentir mal outra vez — Não precisa responder se...

— Tem um pouco — sussurrou — É um pouco complicado — e questionou — Por que você continua aqui?

— Eu não sei — seu tom foi completamente sincero — Quer que eu vá?

— Não! — apertou mais os braços ao redor da legista — Por favor...

Katherine sentiu a imagem cuidadosamente construída de mulher fria derreter naquele momento.

Katherine acordou com o telefone berrando ao lado da cama, apalpou a mesa até encontrá-lo e atendeu sem abrir os olhos.

— Cooper

— Temos um novo corpo — a voz de Abigail soou extremamente estressada — No matadouro, outra vez

— Eu achei que tinha policiais por perto — se sentou e massageou a nuca

— A central mandou eles voltarem quando começou a nevar mais forte

— Como alguém carrega um corpo naquela nevasca?

— Eu não sei, esses caras fazem qualquer coisa em qualquer tempo. Agora, venha

Carter encerrou a ligação antes que Katherine pudesse falar algo. A legista bufou e, depois de alguns momentos, percebeu que Camile não estava no quarto. Se sentiu estúpida por não ter percebido isto quando se moveu para pegar o telefone. Saiu da cama, pela iluminação do quarto, havia acabado de amanhecer. O chão frio sob seus pés a acordou completamente.

Respirou fundo e sentiu o odor de café, ovos e bacon no ar. Vestiu o *jeans* e seguiu o cheiro até a cozinha ainda ajustando o cinto, encontrou Camile tirando um par de fatias de pão de dentro da torradeira. No balcão, ela viu dois pratos, cada um com dois ovos e algumas fatias de bacon. Camile colocou os pães em outro prato e o colocou em cima do balcão. E também duas canecas de café saindo a fumaça.

— Finalmente acordou — a detetive sorriu levemente em direção a legista antes de pegar açúcar e leite na geladeira

— Eu sempre durmo muito — encolheu os ombros e subiu no banco — Você sempre acorda cedo assim?

— Não, mas alguém precisa fazer o café da manhã — subiu no banco e puxou um dos pratos — Coma antes que esfrie

Katherine puxou o outro prato e obedeceu. O café era realmente bom, melhor do que o do Instituto. A legista ainda não tinha percebido como era agradável ter um café da manhã que era algo mais que um copo de café doce demais. Por isso, ela tinha que admitir que sentia falta de viver com alguém.

— Camile — observou a detetive, as costas dela na verdade, lavar os pratos e as canecas

— Hm

— Temos um corpo novo

— A essa hora da manhã? Depois de uma nevasca?

— É...

— Esse cara é bom — secou os pratos — Quer dizer, insistente
— Eu entendi — bateu os dedos no balcão — O problema é o lugar...
— O lugar? — ela continuava de costas e guardou os pratos
— O matadouro — viu os ombros da detetive ficarem tensos — Você não precisa ir...
— É o meu trabalho — fechou as portas do armário com mais força do que era preciso — Eu posso ir

— Simons... — ela registrou o uso do sobrenome como a tentativa de Katherine em ser profissional — Não seja teimosa

— Não estou sendo teimosa — se virou, apoiou as mãos no balcão e encarou Katherine com uma certa irritação no olhar — Esse é o meu trabalho

— Eu sei — cruzou os braços e sustentou o olhar — Estou tentando te ajudar

— Não preciso de ajuda — sua respiração se acelerou — Eu sei me virar sozinha

— Ótimo — saiu do banco e foi em direção a sala — Espero você lá embaixo

Camile observou a mulher pegar as botas e calçá-la, vestir o *french coat* antes de agarrar a mochila e sair do apartamento. Não se importou se deveria tomar banho antes de sair. Poderia fazer isso no Instituto. A detetive esfregou o rosto e suspirou frustrada.

Se arrumou o mais rápido que foi capaz e desceu.

Katherine não falou uma única palavra no caminho inteiro, mesmo que estivesse desejando falar algo, mas não queria causar outra discussão.

Estacionou na frente do matadouro, a neve nas ruas atrapalhou o caminho, mas Katherine estava acostumada o suficiente a dirigir para conseguir chegar ao local . Havia duas viaturas e um furgão do Instituto.

Katherine rodeou o homem, o observando e analisando seu estado. Ela havia imaginado algo pior, considerando como Stean havia sido agressivo no corpo anterior. Ele estava de bruços, o rosto virado em direção a porta, seu corpo estava cheio de cortes e hematomas. Pela gravidade dos ferimentos, não parecia que ele estava morto por isso. Parecia o tipo de coisa que um homem daquele tamanho aguentaria. O que mais incomodou a legista foram os cortes que seguiam a coluna, perfeitos e alinhados.

Aquilo não era nada bom.

Capítulo 16

Ela tentou dezenas de vezes antes de conseguir acender o isqueiro, aproximou da ponta do cigarro e o viu pegar fogo. Puxou e soltou fumaça duas vezes sem realmente tragar antes de começar a fumar. Sentiu a fumaça quente com leve sabor de hortelã, que a deixava refrescante, descer por sua garganta e espalhar pelo seu pulmão lentamente. Devagar, sabia que estava destruindo sua saúde com aquele vício.

Com o tubo branco entre o indicador e o médio, ela observou a fumaça desaparecer na noite escura.

Katherine não estava nem um pouco animada com a ideia de ir para seu apartamento frio e vazio, por isso, decidiu entrar naquele bar cheio de homens e mulheres. Parecia dezenas de vezes mais interessante do que ir para o apartamento, mesmo que ela fosse fazer a mesma coisa. Tinha um ar de alegria bêbada, o oposto do peso depressivo que tinha no ar do outro bar.

E tinha quase certeza que Camile não a encontraria ali.

— Você ainda não aprendeu que beber é uma péssima ideia? — Katherine revirou os olhos quando ouviu a detetive perguntar, olhou para o lado e a encontrou encostada no balcão logo ao seu lado

— E você não aprendeu que eu não me importo — virou o resto da bebida — Como me achou?

— Segui você — encolheu os ombros, sem mostrar que se preocupava no que Katherine poderia pensar sobre essa pequena perseguição

— Você me seguiu?

— Foi o que eu acabei de dizer — tirou o copo vazio da mão de Katherine e sorriu, formando uma expressão divertida — O álcool já está matando teus neurônios

— Idiota — murmurou — Eu tenho idade o suficiente para saber o que eu quero

— Eu não perguntei, doutora. — sua voz estava carregada de sarcasmo — Caso a bebida tenha destruído mais neurônios do que eu imaginei, você deveria saber que estamos em um pequeno e simples de assassino em série. E, para sua infelicidade, eu ainda sou estúpida o suficiente para precisar da sua inteligência.

— Por isso você está aqui? — fixou o olhar no balcão e batucou os dedos ali

— O que esperava? — Camile franziu o cenho

— Nada — resmungou

— Katherine?

— Hm

— Você esperava alguma coisa de mim?

— Não — Katherine cruzou os braços — Por que eu esperaria? Não sou uma princesa que precisa ser salva

— Não é preciso ser uma princesa para criar expectativas

— Minha única expectativa é que você me deixe beber em paz

— Por acaso você me escuta? Eu disse que preciso da sua inteligência

— Beber não me faz burra — bufou — Ou eu não teria sequer saído do maternal

— Foda-se, Cooper, vamos ter uma mudança de política aqui

— Apenas porque eu fui gentil com você não significa que vou deixar você cuidar de mim

— Eu estou fazendo o meu trabalho

— Agora seu trabalho é me seguir?

— Meu trabalho é obedecer a ordens diretas, Brown me mandou seguir você

— E você nem queria, não é?

— Não importa o que eu quero ou não — seu tom foi mais duro

— Eu não gosto disso — encarou a detetive com os olhos faiscando de ódio — Diga a ele que eu não quero uma guarda-costas

— Não sou correio, se quer dizer isto a ele, diga você mesma — encolheu os ombros, indiferente ao ódio abrasador no olhar — Se quiser continuar aqui, continue, eu só preciso vigiar você — apontou para o outro lado do bar — Eu não preciso ficar grudada, dali eu posso ver

Camile colocou o copo no balcão e o empurrou, Katherine segurou e observou a detetive se afastar. Ela sentou em um banco entre um loiro alto e uma ruiva, o loiro começou a puxar assunto antes que Camile pudesse realmente estar sentada no banco.

Katherine bufou e pediu para o barman encher outra vez seu copo com o forte whiskey. Sabia que a garota a checava algumas vezes, mas ainda estava furiosa demais com Brown por ele ter ordenado que Camile a vigiasse. E ainda mais furiosa consigo mesma por ter sido gentil, quase fofa, e esperar que isso não a afetasse.

Enquanto esperava o barman encher seu copo outra vez, olhou em direção a detetive e viu que o loiro já tinha saído e agora era a ruiva que falava com ela. Rangeu os dentes e começou a beber o whiskey.

— Acho que ele não gostou muito — a ruiva riu e juntou as sobrancelhas — Era um cara gostoso

— Não faz meu tipo

— Ela faz? — apontou em direção a Katherine — Você olha para ela a cada dez segundos — Camile corou levemente e tentou retrucar — Você está corando

— Estou corando não — observou a ruiva girar o copo na mão — Pode me dizer teu nome?

— Steele, Margo Steele — ela sorriu, sedutora — E o seu, linda?

— Simons, Camile Simons — encolheu os ombros e aceitou quando Margo ofereceu o copo cheio de Whiskey

— Não parece muito o tipo de lugar que você frequenta

— Não costumo sair muito de casa — passou o dedos na borda do copo — E você?

— Procurando diversão — Camile sorriu baixo com o modo que Margo falou, sedutora e sugestiva

— E acha que vai encontrar?

— Talvez já tenha encontrado

Camile não respondeu, deixou as palavras da ruiva ficarem no ar. Bebeu o restante da bebida e colocou o copo de volta no balcão. Margo deu um pequeno sorriso, estavam perto o suficiente para seus braços se tocarem. O barman encheu o copo com mais uma dose e resistiu a deixar um sorriso se formar em seu rosto, ele estava acostumado a esse tipo de ação e sabia que Margo sempre conseguia sua diversão.

Katherine pagou sua conta e, com muita raiva de si mesma por estar se importando tanto com quem falava e pedia a atenção da detetive, saiu do bar. Ela não se importava por ser tão tarde, o frio do inverno deixava ela mais sóbria. Preferia caminhar naquele frio de matar do que precisar encarar Camile sendo descaradamente seduzida.

Camile observou, com o cenho franzido, Katherine sair do bar, esperava que ela bebesse mais. Seu plano era deixar ela ficar bêbada o suficiente para ser sincera, pagar sua conta, colocar ela no carro e fazer mais e mais perguntas. A ideia de ir atrás passou rapidamente por sua mente, mas foi distraída quando o barman empurrou o copo em sua direção.

Talvez não fizesse mal ela não ser insistente por uma noite.

Margo, fingindo estar concentrada nos riscos na madeira escura do balcão, passou as pontas dos dedos pelo pulso da detetive ao seu lado. Camile ergueu as sobrancelhas e continuou bebendo, a ruiva passou as unhas pela parte interna do seu pulso com pressão o suficiente para deixar quatro pequenas marcas na pele branca. Steele terminou sua dose e saiu do banco, saiu andando em direção ao banheiro, o seu sorriso era mais que o suficiente para fazer Camile imaginar se deveria ou não ir atrás.

Aquele não era o tipo de coisa que a australiana costumava fazer, Na verdade, ela nunca havia feito isso. Ela não ia para bares beber, muito menos era paquerada daquele modo. Tinha que admitir que era melhor do que havia imaginado. Quando Margo passou as unhas pelo seu pulso, ela pôde sentir os pelos da sua nuca se arrepiarem com o contato.

Pagou a conta e seguiu o mesmo caminho de Margo Steele.

Capítulo 17

Ela sabia o quanto estava errada, o quanto estava sendo má agindo daquele modo. Afinal, aquela garota era sua irmã. E ela havia ficado desesperada de verdade com a possibilidade de perdê-la. Entretanto, ali está ela sendo uma filha-da-puta novamente. Tratando a garota da mesma maneira tudo e com certos pontos de crueldade.

Ela não conseguia controlar, a situação estava difícil e ela precisava descontar em alguém. E esse alguém sempre foi sua irmã caçula. Entretanto, agora ela se sentia um pouco culpada por ser uma completa vadia. Por estar agindo como se a culpa fosse da sua irmã se havia monstros como aquele homem.

Como poderiam saber que uma briga causaria tanta destruição?

Nunca poderia imaginar que sua irmã acabaria estando no lugar errado na hora errada. E que ela própria ainda era capaz de tratá-la daquele modo. Ainda conseguia olhar para ela com nojo e desprezo nos olhos, falava ofensas que sabia que a machucava e não conseguia simplesmente parar.

Era errado, era horrível e era tudo o que ela sabia fazer.

As costas da detetive queimavam tanto que ela se perguntou se ainda havia alguma pele em cima de sua carne. E ela estava com sono, muito sono. Ela desconfiava que dormiria com o rosto enfiado naquele monte de papel que deveria ler para fazer seu relatório. E ela estava um pouco irritada por não estar com sua "jaqueta de estimação".

Não que estivesse arrependida de ter seguido Margo para o banheiro. O jogo era divertido, ser seduzida era divertido e quase viciante. Mesmo que não fosse exatamente o melhor lugar do mundo para se fazer algo, era quente e apertado. Não era a primeira vez, talvez nem a última, que Simons se metia em uma situação daquela: sexo em um lugar apertado. A cabine era pequena, os boxes no vestiário do morgue eram maiores que aquela cabine, mal havia espaço entre o sanitário e as divisórias.

Steele a puxou para a última cabine, apesar de todas estarem vazias, o que Camile somente pensou no motivo e entendeu quando estava debaixo do seu chuveiro morno. Era realmente mais inteligente ter ido para aquela, afinal, era muito mais confiável se apoiar em uma parede sólida do que em uma divisória de plástico que parecia poder ser derrubada com um soco ou um chute. Margo era tão sexy e atraente que Camile estava babando por ela e ansiosa para tocar aquele corpo perfeito. Tinha que admitir: sexo casual era ótimo.

Pensando mais sobre isso, Camile percebeu que talvez tivesse feito aquilo para provar para Laurie — e para si mesma — que ela era mais do que capaz de transar apenas por transar. Que não precisava ter sentimentos por alguém, apenas a oportunidade e não estar bêbada a nível de dormir. Afinal, ela não sabia nada sobre a ruiva além do seu nome e que ela era a tentação.

Por causa dessa pequena aventura, pela primeira vez nos anos em que trabalhava no Instituto, ela chegou atrasada.

Camile Simons era o tipo de pessoa que foi criada para ser pontual, seu pai a ensinou desde pequena que seguir horários definidos era o correto e o comportamento esperado dela o tempo inteiro. E não importava o quanto fosse difícil, ela tinha que se sacrificar para estar no lugar certo na hora certa. Estava tão acostumada que foi desesperador ver que estava

atrasada, e que parecia outra realidade ela estar quase quarenta minutos atrasada.

E o pior: Vincent Brown havia pedido que ela fosse ao seu escritório assim que chegasse ao Instituto.

— Atrasada, Simons — ele disse assim que ela entrou no escritório — Quem tem problemas com horário é Cooper

— Desculpe, senhor — ela tirou o casaco, era estranho usar um casaco depois de estar tão acostumada a jaqueta, arrumou a camisa antes de sentar na cadeira a frente da mesa

— Está bem — ele a estudou — Como vão teus relatórios?

— Estão bem, obrigada — ela dobrou o casaco, fugindo do olhar inquisidor do legista-chefe

— Bem adiantados ou bem atrasados?

— Não estão muito atrasados, só um pouco — deixou a roupa perfeitamente dobrada em seu colo e massageou as têmporas — Preciso de mais tempo

— Você precisa entregá-los

— Só mais um dia, por favor

— A coisa não funciona assim, você trabalha aqui há anos. E sabe que, especificamente neste tipo de caso, quando tem agentes federais, os relatórios não são apenas para mim — ele se inclinou para frente apoiou os cotovelos na mesa e falou com um tom quase paternal — Cam, você já trabalhou sobre esse tipo de pressão.

— Já faz tempo

— Dois anos não é tanto tempo assim — ele ergueu as sobrancelhas — Vamos lá, você é capaz

— Brown...

— Simons — ele batucou os dedos na mesa — Só porque faz algum tempo, não significa que você não seja capaz

— Está bem — suspirou — Vou tentar me apressar

— Fique mais tempo no escritório e menos no laboratório — ele recostou na cadeira — Eu sei o quanto você gosta, mas precisa fazer seu trabalho

Camile assentiu e saiu do escritório, ela não gostava de pressão. Seu rendimento caía assustadoramente quando era pressionada a fazer as coisas. Ela não podia atrasar os relatórios, sabia disso. O prazo estava acabando, logo Carter começaria a encher sua paciência para que ela terminasse logo. Simons detestava relatórios chatos para os federais. Observar Katherine fazer as autópsias, ver Laurie trabalhar e ouvir suas explicações era muito mais agradável. Entretanto, ela precisava daquilo.

Agradeceu mentalmente a Stean por ele não fazer vítimas novas, ela imaginava que ele estava torturando alguém agora, e enfrentou a neve para ir para seu escritório.

Stean ergueu os olhos do livro quando a mulher ruiva entrou em seu apartamento, ela tirou os saltos que a deixavam com uma bunda arrebitada, a jaqueta que Stean sabia que não era dela, jogou a bolsa de qualquer maneira na mesinha de centro e se jogou pesadamente no sofá.

— E então?

— É uma missão bem melhor do que seduzir bêbados — ela respondeu com um sorriso safado no rosto e abriu o cinto apertado — Fazia muito tempo que eu não...

— Então ela caiu na sua? — interrompeu a mulher

— Sou irresistível — a ruiva riu baixo enquanto encarava o carrasco — Não sei como você resiste a mim

— Não quero detalhes sobre o que vocês fizeram, ou que seu orgulho sexual está abatido porque alguém no mundo não quer foder você. Eu só estou interessada em informações.

— Okay, chefe — Margo revirou os olhos — A tal legista loira está caidinha pela garotas. Com direito a ciúmes e tudo

— Previsível — Stean já sabia que, mesmo com a imagem e o comportamento de mulher fria e rude, a possibilidade de Katherine se apaixonar era alta — E a garota?

— Caidinha também, ou muito perto de estar

— Por que acha isso?

— Pelo modo que ela estava olhando pra legista

— Ela transou com você

— Sexo casual, muito bom, mas casual. E ninguém faz nada que ela faz pela loira se não estiver se apaixonando

— Steele... — cerrou os dentes e murmurou ameaçadoramente — Você não sabe de nada

— Stean, chefe do meu coração — Margo sorriu, mesmo que os pelos de sua nuca tenham se arrepiado com o tom — Acredito que a garota tenha o direito de tentar ficar com alguém e a loira parece uma pessoa legal

— Só por que ela é bonita?

— Também — o carrasco bufou — Ela bebe pra caralho e parece legal?

— Você tortura e mata estupradores e parece legal

— Não, não venha com essa história

— Só não vejo nenhum problema em Camile se apaixonar e ficar com alguém que aparentemente também sente algo por ela — levantou e deu de ombros — Tenho a impressão que elas podem...

— Cale essa boca — em um movimento rápido, Stean se aproximou da ruiva e agarrou seu pescoço com força, arrancando um gemido dolorido — Eu já disse que você não sabe de merda nenhuma

— Stean — gemeu e arranhou as mãos que agarravam seu pescoço — Não precisa disso

— Eu avisei para não me desafiar — apertou com mais força, vendo o desespero nos olhos cor de avelã da mulher — E nem para ousar me contrariar

— Eu só disse...

— Eu ouvi o que você disse — passou a língua entre os lábios e libertou Margo, que se afastou o mais rápido possível, do seu aperto de raiva — Nunca mais tente me contrariar

— Desculpe, chefe — massageou o pescoço, sua respiração voltava lentamente ao ritmo normal — Quando for me matar, ao menos me deixe morrer sabendo o seu nome

— Stean é o meu nome

— *Ninguém* nasce com esse nome. E eu só quero morrer sabendo o nome de quem fez tanta "justiça" com as próprias mãos

— Você é muito curiosa

— E você é muito misteriosa — deu de ombros e se virou em direção ao corredor —

Boa noite, chefe

Stean murmurou sua resposta e seguiu Steele com o olhar, viu ela desaparecer no banheiro e alguns instantes depois ouviu o chuveiro sendo ligado. Esfregou os olhos e bufou, ter perdido o controle era algo irritante. Se sentia idiota por ficar irritada tão facilmente, sempre foi assim, mas depois que sua caçada começou, estava sendo insuportável.

Depois de alguns minutos, que foi tempo o suficiente para Margo terminar seu banho e ir para o quarto de hóspedes, parada e pensando sobre as novas informações, Stean pegou a jaqueta que Steele deixou pendurada no cabideiro ao lado da porta. Sentou-se no braço do sofá com a roupa nas mãos.

Sabia que não era de sua subordinada por três motivos. Um, Steele não era o tipo de mulher que vestia roupas com aparência rude, que a fizessem parecer forte. Era o tipo que preferia as roupas delicadas e sensuais. Dois, Margo não havia saído do apartamento vestindo uma jaqueta de couro.

E o terceiro motivo faria Stean saber daquilo mesmo que fosse a primeira vez em que via a ruiva: o cheiro.

As pessoas tem cheiros diferentes, mesmo que usem exatamente o mesmo perfume. Duas jamais tem o mesmo odor. Para Stean, o cheiro é como uma digital e o DNA. E, se alguém tem alguma roupa há algum tempo, o perfume desse alguém fica impregnado no tecido. Jaquetas de couro costumam durar um bom tempo, tempo mais que suficiente para que absorvessem a fragrância do seu dono.

E a jaqueta em suas mãos estava com sua dona havia anos e Stean tinha certeza que podia sentir o doce no ar. Revirou a roupa nas mãos, sentindo a textura. Podia imaginar como estava aquecida quando Camile a ofereceu para Margo. Podia imagina a cena toda, o sorriso suave e o tom de voz gentil da detetive e o olhar de agradecimento da ruiva, o ar de sedução sutil e leve constrangimento.

Ela gostava de associar memórias a cheiros e sabores, parecia tão fraco, não o suficiente para se lembrar de muitas coisas. Stean suspirou e colocou a jaqueta mais perto do rosto, o cheiro era atraente e ela enfiou o nariz no couro. Respirou fundo, o doce entrou como uma dose de cocaína em seu nariz. A informação do cheiro entrou em seu cérebro como agulhas violentas, as lembranças associadas ao doce vieram como um tsunami.

Com os olhos fechados, o rosto enfiado no couro, ela não percebeu que Margo a observava com um pequeno sorriso no rosto.

Capítulo 18

Ela já havia perdido muitas coisas em sua vida, isso era algo que a fazia perguntar se existia alguma razão para ela continuar a ter esperança que um dia ficaria bem. Se algum dia seria definitivamente feliz. Todas as vezes que as coisas davam certo, alguma merda acontecia.

O que dava motivos o suficiente para ela desistir de tudo.

Ela estava na poltrona, seu apartamento era frio e vazio. A única outra coisa quente, além do motor da geladeira, era o gato preto que estava deitado no sofá e a observando. Ele parecia compreender que sua dona estava sofrendo. Em uma mão estava a garrafa de cerveja, na outra mão estava sua arma. Ela encarava a pistola, pensando se deveria realmente desistir.

Parecia justo, uma vida por uma vida. Ela havia falhado miseravelmente no seu trabalho, na sua única função, não havia feito a única coisa que deveria fazer. E ela não se achava forte o suficiente para aguentar tudo aquilo.

Bem, poderia aguentar bem um término de namoro. Poderia aguentar perder um amigo. Poderia aguentar perder o irmão. Mas não tudo tão perto, com dias de diferenças entre as perdas. Isso, ninguém aguentaria. Por isso, mesmo que tivesse sido forte nas duas últimas semanas, meter uma bala na própria cabeça parecia a opção mais viável.

Respirou fundo e colocou a arma encostada na têmpora, sentindo o frio do metal lançar arrepios pela sua coluna. Seu dedo encaixava perfeitamente no gatilho. E ela nunca se sentiu tão pronta para morrer.

— Simons! — Camile ergueu os olhos quando ouviu Laurie a chamando — O que você fez?

— Nada — mordeu a ponta da caneta, olhando sua amiga com confusão estampada no rosto — Pelo menos que eu me lembre

— Tem certeza? — ergueu as sobrancelhas — Katherine está mau humorada

— Ela está sempre de mau humor — voltou a olhar para seu relatórios — E eu nem a vi hoje, então a culpa não é minha

— Talvez seja esse o problema — disse e entrou no escritório — E você chegou atrasada

— E o que isso tem a ver com o mau humor crônico dela? E ela não gosta de mim, tenho certeza que faz muito bem a ela não me ver — mordeu a caneta com mais força, essa ideia não era a mais agradável — Todo mundo pode chegar atrasado e eu também

— Cam, Cam, o que está escondendo?

— Nada — bufou e continuou anotando o que deveria colocar em seu relatório, Laurie deu a volta na mesa, empurrou algumas pastas e sentou — O que quer?

— Saber o que você fez ontem?

— Eu fui atrás dela tentar convencer ela de parar de beber e, para a grande surpresa, ela não quis saber

— Tentou falar sobre falou com ela sobre a noite de vocês?

— O que queria que eu falasse? Não tem nada para falar

— Claro que tem, Cam — deu um tapa fraco em sua testa — Sua besta, ela devia estar esperando que você falasse alguma coisa — Camile revirou os olhos — Vamos lá, você

emprestou roupas pra ela

— Porque as dela estavam cheirando a cigarro

— E ela te deu uma carona e dormiu no seu apartamento

— Porque estava tendo uma nevasca

— Você não deu carona pra ela ontem

— Não

— Vamos, o que você fez?

— Eu já disse

— Mas ela ficou irritada, o que você fez?

— Ela não se decide — largou a caneta e encarou Laurie, começando a se irritar —

Se eu insisto, ela fica puta comigo. Se eu deixo ela beber em paz, ela também fica puta comigo. O que você quer que eu faça?

— Que converse com ela

— Ela não gosta de conversar

— Beije e depois converse

— Por que está tão obcecada com essa história?

— Você levou ela pra cama

— Sexo casual

— Você é puritana demais para isso

— Não sou não

— É sim

— Não duvide — se levantou — Você não me conhece

— Conheço o suficiente, Cam — encarou a garota com desafio no olhar — Você não faz sexo casual

— É tão difícil assim acreditar?

— É só olhar para você

— Pois saiba, querida Becker — apoiou uma mão de cada lado da garota — Que tinha uma ruiva muito gostosa no bar ontem

— E que tenho sérias dúvidas sobre o que fizeram. Você não levou ela para sua casa, você não emprestou sua roupa para ela e nem a deixou ver as suas cicatrizes — Camile cerrou os dentes — Mesmo que você tenha emprestado a jaqueta, isso não muda o fato que com Cooper não foi casual

— Laurie

— Olhe — desceu da mesa e empurrou a detetive pelos ombros — Há uma grande diferença entre transar com uma ruiva que você conheceu no bar e com uma mulher que você passou o último ano tentando conseguir a amizade — deu um tapa leve na bochecha dela — E é por isso que Katherine está de mau humor

— Bobagem

— Não, expectativa e ciúmes. Ela esperava que você falasse alguma coisa e o que você fez? Fodeu tudo levando uma ruiva aleatória para cama

Sorriu para a detetive e saiu da sala, a deixando plantada no lugar com a mente cheia de pensamentos sobre o que ela havia acabado de dizer.

Vincent Brown era um homem paciente, Katherine sabia disso e admirava essa característica

do homem. Ela se lembrava de como foi a primeira vez em que conversaram. De como ele explicou que não o trabalho no Instituto Davis Archer era um pouco diferente do trabalho dela na cidade. Sua função não era muito diferente, continuaria sendo a médica-legista, a mulher que abria corpos e descobria o que os mortos tinham a dizer. Mas, dessa vez, ela trabalharia com uma detetive. Com uma parte mais policial da coisa toda. Seria a primeira a ser chamada quando houvesse alguma morte suspeita.

Não trabalharia mais apenas com casos simples, assassinatos também aconteciam em uma cidade pequena. Seus relatórios não seriam mais mandados diretos para o legista-chefe, ela precisava entregá-los para sua parceira. Essa era seu pequeno problema, antes de aceitar, ela ficou mais tempo pensando sobre aquela história de trabalhar com alguém do que para onde iria.

Mesmo depois de um ano, ainda não entendia porque Brown havia procurado em outra cidade, em outro estado, por ela. Por alguém para trabalhar com Simons. Havia outros legistas em Beschi, havia muitos outros em Minnessota, porque ir atrás dela? Ela não sabia o que havia de tão interessante em si, mas não podia reclamar. Nem por um segundo pensou em negar, afinal, não tinha mais nada a perder. Era a oportunidade de se afastar, de tentar esquecer tudo em outro lugar.

Passaram-se sete meses entre o dia em que ele apareceu em seu quarto de hospital até o dia em que ele a levou para Beschi. Sete meses entre a frase “seu futuro chefe” até “essa é a sua parceira”. E agora, um ano e algumas mortes depois, Katherine estava puta consigo mesma por ter aceitado. Ela poderia ter ficado, poderia trabalhar em algum hospital. Poderia apenas fazer autópsias de doentes, de mortes acidentais e não precisaria fazer relatórios de homens torturados.

E não estaria irritada por um motivo idiota. Nem confusa, nem com medo e nem com vontade de chorar. Poderia estar tranquilamente abrindo o corpo de um garoto que morreu com uma bola de baseball em seu peito em vez de estar pensando em uma ruiva no bar que havia seduzido uma detetive que ela detestava. Ou talvez não detestasse tanto e era aí que morava o problema. Estava irritada por ter ficado com ciúmes.

E mais ainda por saber que ciúmes, quando ela sentia, era sinal de que estava começando a gostar de alguém.

Sentimentos nunca foram o forte de Katherine, eles nunca estavam em seus planos. Entretanto, eles existiam, eles nasciam em horas inoportunas e por pessoas que acabavam indo embora. Ela nunca tinha a chance de pensar, de escolher, eles simplesmente brotavam em seu peito. E o ciúmes era o primeiro sinal que eles estavam lá, estavam apenas esperando ela aceitar, admitir e correr atrás da pessoa por quem eles existiam.

Quando ela aceitou a proposta de Vincent, ela não pensou que poderia sentir alguma coisa pela detetive. Ela imaginava, na época, que estava tão destruída que seria indiferente, que seria apenas profissional. Entretanto, ela não gostou da garota. E não fez questão de esconder, foi o mais rude que conseguia ser. Foi fria do modo que aprendeu que deveria ser enquanto era a criança que ninguém adotava, a adolescente que ficavam afastados.

Com dezoito anos, ela já havia desistido de alguém gostar dela. E por causa disso, sentimentos não era bem vindos. Claro que ela podia ser simpática, podia ser adorável, fofa, gentil e carinhosa. Mas, assim que chegou em Beschi, ela fez questão de ser fria e antipática, assim, ela acreditava, faria a detetive não tentar ser sua amiga.

E falhou miseravelmente, pois, mesmo com tantas patadas, Camile havia insistido. No começo, apenas não gostava, Depois, começou a detestar. Chegou ao ponto de odiar. Até Stean aparecer e foder tudo. Até o inverno fazer ela ver uma garota ser gentil ao ponto de tirar neve semicongelada de perto dos pneus do seu carro. Um corpo no açougue fazer ela ver uma garota frágil. A bebida e o tesão fazer ela ver uma garota sexy e boa de cama. Uma nevasca e a teimosia fazer ela ver uma garota ferida.

Até uma ruiva no bar fazer ela ver que Katherine Cooper era um clichê estava definitivamente apaixonada pela parceira.

Aquilo era nojento e doentio até para ela, mas repetir demais torturas era entediante. Stean, com seu estômago se revirando, abriu o pote cheio de baratas, estavam sonolentas, o que era menos nojento. Se perguntava como a mulher delicada que Margo era havia conseguido os insetos. O homem amarrado arregalou os olhos quando viu o pote, ele se contorceu.

Ela colocou o pote na mesinha ao lado da cadeira, sorrindo com o pânico que causava nele. Pegou a *silver tape* e arrancou um pedaço, prendeu a ponta na beira da mesa. Tirou o pano que amordaçava o homem, tateou em busca do ponto de pressão na mandíbula e o obrigou a abrir a boca. Com nojo, mesmo usando luvas de látex, pegou um dos insetos e enfiou na boca dele.

Ele gemeu, quase chorando, e tentou fugir da tortura. Ela deixou ele fechar a boca e tapou com a mão. Ele grunhiu enquanto sentia o bicho se movimentar em sua língua.

— Mastigue — ela rosnou e sacudiu a cabeça do homem — Mastigue agora, porra

Ele choramingou e obedeceu, triturando o inseto com os dentes e sentindo seu estômago protestar. Ela riu da agonia dele, sentia prazer com a dor dele. Fechou seu nariz com o polegar e o indicador, fazendo ele sufocar.

— Engula

Ele tentou fugir, mas percebeu que ela o deixaria sufocar se não obedecesse a ordem. Engoliu. Ela ficou dois segundos o deixando sufocar antes de tirar a mão de seu rosto. Esperou alguns instantes, ele ameaçou vomitar e ela tampou sua boca. Quando conseguiu garantir que ele manteria o inseto dentro do estômago, forçou outra vez sua boca a abrir e repetiu o processo.

Era a tortura mais nojenta que ela havia feito, quando sobrou (depois de obrigar ele a comer e aguentar a ânsia de uns quinze insetos) umas dez baratas asquerosas dentro do pote, ela parou de obrigá-lo a comer. Rapidamente, enfiou as restante, fechou a boca dele e colocou a tira de *silver tape* sobre seus lábios. Ele choramingou e se contorceu, balançou violentamente a cabeça, como se isso fosse fazer elas saírem.

Stean sorriu, ela adorava saber que causava dor em alguém como ele.

Capítulo 19

— Fletcher... — a loira murmurou, suas mãos agarravam a parte de trás da jaqueta de couro — Não acha perigoso?

— É só uma casa vazia — a garota riu e apontou a lanterna para todos os cantos do hall — Pare de tremer tanto

— É uma casa vazia, escura e são três da manhã — a puxou para perto quando ouviu um barulho, a garota virou a lanterna em direção ao som a tempo de ver três ratos se escondendo atrás de uma caixa — Com ratos

— Ratos são apenas bichinhos

— Bichinhos porra nenhuma — ela enfiou o rosto na nuca dela, o nariz enfiado no cabelo escuro e curto — Temos que fazer mesmo isso?

— Pare de ser medrosa, meu amor — virou a lanterna para o corredor — E não fique tão grudada

— Nem fudendo vou me afastar de você nesse lugar

— É só uma casa vazia — confiante, andou até as escadas — Vamos — colocou o braço para trás, oferecendo para a loira agarrar sua mão, coisa que ela fez imediatamente — Não tem nada demais

A madeira velha rangia sob o peso delas, a loira tremia um pouco com o nervoso que sentia em estar ali dentro. Apertava sua mão com tanta força que as unhas marcavam a pele alva da garota. Ela arfava, não gostava do escuro, do silêncio e do ar opressor que a casa tinha.

— Péssima ideia, péssima ideia

— Confie em mim — riu baixo — Não tem ninguém aqui

— Na última vez que eu entrei em um lugar vazio tinha alguém — resmungou, a outra apertou sua mão com força — Desculpe, desculpe

A loira suspirou quando o aperto diminuiu, às vezes falava coisas sem pensar e esquecia o quanto a outra podia ser sensível.

Camile enfiou as mãos nos bolsos do casaco, ainda se perguntando como Laurie sabia que ela havia emprestado sua jaqueta para Margo. E também se perguntava se a mulher estava certa, se Katherine estava de mau humor porque Camile havia dado atenção para a ruiva. Tinha quase certeza que Katherine não sabia sobre o que haviam feito no banheiro, mas achava que ela poderia ter deduzido. Como Simons saberia que ela esperava que a detetive falasse algo sobre terem ido pra cama, ou sobre seu pesadelo e como ela havia precisado de Katherine naquela noite.

Ela se sentia estúpida por não ter pensado sobre aquilo. Mas não era sua culpa se Katherine sempre mostrava que não queria nada com ela, nem mesmo falar com ela. Como ela poderia desconfiar que a legista poderia criar alguma expectativa, poderia esperar que ela falasse alguma coisa?

Ela sabia que Laurie provavelmente estava certa, como sempre.

Por isso, tentando ganhar tempo para pensar, ela obrigou Carter a ir para a cena do crime quando Brown disse que havia um novo corpo. Para seu nervosismo, Vincent a mandou descer ao morgue e assistir a autópsia. Quando chegou lá, Katherine estava

concentrada em fazer o exame externo, com Abigail a observando de braços cruzados ao seu lado e Holly ajudando do outro lado. Terminou de ajustar a máscara enquanto se aproximava da única mesa ocupada.

A primeira coisa que reparou foi que ele não estava tão machucado quanto os outros, depois no pedaço de *silver tape* na boca dele. Depois de terminar o exame externo, Katherine, com cuidado, cutucou a beira da fita para conseguir soltá-la da pele. Era um pouco difícil com a luva cirúrgica, mas ela conseguiu. Tirou e colocou dentro do saco de evidência que Holly segurava. Ela abriu a boca do cadáver com cuidado, com precaução para o que poderia ter ali.

Camile se arrependeu de ter olhado. Tudo o que havia em seu estômago quis sair no instante que seu cérebro registrou o que havia dentro da boca dele.

Às vezes ela pensava que sua aversão a baratas era uma questão de frescura, mas era algo que ela não podia controlar. Chegava a machucar precisar controlar a ânsia. O ácido queimava enquanto fazia o caminho pelo seu esôfago para ser expulso. Ela engoliu saliva, tentando manter sua integridade moral e não correr para o banheiro vomitar por ter visto baratas mortas na boca de um cadáver.

— Simons? — Abigail se inclinou por cima do corpo — Você está bem? — Camile assentiu, Carter ergueu as sobrancelhas, desconfiada — Tem certeza?

— Tenho — sua voz saiu sufocada pelo esforço que ela vazia para acalmar sua revolta estomacal

— Você parece enjoada — Camile cruzou os braços, os apertando contra si com a esperança que isso fizesse seus problemas diminuir — Muito enjoada

— Estou bem — cerrou os dentes

Abigail continuou a observando, seu instinto nunca se enganava quando dizia que alguém estava mal. A detetive voltou a olhar para o cadáver, seus olhos fixos no peito imóvel dele. Abigail olhou para Katherine, sabia que a legista também havia percebido que Camile estava mentindo mas não queria dar sinais de ser alguém com coração.

Deu a volta na maca e segurou o ombro da detetive, que se encolheu com o toque. Escorregou a mão e agarrou o braço firme da garota e começou a puxá-la para fora. Camile resistiu por alguns segundos antes de se deixar ser levada.

Parecia menos pior ser arrastada para fora do que correr. Abigail a puxou até o vestiário, o banheiro parecia longe demais para uma garota que já estava tremendo.

Camile abaixou a máscara, apoiou as mãos na bancada da pia e pôs para fora os restos de café da manhã e lanche. Abigail, sendo atenciosa, passou a mãos em suas costas enquanto esperava ela colocar tudo o que havia consumido para fora. Tossiu com a ardência que a acidez causava. Fechou os olhos com força, ofegando e apertando a beira da pia com toda força que tinha. Abigail abriu a torneira para que o jato de água fizesse aquilo escoar para dentro do ralo. Camile encheu a mão curvada de água e lavou a boca, depois jogou água gelada no rosto e respirou fundo.

— Está melhor? — sussurrou com as mãos em seus ombros — Simons?

— Estou — esfregou o rosto — Foi só... um pequeno enjoô

— Acho melhor da próxima vez não olhar — apertou os ombros — Quer voltar?

— Preciso? — resmungou, virou para ficar de frente a agente e secou as mãos no

jeans

— Não — com o polegar e o indicador, tirou a máscara da garota — Só ler o relatório, Brown vai entender

— Hm, obrigada — sorriu de leve

— Está me devendo essa — deu um soco fraco no ombro da detetive — Pague uma vodka pra mim e está tudo certo

— Quando quiser — afundou as mãos no bolso e murmurou — Obrigada mesmo

— Tudo bem — segurou seu ombro — Agora vai pro seu escritório

Camile sorriu agradecida, assentiu e fez o que foi sugerido. Carter ajeitou a máscara no rosto e voltou para o morgue. Quando voltou a se posicionar ao lado da legista, ela já havia tirado os insetos da boca do homem e já estava abrindo o peito dele. A única parte, além das baratas na boca, que foi diferente foi quando ela abriu o estômago e viu que havia mais insetos ali.

Foi uma ótima ideia não fazer Simons voltar, provavelmente ela colocaria o próprio estômago para fora.

Depois de terminar a autópsia e seguir sua rotina, Katherine foi em direção ao escritório e Carter a seguiu. A legista jogou a ficha na mesa bagunçada e caiu na cadeira. Fechou os olhos e esfregou o rosto, sua cabeça latejava. Parecia que alguém estava batendo em sua cabeça, esmagando seu cérebro.

— Ressaca? — Carter sentou na cadeira e observou a legista

— Como sabe?

— Te conheço — cruzou os braços — Você deveria se cuidar mais

— Eu estou bem — enfiou os dedos no cabelo — Não se preocupe

— Eu me importo com você, acho meio difícil não me preocupar

— Pare com isso — encarou a agente — O que quer?

— Estou sendo gentil — cruzou as pernas — Vocês deveriam conversar

— Vocês quem? — bufou

— Você e Simons — Katherine revirou os olhos

— Não preciso conversar com ela — puxou a pasta — Becker também falou disso

— Ela raramente erra

— Não vou conversar com ela — abriu a pasta e começou a folhear — Não tenho motivo

Carter riu baixo e observou por alguns instantes a legista. Ela sabia que as pessoas mudavam, apenas não entendia como alguém mudava tão rápido. Não pretendia insistir, uma hora elas acabariam conversando. Mesmo que soubesse o quanto Katherine podia ser teimosa, o quanto ela sabia escapar e fugir de qualquer coisa que envolvesse sentimentos.

E se Becker estivesse certa, teria que prender as duas juntas em uma sala e obrigar elas a conversarem. Ou esperar que alguma coisa acontecesse.

Capítulo 20

— Não sobe aí — o homem chamou — Você vai se machucar

— Não vou não — ela respondeu e continuou subindo na árvore, estava pendurada em um galho e tentava subir, seus pés escorregavam no tronco — Confie em mim

— Você fala isso para todo mundo — ele cerrou os dentes — Estou mandando você descer

— Estou quase lá — para uma garota de doze anos, ela era teimosa demais, e era forte o suficiente para se pendurar ali — Quase...

— Você vai cair

— Não vou

— E vai se machucar

— Não vou — grunhiu e conseguiu içar o corpo para cima do galho — Viu, aqui estou — sentou, as pernas penduradas de cada lado do galho e apoiou as costas no tronco — E eu não me machuquei

— Desce logo — ele massageou a nuca — Olhe, desce, você vai cair

— Não vou não — colocou as pernas para cima do galho — Pai, sobe também — ela sorriu — Aqui é mais fresco

— E mais perigoso — ele detestava quando ela era teimosa daquele modo — Se você cair pode quebrar alguma coisa! — ele se aproximou da árvore — Pode cair e quebrar um braço ou uma perna. Talvez a coluna, a cabeça ou o pescoço

— O senhor é muito exagerado — se inclinou levemente em direção ao homem — Não vou me machucar, te prometo

Katherine olhou para fora, a nevasca estava realmente forte. O vento soprava violentamente e fazia os flocos de neve baterem com força nos vidros. Ela sabia que deveria ter ido para casa antes, mas precisava finalizar relatórios e acabou perdendo a hora. E agora estava ali presa, sem poder ir para seu apartamento. Sabia que não estava sozinha, que os guardas e Brown ainda estavam no prédio.

Sentou na cadeira, apoiou os braços na mesa e enfiou o rosto ali.

— Ei — Camile chamou, Katherine resmungou alguma coisa apenas para mostrar que havia escutado — Posso entrar? — a legista assentiu — Você está bem?

— Estou — ergueu a cabeça e apoiou o queixo no punho — E você?

— Uhum — entrou na sala e sentou na cadeira — Parece que estamos presas aqui — cruzou as pernas — O louco do Brown disse que não ia ficar e foi se aventurar na neve

— Isso é insano

— Eu sei — começou a brincar com os elásticos que ficavam no pulso — Vamos ter que dormir aqui — Katherine bufou e enfiou o rosto nos braços — Não é tão ruim

— Pra você, que tem talento para dormir

— Você consegue — riu e encolheu os ombros — É só encontrar o lugar

— Quem tem um sofá no escritório é você

— Durma na mesa

— Na mesa? — encarou a mesa, avaliando a proposta — Ela vai quebrar

— Você não é tão pesada quanto acha. E eu peso muito mais e ela não vai quebrar se

eu sentar em cima — levantou, empurrou a pilha de pastas para longe, deixando ainda mais bagunçado e sentou, com as pernas ao lado da legista, no espaço que abriu — Viu?

— Eu não vou deitar ne e você já pode sair

— Pare de ser tão resmungona — desceu e ficou encostada na mesa, de braços cruzados — Você vai ter que dormir em algum lugar

— O chão parece mais seguro do que a mesa

— Só porque não tem como cair dele

— Ou que ele quebre — esfregou o rosto — E você vai dormir onde?

— Planejava dormir aqui — Katherine a encarou — O que? É o único lugar viável, os outros escritórios estão trancados e não pretendo dormir no saguão ou no morgue

— Está bem — bateu os dedos na mesa e resmungou — Vai ser uma péssima noite

— Já tive piores — respondeu e se desencostou da mesa, pegou uma pilha de pastas e disse antes que a legista pudesse perguntar — Melhor do que dormir com a cabeça no braço

Empurrou a cadeira com o pé e colocou as pastas no chão, perto da mesa. Pegou outra pilha, arrumou e colocou perto da porta. Daquele modo, teria uma certa distância segura entre elas. Tirou o casaco, aproveitando o fato do prédio ser todo aquecido, fechou o zíper e o colocou dobrado em cima das pastas perto da porta. Esperou Katherine fazer o mesmo com o casaco que estava pendurado nas costas da cadeira e apagou a luz. Deitou virada para a porta, Katherine deitou virada para a mesa. Por alguns minutos, Cooper tentou se concentrar para dormir. Só ouvia o som da nevasca do lado de fora e a respiração baixa da detetive atrás de si.

— Sem sono? — Camile falou baixo

— Como sabe?

— Sua respiração — deu de ombros, os olhos fixos na fresta entre a parte inferior da porta e o chão — Ela muda quando você dorme

— Você presta atenção em tudo

— Gosto de observar

— Percebi — ajeitou um pouco melhor o casaco debaixo da cabeça

— Por que não consegue dormir?

— Não estou acostumada a dormir sem beber

— Na última nevasca, você não bebeu antes de dormir

— Simons

— Está bem... — apertou os braços ao redor do próprio corpo — Quer conversar? Pode te dar sono

— Conversar sobre o que?

— Qualquer coisa — Camile deu de ombros, Katherine virou, podia ver a silueta da detetive com a luz que entrava pela fresta — Sobre como você pode ser adorável

— Eu não sou adorável

— Está sendo — ouviu a legista bufar — Por que faz isso?

— Bufar? Porque você enche a paciência

— Não, não isso. Estou perguntando porque me trata assim. Por que me dá esses foras? E também é tão... gentil algumas vezes. Como naquele dia no matadouro. Você foi tão rude e depois tão gentil. E no dia da nevasca, parecia que... que talvez você se importasse comigo. Era mais fácil quando você era fria o tempo inteiro, eu não precisava tentar

descobrir o que ia receber. Se você ia ser filha da puta ou não. — ela virou, ficando de barriga para cima, as mãos juntas sobre o estômago e olhando para a escuridão acima — Não que eu gostasse de quando você era assim, apenas é mais simples saber que alguém vai te tratar do mesmo jeito do que ficar nessa dúvida.

“Você me deixa confusa. Eu tinha certeza absoluta que você me odiava, e então você faz aquilo que fez no matadouro. Sabe, não fez sentido. Faria mais sentido você ter me xingado e mandado um dos peritos me arrastar para fora. Mas não, foi toda gentil. E depois, foi você quem me beijou. Sabe, você estava bêbada, eu não. E só aconteceu... e eu não sinto aquilo. Não é o tipo de coisa que eu faço. Você foi tão... perfeita no dia da nevasca. Isso não é justo, Katherine, não se faz isso. Você não pode tratar uma pessoa como se a odiasse e também como se... como se a amasse.

“Eu só quero que você não me deixe no escuro, que não me faça ter que estar o tempo inteiro atrás de um escudo. Que você me diga o que eu fiz. Eu só preciso de um motivo!”

— Eu só... eu só estava com medo. — murmurou, ela não queria que suas muralhas ruíssem, mas ela sabia que uma hora aquilo aconteceria, seus olhos estavam se enchendo de lágrimas — Eu sou covarde

— Medo de quê?

— De me apaixonar — viu Camile virar em sua direção — Eu achei que se agisse assim, nada mudaria. Seria simples, seria fácil, não teria sentimentos. Eu não quero me importar, eu não quero precisar ou sentir. Eu sempre fui péssima com sentimentos, eu sempre acabo com tudo. Eu só queria não correr o risco de ter e perder — fechou os olhos — Eu só queria manter você longe, o que deveria ser fácil enquanto eu agisse como se te odiasse. Mas você é teimosa demais. Parece que não adianta o quanto eu tente, você não desiste

— Eu não desisto das pessoas — esticou o braço e tocou o rosto da legista — Mas... por que você mudou? Por que parou de agir sempre do mesmo modo?

— Eu não sei, eu só sei que não deu muito certo — suspirou — Eu não deveria me importar, eu não deveria querer conhecer você. Eu não deveria me importar se aquele cara pendurado te deixou daquele modo, como se te lembrasse alguma coisa. Eu não deveria me importar se você tem cicatrizes que é óbvio que alguém fez elas. Eu não deveria me importar se você tem pesadelos e se parece mais tranquila quando alguém te abraça. Eu não deveria sentir tudo isso. — cobriu o rosto — Eu não deveria ter me apaixonado

— Katherine... — se arrastou para mais perto, abraçou os ombros da legista, que agarrou sua camisa e afundou o rosto em seu peito — Eu não sabia — murmurou e apertou ela contra si — Eu não esperava isso

— Desculpe

— Não precisa pedir desculpas — acariciou as costas — Só precisa me dizer o que vai fazer. Agora que, bem, agora que você disse essas coisas. Eu só preciso saber se vai continuar me chutando ou vai ser a mulher gentil que você sabe ser.

— Eu não sei — murmurou — Eu não costumo falar o que sinto

— É bem mais fácil quando fala — ficaram em silêncio alguns instantes antes da detetive chamar — Katherine?

— Hm

— Você gosta de mim

— Foi o que eu acabei de dizer

— E por isso estava de mau humor? Por causa da ruiva?

— Não — cerrou os dentes

— Kathy...

— Kathy?

— Você não me odeia, isso me dá o direito de te chamar por algum apelido e seu nome é muito grande. Enfim, você ficou com ciúmes?

— Não

— Não minta

— Você pode transar com quem quiser

— Quem disse que eu transei com ela?

— Que tal o modo como ela estava falando? — seu tom mostrava que ela estava claramente com ciúmes

— Isso não é prova

— Agora quem está mentindo é você

— Então admite que estava com ciúmes

— Era uma mulher bonita

— Bastante — Katherine bufou — A culpa não é minha se você me deu um fora, se ela me deu confiança, se Laurie é uma vadia que sempre está certa

— O que Laurie tem a ver com isso?

— Ela é minha melhor amiga, ela sabe de tudo. Então ela sabe que eu fui pra cama com você e... e ela me conhece. Ela disse que eu não faço sexo casual, por isso eu transei com a ruiva

— Parece que ela errou uma vez

— Não, não errou não — suspirou — É diferente. Ela estaria errada se eu tivesse sentido a mesma coisa... mas eu não senti — enfiou o nariz no cabelo claro — Eu nunca pensei no porquê de ter continuado a insistir todo esse tempo, mas não é apenas porque sou teimosa.

Camile continuou acariciando suas costas, ainda não poderia dizer exatamente o que sentia, mas ela tinha quase certeza de que não era apenas teimosia que a fazia continuar tentando.

Capítulo 21

Margo Steele se lembrava perfeitamente de quando vuiu Stean pela primeira vez. Foi algo que tenso, o tipo de coisa que poderia fazer duas pessoas se aproximarem.

Quase dois anos antes, um época em que as taxas de criminalidade estavam altas e todos na cidade estavam com um certo medo de nadar por lá. Uma noite, ela bebeu mais do que deveria. Quando percebeu que havia algo errado quando suas costas bateram na parede de pedras. Ela nunca ficou tão desesperada quanto naquele instante com o homem perto dela. Ele já havia conseguido arrancar sua blusa e aberto o shorts quando alguém chegou por trás dele e acertou uma garrafa de cerveja na cabeça dele.

A mulher apenas pegou sua blusa, devolveu, garantiu que Margo estava bem e sumiu na noite. Steele ficou alguns instantes parada antes de arrumar a blusa e voltar andando para seu apartamento.

Claro que naquela noite ela não descobriu o nome daquela loira naquela noite. Ela gostaria de saber, gostaria de poder ir atrás dela para agradecer o que ela havia feito. Naquela época, a cidade estava um caos. A esposa do prefeito havia sido assassinada, a polícia havia acabado caindo em uma confusão.

Quase quatro meses depois do incidente, a loira apareceu em seu apartamento, se apresentando como Stean e perguntando se ela estava disposta a aceitar um novo emprego. A remuneração era boa, a loira oferecia uma boa quantidade de dinheiro para fazer coisas simples, como ajudá-la a manter o apartamento limpo nos dias em que viajava. Ela sabia que haveria algo a mais, que Stean tinha algum plano grande. Principalmente levando em conta o número de recortes de jornais, fotos e anotações que a loira fazia.

Ela fazia perguntas que Margo apenas respondia sem saber o porquê. Perguntava o que a ruiva pensava sobre assassinatos em série, estupradores e tortura. E Steele apenas dizia que não pensava muito sobre isso. Depois de meses apenas mantendo o apartamento limpo e respondendo perguntas estranhas, Stean finalmente disse a ela que tinha um plano. Um plano macabro, mas era o que queria há um bom tempo.

A ajuda que precisava, no começo, era apenas que Steele usasse seu talento em organização para arrumar o quarto em que as torturas seriam feitas. Margo não precisaria ver, ou fazer, ou ajudar a esconder os corpos. Apenas precisava seduzir os homens que Stean pedisse e depois levá-los para a toca do lobo.

Margo os pegava e Stean fazia o resto.

Ela tinha que admitir, não era tão agradável assim seduzi-los, mas era tão fácil que valia a pena. Quem não quer receber para fazer o que faz de melhor? Claro que ela não sabia todos os detalhes do plano sádico, ela não sabia as motivações que levariam uma garota a fazer aquilo. Não sabia se era por causa de alguém ou porque havia sofrido alguma coisa. Steele achava que, qualquer fosse a razão, era alguma coisa muito forte para fazê-la agir daquele modo.

Admitia que a parte mais divertida foi precisar observar um pouco a tal detetive e a legista. De longe podia perceber que o que havia entre as duas, mesmo que nem elas soubessem, era mais do que um relacionamento profissional. E também que Stean não estava muito feliz por isso, apenas precisava saber por causa de qual das duas o ciúmes dela acordava.

Então a assassina mandou que ela sondasse mais de perto, como conhecia e confiava no talento de conquista, pediu para a ruiva seduzir a detetive. Foi fácil e simples, ela havia esperado que fosse mais difícil, levando em consideração como a garota olhava por cima do seu ombro em direção a legista. Mas ela havia conseguido, e também conseguido a jaqueta e tinha certeza absoluta que Stean sentia alguma coisa pela garota. Afinal, se não sentisse, a loira não teria ficado tanto tempo sentada no braço do sofá com o rosto enfiado na jaqueta.

Admitia que aquela jaqueta tinha um cheiro bom, mas provavelmente esse não era o único motivo.

Margo Steele apenas estava em Beschi porque sua vida lá era simples, não queria sair daquela rotina. Mesmo trabalhando para uma assassina em série, sua vida era tranquila. Estava por lá a sua vida toda, a maior parte do dinheiro que recebia ficava guardado. Algumas vezes, seu irmão pedia alguma grana e ela podia emprestar sem pensar duas vezes. Não fazia ideia de onde a loira tirava aquilo, afinal, sabia que ela não trabalhava. Sua reserva parecia infinita.

Mas seu trabalho era apenas fazer o que era pedido, sem perguntar nada a ninguém.

Capítulo 22

O homem apertou mais a pasta entre os dedos e empurrou a porta com a mão livre, estava destrancada e isso o incomodou profundamente. Mesmo sendo uma cidade pequena, ainda era perigosa. Não era uma boa ideia deixar a porta do seu apartamento aberta. Isso o incomodou, a garota normalmente era cuidadosa e aquilo mostrava o quanto ela não estava se importando com mais nada.

Ele ficou alguns segundo parado perto da porta, olhando e estudando ao redor. Estava acostumado com bagunça, sabia que ela não conseguia deixar tudo arrumado. Mas havia uma diferença entre bagunça e sujeira. Havia latinhas amassadas de soda, garrafas vazias de cerveja, pacotes rasgados de salgadinhos. E o que mais o preocupou foi o cheiro de fumaça e os maços amassados no chão.

A dona do apartamento estava no sofá, as pernas esticadas e apoiadas na mesa de centro. Uma mão enfiada no pacote de salgadinhos e a outra segurando uma garrafa de cerveja. Sem tirar os olhos da TV, que passava um programa de algum esporte que o homem não foi capaz de reconhecer, ela comia e bebia.

— Aqui está precisando de uma limpeza — ele chutou algumas latinhas para fora do caminho, a garota apenas encolheu os ombros e continuou comendo — Você deveria levantar e fazer alguma coisa

— Não tenho motivos — o salgadinho acabou, ela amassou o pacote e jogou para trás

— Você sabe que essas coisas não te fazem bem — ele sentou no braço do sofá — Salgadinhos, refrigerante, cerveja e cigarro são as coisas que te matam

— Não me importo — terminou a cerveja, colocou no chão e empurrou para que rolasse até se juntar a outras garrafas, levantou e foi para a cozinha — Mande sua cientista devolver minha arma, acabo com isso rapidinho

— Você vai ter sua arma de volta — a seguiu com o olhar, ela ergueu as sobrancelhas enquanto o encarava desconfiada — Mas, apenas porque você vai trabalhar

— Não vou trabalhar

— Vai sim — ele ergueu a pasta, ela franziu o cenho por não ter percebido que ele segurava aquilo — Você tem dois dias

— Quem disse que vou aceitar? — ela abriu a geladeira e pegou uma latinha de soda, o homem saiu do braço do sofá e jogou a pasta no balcão — Não vou trabalhar

— Você precisa

— Tenho mais que dinheiro o suficiente para viver um bom tempo sem trabalhar

— Não é sobre dinheiro, é sobre fazer alguma coisa

— Estou bem assim

— Você é muito mais útil do que isso

— Não quero ser útil — olhou para a pasta com certo desprezo — Muito menos ser guarda-costas de alguém

— Você não vai ser guarda-costas — ele se apoiou no balcão — Eu consegui convencer ela, vou conseguir convencer você também

— Ela? — ergueu as sobrancelhas, seu olhar mudou de desprezo para curiosidade, abriu a pasta, sua atenção foi captada antes que ela pudesse fugir

— *Tinha certeza que você ficaria assim — ela assentiu sem erguer os olhos, estava mais interessada em ler — Consegui te convencer?*

— *Você é um filho da mãe, sabia? — colocou a soda no balcão — Mas... por que eu? Não sou a única pessoa disponível*

— *Você ainda vai entender — ela o encarou confusa — Confie em mim. Agora, você precisa arrumar esse apartamento. Quero você no meu escritório, segundas às duas da tarde*

Katherine acordou lentamente e sua mente demorou alguns segundos para entender o porquê dela estar vendo a parte inferior da sua mesa no escritório. Se sentou, percebendo que a detetive não estava mais ali, nem mesmo o casaco dela. A única prova física de que a detetive havia estado lá era a pilha de pastas perto da porta. Se sentiu estúpida por ter esperado que pudesse acordar e a garota ainda estivesse lá. Saiu do chão, pegou o casaco e o colocou nas costas da cadeira, pegou as pilhas e colocou em cima da mesa.

A detetive apareceu quando Katherine, ainda se xingando e imaginando como deveria agir, estava começando a arrumar a mesa. Em uma mão, ela segurava um saco de papel e na outra ela segurava uma bandeja com dois grandes copos de papel. A legista reparou que era do restaurante que ficava na rua atrás do Instituto e não da lanchonete no segundo andar. Também reparou que o casaco estava fechado até o pescoço e havia alguns flocos de neve nos ombros da detetive.

— *Era para você acordar depois que eu chegasse — ergueu as sobrancelhas e entrou no escritório — Não queria que você pensasse que sou uma mulher sem coração*

— *Não pensei nisso*

— *Prefiro acreditar que tenho um voto de confiança — colocou o saco e a bandeja na parte que a legista ainda não havia ocupado com papeis — Como não sei o que você gosta de comer e beber, comprei o que a mulher disse que vendia mais — tirou a neve dos ombros — Eu sei que policiais americanos adoram donuts, legistas também?*

— *Faz um tempo que eu não como um desses — viu ela abrir o pacote — Você realmente saiu daqui para comprar café-da-manhã?*

— *Sim, o café da lanchonete não me parece adequado para a primeira refeição do dia.*

— *Isso é adorável — sorriu de leve*

— *Eu só estou sendo uma pessoa legal — entregou o donut e o copo de café — Agora, você não pode mais fugir de mim*

Katherine riu baixo, talvez ela não quisesse mais fugir.

Laurie sabia que a probabilidade de estar errada era quase nula. Quando viu Camile, teve certeza de que alguma coisa havia mudado. Aparentemente, a nevasca havia obrigado ela e Katherine a ficarem sozinhas no escritório por tempo o suficiente para conversarem.

— *Soube que você dormiu aqui — disse quando viu a garota ajudá-la a separar os resultados*

— *Não quis me arriscar nessa nevasca — deu de ombros*

— *E nem Cooper, certo? — Camile ergueu as sobrancelhas e a olhou — Vamos lá, você não deixaria ela sair*

— *Estava nevando demais, era perigoso sair*

— *Eu sei — olhou para a detetive — Se resolveram?*

— Laur... — alinhou os papeis
— Perguntei se vocês conversaram, não se vocês transaram
— Okay, conversamos. Feliz?
— Conversaram e...?
— Você estava certa, ela não me odeia
— Apenas isso?
— E o que mais você quer?
— Cam, Cam, vamos lá. O que ela disse?
— Está bem — bateu os dedos na pilha de papéis — Ela disse que... — corou levemente — Que estava me tratando daquele modo, como se me odiasse porque não queria se aproximar

— E 'se aproximar' significa 'se apaixonar', certo? — a detetive assentiu — E o plano dela de não se apaixonar falhou

— Aparentemente
— Seja sincera
— Falhou miseravelmente — riu baixo — Você estava certa
— Eu sempre estou certa
— Isso não é justo
— A vida pode ser um pouco clichê. E você?
— Eu o que?
— O que você sente por ela
— Eu não sei... eu não sei bem
— Você gosta dela, no mínimo, ou não teria passado tanto tempo insistindo
— Eu sei, Laur. Eu sei que gosto dela, só não sei quanto
— Você não precisa quantificar
— Claro que eu preciso
— Não seja tão racional — esticou a mão e apoiou em seu ombro — Apenas sinta

Camile assentiu, talvez ela devesse apenas sentir. Era o tipo de coisa que parecia combinar com ela, deixar as coisas acontecerem e ver qual o resultado. Ela nunca foi boa em planejar, parecia muito mais simples deixar as coisas acontecerem. Então ela tentaria não ser tão racional, apenas sentir.

Capítulo 23

Abigail Carter não tinha um escritório para ela, afinal, seu escritório ficava na capital. Conseguiu uma sala no prédio em que Camile trabalhava, dois andares abaixo do escritório dela.

Naquela manhã após a nevasca, ela passou no restaurante na rua atrás do Instituto e comprou o maior copo de café quente que tinha disponível. Enquanto o elevador subia até seu andar, ela se olhou no espelho e viu o quanto parecia cansada. O cabelo ruivo não estava tão brilhante quanto o de costume, a maquiagem não disfarçava totalmente as olheiras debaixo dos olhos verdes. Ela suspirou, estava cansada. Não apenas porque tinha dezenas de relatórios para fazer, mas porque era cansativo psicologicamente saber que havia alguém na cidade torturando homens e jogando eles em qualquer lugar.

A imagem do homem pendurado no açougue ainda dava ânsias, era pior do que as baratas na boca do outro. Principalmente porque ela acabou ficando mais focada em como a detetive reagiu ao ver aquilo. Parecia doente, provavelmente vomitaria na própria máscara, algo que seria muito nojento, se Carter não tivesse a empurrado para o vestiário a tempo.

Entrou no escritório, colocou o café no espaço que já parecia reservado para o copo de isopor, pôs a bolsa no chão ao lado da mesa, tirou o casaco e pendurou nas costas da cadeira. Olhou triste para a pilha de papéis, era desanimador ter tanto trabalho burocrático e não ter nenhum avanço. Viu que havia um envelope vermelho no chão perto da porta, ela não havia reparado antes porque estava ocupada demais bebendo o café. Estranhou aquilo, viu um post-it amarelo colado nele e leu o recado: *“Chegou ontem a noite, uma mulher loira apareceu aqui quando a nevasca já estava forte e pediu para que fosse deixado debaixo da sua porta. Não pareceu ser algo perigoso, espero que realmente não seja, não é a primeira vez que esse tipo de coisa acontece e nunca houve acidentes.”*

Ela entendeu que foi um guarda da noite que deixou o envelope. Ela o girou nas mãos, era leve como se estivesse vazio. Na aba, havia apenas seu nome escrito com letra de forma. Sentou em sua cadeira e abriu o envelope, havia apenas um cartão SD azul-marinho dentro dele. Ela o pegou, curiosa para saber porque havia um envelope com um SD dentro endereçado a ela. Carter leu no rótulo que ele tinha 16 GB de capacidade, ergueu as sobrancelhas. Pegou o notebook dentro da bolsa e colocou no espaço em sua mesa que sempre estava livre para o aparelho. Esperou o sistema iniciar e colocou o cartão na entrada.

O gerenciador de arquivos abriu, na barra apenas dizia *“Dispositivo Removível”*. Eram dois arquivos, as miniaturas mostravam apenas uma imagem escura. Os dois nomes eram apenas seleções aleatórias de letras e números, o tipo de nome que você forma quando passa a mão de qualquer maneira sobre o teclado. Eram arquivos MP4, ela pegou os fones de ouvido que sempre ficavam na bolsa e conectou ao notebook. Selecionou o primeiro vídeo.

Abigail ajeitou os fones de ouvido, apoiou o cotovelo na mesa e o queixo no punho fechado. O vídeo começava escuro, ela manteve o volume baixo por suspeitar que aconteceria algo. Alguns segundos se passaram antes da câmera focar em um homem. Ele estava sentado em uma cadeira de espaldar reto, as mãos presas atrás do corpo e apenas vestido com uma cueca. Ela viu os hematomas e cortes no peito dele. A barba parecia ter crescido quase duas semanas. Ao lado dele, havia uma mesinha de aço com instrumentos

variados, ela viu o brilho de um bisturi, martelo, alicate e alguns pregos.

Outra figura apareceu, alta e magra. Parecia uma silhueta delicada demais para uma pessoa que fazia aquele tipo de coisa com homens. Vestia um macacão preto, totalmente fechado. Luvas pretas também, uma máscara cirúrgica e uma touca que cobria seu cabelo. Apenas os olhos não estavam cobertos, mas ela não podia ver. Quando ficou de perfil para a câmera, Carter percebeu o motivo de parecer delicada: a curva graciosa dos seios provava que não era um homem.

A silhueta ficou atrás do homem, que parecia assustado. Stean colocou as mãos nos ombros dele e apertou, o homem gemeu baixo. Stean pegou o bisturi, o rodeou entre os dedos. Com uma mão, segurou a orelha direita e forçou ele a virar a cabeça. Seus dedos entraram no cabelo castanho do homem, ela forçou ele a ficar daquele modo. Agarrou a cartilagem da orelha, segurou o bisturi e o enfiou na parte de trás da orelha.

Ele gemeu alto, Stean riu e continuou cortando. Ele respirava rápido e forte enquanto o sangue escorria pelo seu pescoço e sujava o ombro. Foram segundo agoniantes antes que a assassina finalmente arrancasse a orelha esquerda do homem. O vídeo terminava focado no homem sangrando na cadeira.

Abigail esfregou o rosto antes de clicar no segundo arquivo, sua intuição dizia que aquele poderia ser pior. A câmera estava em um lugar diferente, parecia estar atrás de quem estava na cadeira. Pela qualidade do vídeo, era uma câmera mais antiga, ou o vídeo era mais antigo. Carter demorou alguns instantes para perceber que era impossível ser a mesma pessoa.

Estava focado em um braço que estava algemado na cadeira. Ela calculou que a câmera estava ao lado da cabeça de quem estava preso e apontada para o braço. Carter arregalou os olhos de surpresa quando alguém se agachou ao lado da cadeira. Anos mais jovem, vestido com terno cinza, sem barba e com nenhum vestígio de medo, era o mesmo homem do vídeo anterior. Ele tinha um pano sujo de sangue na mão.

— Não queremos estourar o tímpano de ninguém — ele riu, se levantou e ela percebeu que ele estava amordaçando que estava na cadeira, percebeu que a respiração ao lado da câmera era audível — Vamos lá, garota, vamos fazer mais arte

Ele saiu do campo de visão por alguns instantes. Quando voltou, segurou o pulso e girou o braço. Segurou a mão dela, Carter podia ver as veias saltadas quando ela fazia força para se livrar da pegada. Ele segurou um bisturi e, com a habilidade de quem estava acostumado de fazer aquilo, ele fez um corte reto um pouco acima do pulso. A respiração travou e se acelerou, um gemido baixo soou quando o homem enfiou com mais força.

A agonia de ver o bisturi cortando a pele delicada e o sangue rubro escorrer, o líquido fazia contraste com o tom de pele como sangue na neve. Escorria para o braço da cadeira e gotejava lentamente para o chão de cimento. O coração de Carter batia com força, a respiração e o som baixo dos gemidos de dor pareciam colocá-la na pele de quem estava sofrendo.

Quando chegou na dobra do braço, o homem saiu do campo de visão e voltou com uma garrafa de álcool. Ele jogou o álcool em cima dos cortes, o gemido soou mais alto e a garota tentou escapar. Ele fez ela virar o braço outra vez, puxou um pouco para cima para que a mão dela ficasse apoiada na madeira. O homem se afastou alguns segundos e voltou com um martelo.

Abigail apertou as mãos, sua cabeça estava começando a latejar com aquela visão.

Quando o homem acertou a mão da garota com toda a força, o grito de dor abafado parecia mais um rugido de um animal ferido. Carter podia imaginar o som de ossos quebrando com os golpes violentos de martelo. Aquilo realmente causava muita dor na garota, ela remexia o braço e tentava desesperadamente escapar. Os movimentos faziam ela sangrar mais, mas ela parecia desesperada demais em escapar das marteladas para sentir a dor.

O vídeo terminava abruptamente. Parecia ter sido apenas cortado de repente. Abigail ficou minutos parada, sua mente processando as imagens. Tinha a vaga sensação que não deveria ver aquilo, que não deveria saber. Ela enfiou os dedos entre os cabelos vermelhos, desviou os olhos da tela do notebook e procurou pelo papel que Brown havia dado a ela, era onde ele deixou alguns números que poderiam ser úteis. Encontrou ele, pegou o telefone no bolso do casaco e digitou rapidamente os números. Bateu os dedos na mesa enquanto esperava ser atendida, antes que um “alô” terminasse de ser pronunciado ela disse:

— Simons, essa é uma boa hora para você pagar a minha vodka

Capítulo 24

Camile bateu na porta do escritório, estava segurando a alça da bolsa e se sentia curiosa sobre o que havia de errado. Demorou alguns instantes para Carter abrir a porta. A detetive ergueu as sobrancelhas ao ver como a expressão da mulher, parecia abatida e estava pálida.

— Finalmente você chegou — deu um passo para o lado, permitindo que a australiana entrasse na sala — Demorou

— As ruas ainda estão cheias de neve, não é muito fácil andar nas calçadas — afundou as mãos nos bolsos do casaco — Enfim, por que me chamou?

— Para te mostrar uma coisa — pegou o post-it e entregou para a detetive, que leu rapidamente

— Uma mulher loira? — devolveu o papel

— Depois podemos fazer algumas perguntas para o guarda, mas agora quero te mostrar o que havia dentro do envelope — apontou para o notebook — São dois vídeos, eles são... eles são perturbadores

— Uma mulher loira apareceu aqui no meio da nevasca para deixar um envelope com dois vídeos?

— Exato — puxou o fio do fone de ouvido

— Talvez essa mulher conheça Stean

— Ou talvez seja Stean

— Espera — Camile segurou os fones de ouvidos, pronta para colocá-los — Você está dizendo que talvez Stean seja uma mulher?

— Stean é uma mulher, estou dizendo que talvez ela tenha estado bem debaixo do nosso nariz ontem à noite

— Como você sabe que é uma mulher?

— Por causa do primeiro vídeo, você vai ver

— Entendo — coçou o queixo — Ela esteve aqui ontem ou tem uma ajudante

— Ou os dois, seria mais prático

Camile assentiu, finalmente havia algum avanço depois de corpos mutilados e bilhetes misteriosos. Milagre de Natal, era 23 de Dezembro e esse avanço parecia uma bênção.

Carter sentou no pequeno sofá, todos os escritórios daquele prédio tinham um e ela achava isso maravilhoso, cruzou as pernas, colocou a cabeça para trás e esperou. Depois de alguns minutos, quando ela achou que já havia passado tempo o suficiente, ela olhou para a detetive.

Simons estava com uma expressão que a agente achou quase inexpressiva, o que abalava a indiferença era a raiva e nojo que havia em seus olhos. Ela tirou os fones de ouvido, ficou alguns segundos olhando para a tela escura. Sem dizer nada, ela levantou e caminhou para a porta.

— Simons...

— Preciso pensar — abriu a porta — Apenas pensar

A cabeça da detetive estava latejando, desceu as escadas pulando de dois em dois degraus.

Quando saiu do prédio, sentiu o ar gelado invadir seu pulmão. Com as mãos tremendo levemente dentro do bolso. Ela atravessou a rua, reparou que estavam jogando sal nas ruas para retirar a neve da noite anterior. Começou a andar lentamente, as imagens do vídeo pulsavam em sua mente.

Carter estava mais do que certa quando falou que era perturbador.

Tão perturbador que sua cabeça parecia que estava prestes a estourar. Entrou na farmácia, comprou uma cartela de remédio para dor de cabeça e continuou caminhando sem ter um destino certo. Nevava levemente, alguns flocos de neve caía em seus ombros mas a vontade habitual de caçar floquinhos com a língua não apareceu.

Estava enjoada, as imagens dos vídeos faziam seu estômago se revirar quase do mesmo modo que a visão das baratas semi mastigadas no dia anterior fez. Entrou no mercado que tinha na esquina, estava indo para o lado oposto do Instituto mesmo sabendo que deveria falar com Brown e que quisesse ver Katherine.

Era quase algo automático, sua mente estava em modo estresse. Não faria o de sempre, um estoque, mas apenas para o momento. Pegou um pacote grande de salgadinhos de queijo e uma lata de cerveja. O tempo que ficou na fila, não conseguiu controlar o impulso e acabou comprando o maço do melhor cigarro que tinha disponível e um isqueiro. Pagou as compras, enfiou o maço e o isqueiro no mesmo bolso do remédio.

Se equilibrou em uma perna, apoiou a lata na coxa e abriu. Também abriu o pacote de salgadinhos e saiu do mercado comendo e bebendo. Não era o melhor gosto do mundo, um café bem quente combinava muito mais com o clima invernal do que salgadinhos e cerveja.

Depois que terminou de comer e beber, jogou o lixo na primeira lixeira que encontrou. Precisou tentar algumas vezes antes de conseguir acender um dos cigarros. Deu a volta em um quarteirão para começar a voltar ao escritório. Quase uma hora depois, com um pequeno plano formado em sua mente, ela estava no balcão perguntando sobre o guarda da noite anterior.

Capítulo 25

Leonard Krieg trabalhava como guarda noturno no prédio de escritórios (que a maioria das salas eram alugadas para a polícia e para o Davis Archer) já fazia quase quinze anos. Nesses anos, viu inúmeras nevascas violentas. E também várias vezes alguém precisava entregar algo para alguma pessoa que trabalhava lá e não tinha autorização para entrar. Por isso, não estranhou quando uma loira apareceu na recepção, flocos de neve amontoados em seus ombros cobertos com uma jaqueta de couro (que era apenas um pouco maior que ela) e na touca que cobria a maior parte dos fios dourados, e tirou um envelope vermelho vivo de dentro de um dos bolsos e pediu para ser entregue a Abigail Carter.

Ele aceitou o envelope das mãos enluvadas delas, ela se inclinou um pouco sobre o balcão para frisar que deveria ser entregue à Carter e ele reparou que seu hálito quente cheirava a café e canela e teve a impressão que já havia sentido aquele odor antes. Krieg assentiu, a viu voltar apressadamente para a nevasca no exterior. Pegou um bloco de post-it e anotou rapidamente um pequeno recado, procurou na relação de salas para encontrar o escritório que Carter estava e, depois de revirar o envelope algumas vezes para tentar descobrir se havia algo perigoso dentro, ele subiu e enfiou a entrega pela fresta que tinha entre a porta e o chão.

Krieg não imaginava que a entrega no envelope atrapalharia seu descanso. Estava dormindo quando seu filho, um garoto de quase doze anos que era simplesmente viciado em desenhar, o sacudiu dizendo que tinha uma mulher ao telefone querendo falar com ele. O guarda demorou poucos segundos para estar desperto e andando em direção ao telefone, curioso para saber quem queria tanto falar com ele.

A primeira coisa que a mulher falou foi um pedido sincero de desculpas por estar atrapalhando seu descanso, ele agradeceu e garantiu que estava tudo bem. Ela se identificou, ele lembrou que já havia visto ela algumas vezes. Não muitas, afinal seu turno começava mais ou menos no mesmo horário que o dela terminava. Ele se lembrava que o guarda do turno anterior dizia que a detetive passava mais tempo no Instituto do que no escritório. Ela fez algumas perguntas, como o que a loira falou e se ele se lembrava claramente de como ela era. A detetive ficou alguns segundos calada, parecia estar pensando no que fazer e então perguntou se poderia ir ao seu apartamento para que ele dissesse exatamente como a loira era e ela pudesse fazer um retrato falado. Krieg respondeu que não seria incômodo, ele podia perceber o quanto parecia importante para ela.

Depois que disse seu endereço, precisou esperar cerca de quinze minutos para que ela aparecesse na sua porta. Ela sorriu gentil e agradeceu por ele ter deixado, o guarda deu espaço para que ela entrasse. Ofereceu água, café, ela negou educadamente e sentou no sofá que ele apontou. A detetive colocou a bolsa de carteiro entre os pés, ela tirou um caderno e uma lapiseira de dentro da bolsa. Ela batucou a lapiseira sobre o papel e pediu para ele descrever o mais detalhadamente possível a loira.

O filho de Krieg, tímido e curioso, ficou encostado perto na soleira do corredor observando seu pai e a mulher morena. Seus olhos se fixaram no modo como a mão dela dançava sobre o papel seguindo as instruções que o guarda dava. Ele estava fascinado pelo modo que ela se movia. A detetive ergueu os olhos em sua direção ao se sentir sendo observada, o garoto corou e deu um passo para trás, ela riu baixo. Fez um gesto o chamando

para perto, ele cruzou os braços e sentou encolhido ao lado dela.

Ele observou como ela desenhava, como fazia os traços até que eles formassem um rosto feminino e delicado. O garoto viu como ela conseguia colocar a descrição do pai naquela folha branca de papel.

Depois de quase meia hora, ela finalmente terminou de desenhar. Era o tipo de coisa que ele desejava ser capaz de fazer. A detetive sorriu gentil para ele, agradeceu e pediu desculpas outra vez antes de ir embora. O guarda riu ao ver como os olhos do filho estavam brilhando, saiu da poltrona, passou pelo filho e bagunçou seu cabelo antes de voltar para o seu quarto e descansar.

Capítulo 26

As costas de Katherine começaram a doer logo na segunda vez que ela enfiou a pá na neve compacta que prendia seu carro. Sabia que foi uma estupidez deixar o veículo fora do local protegido. Ela até poderia caminhar até o prédio caminhando, mas não era tão saudável quanto Camile e parecia cansativo e desanimador andar até lá. Pelo tom de voz que Carter usou na ligação, era algo grave.

E estava preocupada porque ligou dezenas para a detetive e ela não atendeu.

— Você fica bem mais bonita sem parecer que está com raiva — uma voz feminina fez Cooper virar o corpo para ver quem era e viu a ruiva do bar

— O que quer aqui?

— Vim falar com você, oras

— Falar o que? — revirou os olhos e voltou a enfiar a pá na neve

— Talvez sobre a sua parceira — se aproximou e encostou na lateral do carro

— Não tenho nada para conversar contigo — o ciúmes ficou bem claro em seu tom de voz — Eu nem sei seu nome

— Steele, Margo Steele — ergueu as sobrancelhas — Agora sabe

— Ainda não quero falar contigo

— Eu sei ser bem persuasiva — havia um leve tom de ameaça, isso fez a legista apertar a pá com mais força — Só quero dar uma volta com você — se aproximou, ficou atrás dela — É rápido...

— E se eu não quiser ir? — girou para ficar de frente a ela, segurando a pá com toda força

— Eu convenço você — se aproximou o suficiente para seu hálito de hortelã bater contra o rosto da legista

— Não é tão fácil assim

— Eu já disse que sou persuasiva — tirou a mão do bolso, era um pequeno alívio não ter o peso de uma pistola ali, esticou o braço o suficiente para pressionar o cano da arma no estômago da mulher — Não tem ninguém olhando, doutora, ninguém vai aparecer e te salvar de mim. Eu não quero te machucar, confie um pouco em mim

— Você está apontando uma para mim — ergueu as sobrancelhas, parecia perigoso, mas havia algo que lhe dizia que aquela ruiva realmente não a machucaria — Como quer que eu confie?

— Apenas porque eu não sou Stean, apenas ajudo

— E por que está aqui?

— Porque ela quer falar com você — Katherine arregalou os olhos de surpresa com o pronome — É, mulheres também são bem agressivas — colocou a mão livre em seu ombro — Vamos, não quero te machucar

Katherine deixou a pá cair na neve ao seu lado. Steele enfiou a pistola no bolso, ficou ao lado da mulher e ofereceu seu braço, de onde a mão com a arma pertencia, para que ela segurasse. Katherine agarrou a manga do casaco, isso lhe dava a impressão que poderia impedir a ruiva de atirar. Caminharam lentamente, a ruiva parou ao lado de um carro preto e abriu a porta do carona e fez a legista entrar.

A ruiva dirigiu com cuidado, estava indo em direção a parte da cidade que ainda não

havia sido limpa. O silêncio era pesado, a tensão era quase palpável. Katherine passou a apenas olhar para o lado de fora, para os poucos flocos de neve que caíam lentamente e começavam a se acumular pelo asfalto e pelas calçadas. Ela sentia que estava em perigo, mas que esse perigo não era a ruiva ao seu lado e sim quem queria falar com ela.

— Não precisa ficar tão nervosa — Margo olhou para a mulher — Não acho que ela vá te machucar

— Você apontou uma arma para mim, parece perigoso, não acha?

— Mas eu não mato pessoas, eu só sigo ordens

— E se ela mandar você matar?

— Se o dinheiro valer a pena... — Katherine tirou o olhar da rua para encarar a ruiva, que sentiu o olhar — O que?

— Se o dinheiro valer a pena você mataria alguém?

— É... de onde você vem, garota? No meu mundo é o dinheiro que move as coisas

— Inclusive para matar pessoas?

— Eu preciso de dinheiro, doutora, trabalhar para alguém como Stean rende dinheiro rápido e fácil — deu de ombros — Não é tão ruim quanto parece

— O trabalho ou Stean?

— Os dois, já tive trabalhos e chefes piores. Ela é até legal em algumas coisas — batucou os dedos no volante

— É uma psicopata

— Não é não, ela é vingativa — parou o carro em frente a um prédio abandonado de cinco andares, Katherine reconheceu a rua: o seu prédio ficava logo na esquina — Sempre estivemos bem debaixo do seu nariz

Capítulo 27

O guarda estava bebendo seu café e usava a mão livre para apalpar o pacote vermelho vivo que havia acabado de ser entregue, pelo tamanho e textura, ele supôs que era alguma peça de roupa. Ergueu os olhos e viu Camile entrar, tirando os flocos de neve dos ombros como sempre, ele estava acostumado a sempre vê-la no Instituto.

— Ei, Simons! — chamou, ela desviou do seu caminho até os elevadores para ir até o balcão

— Oh, olá, sr... — leu a plaquinha no uniforme dele, sua mente estava cheia demais para que ela ligasse o rosto sorridente dele com algum nome — Kinsella

— Temos uma entrega — pegou o pacote vermelho e colocou em cima do balcão

— Quem entregou? — ela pegou o pacote e começou a revirá-lo nas mãos, o guarda viu que ela parecia intrigada e preocupada

— Uma loira — ela ergueu os olhos — Há uns dez minutos

— Merda — rosnou, colocou o pacote no balcão, tirou um papel do bolso, desdobrou e mostrou ao guarda — Alguma semelhança?

— Exatamente igual... a srta. conhece?

— Mais ou menos

O guarda decidiu não perguntar mais coisas, não queria ser intrometido. Camile pegou o pacote e rasgou o papel para abrir. A suspeita do guarda foi confirmada, ela tirou uma jaqueta de couro que ele teve a impressão de já ter visto antes. Ela conferiu se havia algo mais no pacote e vasculhou os bolsos, encontrou um pequeno papel no bolso interno que ficava mais ou menos na altura do peito, pendurou a jaqueta no ombro e leu o recado: *Eu pensei que você fosse uma guarda-costas, Fletcher.*

Camile enfiou o papel no bolso do jeans e respirou fundo.

— Sr. Kinsella — o guarda tirou os olhos da pequena televisão que ficava debaixo do balcão

— Sim

— Cooper está lá em cima?

— Não, ela saiu

— Disse para onde ia?

— Não

— O senhor não pergunta sempre?

— Sim, mas estava ocupado com a loira

— Ela estava aqui quando a Katherine saiu?

— Estava, na verdade, saiu nem um minuto depois — viu a detetive cerrar os dentes — Algo de errado?

— Não, está tudo bem — bateu os dedos no balcão — Preciso ir

Camile saiu do prédio, havia mais neve caindo e ela sabia que outra nevasca forte estava a caminho. Estava preocupada, caminhou em direção a rua paralela ao Instituto, onde sabia que Katherine costumava estacionar. Talvez a legista ainda estivesse tirando a neve acumulada ao redor das rodas. Assim que fez a curva, viu o carro coberto de neve. Respirou fundo e se aproximou, a única prova que alguém havia se aproximado era o fato de haver alguma neve retirada do lado da roda dianteira que ficava mais perto dela e a pá jogada no

chão.

Vasculhou a neve, havia resquícios de dois pares de pegadas.

Camile chutou a pá, a roda e o monte de neve em um ataque de raiva e frustração. Quando parou, estava suando por baixo do casaco, o rosto quente e a respiração ofegante. Parou por alguns segundos, colocou a jaqueta dentro da bolsa. Colocou o capuz sobre a cabeça e começou a caminhar em direção a um novo objetivo.

O porteiro estranhou ao ver a detetive aparecer tão cedo, e estranhou mais ainda quando, cinco minutos depois sem a bolsa e com a habitual jaqueta e luvas, ela saiu com a moto e acelerou na direção contrária de onde trabalhava.

Mesmo com as correntes nas duas rodas, a moto ainda vacilava algumas vezes sob o seu controle. Conhecia cada rua, beco e atalho da cidade. Beschi era pequena o suficiente para que ela a conhecesse melhor do que a própria cidade. Ela sabia que havia mais de um modo de entrar em prédios antigos. O seu objetivo tinha porteiro, não seria simples, mas a segurança apenas cobria a entrada comum e não a parte traseira do prédio.

Camile deixou a moto entre dois latões de lixo. Sentiu um pequeno arrepio ao perceber o quanto o beco era escuro e fétido, mas ignorou as sensações e torceu para que não houvesse baratas por ali. Com as mãos enluvadas, tirou o máximo de neve que podia de cima da tampa de uma caçamba de lixo, flexionou as pernas e usou toda força para ter impulso e pular para cima da caçamba. Seus pés escorregaram por um instante antes dela se firmar.

O muro de tijolos tinha falhas, pequenos buracos que ela podia usar para escalar. Conseguiu subir, ficou na beira do muro e, usando todo seu equilíbrio, caminhou pela beirada escorregadia até estar atrás do prédio que precisava ir. Era arriscado pular, mas ela esperava que metros de neve acumulada fossem o suficiente para suportar seu peso. Fechou os olhos, preparou mentalmente seu corpo para um impacto forte e pulou.

Não foi tão ruim, a neve fez seu trabalho.

Andou até a escada de incêndio, pulou para alcançar a ponta e puxá-la para baixo. Subiu rapidamente, o ferro estava tão frio que ela sentia o gelo debaixo da sua mão. Se encolheu com o barulho que a primeira escada fez o voltar para seu lugar. Subiu até a cobertura, pulou a mureta e, por causa do vento forte e congelante, até a porta. A maioria das portas eram abertas apenas pela parte interna, mas os prédios antigos de Beschi eram abertos pelos dois lados, apenas se precisava de uma chave. Claro que ela não tinha, mas tinha a chave que todos os policiais tinham: arma.

Tirou a pistola do bolso, pegou o pequeno silenciador em um dos bolsos da jaqueta, encaixou no cano, mirou na fechadura e atirou. O som dela estourando com três tiros foi mais alto que os próprios tiros. Camile entrou, tirou o silenciador, o guardou e encaixou a pistola no coldre. Desceu as escadas e entrou realmente no prédio.

Último apartamento à direita.

Ela não sabia se estava certa, mas tinha que ao menos tentar. Talvez pudesse fazer algumas perguntas. Apertou a campainha e esperou. Segundos depois, ouviu um voz resmungando e a porta foi aberta. A loira arregalou os olhos ao reconhecer a garota, tentou fechar, mas Camile foi rápida o suficiente para segurar a madeira e impedir o ato.

— Solte ou esmago seus dedos — a loira forçou mais

— Vai esmagar porra nenhuma — espalmou a outra mão na madeira e começou a empurrar — Você tem muito o que explicar, Sarah

Capítulo 28

Havia uma espécie de lenda urbana que corria pela cidade, ela dizia que o matadouro abandonado perto das docas era mal assombrado. Contavam *“matavam crianças e mulheres, deixavam carne e tripas misturadas com as de bois e porcos, porque não havia comida o suficiente para alimentar todos da cidade e os mais pobres vendiam seus filhos, alguns suas mulheres, para ter dinheiro para comprar comida. Mal sabiam que podiam acabar fazendo um cozido com a carne dos próprios filhos. Por causa dessas atrocidades feitas em desespero, o açougue ficou cheio de almas condenadas a sofrerem por terem tido seus corpos abusados e comidos.”* Ninguém sabia quando a lenda começou, mas isso não era importante, o que importante era o que faziam para usar a lenda. As cheerleaders do colégio que ficava alguns quarteirões ao sul do matadouro usavam a lenda para testar a coragem das novas integrantes da equipe. Para que admitissem com respeito uma nova líder de torcida, faziam ela ficar (e filmar) desde uma sexta à noite até segunda de manhã sozinha dentro do lugar.

Sarah Parker fazia tudo para alcançar seu objetivos, se para entrar para o time ela precisava cumprir o desafio, ela cumpriria. Seu tio reclamou, fez discursos, mas acabou deixando ela ir. Claro, garantindo que ela tivesse um meio de sair de lá segura. Assim, na sua mochila havia mudas de roupas, comida, um telefone reserva, lanterna e dinheiro. Era quase meia noite quando ela pulou a cerca, com a capitã das cheerleaders incentivando do outro lado, e caminhou decidida até a entrada do matadouro.

Quando entrou, procurou algum lugar que não fedesse para deitar. Entretanto, ela não era capaz de relaxar enquanto não desse uma olhada pelo lugar. Levantou, colocou a mochila outra vez e começou a caminhar, apontando a lanterna para iluminar e ver o máximo possível. Havia uma aura pesada no lugar, era tão grande e vazio, poderia ser um cenário de filme de terror. Havia salas com mesas de ferro antigas, ganchos no teto onde ela supôs que penduravam os animais.

Ela estava com os ouvidos apurados, atenta a qualquer movimentação, por isso se assustou com passos que não eram seus e que vinham do corredor a frente.

Apagou a lanterna e escorregou para dentro de uma sala a tempo dos passos fazerem a curva e entrarem no corredor que ela estava. Prendeu a respiração e esperou o homem passar. Ficou minutos parada, assustada, até que parecesse seguro sair da sala e continuar. Com o coração acelerado, pegou o canivete na mochila (mesmo sabendo que não era garantia para ficar segura, a sensação de ter uma lâmina na mão era melhor do que estar completamente desprotegida) e continuou seu caminho. Reparou que havia uma trilha de pegadas com sangue, não era muito, como se as botas dele fossem ficando limpas enquanto caminhava. Seguiu, virou no corredor e iluminou o chão até ver que a trilha terminava (ou começava) em uma porta.

Se aproximou, começando a temer o que poderia encontrar. Na teoria, nunca havia alguém lá dentro, muito menos alguém deixando pegadas avermelhadas. Era outra sala com ganchos no teto. Apontou a lanterna para o chão e continuou seguindo a trilha de sangue até encontrar uma pequena poça, parecia pouco liquido para o tamanho da trilha que ele fazia. Ergueu a lanterna para ver.

Uma garota, simplesmente uma garota.

— Eu não devo satisfações a você! — a loira disse, estava quase cedendo a força de empurro — Saia!

— Colabore — empurrou com toda a força e conseguiu abrir a porta e entrou no apartamento — Você nem deveria estar aqui — apontou para ela com indicador, acusando enquanto se aproximava — Você disse que sumiria da cidade

— Eu disse que sairia, mas não que não voltaria, Fletcher

— Meu nome é Simons — bateu a porta atrás de si — Por que é tão difícil entender?

— Okay, okay, Simons — enfiou os dedos no cabelo loiro — Você não deveria estar aqui

— Achei que você era mais inteligente do que isso — ergueu as sobrancelhas — Krieg tem uma boa memória fotográfica... e não é difícil memorizar o rosto de alguém que apareceu bem no meio da nevasca

— Você venceu — revirou os olhos

— Mas você queria que te encontrassem

— Seguindo o plano

— Você adora viver em planos — acariciou a nuca — E qual seu objetivo?

— Você ainda não tem que saber

— Ainda?

— Ainda — Camile bufou e começou a andar de um lado para o outro

— E quando diabos vou saber?

— Quando for a hora

— Hora? — se aproximou da loira — Quantas vezes você já mentiu pra mim?

— Uma vez — seu hálito de café e canela batia no rosto da garota — Eu só queria magoar você o suficiente para te afastar

— Uma vez... uma vez que foi o suficiente para quebrar todas as suas promessas

— O que queria que eu fizesse? Eu podia dizer “olhe só, tenho tendências psicopatas, venha caçar estupradores comigo! Podemos torturar e matar, vai ser divertido eles procurarem alguém que vai estar bem debaixo do nariz deles”. — empurrou a detetive pelos ombros, fazendo ela sentar — Se eu dissesse isso, você viria? Não, é muito mais seguro deixar você longe disso tudo

— Longe, Sarah? — rosnou — Então matasse longe daqui! — levantou e empurrou Sarah para que não ficassem próximas demais — Você sabia que eu estaria bem no meio do maldito caso

— Existe uma diferença entre estar investigando e estar me ajudando . E você é muito impaciente

— Impaciente? — Só estou fazendo meu trabalho

— Duvido que tenha avisado a alguém que está aqui — coçou o queixo e se aproximou — Às vezes você é previsível

— Só quero entender o motivo de tudo isso

— Eu já falei — esticou a mão e tentou tocar a detetive, que desviou da mão — Você deveria colaborar

— Não vou colaborar com uma louca

Ela respirou fundo, abaixou a mão por alguns segundos. Fechou em punho e, com

toda força, golpeou o queixo da detetive, sua cabeça foi jogada violentamente para trás e seu pescoço estalou. Foi forte o suficiente para ela cambalear e cair no sofá, Sarah subiu, um joelho de cada lado das coxas da garota.

Envolveu o pescoço da mulher e pressionou. Camile envolveu seus pulsos, tentando escapar da pegada. A loira pressionou o máximo que podia até que a garota desmaiasse, saiu de cima dela. Andou de um lado para o outro, pensando em como poderia levá-la para o esconderijo.

Capítulo 29

Katherine sempre havia imaginado que ser sequestrada por um assassino em série seria um inferno, um pesadelo, mas talvez fosse apenas sorte. Ela não esperava que fosse ser tão simples, imaginava que seria algo frio. Que a prenderiam em uma cadeira, deixariam ela em uma sala escura e talvez batessem ou gritassem com ela. Mas não era assim, ela estava numa cama relativamente confortável (principalmente considerando como realmente poderia ser), com as costas na cabeceira e as pernas esticadas enquanto Margo estava sentada no chão, as costas encostadas na lateral da cama e resolvia um jogo de palavras cruzadas (às vezes perguntando a Katherine se ela sabia alguma palavra).

O quarto era relativamente pequeno, mobiliado apenas com duas camas e uma penteadeira. Era tranquilo, Stean ainda não havia parecido e Katherine já havia descoberto que Steele não sabia de muita coisa sobre a assassina, apenas que seu dinheiro parecia inesgotável e que havia motivos e objetivos muito específicos.

Steele estava no quinto ou no sexto jogo quando a porta do quarto foi aberta. As duas ergueram a cabeça em direção ao som, uma loira entrou com um pouco de dificuldade. As duas mulheres arregalaram os olhos de surpresa quando registraram que a mulher estava carregando alguém. Com cuidado para não bater a cabeça dela, passou pelo portal e foi até a cama, deixou ela deitada ali e saiu sem falar algo ou olhar para as duas mulheres.

— O que acha que aconteceu? — Margo perguntou, olhando para a garota encolhida e de costas para elas

— Não faço ideia — Katherine sentou na cama e pôs as pernas para fora

— Melhor você acordar ela — encolheu as pernas, Katherine a encarou por alguns segundos — Vai lá

Katherine saiu da cama e se aproximou da outra cama. Camile parecia frágil daquele modo. Apoiou uma mão na cabeceira e com a outra sacudi levemente seu ombro. A garota apenas resmungou e se encolheu mais, enfiando o rosto no colchão. A legista suspirou, sacudi mais um pouco e se aproximou do seu ouvido.

— Hey, acorde — a garota resmungou mais — Vamos lá

Se afastou, não sabia exatamente o que havia acontecido, mas foi algo bem eficiente para deixar a detetive inconsciente.

— Menina difícil de acordar — Margo riu, se levantou e pegou a garrafa d'água que ficava na penteadeira — Se afasta um pouquinho

Katherine deu dois passos para trás, a ruiva ficou ao seu lado, destampou a garrafa. Tampou com o polegar parte do buraco, com um movimento de pulso, jogou um bocado da água fria nela. Como Margo parecia ter previsto, a reação da detetive não foi nem um pouco delicada. Ela pulou da cama, ficou de pé e de repente parecia perigosa. Socou o ar violentamente, não atingindo as duas mulheres apenas porque estavam a dois passos de distância. Ela demorou segundos para parar, estava ofegando começou a tentar se acalmar.

— Kathy... — murmurou, impulsivamente deu um passo a frente, se curvou para abraçar sua cintura e apertou os braços ao seu redor com força

— Ei, calma — riu baixinho, enlaçou o pescoço dela, podia sentir o quanto de desespero havia dentro dela

— É só que... eu fiquei preocupada com você — afastou o rosto para encarar a legista

— Está tudo bem — acariciou sua nuca — Fica calma

— Ela te machucou? — segurou os ombros da mulher e deu um passo para trás, seus olhos estudando atenciosamente

— Não, não — ergueu as sobrancelhas, a detetive a puxou para abraçá-la

— Kathy, Kathy, Kathy... — murmurou várias vezes com o rosto enfiado em seu pescoço

— Está tudo bem — deu passos para frente, empurrando a detetive para cama — Senta aí — a garota sentou, Katherine sentou ao lado e envolveu seu ombro

— Ninguém vai machucar ela — Margo falou, pela primeira vez a detetive pareceu notar que a garota estava ali — Pelo menos se colaborarem

— Colaborar? — Camile se levantou, já que a preocupação com com Katherine foi resolvida, a raiva tomou seu lugar, agarrou as lapelas do casaco da ruiva — Que porra vocês querem?

— Olhe, eu não sei, okay? Apenas cumpro ordens

— Que tipo de ordens?

— Seduzir os caras que ela pedia, comprar algumas coisas, nada demais

— E você sabe porque ela nos trouxe aqui?

— Não — ergueu as mãos — Já falei, só cumpro ordens. Eu nem sabia que ela te traria, teoricamente era apenas para que você viesse atrás de Katherine, não que ela te carregasse desmaiada pra cá

— E por que trazer Katherine?

— Não sei... eu só sei que ela não gosta muito dela — Camile soltou a ruiva e se sentou pesadamente na cama

— Merda — cobriu o rosto com as mãos — Merda, merda, merda

— Ei... — Katherine colocou a mão em seu ombro — Isso tudo deve ter uma explicação

Camile assentiu. Margo pegou sua revista de palavras cruzadas e a caneta.

— Preciso ir — abriu a porta do quarto — Fiquem aqui

Elas realmente não poderiam sair, afinal, Steele trancou a porta com um giro da chave. Katherine deitou, puxando a detetive consigo. A cama era pequena, ficaram uma de frente para a outra, usando o próprio braço como travesseiro. Katherine aproveitou a luz para estudar a garota, esticou o braço livre e tocou as marcas de dedos que começavam a ficar evidentes na pele branca.

— Ela que fez isso, não é?

— É um bom método de fazer alguém desmaiar

— Você conhece ela, não é? Stean — Camile assentiu — Há muito tempo?

— Mais ou menos, alguns anos — mordeu a parte interna da bochecha, fazendo um certo esforço para que as lágrimas involuntárias não caíssem — Ela é minha ex-noiva

Capítulo 30

Camile fechou os olhos antes de rolar para fora da cama. O silêncio entre elas era apenas marcado pelo som dos passos, a garota andava em círculos pelo quarto. Seu pescoço doía, sua cabeça parecia prestes a explodir. Mas nenhum desconforto físico chegava aos pés da dor emocional.

Desde que havia começado a desconfiar talvez Stean e Sarah fossem a mesma pessoa, um nó de aflição começou a se formar em seu peito. Quando ela pediu para Krieg descrever... enquanto o rosto conhecido começou a ficar bem definido no papel, essa aflição aumentou. Foi substituída por raiva e preocupação quando pegou a jaqueta (pois ali percebeu que Margo estava envolvida) e leu o recado.

Então, pensando naquilo, presa com Katherine no esconderijo da mulher, começava a doer. Doer saber o quanto Sarah estava sendo uma filha da puta. Os bilhetes agora tinham sentido, o padrão fazia sentido. Era uma vingança. Ela sentiu que deveria ter percebido com o homem no açougue, ou antes disso, deveria ter ligado os pontos no segundo bilhete.

Camile não abriu os olhos, preferia ficar daquele modo, tão confortável quanto estar em casa. Ou ela realmente estava em casa, mesmo do outro lado do mundo. Mesmo a centenas de quilômetros de onde vinha, estava em casa apenas por estar com quem estava.

Sentiu as mãos de Sarah em suas costas, sabia que ela estava com uma perna de cada lado da sua cintura e praticamente montada em suas costas. A loira tocou delicadamente a sua pele quente, fazia carinho de cima para baixo, se inclinou um pouco e beijou seu ombro. A policial gemeu baixo enquanto sentia os lábios em seu ombro. Sarah subiu a mão e entrelaçou os dedos nos fios curtos e recém coloridos (Camile ainda tinha um espírito meio adolescente e acabou perdendo uma aposta com o parceiro de trabalho, o preço era manter o cabelo quase loiro enquanto não fosse promovida a detetive), admitia que era um pouco estranho vê-la com os fios mais claros que o comum.

— Preciso trabalhar — a policial resmungou

— Trabalhe depois

— Dirk vai me matar

— Não vai não

— Vamos lá — se contorceu, tentando fugir do toque, Sarah resmungou e saiu de cima dela

— Porra... 'la vie n'est pas juste

— Você adora dizer isso

— Mas é uma verdade absoluta

— Por isso ela não gosta de mim — Katherine disse, mas para si mesma do que para a australiana, a frase tirou a garota do mundo de lembranças

— Ela é uma psicopata

— Ou apenas uma louca — Katherine fixou o olhar no teto, ela não gostava da ideia de Camile ter sido noiva de uma serial killer

— É a mesma coisa

— Você sabe que não é — ouviu os passos pararem, olhou para saber o porque dela ter parada e viu que ela havia parado, de costas para a legista — O que foi?

— Nada

— Não precisa mentir — sentou na cama — O que houve?

— Você ouviu o que eu disse sobre ela? — girou sobre os calcanhares, seus olhos brilhavam com as lágrimas — Minha ex-noiva é a porra de uma assassina em série, me deixe acreditar que ela faz isso porque é uma doente psicopata...

O som da porta sendo destrancada atraiu a atenção, quando Sarah entrou logo atrás de Sarah, Katherine pôde realmente ver como ela era. As mangas da blusa puxada até acima dos cotovelos mostravam que seus braços eram musculosos, ela supôs que era pelo seu “trabalho”, mas não chegava a ser desproporcional. Tinha impressão que normalmente pareceriam apenas um pouco mais gordinhos. Talvez fosse uma vantagem, considerando a altura.

— Vai — incentivou Margo empurrando suas costas

A ruiva se aproximou da legista, segurou seu braço sem força e fez ela se levantar. Katherine achava muito mais simples não lutar, ainda mais sabendo que não tinha habilidade ou velocidade para isso. Steele a puxou em direção a porta, uma mão segurando seu braço e a outra enfiado no bolso do casaco.

— Pra onde você vai levar ela? — Camile rosnou em direção a ruiva

— Você vai ver — Sarah respondeu

— Não vou deixar ela sozinha com vocês

Avançou em direção a Margo, Sarah foi mais rápida e ficou na sua frente, envolveu seu pescoço com uma mão.

— Colabore

— Me obrigue — seus olhos escuros brilhavam em desafio

— É uma péssimo ideia me desafiar

— Você não vai me machucar — ergueu as sobrancelhas

— Não você — gesticulou em direção a legista — Mas não vou hesitar em machucar a sua amiga ali — tirou a mão do seu pescoço — Agora, fica quieta e colabora

Camile suspirou e deu um passo para trás, mostrando que estava se rendendo. Sarah sorriu, Margo olhou para detetive como se pedisse desculpas silenciosamente e levou Katherine em direção a escuridão do resto do apartamento.

Capítulo 31

— Amarre com mais força — Sarah disse para Margo, que murmurou desculpas no ouvido da legista e apertou mais a corda — É pra machucar!

— Mas...

— Me obedece — mirou sua cabeça — Agora, porra

Margo obedeceu, murmurando mais desculpas. Sarah jogou um pano em sua direção, Steele encarou ela por um segundo antes de amordaçar a mulher.

Aquilo era mais parecido com o que Katherine havia imaginado.

Estavam na sala do apartamento que ficava ao lado de onde havia sido presa. Ali fedia a sangue e outros dejetos humanos, o odor queimava o nariz da legista. No outro lado da sala, havia um homem amarrado em uma cadeira. Apenas vestido com uma cueca, hematomas e cortes espalhados em seu corpo. Viu que havia um curativo cobria onde deveria ser sua orelha esquerda, Katherine demorou alguns segundos para entender que o motivo de tanto sangue no ombro dele era porque alguém havia cortado a orelha dele.

Ele ergueu a cabeça, ela podia ver que havia medo e dor em seu olhar. Sarah mexeu nas coisas que havia em uma mesa, Margo saiu e voltou alguns minutos depois com Camile. A detetive não parecia confortável por estar sendo puxada para dentro da sala.

A detetive engoliu seco quando viu o homem. Ela fechou as mãos com força, os nós dos dedos ficaram brancos. Margo ficou atrás da legista e apoiou as mãos nas costas da cadeira.

— Vamos jogar um pouco — pegou uma furadeira sem pilha — Vai ser divertido

Entregou para a detetive, que ficou encarando o objeto por alguns segundos. Ela segurou ele com firmeza, ele parecia pesar mais ou menos um quilo. Escorregou o dedo indicador para o gatilho. Sarah ficou atrás dela, colocou uma mão na altura da lombar e a empurrou levemente para que ficasse em frente ao homem preso.

Ele ergueu os olhos para ela, Sarah murmurou em seu ouvido:

— Vamos, Cammy — segurou seu pulso e ergueu, fazendo ela apontar para o homem — É só você colocar ali, apertar o gatilho e empurrar

Camile respirou fundo, seus pensamentos não conseguiam ficar focados apenas naquilo.

Os hematomas desapareceram há muitos anos, deixando sua pele imaculadamente branca outra vez. Os cortes se curaram há anos, deixaram somente finas linhas mais pálidas do que o restante do corpo. Os ossos se regeneraram, assim como qualquer lesão muscular, deixando seu corpo outra vez forte e resistente. O tempo curou seu corpo com êxito, fazia anos que ele era uma máquina funcionando perfeitamente outra vez.

As marcas físicas eram cicatrizes.

Entretanto, o maior problema não era o corpo, era a sua mente. Ela já havia perdido a conta de quantas vezes os pesadelos vinham e a faziam viver o mesmo horror e dor. Ela acordava respirando tão rápido que parecia que seus pulmões entrariam em colapso, o som do seu próprio grito a acordava.

Era algo psicológico, ela sabia, mas algumas vezes podia sentir seus ombros doerem como se estivesse pensurada. Podia sentir a lâmina cortando sua pele e o sangue escorrendo. Podia ouvir a voz dele, o toque dele, o pânico e a dor outra vez.

Tudo isso por causa daquele homem amarrado bem a sua frente.

Se Abigail Carter soubesse que Camile simplesmente sumiria depois de ver o vídeo, teria amarrado ela na cadeira e chamado Brown. Agora, não fazia ideia de onde ela havia ido. Carter conseguiu falar com o guarda e descobriu que a detetive já havia falado com ele e até mesmo feito um desenho da tal mulher loira. Conseguiu descobrir que chegou um pacote para detetive e que ela simplesmente sumiu depois disso. E também que o carro de Katherine estava na rua ao lado, a pá ainda perto da roda.

Agora, peritos tentavam encontrar algum vestígio. Mas não havia pegadas depois que a neve encobriu, nenhuma testemunha de alguma coisa. Brown ordenou que um perito fosse o apartamento do guarda e conseguisse outro retrato falado. Camile e Katherine sumiram como fumaça.

Abigail bebeu mais café, agüado e doce demais. Ela andava de um lado para o outro, preocupada com aquilo. Tentou ligar dezenas de vezes para as duas, mas apenas caía direto na caixa postal. Esperava que o tal retrato facilitasse a busca no sistema.

Olhou o relógio, sua cabeça latejava. Batidas na porta interromperam sua enxurrada de xingamentos. Ela abriu, era o perito que foi mandado para conversar com Krieg. Ele resumiu o encontro e entregou uma cópia do retrato. Ela agradeceu, fechou a porta e voltou para a mesa.

Sentou em sua cadeira, tirou o papel de dentro do envelope e olhou. Podia ver que era bonita, parecia o tipo de garota que você encontra em uma festa, conversa com ela e a leva para algum jantar. Não o tipo que parecia capaz de deixar aqueles homens em estado lastimável.

Batucou os dedos na mesa, abriu o sistema de procura e começou a colocar os dados que tinha. O buscador começou a fazer seu trabalho através dos bancos de dados, ela se ajeitou melhor na cadeira, o copo de café entre as mãos e olhando para papel.

— Ei — Laurie apareceu na porta

— Uh, entre — a garota entrou

— Algum avanço?

— Procurando se tem algo sobre ela no sistema

— Acha que foi descuido ou intencional?

Carter encolheu os ombros. Laurie se aproximou da mesa e puxou o papel para si. Franziu o cenho enquanto analisava o desenho. Um aviso apareceu no monitor quando o buscador encontrou perfis condizentes com as características procuradas. Ela olhou as imagens e encontrou qual batia perfeitamente com o desenho.

— Sarah Parker — ambas disseram ao mesmo tempo, Carter ergueu os olhos

— Como sabe disso? Você a conhece?

— Mais ou menos — empurrou o desenho de volta — É a ex-noiva da Cam

Capítulo 32

A raiva e ódio deveriam ser mais que o suficiente para fazer Camile Simons jogar todo seu código de conduta e machucar violentamente Adam Feltre. Destruir ele o máximo que podia. Estilhaçar seu corpo de todas as formas possíveis, fazer ele sentir a mesma dor que ela sentiu. Mas não seria o suficiente, ela sabia que torturar alguém não era a cura que ela precisava.

Aquela voz irritante em sua mente mandava ela enfiar logo aquela furadeira em qualquer parte do corpo do estuprador, era seu lado negro querendo tomar conta de cada célula do seu corpo, pegar o controle nos seus nervos, dos seus músculos e fazer o homem sofrer. Camile sabia que Katherine estava bem atrás, sabia que a legista poderia ver cada ação sua. Entretanto, Sarah estava distraíndo ela. Tirando sua mente do lugar e fazendo ela voltar a pensar como pensava anos antes.

Se vingar é tudo o que importa.

Ela sabia que não era assim, mas era mais forte. Como se esse sentimento infernal tivesse crescido em uma bolha dentro dela, se multiplicado como vírus e agora acordado. Camile quase sentia o desejo correr em suas veias, quente como lava, queimando como ácido.

Sarah deu um passo para o lado, se afastando um pouco da garota. Sabia que havia conseguido regar a semente de ódio nela. Havia feito toda aquele ódio acumulado voltar a correr dentro dela após todos os anos. Conhecia ela o suficiente para saber o quanto era impulsiva e que estar perto de Adam com um modo de machuca-lo era tudo o que ela havia desejado, mesmo sem admitir, Simons sempre quis ao menos um pouco de vingança.

Ela estava hesitando, afinal, seu lado racional ainda estava lutando para ter o controle total. Sarah sabia o que fazer para destruir a racionalidade e fazer a ira da detetive voltar com toda a força. A loira deslizou para ficar atrás do homem e tirou o pano que o amordaçava. Adam tossiu um pouco, ergueu os olhos para a garota. Ela podia ver o pânico que havia neles, isso fez seu monstro interior ronronar de puro êxtase. Ele murmurou um “por favor”.

Pronto, Sarah havia conseguido o que queria.

Ela viu quando qualquer traço racional foi apagado do olhar de Camile, viu quando a selvageria tomou conta dela. A detetive abaixou a furadeira até o ombro dele, encostou a ponta na pele e empurrou levemente. Ela respirou fundo, firmou melhor as mãos para não perder a precisão e apertou o gatilho.

Atrás dela, nem Margo e nem Katherine tiveram coragem para ver isso, ambas desviaram o olhar e se encolheram quando o grito angustiado e rouco do homem ecoou ensurdecedor pela sala.

Camile não tinha nada para fazer, estava em um verdadeiro tédio. Não tinha que ir ao colégio, não tinha um emprego e nem podia entrar no meio do semestre na faculdade. Seu irmão mais velho já tinha voltado para a universidade, sua irmã sequer era uma opção a se cogitar como alguém para quem ela pudesse ligar. James, o cara mais legal que ela conheceu, estava no seu plantão na delegacia. Sarah havia conseguido a vaga e estava no treino das líderes de torcida e sábado não era dia de nenhuma terapia. Por causa disso, o tédio era predominante.

Ela estava na cama olhando o teto branco, tentando ao máximo manter sua mente longe de qualquer coisa que a deixasse desanimada, exatamente com o psiquiatra havia pedido. Fechou os olhos e suspirou, tentando pensar em algo que pudesse fazer. Os livros estavam na casa, ela não iria até lá apenas para buscar um. Mesmo que sua mão direita estivesse em perfeitas condições (ao contrário da outra, que às vezes doía e era difícil mover, fazia parte da rotina da fisioterapeuta que cuidava da garota ajudá-la a recuperar os movimentos dessa mão), nas últimas semanas desenhar apenas ajudava a alimentar os pesadelos.

Olhou o relógio, as horas passavam lentamente, ela quase sentia os segundos na pele. Girou na cama e ficou com o rosto enfiado no travesseiro.

— Fletcher — Camile resmungou quando ouviu a voz de Sarah — Tire a cara do travesseiro

— Estou tentando ficar entretida

— Existem outros métodos — entrou no quarto e se aproximou da cama — Levanta e se arruma

— Me arrumar para o que?

— Vamos sair — Camile tirou o rosto do travesseiro e a encarou — Sério, estou cansada de comida congelada, vamos sair para comer pizza com o pessoal

— Que pessoal?

— As meninas do time, elas me chamaram e disseram que eu podia levar você

— E por que acha que eu quero ir?

— Não interessa se você quer ou não ir, essa coisa de ser antissocial já acabou. E nem venha dizer que você não tem dinheiro ou roupa — foi até o armário e começou a revirar — É só pizza, não precisa se arrumar como para uma festa. E elas vão adorar saber quem você é

— Todo mundo sabe que eu sou, você mesma disse isso

— Sabem seu nome — tirou um jeans preto — Não sabem como você é

— Sou péssima em ser simpática

— Não precisa ser simpática, você é naturalmente fofa — jogou o jeans na cama e riu quando viu que as bochechas da garota estavam rosada — Viu, já está sendo — Camile revirou os olhos e observou Sarah procurar uma blusa que ela achasse legal. — Por que todas suas blusas são iguais?

— Porque não preciso de blusas diferentes

— Você precisa de estilo — tirou a única peça que se destacava entre os casacos comuns, a jaqueta de couro — Pelo menos tem uma jaqueta legal

— Já não é suficiente?

— Não — buscou uma blusa branca dentro da gaveta — Vista isso aqui e... — se abaixou para olhar debaixo da cama — Você tem coturnos! — ela esticou a mão e pegou o par — Isso é muito legal

— Coturnos e botas são a mesma coisa

— Não são não, ou não teriam nomes diferentes — se levantou e entregou a ela — Tome banho e vista isso

Camile revirou os olhos, mas obedeceu. Algum tempo depois, ela estava terminando de amarrar os sapatos quando Sarah voltou ao seu quarto. De jeans azul-claro, o tênis vans

tradicional, a blusa de mangas compridas cinza clara com uma frase aleatória e o casaco xadrez amarrado na cintura. Camile terminou de amarrar e levantou, Sarah riu, a empurrou para fazer ela sentar outra vez e ergueu a nécessaire.

— Maquiagem? — ergueu as sobrancelhas

— É apenas um detalhe — sentou ao lado da garota — Vira pra mim

— Pra que maquiagem? Essa roupa não é suficiente?

— Só um pouco, não vai te incomodar — segurou seu queixo e virou seu rosto — Vamos, fique paradinha

Camile riu e deixou a loira fazer o que queria, não faria mal, certo? Talvez fosse até divertido conhecer pessoas novas e sair um pouco daquela rotina maçante.

Capítulo 33

Sarah precisou envolver a cintura de Camile e puxá-la para longe dele antes que ela o transformasse em apenas restos humanos sangrentos. Depois disso, a levou de volta para o quarto, Margo desamarrou Katherine, tirou o pano da sua boca e também a levou de volta ao quarto.

A detetive sentou na cama, encostada na cabeceira e puxou as pernas para ficar abraçada nelas e escondeu o rosto ali. Katherine sentou na beira da outra cama, os cotovelos apoiados nas coxas e o queixo apoiado nas mãos entrelaçadas. Sabia que o grito angustiada daquele homem ficaria marcado como ferro em brasa dentro da sua mente. A legista observou enquanto a australiana ficava encolhida na cama, ela parecia querer desaparecer.

— Eu não deveria ter feito aquilo, não é? — ela sussurrou, sua voz rouca e baixa

— Ninguém vai te julgar — Katherine disse com um tom de voz gentil — Não é culpa sua se ela fez você perder o controle

— Eu só... eu deveria ter me controlado — ela apertou as mãos — Não é o tipo de coisa que eu deveria fazer... muito menos na sua frente

— Está tudo bem — ela levantou e sentou perto da detetive, esticou e colocou a mão em sua perna — Você não deveria se culpar

— Mas...

— Olhe aqui — se ajoelhou na frente dela, segurou seu rosto e fez ela olhar para si, Camile tinha lágrimas nos olhos — Você não deveria se culpar, é o tipo de coisa compreensível

— Compreensível? — fungou — Eu torturei um cara, não diga que é compreensível — passou a língua entre os lábios

— Não é como se ele fosse inocente — ergueu as sobrancelhas — Você não teria feito nada se ele fosse inocente — ela podia ver que Camile sabia mais do que havia dito — Você já sabia quem ele era, não é?

— É... — apertou mais os braços ao redor das pernas, Katherine escorregou a mão para sua nuca e massageou

— Tem algo a ver com as cicatrizes? — Camile arfou e assentiu — Foi ele que fez isso?

— Eu não quero conversar sobre isso

— Está bem — murmurou e se afastou

— Não, não, não — esticou a mão e agarrou o braço da legista — Não, por favor, fica — colocou a outra mão em seu rosto — Não quero conversar agora... mas quero você perto, por favor

— Okay

Camile se arrastou um pouco para o lado, Katherine se enfiou no espaço entre a detetive e a parede. Ela passou o braço ao redor do seu pescoço e começou acariciar seu cabelo. A detetive deitou a cabeça em seu ombro e fechou os olhos.

— Já fazem quatorze malditos anos — Camile murmurou — E eu ainda não consigo falar sobre isso sem me sentir doente

— Você não precisa falar se não se sentir confortável

— Não acho que vou me sentir confortável algum dia — respirou fundo — Eu

deveria ter evitado, eu poderia ter feito isso se não fosse tão teimosa

— Não é culpa sua — enfiou o nariz em seu cabelo — Nada é culpa sua

Camile estava quase dormindo quando Katherine a sacudiu levemente. Margo entrou no quarto com uma bandeja.

— Hora da comida — colocou a bandeja em cima da mesa cabeceira — Vocês deveriam comer antes de dormir, casal fofo do ano

E saiu com um pequeno sorriso no rosto.

Katherine se arrastou para fora da cama e abriu o pote, viu que estava cheio de macarrão com molho. Ela ergueu as sobrancelhas, o cheiro fez ela perceber o quanto estava com fome. Abriu a lata de refrigerante e sentou em frente a detetive. Pegou uma porção do macarrão.

— Mais fácil comer se não continuar encolhida assim

— Não estou com fome

— Vamos lá, Simons

— Cammy — murmurou — Você pode me chamar de Cammy, okay?

— Okay — se inclinou um pouco mais para perto — Vamos lá, Cammy, já está tarde

— Estou enjoada

— Está bem... — olhou para a bandeja — Pelo menos coma o chocolate — esticou o braço e o pegou — Por favor

— Okay, okay — pegou o chocolate

Sarah, tentando ser o mais silenciosa possível, se esgueirou para dentro do apartamento. Viu que Camile estava jogada no sofá, em uma posição que claramente causaria dor nas costas e na nuca, a cabeça jogada para trás, Kriss estava deitado em suas pernas e ela ainda estava segurando os resultados de algum exame do trabalho. Sarah suspirou, tirou os sapatos e colocou a bolsa no chão. Se aproximou da garota, aquele não era o tipo de cena realmente incomum.

Ver aquilo fazia ela pensar nos novos planos. Por um lado, dava mais certeza a ela que realmente deveria fazer aquilo. Afinal, uma das piores coisas que ela havia visto era o que Adam havia feito, as consequências daquilo na garota jogada no sofá. E pelo outro lado, ela não queria ficar longe. Não queria desistir de cada plano perfeito que haviam feito, poderia muito bem ficar com aquela mulher até morrer.

Mas aquele desejo de vingança era forte demais. Ela tentou ignorar por anos, esconder debaixo do relacionamento quase perfeito que as duas tinham.

Sabia que seria impossível deixar Camile realmente longe daquilo, além de fazer parte do tempo, a garota era basicamente o motivo de tudo. Ficou alguns segundos admirando a detetive antes de empurrar Kriss, tentando fazer ele sair. O gato grunhiu e pulou para o chão. Sarah sabia que, quando estava realmente cansada, a detetive dormia como uma pedra.

Estava relativamente acostumada a carregar a garota no colo, Camile resmungou baixo quando foi erguida do sofá. Sarah carregou ela até o quarto, colocou na cama e cobriu com o cobertor. Tomou banho, vestiu o pijama (que na verdade era apenas calcinha e sutiã), voltou para o quarto e escorregou para debaixo do cobertor. Envolveu a cintura da detetive, cheirou seu cabelo.

— *Eu amo você* — *murmurou antes de relaxar o suficiente para conseguir dormir*

Capítulo 34

Até os dezesseis anos, quando um dos seus piores pesadelos se tornou real, Camile Simons sempre viveu em uma situação familiar controversa. Enquanto Robert, seu irmão mais velho, cuidava dela e a tratava com o máximo de amor que ele podia demonstrar, Rebecca a tratava como se ela fosse a escória do mundo. E Sebastian se via em uma guerra entre as filhas.

Rebecca sentia raiva, muita raiva da irmã mais nova. Afinal, se seus pais não tivessem insistido em ter outro filho, sua mãe ainda estaria ali, não teria tido a maldita eclâmpsia. Ninguém teria precisado escolher entre salvar a mulher com poucas chances de se recuperar e salvar o bebê saudável e forte. Claro que escolheram o bebê. Claro que preferiram deixar a mulher morrer para que aquela criança tivesse uma chance.

E a criança acabou recebendo todo o ódio e asco que Rebecca era capaz de sentir.

Camile entendia parte do que Rebecca sentia, podia entender que era difícil perder alguém. Ainda mais considerando que ela própria sentia saudade de quem ela não conheceu e de coisas que ela não viveu.

Mesmo com toda sua compreensão e racionalidade, era impossível não sofrer com aquilo. Ela era bem mais respeitada no colégio do que em casa. A única pessoa que fazia sempre questão de tratá-la mal era Rebecca. Camile não fazia ideia de quando tudo começou, apenas se lembrava de sua irmã sempre tratar ela com tanta raiva. Machucava, queimava e ardia.

Ela não enfrentava, somente abaixava a cabeça e aceitava todas as agressões. Os xingamentos murmurados no ouvido, as ofensas e acusações, os olhares de desprezo. Ela suportava os tapas, empurrões, beliscões que a irmã não cansava de dar quando estavam perto o suficiente para fazê-los discretamente.

Um dia ela acabou se cansando. Depois de ter feito a prova que definiria sua vida, e ter conseguido nota para passar em segundo lugar para a faculdade de medicina, Rebecca estava particularmente ácida. Provocava, ainda mais porque ela própria não havia conseguido pontos o suficiente para entrar em Medicina e acabou escolhendo outro curso. E toda a provocação, aliada ao fato de Camile estar cansada de sofrer tanto nas mãos de quem deveria protegê-la, resultou em uma explosão de raiva.

O jantar era silencioso, Camile estava no limite. Seu sangue fervia em suas veias e ela queria que tudo fosse perfeito como deveria. Sebastian apenas observava a troca de olhares entre as duas filhas, estavam esperando Robert para contar a novidade. Ocorreu tudo perfeitamente, o garoto sorriu como nunca quando ouviu a novidade. Então um murmúrio provocou a discussão. Em segundos, as duas garotas estavam gritando ofensas uma para a outra. Camile estava tão vermelha que parecia prestes a explodir.

E era tudo raiva, rancor e dor acumulados por anos. Sebastian tentou contê-las. Tentou acalmar a situação, mas não havia nada que pudesse parar a erupção. Nada que fosse controlar a garota. Ela havia suportado toda a merda por tempo demais, havia se destruído demais. Sem saber, havia alimentado uma fera dentro de si e agora o monstro rugia e pedia vingança e justiça.

O tempo parecia parado ao redor dos quatro, Sebastian via que o que deveria ser uma família era como uma farsa. Eles deveriam apoiar uns aos outros, mas isso não acontecia.

Enquanto os dois homens tentavam manter a paz, Rebecca destruía todos os dias Camile. E ela acabou criando algo com tanta dor que agora não havia volta, que havia explodido e destruído qualquer ilusão de família que eles tinham.

Depois de cuspir tudo o que sentia, o que desejava e a verdade mais dolorosa que havia dentro de si, Camile correu para fora da casa. Sebastian, com alguns segundos de atraso, correu atrás da filha. Ele conseguiu alcançá-la no jardim e pedir para que se acalmasse. Entretanto, a explosão havia mudado alguma coisa nela e seu pai não tinha mais o efeito calmante nela. Na verdade, só a fez sentir mais raiva e ela o empurrou para longe.

Foi a última vez que Camile Simons viu seu pai.

Ele estava magoado, com dor explícita em seus olhos. Com agonia pesando em suas feições. Mas ela apenas virou de costas para ele e deixou para trás a vida que conhecia. Se ela soubesse o que a esperava nas ruas escuras de Brisbane, para onde caminhou sem realmente saber, ela jamais teria saído de casa. Teria deixado seu pai puxá-la para um abraço e tentado acalmar a fera.

Entretanto, ela caminhou em direção a outra fera. Em direção a outra dor e a outra tortura. Se ela soubesse, teria virado e enfrentado o que poderia consertar tudo. Não teria se jogado no inferno, nas mãos de um monstro em forma de humano.

Rebecca havia roubado sua chance de ter uma infância, sua esperança de ter uma irmã mais velha que fizesse como nos filmes e fosse sua melhor amiga. Mas Adam Feltre havia roubado, dilacerado e exterminado qualquer vestígio de inocência que poderia haver em seu coração e em sua mente.

Capítulo 35

Katherine observou enquanto Camile se aconchegava na cama com as costas grudadas na parede. A legista hesitou alguns segundos antes de deitar perto dela. Apagou a luminária, ficou perto o suficiente para sentir o hálito de chocolate da detetive. Camile demorou alguns instantes para esticar a mão e segurar a cintura da mulher. Katherine suspirou baixo e se arrastou para ficar mais próxima.

— Está com frio? — a australiana murmurou

— Não

— Não minta

— Estamos no inverno

— Por isso perguntei — ela se sentou na cama e tirou a jaqueta

— Não precisa...

— Não quero correr o risco de deixar você ficar doente — voltou a deitar e colocou a jaqueta em cima da legista

— Nem você pode ficar doente

— Não vou ficar — sorriu levemente e passou os braços ao redor da legista — Mas existem dezenas de policiais lá fora

— Isso não que você tem o direito de querer ficar doente

— Vamos realmente discutir isso? — respirou fundo — Deveríamos dormir

— Não quero que sinta frio

— Não vou sentir — se aconchegou contra a legista — E não estou sendo tarada

Katherine riu baixo e enfiou mais o rosto no peito da garota.

Horas depois, a legista acordou e estranhou por um segundo estar daquele modo. Enquanto puxava o ar, sentia o cheiro doce. O que a aquecia não era exatamente um cobertor e sim o outro corpo junto ao seu. Fechou outra vez os olhos (não que realmente fizesse diferença, não enxergava coisa alguma com o rosto enfiado ali) e respirou fundo.

— Bom dia — Camile murmurou, Katherine afastou o rosto do seu peito

— Como você... — a detetive deu um meio sorriso — Ah, a respiração?

— Sempre

— Está acordada há muito tempo?

— Não... não muito. Estava distraída

— Com o que?

— Olhando você — sorriu levemente e tirou o cabelo que caía em seus olhos — Você fica adorável quando está dormindo

— Como consegue ser fofa assim?

— Sendo

— Sua boba

Camile grunhiu quando Margo puxou ela e Katherine para fora do quarto. A ruiva segurou Katherine perto da cadeira em que ela ficou no dia anterior. Sarah chamou Camile para perto de Adam. Ele respirava com dificuldade, fazia um som agonizante.

— Vamos lá — a loira colocou o martelo em sua mão — É um presente de Natal, mesmo que hoje seja véspera de Natal, minha ansiedade não aguenta mais

— Eu não vou torturar ele de novo — baixou a mão

— Vai sim

— Vai me obrigar?

— Mais ou menos — segurou o seu braço e a girou, fazendo ela ficar de frente a Katherine — Ou você faz o que eu mando ou a doutora ali paga o preço

— Você está blefando

Sarah ergueu uma sobrancelha e sorriu sarcástica. Margo passou a língua entre os lábios, ela apenas seguia ordens. Chutou a parte de trás do joelho esquerdo da legista com força, isso fez ela cair no chão com a dor. Camile arfou com isso, mas se controlou. Margo ergueu os olhos em direção a chefe, que continuava com um olhar sarcástico e sádico.

Murmurou desculpas, ficou na frente da legista e acertou uma joelhada em seu rosto. A força do golpe fez a mulher cair. A lista de coisas que ela tinha que fazer era bem simples: derrubar, joelhada no rosto, alguns chutes nas costas e na barriga. Segundo Sarah, seria o suficiente para fazer Camile torturar Adam, E, cada vez a detetive hesitasse ou negasse alguma ordem, Margo deveria golpear a legista com toda a força.

— Não, não — a detetive tentou se aproximar, Sarah segurou seus braços e puxou — Pare com isso!

— Só se você fizer tudo o que eu mandar — rosnou em seu ouvido — Ela só vai se machucar se você deixar

— Sarah...

— Apenas faça

Camile respirou fundo, viu Margo dar dois passos para trás. Katherine se encolheu e grunhiu com a dor. A detetive segurou o martelo com força e assentiu, ela não conseguiria deixar que machucassem a legista.

Sarah soltou ela. Simons se aproximou do homem, ergueu os martelo e o desceu com toda força. Ele gritou com o golpe na sua mão. Camile bateu várias vezes, esmagou os pequenos ossos da sua mão.

Quando parou, seu coração e sua respiração estavam acelerados. Sarah pegou o martelo de volta, o colocou na mesa. Camile se aproximou de Katherine, se abaixou perto dela.

— Kathy — murmurou, a legista grunhiu — Desculpe

Passou um braço por trás de suas costas e outro por baixo dos seus joelhos. Katherine passou um braço por seu pescoço, com a outra mão ela agarrou a camisa. Se encolheu, gemendo baixo de dor. Camile carregou ela em direção ao quarto, empurrou a porta com o pé e entrou. Colocou a legista com cuidado na cama e sentou na beira.

— Me desculpe

— Tudo bem...

— Eu não fazia ideia que ela realmente te machucaria — abaixou a cabeça — Que ela chegaria tão longe

— Ela quer que você termine o serviço — passou a língua entre os lábios, sentindo o gosto do sangue que escorreu do nariz — Era o objetivo o tempo inteiro

Katherine havia entendido o plano, havia visto o que Camile não conseguia enxergar. Simons tinha seu lado cruel, isso que fez ela usar aquela furadeira, mas era como preto e branco, não se misturavam. Racional e irracional, bem e mal, amor e ódio, coisas opostas em

lados diferentes, com uma linha bem definida separando o claro da escuridão. Ela jamais entenderia que Sarah funcionava de modo diferente, que era algo cinza, o bem e o mal estavam misturados.

A detetive não via porque preferia acreditar que Sarah fazia tudo aquilo por ser uma psicopata, por ser uma sádica sanguinária. Ela não conseguia aceitar que era tudo uma questão de vingança, que Sarah havia sido movida por amor e raiva. Pelo ódio de saber o que Adam havia feito.

Katherine conseguia enxergar que Camile sempre foi o motivo, que aquela história de Stean sempre girou ao seu redor. Podia não conhecer cada detalhe, não saber exatamente o que havia acontecido. Mas tinha certeza que Feltre machucou Camile de algum modo muito cruel.

Imaginava que havia a torturado, por isso as cicatrizes nas costas. Que havia a estuprado, por isso aquele padrão. Que havia deixado ela pendurada em algum lugar, por isso a reação tão forte ao homem no açougue. E que aquilo ainda a torturava, por isso o pesadelo.

Sarah queria vingar tudo aquilo.

— Ela queria que você se vingasse. Os outros foram só para mostrar o quanto você pode machucar alguém. Ela fez tudo isso por ama você.

— Isso é doentio

— Às vezes o amor é como uma doença

— Ela não ama, ela é doente

— Talvez seja doente, mas não muda o que sente

— Agora você entende a mente de uma psicopata? — levantou e começou a andar de um lado para o outro — Ela não me ama, está bem?

— Olhe tudo o que ela fez! — sentou com um pouco de dificuldade — Tudo porque aquele cara machucou você

— Kathy...

— Você não enxerga isso porque prefere ver o lado bom das pessoas. E é mais fácil acreditar que alguém não o tem do que admitir que talvez esse lado seja o que despertou a crueldade nela — Camile sentou na outra cama, os ombros caídos em derrota — Vamos lá, você sabe que estou certa. Isso tudo é o modo doentio de mostrar que ela ama você

— Mas... — seus olhos brilharam de lágrimas — Não é muito mais simples mostrar isso cuidando? Em vez de sair por aí torturando pessoas, poderia apenas cuidar de mim. Em vez de me abandonar para ir atrás dessa vingança, ficar quando eu precisava. — fungou, algumas lágrimas escaparam — Eu precisava dela, Kathy, eu precisava de alguém que não me deixasse cair outra vez. E o que ela fez para mostrar todo esse amor que você disse? Foi atrás de uma maldita vingança

— Nem todos são bons como você

— Não é questão de ser bom, é... como alguém pode matar por amor. Quer dizer, não estou falando de matar para defender quem você ama, estou falando de planejar e fazer. Quantos anos ela deve ter passado planejando tudo isso? Ele deve ter imaginado isso há muito tempo, olhe tudo, ninguém cria algo assim em um ano e meio.

— Provavelmente ela imagina desde que te conheceu — ergueu as sobrancelhas — E começou a realmente planejar quando percebeu que não fugiria mais

— Como você consegue? — Katherine a encarou confusa — Como consegue

entender tudo isso? Eu passei anos do lado dela e nunca... nunca imaginei nada disso. E não consigo acreditar que é por minha causa

— Porque você é essencialmente boa — deu de ombros — Inocente demais para isso

— Eu não sou inocente

— Para algumas coisas

— Eu não consigo entender

— Você não vai conseguir — pegou a garrafa de água — Agora você podia me ajudar aqui, não é?

Camile suspirou, sentou perto da legista. Rasgou um pedaço da camisa, molhou com a água e começou a limpar o sangue. O nariz dela não estava quebrado, havia apenas estourado algumas veias. A detetive não conseguia parar de pensar no quão compreensiva Katherine parecia ser com tudo aquilo. Parecia tão doentio para Camile que sua mente e seu coração jamais entenderiam.

Katherine conseguia entender o que Sarah queria porque podia se imaginar fazendo o mesmo. E porque ela também era cinza.

Capítulo 36

— Kathy... — Camile chamou, estava sentada no chão, as pernas esticadas e as costas encostadas na cama

— Hm — Katherine estava encolhida, abraçando o travesseiro tentando ficar confortável

— Você já matou alguém? — puxou as pernas para si — O acidente não vale, okay?

— Como sabe do acidente?

— Está na sua ficha — deu de ombros — Não estou falando disso. Matou ou não?

— Por que quer saber?

— Porque você entende mais a Sarah do que eu

— E é preciso ter matado alguém para entender o mal dentro de alguém — sentou devagar na cama

— Mas é preciso ter tido algum contato — ela virou e se ajoelhou ao lado da cama — Ter conhecido algo, visto algo — lambeu os lábios — Você viu alguma coisa?

— Está bem... — Katherine se arrastou para ficar com as costas na parede e bateu no colchão ao seu lado — Senta aqui, eu vou te contar

Camile subiu na cama, de certo modo ela parecia uma criança curiosa, uma garota ansiosa para escutar uma história nova. Katherine puxou a garota para fazê-la deitar a cabeça em suas pernas. A legista abaixou a mão e começou a mexer lentamente no seu cabelo.

— Se fizer isso, eu vou dormir — Camile murmurou e ficou de barriga para cima, olhando a legista, daquele ponto de vista podia enxergar como ela parecia cansada — Você não quer que eu durma no meio da sua história, quer?

— Não, bobinha — respirou fundo — Você leu minha ficha, certo?

— Uhum

— Então... uma parte dela não é exatamente verdade

— Como assim?

— Sobre meus pais, sobre como eles morreram. Eles não morreram em um incêndio.

— Por que mentiram na ficha?

— Porque queriam que alguém me adotasse. Não deu muito certo

— E o que havia de errado com eles?

— Com a minha mãe, nada. O problema era o meu pai

— Por que?

— Ele era um louco. Ele matava pessoas as espancando com um taco de baseball. Minha mãe sabia e escondia isso de mim. Ela nunca me contaria. Eu achava que ele era um cara bom. Ele era um bom pai, o modo como ele nos tratava era ótimo. Mas teve uma noite que ele perdeu o controle.

“Ele estava estressado com o emprego, porque a empresa estava falindo e ele estavam começando a despedir as pessoas. Ela percebeu que ele podia perder o controle algum dia, então quando estava perto do horário dele chegar, ela me fazia ficar escondida no armário debaixo da pia.

“Ela estava certa, ele perdeu o controle uma noite. Eu lembro de tudo tão... tão perfeitamente. Dava para perceber que havia algo de errado desde o instante que ele entrou na cozinha.”

Katherine parou por alguns segundos. Podia fazer muito tempo que aquilo havia acontecido, ela mal tinha completado sete anos quando aquilo aconteceu e ela foi levada para o abrigo, mas era estranho falar sobre aquilo. Eram quase trinta anos. Mesmo depois de tanto tempo, era esperado que ainda houvesse algum sentimento. Entretanto, ela sentia como se fosse outra pessoa.

— Eu ainda lembro dela pedindo para ele parar — continuou murmurando — Mas... não parece que eu estava realmente lá. Não parece que é faz parte da minha história

— *Você realmente precisa ir?* — *Abigail resmungou e sentou na cama, observando Katherine vestir a roupa*

— *Horários, Carter* — *revirou os olhos* — *Você sabe que ninguém pode saber*

— *Não vão descobrir se você ficar mais cinco minutos aqui* — *se arrastou para sentar na beira da cama, esticou os braços e conseguiu engancha os dedos indicadores nas alças por onde o cinto deveria passar* — *Kate...*

— *Não...* — *segurou seus pulsos* — *Eu tenho que ir. Não posso agir como se trabalhasse tanto* — *ergueu as sobrancelhas* — *E daqui a pouco sua namorada chega e não vou correr o risco, okay? Não é apenas sobre você*

— *Está bem* — *soltou ela* — *Você sempre me convence*

— *Eu sei* — *riu e colocou a blusa* — *Posso fazer nada se você não é difícil de ser convencida*

— *Mereço* — *revirou os olhos e se jogou na cama com os braços abertos*

— *Sua idiota* — *riu, subiu na cama e engatinhou para ficar em cima dela* — *Seja menos viciada*

— *E você seja menos sexy* — *enlaçou seu pescoço com os braços* — *Olhe, você já está provocando*

— *Mereço* — *revirou os olhos e desviou dos braços* — *Realmente preciso ir*

Dois peritos estavam andando ao redor do apartamento procurando provas. Abigail parou em frente a estante e começou a ler os títulos. Uma lombada negra com letras douradas chamou sua atenção, ela já havia vista aquilo em algum lugar. Passou o dedo pela lombada e pegou o livro.

Tinha quase certeza absoluta que havia visto aquele livro. Reparou que havia algo dentro. Olhou ao redor, reparou que os peritos estavam distraídos em vasculhar os papéis em cima da mesa, enfiou o livro rapidamente dentro da bolsa.

Andou pelo corredor, abriu uma porta e deu uma olhada dentro do quarto. Viu um notebook prata jogado na cama. Fechou a porta e caminhou até a cama, sentou nela e puxou o notebook para si. Abriu ele, ligou e esperou o sistema iniciar. A tela de login surgiu, ela coçou o queixo e se xingou por ter esquecido que ninguém deixava seu computador sem senha.

Então ela chutou: 130786. A tela desbloqueou e o a tela inicial padrão apareceu. “Sério?” pensou “a senha dela é o aniversário da Camile? Essa mulher tem mil planos e é previsível assim?” Ela não sabia o que esperava ver, apenas abriu o gerenciador de arquivos e clicou em cima da pasta de vídeos.

Estavam separados por datas dos últimos três meses, pelo tamanho dos arquivos, ela

supôs que demoraria horas para assistir tudo. E Abigail nem tinha certeza se queria olhar. Abriu uma pasta que estava nomeada com outra sequência de letras aleatórias, mais vídeos com datas. Diferente da pasta anterior, eram mais antigos.

Agora Carter estava morrendo de curiosidade para saber o que havia ali.

Capítulo 37

— *Você sabe que isso ainda vai te matar* — Sarah murmurou, observando Camile acender o cigarro sem sair da cama

— *Não vai ser um ou vinte tubinhos de tabaco que vão me matar* — encolheu os ombros, o lençol cobria apenas sua cintura para baixo e ela não parecia se importar por estar daquele modo — *Precisa mais do que isso para me matar*

— *Você deveria parar de fumar, isso é ruim* — se sentou, cruzando os braços para cobrir os seios — *Você sabe disso*

— *Não precisa se preocupar* — suas palavras foram acompanhadas pela fumaça branca — *Não se preocupe comigo*

— *Pare com isso*

— *Só porque transamos não significa que temos alguma coisa* — rosnou, esticou o braço para fora da cama e bateu com o indicador no filtro para tirar o excesso de cinza e ela caiu no chão branco — *Por que você quer agir como se fosse algo demais?*

— *Ser uma canalha, que bebe e fuma como uma idiota, não vai te curar*

— *Isto é um alívio* — bufou e saiu da cama, Sarah observou suas costas enquanto ela juntava as roupas espalhadas pelo quarto as chutando — *Não quero nada mais que isso*

— *Um alívio que vai matar você*

— *Você não entende* — pescou a boxer e a blusa na bagunça, jogou a guimba na lata de lixo — *Não tente entender*

— *Eu não estou tentando entender* — se arrastou para a beira da cama — *Estou tentando ajudar*

— *Pra que?* — colocou a roupa — *O que acha que nós somos?*

— *Você é a canalha e eu sou a babaca* — se levantou, com raiva e parou em frente a garota — *E pra você? O que somos?*

— *Nada* — pegou o maço de cigarro — *Você é babaca porque você quer*

— *Agora sou babaca porque quero?* — agarrou o braço da garota e a obrigou a se virar — *Estou tentando te ajudar*

— *Não quero sua ajuda!* — gritou — *Não quero porra nenhuma de ninguém!* — se livrou da pegada — *Se você quer algo mais do que foder, arranje outra pessoa!*

Caminhou para a porta do quarto, se sentindo doente. Sabia que estava sendo injusta, mas era algo que não podia controlar. Não queria um relacionamento, não queria nada. Agarrou a maçaneta e grunhiu baixo, agoniada, quando sentiu Sarah agarrar sua blusa. Fechou os olhos com força, não queria que a menina insistisse tanto em querer ajudá-

la.

— Mile... — a puxou para si e envolveu sua cintura com força para que ela não escapasse — Pare de fugir

— Não estou fugindo — bufou e agarrou os pulsos — Me largue, porra

— Não vou te largar até você aceitar que não vai ser se matando lentamente que vai ajudar você

— Eu não quero ajuda — grunhiu com o tom agoniado e suplicante — Eu não quero machucar ninguém com o meu caos

— Você está me machucando fugindo — segurando sua cintura, fez ela se virar — Pare de fazer isso, por favor

— Eu não estou fugindo, não há o que fazer

— Então me explique porque você lutou tanto para sobreviver, mesmo sabendo que seria tudo diferente — viu a garota abaixar a cabeça e murmurou — Eu gosto muito de você...

— Me solte — grunhiu, Sarah segurou sua cintura e a girou

— Isso não faz sentido! — soltou ela, deu alguns passos para trás e caiu sentada na cama — Normalmente as pessoas reagem destrutivas logo depois de um trauma — suspirou — Mas já são quase três anos e só agora você começou com isso... Por que agora, Camile? Por que quando você está quase entrando pra Academia? Você está desistindo de tudo... Mas por quê?

— Eu disse que você não entenderia — disse com a voz mais fria que ela podia, abriu a primeira gaveta da mesa-cabeceira e pegou o maço quase vazio

— Não, não — levantou rapidamente e agarrou os pulsos — Larga isso

— Sarah...

— Olha pra mim — pôs a mão em seu rosto e fez ela encará-la — Eu amo você... Eu não estou pedindo que você sinta o mesmo por mim. Eu só quero que você pare de se autodestruir — acariciou sua bochecha com o polegar e falou baixo, a encarando, perto o suficiente para sentir o hálito de cigarro mentolado misturado com algo doce que ela não reconheceu — Você não entende que dói ver isso?

Camile desviou o olhar e cruzou os braços. Sabia que Sarah estava esperando uma resposta. Mas Camile não tinha o que dizer. Não podia rejeitar, olhar naqueles olhos castanhos claros e dizer que ela deveria desistir. Não podia aceitar, queria destruir apenas a si mesma, machucaria muito menos mantê-la longe. E não podia ficar calada, ela não sabia o que falar.

Passou a vida inteira sendo a garota calada que se escondia atrás da própria inteligência. E essa inteligência não cobria a parte sentimental, ela não lidava com emoções. Afinal, era mais fácil esconder o modo como Rebecca agia quando fingia estar interessada demais nos estudos para se aproximar de alguém. Quando encarcerava cada sentimento em uma caixa trancada a sete chaves dentro do seu peito.

Então Camile não sabia como lidar com emoções porque elas machucavam. Simons sabia lidar com dor.

Raiva e ódio eram incontrolláveis. Medo e nojo deixavam ela completamente irracional. Amor era estranho, diziam que quem ama protege. Seu pai e seu irmão diziam que a amavam, mas nunca conseguiram protegê-la de Rebecca. Sentimentos eram o ponto

fraco dela, deixavam ela confusa mesmo que ela gostasse de imaginar que alguma hora aprenderia tudo aquilo.

Enquanto não entendesse, ela seria uma idiota.

Sarah talvez não visse esse defeito, para ela não era complicado sentir. Ela sentia demais, dava tudo de si. Então ela só queria que Camile deixasse ser cuidada. E não fazia ideia que a garota estava fugindo, caindo em um poço de autodestruição pelo simples motivo de não saber como agir.

Ela não estava apenas apaixonada, estava começando a amar.

— Por que você não pode simplesmente desistir? — precisou de toda raiva que era capaz de direcionar a Sarah para fazer aquela pergunta

— Porque eu não sou capaz de desistir de quem eu amo

— Então pare de me amar e você vai ser muito bem capaz de desistir de mim

— Camile, Camile — respirou fundo — Você não sabe nada sobre amor

— E nem pretendo saber — segurou seus pulsos e afastou suas mãos dela — Tenho coisas muito melhores para fazer do que viver ilusões

— Ilusões? — ergueu as sobrancelhas, surpresa com as palavras — Você acha que eu amar você é uma ilusão?

— O que garante que não é? — ergueu as sobrancelhas, seu olhar era tão frio quanto gelo e o tom era vazio — Nada garante, Parker

— Então vá pro inferno — espalmou as mãos em sua barriga e a empurrou — Você e sua canalhice — Camile a encarou com o cenho franzido — Você não queria sair daqui? Agora vai

Empurrou ela até a porta, abriu e praticamente jogou a garota para fora. Fechou a porta com toda a força. Camile ficou alguns instantes encarando a madeira escura. Fechou as mãos, respirando rápido de raiva. Raiva por Sarah ser tão insistente e raiva por estar tão confusa com o que queria.

Ela odiava ser tão inconstante. Tão imprevisível que nem ela mesma conseguia saber exatamente como agiria. Era como se não conhecesse mais a si mesma.

Capítulo 38

Laurie estava preocupada, muito preocupada com Camile. Se lembrava perfeitamente de como foi vê-la no escritório. Como a garota parecia tímida enquanto James apresentava ela a Brown, seu futuro chefe, e a Dirk. E claro, à ela. Claro que Laurie não esperava que fossem se tornar amigas tão rapidamente.

E ela também se lembrava de ter conhecido Sarah, de ter convivido com ela. Era uma garota legal, podia ver que a conexão entre elas. Pareciam terem sido feitas uma para outra. Laurie lembrava de como Camile parecia nervosa certo dia e descobriu que ela havia finalmente reunido coragem o suficiente e decidido pedir a namorada em casamento. E, claro, como ela apareceu radiante de alegria por ter tido seu pedido aceito.

Já fazia bem mais de um ano que as duas tinham terminado e Laurie ainda sentia raiva de Sarah, afinal, todos estavam estressados com o caso atual. A mulher escolheu o pior dia para terminar com Camile. Laurie tinha certeza, havia visto quanta dor aquilo causou, que foi por causa do término que Camile não foi a policial perfeita que ela costumava ser.

Agora entendia o que significava *“você não está mais nos meus planos”*. Continuava sendo cruel, continuava sendo o que fazia Laurie odiá-la. Afinal, se passaram quase oito meses antes que Camile finalmente voltasse ao trabalho. E voltasse por causa de Katherine, Laurie sabia que isso foi porque o instinto protetor da australiana fosse despertado.

E agora ela tinha certeza que as duas estavam em perigo. Certeza absoluta que Katherine estava em um perigo maior. E também que Sarah Parker era completamente louca.

Abigail Carter nunca foi realmente apaixonada por Katherine Cooper.

Entretanto, isso não significava que não se importava com ela. Havia errado quando não apoiou ela depois do acidente de carro. Apenas porque a legista traia o marido na maior cara de pau, não significava que não o amava. Ela nunca trocaria o homem e o filho por uma mulher com quem fazia um sexo maravilhoso.

E Carter se sentia culpada por ter se afastado, por ter preferido tentar consertar o relacionamento com a namorada possessiva do que ter mantido uma amizade como aquela.

A amizade com benefícios que elas tinham não era nada correta. Não apenas porque era pura infidelidade das duas. O marido de Katherine e a namorada de Abigail eram irmãos. Gêmeos, parecidos e melhores amigos. Por isso parecia ainda mais errado, afinal, estavam traindo duas pessoas da mesma família.

Ela gostava da legista, adorava ela como amiga. E também estava preocupada com Camile. Havia algo na detetive que fez Carter simplesmente gostar dela.

— Você se importa com as duas, não é? — Brown perguntou encostado no portal do escritório da agente

— Bem — batucou os dedos na mesa — Um pouco complicado não me importar, não acha

— É, meio complicado — ele sorriu — Mas vamos encontrar elas, é só confiar um pouco na nossa própria capacidade de encontrar pessoas

— Confio... mas não significa que vou ficar tranquila até ter certeza de que estão bem — massageou a têmpora direita — Limpamos o apartamento de Parker — encolheu os ombros — Procuramos vestígios em cada pequeno lugar em daquele apartamento e não

encontramos nada. Nada de nada, nem um pequeno detalhe que poderia apontar para onde elas estão. Como vamos descobrir para onde Parker as levou

— Simons e sua maldita mania de fazer tudo por si mesma — ele resmungou — Ela já deveria ter aprendido que não pode sumir assim, é perigoso

— Ela já sumiu antes? — franziu o cenho

— Ela é impulsiva — coçou a barba que começava a crescer — Principalmente se mexem com quem ela se importa.

— Ela parece altruísta demais para a própria segurança

— Qualquer coisa sobre ela é demais para que ela fique segura

— *Você sabe que é uma péssima ideia, Kate!* —o garoto gritou, Alexander, um garoto alto e magro com os cabelos cor de areia, estava preocupado com aquela ideia de subir no telhado para colocar as luzes de Natal — *Você não tem força para se segurar se escorregar!*

— *Não vou escorregar* — revirou os olhos, ela era pequena para a idade, tinha quase quinze e algumas garotas de doze eram maiores que ela, enquanto Alexander tinha a mesma idade que ela e maior que os garotos da idade deles

— *Ninguém garante!* — ele passou os dedos através do cabelo — *Eu que deveria subir*

— *Mais fácil você cair do que eu, seu gigante. Você é magro, não leve*

— *Claro... não pode falar nada, um vento te carrega, srta. peso-pena. Pelo menos eu fico seguro*

— *Você fica seguro aí no chão, não vou me machucar*

Ele cruzou os braços, estava claro em suas feições que estava realmente detestando a ideia de ver Katherine andar pelo telhado, se abaixando algumas vezes para prender a corda com lâmpadas na calha.

O Natal era a época favorita da maioria das crianças por ali, afinal, era quando as pessoas tinham uma bondade exacerbada em seus corações e algumas iam até casas como aquela para alegrar um pouco o dia das crianças que acabaram por lá.

Katherine sinceramente detestava aquele lugar, só era suportável quando estava com Alexander. Afinal, ele compartilhava o sentimento de ódio por nenhuma Casa de Adoção dar a sensação de segurança. Eles nunca estariam em um lar até poderem sair de lá, com dezoito anos, e encontrar um lugar para ficar.

Outra coisa que a deixava irritada era a maldita ideia da polícia de mudar seu sobrenome, não gostava daquele Green que substituiria o Cooper até que ela fosse maior de idade e pudesse finalmente ser livre.

Entretanto, enquanto estivesse presa aos adultos, ela era apenas mais uma garota com uma história triste. Depois ela poderia ser alguém além daquilo, ir para a faculdade e ter uma carreira. Ter alguém, ter filhos. S

Ela seria outra pessoa e poderia esquecer qualquer coisa que fosse relacionado a Katherine Green e tudo antes dela.

Capítulo 39

— Eu vou sair daqui! — Camile começou a andar de um lado para o outro entre as duas camas — Nós duas vamos sair!

— E como pretende fazer isso? — Katherine perguntou, ela preferia ficar na cama e brincando com uma mecha do cabelo

— Eu posso derrubar ela

— Ela tortura e mata estupradores, Cammy, você realmente quer brigar com ela?

— Sou mais rápida do que ela, Kathy. Não confia em mim?

— Confio, mas eu não quero que você se machuque — levantou e parou na frente da detetive, que precisou parar de andar pois a legista estava em seu caminho — É perigoso

— Se toda sua percepção sobre esta situação está certa, ela não vai me machucar — segurou os ombros da legista, inclinou um pouco e beijou sua testa — Eu preciso ao menos tentar

“Espero que dê certo... tem que dar certo” Camile respirou fundo, tentando confiar mais em si mesma. Era quase meia noite quando Sarah a chamou para fora do quarto. Camile relutou em deixar Katherine sozinha com Margo, mas precisava de um jeito que seu plano pudesse ser executado.

— Você não mudou muito — Sarah murmurou

— Não é como se realmente tivesse passado muito tempo — deu de ombros e encostou na parede

— Eu sei, Cammy

Camile se apoiou no balcão, apertou com força, respirou fundo, tentando controlar a raiva. Ela simplesmente porque não achava que tinha sentido algum que Sarah estivesse fazendo tudo aquilo. Sarah se aproximou e colocou as mãos nos seus ombros.

— Eu senti sua falta — Sarah murmurou

— Porque quis — respondeu — Você escolheu fazer isso

— Preciso explicar outra vez?

— Não importa o quanto você tente explicar — a detetive virou, a encarou com os braços cruzados — Continua sendo... sendo o tipo de coisa que você não pode querer que eu entenda! Que eu aceite e compreenda!

— Só quero que pare de me julgar tanto! — segurou o rosto da mulher — Eu amo você

— Como se dizer isso fosse ser o suficiente e...

Sarah não a deixou continuar, se aproximou e a beijou sem nem um pouco de delicadeza ou carinho. Ela só estava matando a saudade, o desejo que ela havia deixado debaixo de uma manta de ódio. De raiva, de sadismo e vingança. Escorregou a mão direita para sua nuca, enfiou as unhas na pele dela, e com a outra segurou seu ombro com força.

Camile gemeu baixo, segurou sua cintura e a deixou empurrá-la contra o balcão. Sarah se afastou do beijo puxando o lábio inferior da detetive, seus dentes apertando com força o suficiente para sentir o sabor metálico de sangue. Ela desceu o beijo pelo queixo até o pescoço, começou a morder a pele branca e macia.

— Você é tão... gostosa e irresistível — desceu as mãos pelo seu tronco e as enfiou

por baixo da camisa — Quente pra caralho

— Vai se foder, Sarah — cerrou os dentes

— Posso foder você — sussurrou no seu ouvido, subiu as mãos pela barriga definida até envolver seus seios

— Você realmente acha que vou te deixar me tocar tanto?

— Já está deixando — riu baixo — Você sempre deixa

— Filha da puta — tirou as mãos da sua cintura e envolveu os pulsos dela — Você realmente acha que pode me abandonar, depois voltar do nada e simplesmente vir me comer? Para de ser tão cafajeste

— Eu não abandonei você

— Não? — agarrou o colarinho da blusa que a garota vestia e a sacudiu com toda sua força — Você fez dezenas de promessas e eu acreditei em todas elas. E o que elas eram? Mentiras, eram malditas mentiras

— Eu já disse que menti apenas uma vez para você! — segurou os pulsos dela, acariciou a pele macia com os polegares — Quando eu disse que não te amava mais... foi a única vez que menti, Cammy.

— O suficiente para te fazer ser uma filha da puta

— Você nunca vai acreditar em mim, não é? Sobre o porquê de tudo isso

— É doentio demais para mim, Sarah — largou seu colarinho — É tão... por que fazer tudo isso? Qual o objetivo de se vingar?

— Você nunca vai entender — subiu as mãos pelos braços dela, segurou o rosto da detetive entre as mãos e focou em seus olhos — Você nunca vai conseguir entender como é a sensação de torturar eles e saber que estão sofrendo pelo que eles fizeram. E o quanto isso é forte com Adam. Isso é justo, Cammy, o tipo de coisa que deveria acontecer com mais frequência.

— O seu senso de justiça é bem deturpado. — ergueu as sobrancelhas — Seu objetivo é apenas sentir prazer em ferir alguém

— Como se eles fossem inocentes

— São humanos, Parker!

— São monstros, Fletcher! — respondeu com raiva — Você vai me dizer que não acha justa destruir aquele desgraçado?!

— E se tornar um monstro também? Não, não acho justo. Não importa o que você faça, não vai mudar porra nenhuma!

— Eu disse que não entenderia, mesmo que seja tudo por sua causa

— Claro, faz muito sentido — riu sarcástica — Se você quer muito fazer algo por uma pessoa, a primeira coisa que você faz é abandonar ela. Ainda mais quando ela precisa de você — sua voz começou a ficar carregada de fúria — Precisa pra caralho. É uma ótima ideia!

— Eu não posso prever o futuro, Cammy! Como esperava que eu soubesse que tudo na sua vida daria errado?! Não posso fazer nada se a tragédia é magicamente atraída por você. E não, eu não podia voltar. Se eu voltasse, não conseguiria ir embora. Dar as costas uma vez já foi difícil e doloroso o suficiente. Algumas coisas exigem sacrifício, você sabe muito bem disso. E eu sacrifiquei a minha vida perfeita do seu lado para vingar o que aquele desgraçado fez com você.

— Vingar pra que? Já pensou que talvez eu estivesse muito bem daquele modo? —

apontou para Sarah com o indicador, acusando com ódio marcado em sua voz e no olhar — Já pensou que talvez não tenha sentido vingar por algo que aconteceu há tanto tempo? Por algo que poderia ter sido evitado se eu fosse um pouquinho menos teimosa!

— Você só consegue culpar a si mesma

— Eu não pedi para você me vingar, não pedi para ninguém me salvar. Olhe para tudo o que você está fazendo por causa de um erro meu

— Claro, claro, você acha que não tem sentido torturar monstros, mas acha que faz sentido culpar uma garota de quatorze anos por estar no lugar errado na hora errada — assumiu a mesma posição de acusação — Se quer tanto culpar especificamente alguém que não seja o Adam, culpe a sua irmã! Vamos lá, culpe a Rebecca por tudo. Já pensou em como seria se ela não fosse tão vadia? Ela não teria feito tudo aquilo, não teria te provocado até você estourar. E, adivinha o que aconteceria? Não estaríamos aqui. Porque você nunca teria saído, ele nunca teria te pego. E você teria tido uma vida bem melhor! Você teria tentado ser a desenhista que tanto queria ser, se não desse certo, assumiria a empresa do seu pai. E onde estaria hoje? Bem longe e bem melhor.

Quando parou de falar, estava sem ar com a intensidade das emoções que giravam dentro de si.

Viu Camile deixar os ombros caírem em derrota, dar dois passos para trás, se apoiar no balcão e segura-se ali como uma âncora. A detetive conseguia imaginar como tudo seria diferente se Rebecca fosse uma irmã um pouco melhor.

Talvez estivesse melhor se não tivesse sido alvo de um ódio tão terrível.

Capítulo 40

— *Sei o que você deve estar imaginado, mas não é assim, minha garotinha. Eu não pretendo matar você* — Adam sorriu e se inclinou levemente, segurou o rosto e murmurou, o hálito de tabaco e cravo enchei o nariz dela — *Eu pretendo fazer você querer morrer.*

— *Por que?* — ela murmurou com a voz falhando.

— *Porque é divertido, minha linda jovem* — ele escorregou as mãos até a nuca dela e apertou com força — *É melhor do que você imagina... afinal, estamos em posições bem diferentes. Você é o meu brinquedo e não deve ser tão divertido assim ser o meu capacho.*

Camile desviou os olhos de Sarah, que estava arrumando a mesa com os instrumentos de tortura e estudou Adam. Ela se sentia doente naquela situação. Sua racionalidade pedia que ela sentisse alguma compaixão, alguma pena do homem naquele estado lastimável. Isso porque ela sabia que aquele homem era execrável*. Mesmo com todo ódio, ela achava terrivelmente errado aquilo que Sarah estava fazendo. E profundamente culpada por ter cedido ao pedido de Sarah.

Adam parecia ser realmente forte para ainda estar aguentando. A atadura que fazia parte do curativo que cobria a orelha arrancada estava machada de sangue e Sarah não parecia nem um pouco interessada em trocar por uma limpa.

Sangue seco cobria o ombro e parte do braço dele. Havia vários cortes pelo rosto dele, que estava inchado com os golpes. Havia muitos outros cortes, hematomas, marcas de queimaduras, pedaços arrancados de pele e buracos — como aquele que Camile fez ao enfiar a furadeira no ombro dele — espalhados pelo corpo dele.

— O que vai fazer? — a detetive perguntou, os braços cruzados e encostada na parede.

— Torturar ele, óbvio.

— Não com ele, comigo e Kathy.

— Nada demais se colaborarem. Eu não vou machucar sua namorada se você ajudar.

— Machucar *mais*, caso você não se lembre, sua ajudante bateu nela.

— Não tanto assim — se concentrou em limpar um bisturi, tentando ignorar o incômodo de Camile ter deixado implícito que seu relacionamento com Katherine era um pouco mais profundo do que algo profissional — Poderia ser bem pior.

— Qual o sentido machucar ela?

— Não pergunte o *sentido*, pergunte o *objetivo*. Eu quero que você torture ele o máximo possível, é só fazer e ninguém sai machucado.

— Isso é bem contraditório vindo de você — Sarah riu e virou para ela.

— Mas acredito que você já tenha entendido o plano.

— Na realidade não entendi, quem entendeu foi Kathy e ela me explicou. É doentio demais para mim.

— Eu deveria ter imaginado — ela ergueu a sobrancelha direita — Você é inocente demais para isso.

— É inocência não conseguir imaginar um plano cruel desses?

— De certo modo sim, considerando as coisas que você já viu.

— Meu emprego não muda meu caráter.

— Entender o plano não é questão de caráter, ou você está indiretamente duvidando do caráter das pessoas que tem imaginação. Ou que veem as coisas de um modo um pouco mais pessimista que o seu, incluído Katherine na jogada.

— Talvez eu esteja generalizando, mas o que posso fazer se eu não acho que tem sentido algum em fazer tudo isso.

— Pare com essa mania de tentar entender tudo o que acontecesse ao seu redor, só aceite e colabore.

Camile precisava admitir que os amigos de Sarah eram legais. Ela imaginou que ficaria constrangida, mas estava rindo antes de pensar sobre isso. E ela adorava pizza, refrigerante e doces. Sarah achou adorável o modo como Camile conseguia prestar atenção nas conversas e comer rapidamente. Na segunda fatia ele estava claramente se divertindo com a situação. E, no final, Camile estava tão cheia que sentia que seu estômago estava quase estourando. Sarah achou adorável o modo como ela parecia preguiçosa.

Como a pizzeria era perto do apartamento, elas acabaram voltando caminhando. O vento era gelado, Camile fechou a jaqueta tentando se proteger. Sarah apertou mais seu braço, ela gostava do frio e continuou sem o casaco, e também era bom para conseguir ter uma desculpa para se manter agarrada ao braço da garota.

— Não foi tão ruim, certo? — a loira perguntou

— Melhor do que imaginei — ela admitiu — Seus amigos são legais

— Eu sei — ergueu a cabeça e beijou sua bochecha — Eles gostaram de você

— Mas eu não fiz nada

— Claro que fez — sorriu

— Fiz o que?

— Foi você mesma, isso é o suficiente para fazer as pessoas gostarem de você —

Camile riu e corou, ela não pensava assim, não sabia se acostumaria tão cedo com essa história de gostarem dela sem esforço — Eu disse que gostariam de você

— Como tinha tanta certeza?

— Porque é meio difícil não gostar de você

— Não é tão difícil — falou baixo e abaixou a cabeça

— Hey, acredite em mim — soltou seu braço, parou na sua frente — Olhe para mim

— Camile ergueu os olhos em sua direção e Sarah segurou seus pulsos — Você não precisou falar quase nada para que eles gostassem de você

— Eles gostaram porque eu sou sua amiga

— Oh, mulher teimosa — revirou os olhos — Tente acreditar mais em si mesma, okay?

— Okay — Sarah sorriu, subiu os dedos pelo braço da garota, sentindo o couro que ainda era novo, até os ombros — Por que está me olhando deste modo?

— Que modo?

— Bem, desse — gesticulou em direção ao rosto da Sarah — É... sabe, diferente.

— Não é diferente — falou baixo, os dedos passando lentamente de um lado para o outro nos ombros da garota — Eu te olho assim praticamente o tempo inteiro, é você que não percebe.

— Você tem uma incrível habilidade de me deixar vermelha — aquele olhar deixava

ela sem graça por ser diferente de como as pessoas normalmente olhavam para ela — Mas por que?

— Por que tudo precisa de um motivo e de um nome?

— Porque o mundo funciona assim, precisamos de algum tipo de organização. As pessoas precisam de um nome, os objetos, os lugares, os sentimentos, as ações, tudo precisa de um nome. E de um motivo para existir, para ser — ela coçou o queixo — Isso facilita muito a vida, entende?

— Pare com essa mania, Cam, você nunca vai conseguir entender absolutamente tudo ao seu redor, nem tudo exige racionalidade — tirou as mãos dos ombros e segurou seu rosto, falou em tom mais baixo — Normalmente adolescentes são mais emocionais do que você é no momento, tente ser menos assim e mais irracional. Então, vamos lá, seja menos responsável.

— Costumam mandar ser responsável.

— Prefiro fugir dos padrões.

— Não o tempo inteiro, suponho.

— Não, mas não preciso ser do mesmo jeito o tempo inteiro. E você também não — sorriu levemente, ficou nas pontas dos dedos e beijou a bochecha dela — Não seja tão racional.

— Não parece uma boa ideia.

— Nem tudo é o que parece.

— Vale para as ideias também?

— Vale para tudo — Camile riu baixo

— Você é estranha — murmurou, franziu o cenho e tentou se explicar — Não de um jeito ruim ou ofensivo, é só...

— Eu entendi — desceu a mão pelo braço e segurou a mão — Saiba que você também é estranha.

— Espero que também não seja no sentido ofensivo.

— Não é, você é adoravelmente estranha. Por isso gosto de ti — a garota corou violentamente — Pare de corar tanto!

— Pare de me fazer corar tanto!

— Posso tentar — com a mão livre, segurou o braço da garota e deitou a cabeça em seu ombro — Mas só se você prometer que não vai ser racional o tempo todo.

— Prometo — apertou a mão dela com mais força — Agora melhor a gente ir, não acha? Não é muito seguro ficar parada no meio da rua neste horário.

— Eu sei, vamos.

Capítulo 41

— Tudo o que ela faz tem algum significado, não é? — Katherine perguntou, Camile havia acabado de voltar ao quarto e não parecia incomodada por seu plano ainda não ter sido executado.

— Acredito que sim — ela respondeu, estava sentada na beira da cama e massageando lentamente a têmpora e a legista estava andando de um lado para o outro, se sentia aflita por estar presa em um lugar.

— E pelo que eu sei até o momento, tudo tem a ver com o que aquele cara fez com você.

— Sarah é uma psicopata.

— Isso me faz pensar que tem que ter algum significado para as torturas.

— Ela só quer machucar ele — Camile não estava a fim de pensar que era mais complexo que isso e que cada ferida que Sarah fazia no homem tinha um significado diferente.

— Não deve ser tão aleatório assim — Katherine se ajoelhou na frente da detetive — Você acha que seria tão aleatório assim? Depois de todo esse plano?

— É só tortura.

— Não, não é — ela se apoiou nas pernas da detetive.

— Só porque ela está fazendo isso por vingança, não significa que tudo tem que ser relacionado a algo sobre mim.

— Claro que é, Cammy.

— Você realmente acredita nisso, não é?

— Eu só quero que faça algum sentido.

— Sentido em furar alguém e arrancar a orelha?

— Gosto de imaginar que tem racionalidade em tudo.

— Eu também faço isso, só não acho que precise ser absolutamente em tudo.

— Mas tem um sentido — franziu o cenho — Precisa de um sentido

Margo levou as duas para outro apartamento, mas não para onde Adam estava. Havia outro homem ali, o cabelo preto estava completamente bagunçado, havia alguns cortes em seu rosto, parecia que ela não havia feito quase nada nele. Ele estava amarrado do mesmo modo que Adam estava.

Sarah estava no lado dele, havia levado alguns dos instrumentos que ficava, perto de Adam para lá.

— Tenho um teste para você — Sarah falou para Katherine — Vem aqui — a legista se aproximou lentamente, ficando à frente do homem, apontou para Camile — E você senta lá.

— Não vai me amarrar? — sentou e ergueu as sobrancelhas.

— Eu preciso? — ela sorriu levemente — Às vezes você ficar melhor calada.

— Às vezes você fica melhor sendo menos psicopata — a detetive cruzou os braços.

— Você nunca me escuta — Sarah mexeu nos instrumentos e pegou um soco inglês — Mas espero que você escute.

— Já estou escutando — Katherine respondeu com os braços cruzados — O que

quer?

— Que faça uma coisa para mim — ofereceu o soco inglês — Bata nele, com tudo.

Katherine pegou o objeto, rodeou ele por alguns instantes nas mãos antes de encaixá-los na mão esquerda. Ela apoiou uma mão no ombro dele, agarrando como garra. Ela respirou fundo, ergueu o punho fechado com o soco inglês para até mais a orelha.

Atrás dela, Camile apoiou os cotovelos nas coxas, juntou as mãos e apoiou i queixo nos polegares. Margo parou atrás dela e se apoiou nas costas da cadeira.

O homem gemeu um pedido de misericórdia. Katherine passou a língua entre os lábios, olhando para ele avaliando rapidamente se deveria ou não socar a cara dele. Ela imaginava o que ele deveria ter feito para que Sarah tenha achado que ele merecia algo do tipo.

Então Katherine decidiu que, já que estava presa lá e era muito mais simples colaborar com o que a mulher queria, ela deveria fazer aquilo de uma vez. Seu punho cerrado e atingiu o nariz dele com toda velocidade que os músculos da legista permitiam.

Como se uma faísca tivesse acendido a raiva acumulada dentro dela, o primeiro soco foi apenas isso, um primeiro soco. Logo ela estava ofegante, as costas, o braço e costas queimavam de esforço, e sua mão esquerda estava melada com sangue. Katherine deu um passo para trás, tirou o soco inglês e devolveu para a mulher.

— Isso foi bom — Sarah tinha que admitir que havia algo em Katherine com que ela se identificava, por isso estava tentando levar a mulher até o limite — Mas ainda não acabou.

— O quer que eu faça?

— Quero que mate ele — Margo foi rápida o suficiente para tapar a boca de Camile antes que a australiana se levantasse e dissesse algo que não deveria.

— Por que?

— Quero saber até onde você vai — ela ficou atrás do homem — Saber qual é o seu limite — pegou o cinto — Agora mate.

As mãos de Camile estava tremendo levemente, ela nunca havia sentido tanto nervosismo misturado com a sensação nova de estar excitada por alguém. Era estranho querer que alguém tocasse ela em todos os lugares possíveis, de todas as maneiras e com tudo que podia.

Fazia quase seis meses desde o dia que Camile havia tomado coragem para beijar a garota. Ela havia feito isso depois de quase um ano que haviam se conhecido de uma maneira não muito clichê, e no fundo ela sabia que havia alguma coisa além de amizade entre elas, era só preciso que alguém fizesse algo para que avançassem.

Elas estavam se agarrando com todo ânimo e vontade que podiam no sofá.

— Por que está tão nervosa? — Sarah perguntou baixo, havia acabado de puxar a garota para o seu colo, segurando sua cintura e esquecendo completamente do jogo que estava passando na televisão.

— Eu nunca senti algo assim antes — agarrou o pano da blusa na altura dos ombros e ajeitou melhor os joelhos de cada lado das pernas da garota. Elas raramente passavam de beijos, então era mais raro ainda que uma ficasse no colo da outra se beijando daquele modo, o que fazia Camile ter certeza de que esse era o motivo para que ela nunca ter sentido aquilo.

— Mas não precisa ficar tão nervosa — escorregou as mãos para suas costas e acariciou delicadamente — Confia em mim, não precisa ficar com medo.

— Não estou com medo.

— Está com um pouco, admita — sorriu levemente — Não precisa tentar nada se não quiser, se não tiver coragem ou não estiver pronta.

— Eu estou pronta, Sarah.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Então, vamos — abraçou sua cintura com força — Se segura.

— O que pretende... — Sarah levantou, havia abraçado onde ela havia calculado que faria Camile conseguir envolver seu quadril e se segurar, e estava certa — Porra, Sarah, ficou maluca?

— Você não é tão pesada — começou a caminhar em direção ao quarto — Não é a primeira vez que carrego você.

— Mas normalmente eu estou dormindo quando você faz isso — ela estava se sentindo quase como um coala se agarrando na garota daquele modo — É uma situação diferente.

— É só confiar — parou perto da cama, Camile desceu do seu colo mas continuou abraçando seu pescoço — Confia em mim?

— Se eu não confiasse, não estaria aqui.

— Pare de ser tão fofa o tempo inteiro — riu — Até em momentos assim você pretende ser adorável?

— Se quiser, eu xingo você.

— Xingue depois — empurrou ela até a cama, a fez sentar ali e ficou entre suas pernas.

— Vou precisar.

— Talvez — segurou a barra da blusa, olhou para os olhos dela com firmeza — Tem certeza disso?

— Tenho absoluta, eu tenho certeza absoluta.

Capítulo 42

Abigail Carter estava puta, muito puta.

Era Natal, uma época que ela costumava adorar. Mas, com todo aquele estresse, ela estava odiando com todas as forças. Queria estar no seu apartamento, sentada no sofá, enrolada em um cobertor confortável, com um chocolate quente nas mãos e assistindo algum filme natalino bobo. Entretanto, ali estava ela no escritório sem ter nada para fazer e avançar no caso.

Estava preocupada com Katherine e Camile. Absolutamente nada no apartamento indicava para onde Sarah poderia ter levado elas. Havia apenas encontrado algumas notas fiscais de lojas perto do lugar, os itens mostravam que Sarah usava objetos simples e fáceis de encontrar para torturar aqueles homens. E alguns papéis, anotações sobre as vítimas dela. Não eram muitos nomes, a maioria que estavam ali já haviam sido encontrados.

Uma coisa que chamou a atenção deles era que havia algumas folhas com o desenho do mesmo homem. Abigail conseguiu ficar com cópias dos desenhos, agora eles estavam espalhados pela mesa e o notebook encontrado. Na teoria, um técnico em computação deveria olhar, mas ela não se importou com isso. Somente registrou que havia encontrado ele e que analisaria.

Bebendo seu café, ela começou a olhar os desenhos. O homem neles era o mesmo nos vídeos que Sarah havia mandado. Eram oito desenhos. Um era somente o rosto do homem, como um retrato falado. Outro era ele do quadril para cima, os braços cruzados e a mesma expressão sádica do vídeo. Carter se impressionou com como era detalhista. E o terceiro era mais perturbador, ao menos em sua percepção, também era do quadril para cima. Em uma mão, havia um bisturi e na outra havia um martelo. Talvez por ser desenhado apenas com lápis, o sangue pintado de grafite parecia mais doentio.

— Hey, Carter — Laurie bateu levemente na porta, tirando Abigail das ideias dela, estava começando a imaginar coisas piores do que havia visto no vídeo.

— Entra — ela ergueu os olhos.

— Tudo bem? — se aproximou da mesa.

— Odeio trabalhar no Natal.

— Ninguém gosta — se apoiou na mesa e olhou para os desenhos — Algum avanço?

— Não — juntou os desenhos — Você viu os vídeos?

— Vi, é o mesmo cara, certo?

— Sim, eu ainda não procurei no sistema, então não faço ideia do nome dele.

— E no notebook?

— Mais vídeos desse — ela coçou o queixo — Essa mulher é louca.

— Um pouco — puxou um desenho para si, aquele em que ele estava com os braços cruzados.

— Agora precisamos saber quem desenhou isso.

— Foi a Cam — empurrou o desenho de volta.

— Como sabe?

— Porque eu sei algumas coisas sobre ela — Laurie encolheu os ombros — O que foi?

— Por que ela desenhou esse cara? — Abigail franziu o cenho — Era ela no vídeo?

— Era — murmurou baixo — Infelizmente era.

Era quase fim do expediente quando Vincent Brown ligou para Carter e mandou ela descer o mais rápido possível. Ela vestiu o casaco, fechou até o pescoço enquanto descia. Estranhou a urgência na voz dele.

— O que houve? — ela encontrou o homem encostado no carro.

— Corpo novo — abriu a porta do carona — Entra aí.

Carter o fez, podia ver quanta tensão havia nos ombros. O silêncio pesava dentro do carro. O homem dirigiu com cuidado, estava nevando outra vez e o vento mostrava que talvez uma nevasca violenta estivesse chegando. Brown parou perto da linha amarela que demarcava a cena do crime.

Abigail desceu do carro e o seguiu, andando cuidadosamente sobre a camada de neve. Passaram por baixo da fita e se aproximaram do corpo quase congelado. Estava perto do hospital. Pela posição do homem, Sarah havia parado o carro (ou seja lá com o que ela carregava os homens mortos) e simplesmente empurrado o homem para fora. Vincent se agachou perto dele, Abigail parou perto dele de braços cruzados.

— Esse não está tão ruim como o anterior — ele estava ajustando a luva nos dedos — Como se Parker estivesse com pressa.

— Eu não esperava um corpo novo.

— Ninguém esperava — cuidadosamente virou o rosto para sim, havia sangue espalhado por ele e alguns cortes.

— Normalmente ela tortura mais — ele viu as marcas de estrangulamento no pescoço.

— É — ele levantou — Podem levar.

Com o máximo de silêncio que era capaz de manter, Katherine abriu a porta do apartamento e entrou. Estava escuro e silencioso, o que confirmava o quão tarde era. Trancou a porta outra vez, tirou os sapatos e o casaco.

Ela se sentia culpada por estar mentindo tão descaradamente apenas para continuar tendo aquele sexo maravilhoso com Abigail. Respirou fundo, caminhou lentamente até um quarto. Ela abriu lentamente e caminhou até a cama encostada na parede. Nicholas, ou apenas Nicky, estava deitado e encolhido na cama. A legista sentou na beira da cama, colocou a mão em seu ombro e acariciou carinhosamente.

— *Você realmente anda trabalhando muito, não acha?* — Robert disse, estava encostado no portal e Katherine virou em sua direção.

— *Você sabe como é o trabalho burocrático.*

— *Parece bem puxado.*

— *É apenas tedioso* — ela levantou — *E cansativo.*

— *Não acha que deveria falar com seu chefe e pedir para que ele diminua sua carga de trabalho?*

— *O trabalho já é dividido* — ela encolheu os ombros — *Melhor trabalhar demais do que alguém trabalhar por mim.*

— *Seu marido e seu filho precisam de um pouco da sua atenção* — ele falou em um tom levemente magoado.

— Desculpe, querido — ela se aproximou, enlaçou o pescoço do marido com os braços — Vou tentar diminuir as horas extras, trabalhar mais rápido.

— É uma ótima ideia.

— Eu sei.

— Então vem... — ele sorriu do modo que ela conhecia bem.

— Eu preciso de um banho. E dormir.

— Mas Kate...

— Estou cansada e com dor de cabeça.

— Você sabe que sexo melhora dor de cabeça.

— Mas não melhora cansaço, eu preciso dormir.

— Está bem — ela deixou os ombros caírem em desânimo — Eu te espero na cama — ele inclinou a cabeça levemente e a beijou carinhosamente, o que fez ela se sentir ainda mais culpada — Eu amo você.

— Eu também, eu também...

Capítulo 43

— Kathy — Camile murmurou, sentou do lado da mulher que estava na cama e encolhida abraçando as pernas — Vem aqui.

— Eu sou um monstro...

— Não é, querida — passou o braço pelos seus ombros — Ela pressionou você.

— Eu deveria ter me negado.

— Ela te espancaria se você fizesse isso — acariciou seu braço — Está tudo bem.

— Não, não está tudo bem — apertou mais os braços ao redor das pernas — Eu matei uma pessoa.

— Mas é compreensível, ela obrigou você.

— É tudo culpa minha — se afastou um pouco para olhar em seus olhos — Absolutamente tudo é culpa minha.

— Não, não é.

— Claro que é, você não entende.

— Então me explique.

— Eu sou uma covarde.

— Não é, querida — acariciou seu rosto delicadamente, Katherine podia ver o cuidado que havia nos olhos da detetive — Não importa o que você tenha feito de errado, eu sei que você não é covarde.

— Poderia ser diferente.

— Tudo seria diferente se ninguém errasse, mas então qual seria a graça de viver?

— Não sofrer.

— Não que eu goste de sofrer, mas é isso que nos faz diferentes uns dos outros.

— É tão cruel.

— Muito, eu sei, mas já pensou que você é quem você é hoje por causa de cada vez que sofreu? Essas coisas te ensinaram a ser mais forte, não é? As pessoas aprendem com os erros.

— E você aprendeu?

— Um pouco — ela passou o dedo indicador pela linha do maxilar — Você passa a vida inteira aprendendo e morre burra, é assim que acontece.

Katherine soltou o ar com força, ela deixou que Camile a abraçasse, fechou os olhos sentindo como era confortável ter alguém que se importasse com ela.

— Vai ficar tudo bem — Camile murmurou em seu ouvido — Eu te prometo, vai ficar tudo bem.

— *Vai mais rápido — Robert resmungou, Katherine revirou os olhos e manteve a velocidade — Assim vamos chegar lá semana que vem, Kate.*

— *Mas vamos chegar vivos, acho isso um detalhe muito importante.*

— *Um pouco mais rápido, não vamos morrer por causa disso.*

— *Caso não tenha visto, tem um caminhão logo na frente. Se eu acelerar, vou bater nele.*

— *É só ultrapassar.*

— *Não viu a placa dizendo “proibido ultrapassar”?*

— *Só tem a gente e um caminhão.*

— *E uma via de duas mãos, se tiver um carro vindo não dá pra desviar.*

— *Meu Deus, Kate, você é cuidadosa demais.*

— *O que é um bom motivo para que eu ainda esteja viva.*

— *É só ultrapassar ele.*

— *Porra, cala a boca.*

— *Vai mais rápido e eu fico calado. Até o Nicky está dormindo e ele adora andar de carro.*

— *Você poderia fazer o favor de fazer o mesmo, dorme e me deixa dirigir em paz.*

— *Só quero chegar logo.*

— *Está bem, Robert, vamos chegar no horário.*

Ela pisou com força no acelerador até estar perto do limite, torceu mentalmente para que nenhum carro ou caminhão estivesse no sentido contrário. Girou o volante para a esquerda, o carro suavemente obedeceu o comando e ela suspirou quando conseguiu ultrapassar o caminhão e voltar para sua faixa correta.

— *Eu não disse? — Robert riu baixo.*

— *Sorte.*

— *Eu estava certo, admita.*

— *Fique caladinho — bufou, ela detestava dirigir rápido — Assim você me distrai.*

— Eu preferia quando você deixava eu te distrair de outro modo — ele sorriu levemente, um pouco triste, sem entender como que o casamento perfeito deles havia mudado tanto. Ele esperava que aquela viagem pudesse salvar os dois.

— *Eu prefiro que não me distraia.*

— *Você sabe que eu gosto disso e ainda assim se casou comigo.*

— Eu deveria ter pensado melhor — riu baixo — Você sabe que eu não gosto de dirigir rápido, então não é uma boa ideia tentar me distrair.

— *Só estou tentando melhorar nosso relacionamento.*

— *Ele está ótimo.*

— *Claro, nossa casa virou só o seu quarto de hotel.*

— *Eu já expliquei.*

— *Eu sei, mas trabalhar não significa que você precisa me rejeitar.*

— *Não estou te rejeitando.*

— Está sim — ele colocou a mão na sua coxa e apertou levemente — Há quanto tempo não fazemos alguma coisa?

— *Eu não conto essas coisas.*

— *Desde quando você não se importa?*

— Só não acho sexo tão necessário — “pelo menos não com você, desculpe” pensou, desde que havia começado a ter um caso com Abigail, ela simplesmente não conseguia mais deixar que Robert a tocasse daquele modo.

— *Mas você adorava.*

— *Eu sei — ele continuava com a mão nela — Pode tirar sua mão daqui.*

— *Não posso nem tocar você?*

— *Não quando eu não quiser.*

— *Estou tentando ser o seu marido.*

— Pode tentar sem ficar me apertando enquanto dirijo.

— Você ficava excitada com isso.

— Ficava, no passado, no momento estou ficando irritada com essa sua fixação com sexo.

— Fixação? — ele começou a se irritar — Faz quatro meses que você mal me deixa te tocar. E uns sete ou oito que você parece estar se esforçando para deixar, como se não quisesse mais.

— Eu já falei, Robert, é um pouco complicado querer tanto quando se tem tanta coisa para fazer.

— Tenho a impressão que você está escondendo alguma coisa.

— Não, eu não estou — ela estava tentando se manter calma e ignorar a raiva que podia ouvir no tom de voz do marido.

— Está sim, nem quando você estava grávida com raiva de tudo e de todos você me rejeitava tanto.

— Hormônios.

— Que podiam voltar.

— Acha mesmo? Você vivia reclamando de mim.

— Mas pelo menos sempre tinha sexo.

— Seu mundo gira ao redor disso.

— Eu sou um homem casado com uma mulher linda, claro que ele gira ao redor disso.

— Que clichê.

— Que você está estragando.

— É o que acontece depois de alguns anos.

— É o que acontece depois de filhos, mas você continuava muito sexual mesmo depois que Nicky nasceu. Estou dizendo, diz logo o que está errado.

— Eu já disse, Robert. Eu já expliquei, por que é difícil entender?

— Porque você já trabalhava pra caralho e ainda assim era a minha mulher. Agora você é só quem dá dinheiro e dorme na mesma cama.

— Está bem, Robert, está tudo uma merda, saber por que? — apertou o volante com força e pisou mais forte, levando o carro até o limite, agora ela estava zangada de verdade

— Porque não está dando certo. Porque eu não sei viver na porra de uma família normal. Está tudo uma merda porque foi uma péssima ideia tentar alguma coisa.

— Eu vim de uma família nada exemplar e mesmo assim estou tentando.

— Mas eu não sou como você, eu não consigo.

— E então simplesmente desiste?

— É, eu desisto.

— Não, você não vai desistir.

— E pretende me impedir como?

— Tente pelo Nicky, quer que ele sofra também?

— Não entende que é isso que estou tentando evitar? Que ele tenha contato demais com uma pessoa que nunca vai ser boa o suficiente para cuidar dele?

— Você só quer uma desculpa para abandonar o seu próprio filho — Robert rosnou, ele havia sido criado pelo pai e visto o quanto ele se esforçava para cuidar dos filhos e da

empresa, o quanto ele tentou até o fim mesmo sabendo desde que havia ficado viúvo que nunca seriam estáveis ou uma família realmente boa, mas nunca desistiu — Você não o ama?

— Eu amo, Robert. Eu amo vocês dois e esse é o problema.

— Amar é um problema?

— Sim, é um problema. É um maldito problema.

Ela estava com raiva, muita raiva. Havia acabado de começar a chover, Robert fez ela se lembrar do quão filha da puta ela estava sendo.

Katherine sabia que estava indo rápido demais, na curva o carro derrapou e quase saiu da estrada, mas ela manteve na mesma velocidade. Sua sorte nunca durava tempo o suficiente, na segunda curva, que era mais fechada, as rodas perderam a fricção adequada com o solo e fizeram o carro sair do controle.

Ele rodou na estrada, o caminhão atrás não conseguiu frear a tempo e atingiu a direita do veículo com toda velocidade. O carro passou a pela barreira que lardeava a estrada e capotou algumas vezes pelo mato ao lado e parou de ponta-cabeça.

E Katherine Susan Cooper só sentia dor.

Capítulo 44

— *Você sabe, Sarah, eu realmente prefiro ficar dormindo na minha cama* — Camile disse e se jogou na cama.

— *Vai ser legal, eu já te levei uma vez e você gostou.*

— *Mas eu quero dormir* — cobriu os olhos com os braços.

— *Você sempre quer dormir* — Sarah subiu na cama, engatinhou para ficar em cima dela — *Não sei se percebeu, é só eu e você.*

— *Você sempre sai com seus amigos.*

— *E você não é minha amiga?*

— *Acho que sim.*

— *Acha?*

— *Se você diz.*

— *Se eu digo?* — apertou o nariz da garota — *Camile Fletcher Simons, você realmente disse isso?*

— *É, eu disse* — tirou os braços dos olhos, com um leve sorriso ela encarou a garota

— *Vou ser punida por isso?*

— *Vou te obrigar a comer duzentas pizzas.*

— *Duzentas?*

— *Quer mais?*

— *Quero saber desde quando isso é um castigo.*

— *Você é uma idiota.*

— *Eu posso lidar com isso.*

— *Muito idiota.*

— *Ainda posso lidar com isso.*

— *Minha idiota linda.*

— *Ah* — arregalou levemente os olhos e corou — *Com isso eu não posso.*

— *Então levante sua bunda branca desta cama, vista alguma coisa, coloque sua jaqueta e saia comigo.*

— *Mas Sarah...*

— *Vamos* — agarrou seus pulsos, puxou, Camile sentou e segurou sua cintura para não deixar ela cair da cama — *Vai ser bom.*

— *Por que você tem essa fixação para me tirar de casa?*

— *Porque você tem que socializar, tem que sair desse casulo e respirar ar puro.*

— *Eu gosto daqui.*

— *Mas tem que sair, se divertir, vamos!*

— *Você é uma chata* — envolveu a sua cintura e apoiou a cabeça no seu ombro, Sarah sentiu uma diferença de sentimento na garota.

— *Ei, o que foi, Mile?*

— *Nada.*

— *Você sabe que pode me falar.*

— *É só... eu não gosto de sair, eu não gosto de ir para a rua.*

— *Você tem medo?* — Camile fungou levemente — *Ei, querida não tem problema nenhum em sentir isso.*

— *Eu sou uma covarde.*

— *Não, não é — acariciou sua nuca delicadamente — Considerando o que aconteceu, seria estranho você não ter medo.*

— *Mas quais são as chances de acontecer algo parecido?*

— *A mínima possível — Sarah achava estranho o modo como era confortável estar tão perto da garota, sentia, ao mesmo tempo, que estava protegida e que deveria proteger, como uma troca, e queria que Camile sentisse ao menos que estava segura — Mas não vai acontecer.*

— *Por que acha isso?*

— *Porque eu não vou deixar — a garota riu baixo, afastou o rosto para encará-la.*

— *Você é a Mulher Maravilha para me salvar?*

— *Está mais para Batman*

— *Você é uma idiota.*

— *Que você adora.*

— *Mas uma idiota.*

— *Eu sei, você também é — Sarah sorriu, estava perto o suficiente para ver seu reflexo nos olhos castanhos da garota, murmurou — E linda.*

— *Você realmente gosta de falar isso.*

— *Para você não esquecer.*

— *Todas as amigas.*

— *Talvez as melhores.*

— *Você é amiga assim de mais alguém?*

— *Não — enfiou os dedos no cabelo dela — Não acho que eu queira outra amizade assim.*

— *Isso é realmente bom — Camile respirou fundo e falou mais baixo — Gosto das coisas assim.*

— *Eu também gosto — acariciou sua nuca — E muito.*

— *Isso é estanho.*

— *Por que?*

— *Você sabe, ninguém nunca foi... foi legal assim comigo.*

— *Seu irmão e seu pai nunca foram legais?*

— *Foram, mas estou dizendo legal sem que fosse uma obrigação.*

— *Olhe para si, é humanamente impossível não gostar de você ou não ser legal.*

— *Então tem muito não-humanos por aí.*

— *São filhos da puta, é diferente.*

— *Já pensou que talvez a pessoa diferente seja você?*

— *Eu?*

— *É, você que seja diferente por gostar de mim.*

— *Por que diabos você acha tão difícil de entender que você é uma pessoa legal?*

— *Porque eu sempre fui a estranha.*

— *Você não é estranha, pequena.*

— *Pequena?*

— *Você é pequena.*

— *Eu tenho quinze anos, claro que eu sou pequena. Mas eu vou crescer.*

— Sim, vai crescer, mas por enquanto é pequena.

— Idiota.

— Outra vez me chamando assim?

— Eu gosto de te chamar assim.

— Eu já notei.

Camile apoiou a testa no ombro da garota e fechou os olhos, sentindo como era confortável e seguro estar ali. Ela se perguntava se algum dia se sentiria assim com alguém. Ou se sentiria assim se tivesse conhecido Sarah de algum outro modo. Se havia alguma relação com o fato de ter sido salva por ela.

— Vai sair comigo ou não? — Sarah perguntou, podia sentir a respiração quente dela no seu ombro.

— Vou, Sarah — “vou fazer tudo o que você pedir”, Camile pensou, se sentindo um pouco idiota por se sentir assim — Você sabe que eu vou.

— Só porque eu insisti.

— Ou só porque é você.

— E depois sou eu que tenho mania de fazer alguém corar...

— Fique calada.

— Idiota.

— Acho melhor eu parar de tentar.

— Também acho.

Camile havia acabado de colocar a arma no coldre, pronta para sair de casa, ela estava um pouco (ou muito) irritada por ter acordado sozinha na cama. E ainda mais por não ter percebido quando Sarah havia escorregado para fora por estar verdadeiramente exausta. Ela já havia xingado a namorada com todos os palavrões que existiam quando Sarah se esgueirou para dentro do apartamento silenciosamente, deixou a caixa que carregava na mesa de centro, se aproximou da garota e envolveu sua cintura com os braços.

— Hey, baby.

— Oi — resmungou e enfiou o celular no bolso.

— Está de mau humor?

— Não.

— Mentirosa — riu — Admita!

— Não tenho nada para admitir.

— Ah, meu amor — riu, beijou seu pescoço levemente — Isso é por que eu não estava na cama de manhã?

— Claro, Sarah — ela bufou.

— Eu não esqueci que é o seu aniversário — segurou sua cintura e fez ela ficar de frente para si — Eu fui buscar seu presente.

— Não poderia ser depois?

— Não, eu pretendia chegar antes que você acordasse — Camile revirou os olhos — Não fica assim comigo.

— Eu odeio acordar sozinha

— Eu sei, amor, eu sei — soltou ela e pegou a caixa — Mas eu precisava buscar seu presente hoje de manhã — Camile ergueu as olhas quando viu a caixa, tinha o tamanho de

uma caixa de sapatos e era cheia de buracos — Acho que você vai gostar.

— O que tem aí? — ela tirou a tampa da caixa, o pequeno filhote de gato preto com pelos brancos no pescoço/peito miou baixo e olhou para ela — Meu Deus, que criatura mais fofa!

— Pega ele — Sarah disse sorrindo, ela adorava ver os olhos castanhos brilharem — Vamos, meu amor, pega.

— P-posso? — sorriu, a mulher sorriu também, ela adorava ver como a namorada podia ser fofa, adorável e quase infantil.

— É seu — Camile pôs as mãos dentro do da caixa, envolveu o pequeno gato.

— Como você sabia?

— Uma vez você disse que queria ter um gato, porque eles são fieis e fofo. Não precisam de espaço e nem fazem sujeira quanto cachorros.

— Você se lembrou...

— Claro — Sarah colocou a caixa na mesa atrás de si — Eu sempre ouvi tudo o que você falou.

— Isso é amável — ela apertou um gato contra si, segurando ele com uma mão.

— É só atencioso — encolheu os ombros, Camile riu baixo, com a mão livre, segurou a nuca da namorada e a puxou para um beijo delicado — Eu adoro quando você me beija assim.

— Eu tenho que trabalhar, não vou te beijar de algum outro modo.

— Você pode me beijar de qualquer modo a qualquer hora — riu quando o gato escalou o ombro de Camile e enfiou o focinho no cabelo dela — Qual o nome dele?

— Depois eu penso — segurou o gato e puxou, para que ele parasse de enfiar as unhas minúsculas em sua camisa — Ele está tentando me furar.

— Ele gostou de você.

— Essa é a coisa mais fofa do mundo.

— Combina perfeitamente com você.

— Os anos passam e você continua uma idiota.

— Eu sei — passou os dedos pela linha da mandíbula da garota — E louca de amor por você.

Capítulo 45

Laurie adorava Camile e Camile adorava Kriss, por causa disso Laurie esmurrou o botão do elevador, havia esquecido completamente do gato e tinha certeza que ele estava morrendo de fome e sede. Ela deveria ter ido ao apartamento antes e cuidado do bichano, mas sua mente não parava de pensar em Camile e Katherine. Afinal, se Sarah podia fazer tudo aquilo com aqueles homens, o que garantia que ela não machucaria as mulheres? Mais especificamente, machucasse Katherine daquele modo. Laurie achava que se houvesse um pouco de humanidade em Sarah, ela sequer tocaria Camile.

Ela ficou na ponta dos pés para pegar a chave que Camile deixava acima da porta, enfiou ela na fechadura e entrou no apartamento. Sem ninguém para ligar o aquecedor, o apartamento estava gelado. O gato se aproximou correndo e começou a se esfregar nas pernas da garota, ela riu baixo, se abaixou e pegou o bichano.

— Aposto que você está morrendo de fome e sede, não é, pequeno? — ela andou até a cozinha com ele no colo, fazendo carinho no pescoço dele — Onde ela guarda sua comida?

O gato resmungou, pulou do colo dela e caminhou até o armário debaixo da bancada. Laurie seguiu ele, se abaixou e abriu o armário. Pegou o pote cheio de ração, o gato miou alto, ela riu e abriu o pote. Colocou a ração na tigela dele, pegou as que costumavam estarem cheias de leite e água. Lavou as duas, encheu com seus líquidos corretos. Kriss bebeu avidamente, comeu mais duas porções de ração antes de subir no sofá e se encolher no canto.

Laurie sentou ao lado dele e começou a acariciar o pelo quente e macio, ele ronronou. Podia ser um gato, e muitos costumam dizer que gatos não são sociáveis, e era carinhoso. Muito carinhoso, ele parecia sentir falta da dona. E aquele carinho pareceu deixar ele mais calmo, Laurie sorriu levemente, ela sentia falta de Camile e estava preocupada.

— Você sente falta dela também, não é? Eu também, meu querido, eu também.

Camile parou na frente do homem, era um cara bonito, realmente bonito. Parecia quase um modelo. O cabelo era castanho-médio, os olhos eram azuis e ele tinha feições fortes e bem definidas. Havia apenas um pequeno corte no lábio, de resto, ainda estava perfeitamente em boa forma.

— Vamos lá, Fletcher, colabore comigo — Sarah disse, Camile estava apenas olhando, como se estivesse tentando reconhecer ele. E estava preocupada por Katherine ter ficado no quarto com Margo.

— É Simons — rosnou.

— É Fletcher.

— Todos me chamam de Simons, a porra do meu nome é Simons e você vai me chamar assim também.

— Eu vou continuar te chamando de Fletcher.

— Não, não vai. Sabe por que? — virou e apontou para ela com o indicador — Porque você não pode querer que as coisas sejam do mesmo jeito.

— Eu expliquei o porquê disso.

— Não importa quantas vezes você explicar, isso não vai mudar o quanto essa porra machucou.

— Eu não pretendia realmente machucar tanto.

— Sério, Sarah? Então por que diabos fez aquilo? — puxou o ar com força — Você me deu tudo e tirou! Você fez mil promessas e me abandonou! Você não entende? Você me salvou e depois me destruiu outra vez! Pra que? Para se vingar de uma coisa que aconteceu há mais de dez anos!

— Como se ainda não te afetasse!

— Claro que me afeta, porra! Ele me prendeu por quase um mês. Ele me torturou, ele me estuprou e é claro que essa merda me afeta. A minha vida seria muito diferente se isso não tivesse acontecido, eu nem te conheceria. Olha que maravilha! — respirou fundo — A porra toda é culpa minha, não é? É por minha causa que você ficou louca assim?

— Eu não fiquei louca, eu só quero a porra de uma vingança.

— Mas fui eu quem se fudeu, por que diabos você está fazendo isso?

— Porque você não tem coragem.

— Coragem? Isso é sadismo.

— Exatamente a mesma coisa que ele fez, você sabe que todos eles merecem isso.

— Que se dane se eles merecem! Eu também merecia?

— Claro que não, esse é o ponto. Por que fazer isso? Por que torturar uma garota que não fez nada de errado? E você quer me julgar por estar ao menos fazendo eles sentirem um pouco do que fazem.

— Então ao menos pare de tentar me fazer torturar eles também.

— Você não consegue sentir esse ódio? Essa vontade? Olhe a merda que ele fez com você!

— Isso não importa! Aconteceu há muito tempo, é só esquecer.

— E você esqueceu?

— Eu continuo tentando.

— *Você deveria arranjar um namorado — Anthony, um dos amigos de Sarah, disse para Camile enquanto via ela tirar uma pedaço da grande pizza no meio da mesa.*

— *Por que? — ela pegou uma rodela de calabresa e enfiou na boca, queria que Sarah chegasse do treino logo, assim poderia ter alguém para conversar e não teria que suportar o garoto enchendo o saco dela para isso. Mesmo que ela e Sarah não namorassem, estava implícito no relacionamento delas que não se envolveriam com outra pessoa — Eu estou muito bem desse modo.*

— *Porque todas as garotas da sua idade têm namorado.*

— *Sarah não tem.*

— *Provavelmente porque vocês andam grudadas demais.*

— *E se eu não quises, Formiga*?*

— *Você é estranha.*

— *Obrigada.*

— *Sério, Fletcher, você deveria ao menos pensar em arranjar um namorado.*

— *Eu não quero — revirou os olhos — E meu nome é Simons.*

— *Sarah vive te chamando de Fletcher.*

— *A Sarah, não você — enfiou um pedaço de pizza quente e cheia de queijo na boca.*

— *Eu também sou seu amigo.*

— *Exato, amigo. Ela é minha melhor amiga — “provavelmente eu não deixaria se*

ela fosse apenas a minha amiga, mas você não precisa saber disso” pensou, achando graça da cara que ele fez com toda aquela negação dela — Existe uma grande diferença.

— Eu não preciso ser apenas seu amigo — ele disse em um tom que deixava bem claro que estava realmente interessado nela, Camile revirou os olhos e viu por cima do ombro dele que Sarah estava chegando.

— Coma sua pizza e não encha o meu saco.

— Do que estão falando? — Sarah andou até ficar atrás de Camile e pôs as mãos nos ombros dela.

— O Formiga está enchendo o meu saco para arranjar um namorado.

— Acho que ele quer ser um cupido.

— Apenas acho que as duas precisam namorar — Sarah sorriu, ela achou graça de como essa frase seria perfeita se adicionasse um “uma com a outra” no final— Todos os nossos amigos namoram.

— Todos não, você não namora.

— Porque a garota que eu quero está mais interessada em comer pizza — ele lançou um olhar significativo para Camile, deixando bem claro que era dela que ele estava falando.

— Pizza acima de tudo para essa menina aqui — riu e sentou ao lado dela.

— Pizza é vida — encolheu os ombros, Sarah achava ela fodidamente fofa, beijou sua bochecha e Camile murmurou — Podia beijar mais para o lado — Sarah beijou perto da orelha — Pro outro lado.

— Idiota — pegou o refrigerante — Estou com fome.

— Tem uma pizza no meio da mesa, pegue uma fatia e tire os olhos da minha comida. E larga minha soda, pede uma para você.

— Egoísta — devolveu o copo — O que tenho que fazer para você compartilhar suas preciosidades comigo?

— Que tal me ajudar a fazer o Formiga parar de encher meu saco?

— Eu só estou mostrando que me importo — Anthony resmungou.

— Eu realmente não preciso de um namorado, não acha, Sarah?

— Concordo plenamente — pegou um pedaço de pizza — Eu acho que ninguém precisa de um namorado se não quiser — Anthony revirou os olhos — Só porque você é um encalhado desesperado.

— Não sou encalhado.

— Então cadê a sua namorada?

— Eu já disse que a garota que eu quero não me dá a mínima. Não é, Fletcher?

— É Simons — enfiou o garfo com força na pizza — Se eu quisesse a merda de um namorado, eu tentaria arranjar um. E, para sua informação, eu já gosto de uma pessoa.

— E quem é ele?

— Não te interessa.

— Já ficou com ele?

— Não te interessa.

— O que ele tem que eu não tenho.

— Não te interessa — “na verdade, uma vagina, mas a Sarah vai me matar se eu disser isso” completou mentalmente.

— Camile...

— Talvez um dia você saiba — sorriu levemente, Sarah achou graça de como a garota estava se controlando para não falar logo sobre as duas, elas ainda não tinham conversado se deveriam ou não contar para as pessoas sobre as duas — Agora, cale a boca e come.

— Eu só quero...

— Vamos, Formiga — Sarah interrompeu — Estamos aqui para comer e não para conversar sobre quem Camile gosta ou deixa de gostar.

— É incrível como essa garota está sempre certa — Camile a olhou.

— Apenas porque eu te conheço — Anthony se sentiu excluído com aquela interação tão íntima e interrompeu.

— Vocês poderiam parar de agir tão... parem de ser tão gays.

— E por acaso ser gay incomoda você? — Camile perguntou e franziu o cenho.

— Claro que sim, a você não?

— Não, eu teria um problema monstruoso se incomodasse — Anthony franziu o cenho, confuso — Somente pare de encher o meu saco e procure alguém que queira você.

— Mas eu te quero.

— Vai ficar querendo — Sarah riu baixo com a resposta.

— Eu sou perfeito.

— Ela também. E é perfeita pra caralho — enfiou a mão no bolso e pegou a carteira — E é, eu gosto de uma garota. Se isso te incomoda, pode voltar pro seu mundinho. E nem precisa pagar a sua parte, deixa por minha conta.

Anthony cerrou os dentes e levantou, ele odiava ser rejeitado. E parecia anda pior quando era por outra pessoa, por outra garota era o ápice. Ele saiu da pizzeria pisando forte, bufando e resmungando.

— Isso foi... — Sarah passou um braço ao redor dos ombros da garota — Isso foi muito legal.

— Obrigada.

— Foi foda. E corajoso, perfeito. A melhor coisa que você já fez... claro, depois de me beijar debaixo do visgo.

— O visgo foi só uma desculpa.

— Mas foi legal do mesmo modo. Faz três meses e você ainda não parou de roubar beijos de mim, então acho que foi muito útil. Se você não fizesse, eu teria que fazer.

— E ia esperar quanto tempo?

— Não sei, mas pelo menos não teve gosto de pizza.

— E você não gosta de beijo com gosto de pizza? — Camile cruzou os braços.

— Se vier de você, claro que eu gosto — segurou seu queixo e fez a garota encará-la — Inclusive, quero um pouco disso agora.

— Você está com fome, vai tentar comer a minha língua.

— Então vamos fingir que tem um visgo acima de nós — se aproximou o suficiente para precisar fechar os olhos e murmurou antes de beijá-la — Eu amo os seus beijos.

Capítulo 46

Sarah encostou a testa no vidro gelado da janela, sua cabeça latejava e seus braços ardiam. Espancar um homem tinha um preço. O ciúme tinha um preço. Margo estava absolutamente certa sobre Katherine e Camile, ela via isso agora. Já esperava que Katherine acabasse se apaixonando, era fácil cair de amores pela detetive. Tinha que gostar muito de alguém, ou gostar muito de homem e não ter nenhum traço de atração pelo sexo feminino, para conseguir escapar dela.

Afinal, a garota conseguia ser a durona, o tipo que você se sente protegido por estar perto. E também fofa e adorável, como um filhote que precisa de amor e carinho. Camile tinha essa necessidade de ser cuidada por alguém. Ela era o tipo de pessoa que cuidava e queria ser cuidada, o tipo de pessoa que recebia e dava. E Sarah havia feito isso, havia cuidado da garota por anos, mas o desejo de machucar era muito forte.

Ela podia dizer que adorava os gritos de dor, o sangue, o barulho de ossos esmagados. Ela gostava de torturar, de matar. Mas ela detestava saber o que havia perdido em benefício a sua segurança.

Respirou fundo, na sua mente queimava a imagem da perfeição de Camile. E também o olhar dela. o olhar que Sarah conhecia muito bem, afinal, ela o viu durante anos. Qualquer pequena esperança de que Camile talvez ficasse com ela no final foi para os ares quando ela viu o modo como Camile estava agindo perto da legista, como estava olhando para ela. Estava claro que Margo estava certa, havia sentimento dos dois lados.

Sarah sentiu uma raiva incontrollável em seu peito, o calor se espalhar pelo seu corpo. Arrancou o jornal das mãos de Margo, a ruiva ergueu as sobrancelhas.

— Que foi?

— Traga Cooper para cá.

— Mas está na hora delas dormirem.

— Traga.

— Mas...

— Faça o que eu mandei. Traga ela, depois mantenha Camile dentro do quarto.

Margo obedeceu, cinco minutos ela surgiu levando Katherine. A legista ainda estava arrumando a roupa, o que fez Sarah ter certeza que manter duas camas no quarto era inútil e deixou ela com mais raiva. Margo voltou para o quarto antes que recebesse uma ordem rude. Sarah empurrou Katherine até fazê-la sentar na cadeira, algemou seus pulsos atrás da cadeira. Katherine a observava, fria e analítica, ignorando o medo dentro dela. Sarah mexeu nos seus brinquedos, sem mudá-los de lugar, apenas tentando decidir o que faria.

—O que quer? — a legista perguntou, indo direto ao assunto antes que Sarah pudesse fazer algum discurso.

— Sinceramente? — cerrou os dentes — Acabar com você.

— Por causa da Cammy? — talvez fosse íntimo demais, Sarah olhou para ela, mas Katherine se manteve impassível.

— Desde quando chamam-se por apelidos?

— Não posso informar uma data exata — poder, ela podia, ela só não queria.

— Parceiros se chamam pelo sobrenome.

— Eu conheço o protocolo.

— Isso não é muito profissional.

— Não estamos trabalhando, estamos ocupadas sendo mantidas em cativeiro.

— Esse nível de intimidade não se adquire em dias.

— Trabalhamos há um ano, é um bom tempo.

— Você não parece o tipo de pessoa simpática.

— Eu não preciso, ela faz essa parte do trabalho.

— E o que você faz?

— Eu só admiro — Katherine sabia que estava irritando Sarah apenas com sua existência, provocar um pouco não faria diferença. Seu corpo ainda doía depois de ter apanhado, mesmo que Camile fizesse de tudo para mantê-la confortável, alimentada e cuidasse dela com esmero. Sabia que não estava segura, que quem estava protegida de todo o ódio de Sarah era Camile — Admita, é difícil não admirar.

— Faz parte do seu trabalho?

— Não, mas também não faz parte do seu se vingar.

— Você não o que faz parte do meu trabalho — se aproximou dela — Sabe de porra nenhuma sobre mim.

— Por que está com raiva de mim?

— Porque... — cerrou os dentes, se curvou, os olhos castanhos brilhando — Ela é minha.

— Tem certeza? — Katherine disse, provocando, desafiando, ergueu as sobrancelhas com uma certa arrogância no olhar. Recebeu um tapa, forte, no lado do rosto que atingiu o ouvido também. Doeu, começou a ouvir um som agudo incômodo e baixo. Riu, Sarah acertou outra vez. A legista sentiu o gosto de sangue na boca, mas manteve a postura — Não fui eu que tirei ela de você. Foi você que a abandonou para se vingar.

— Ela continua sendo minha — cerrou os dentes, andou até a mesa — Se precisar, eu te tiro do caminho.

— Então é só pegar a arma e me matar.

— Não tão rápido — voltou com um bisturi, um pano e um sorriso sádico, Katherine precisou de toda sua frieza para se manter impassível — Sempre quis saber o quanto uma mulher pode ser resistente a dor que eu sei causar.

— Eu quero saber o que ela quer! — Camile repetiu pela quinta vez.

— Eu já disse que não sei, devem estar conversando.

— Sarah é uma louca.

— Acha que ela vai torturar a sua garota?

— Eu não duvidaria disso.

— Vamos, Simons, acha que ela é assim?

— Tenho certeza.

— Fica calma — colocou as mãos nos ombros dela.

— Calma? Calma o caralho! — ela rosnou — Katherine está lá, sozinha com uma psicopata e você quer que eu fique calma?

— Eu sei, eu sei — ela segurou o rosto da detetive e acariciou com os polegares, tentando deixá-la mais tranquila — Se acalma...

— Como diabos eu vou saber se ela está bem? — O desespero nos olhos da detetive

deixou Margo agoniado.

— Está bem... — ela destrancou a porta — Eu vou conferir.

Camile juntou as mãos e observou ela sair. Margo respirou fundo e foi atrás de Sarah, quando chegou perto, ela sentiu um clima terrível, um clima que dizia que havia algo de errado acontecendo. Silenciosamente, se encostou na parede e olhou para a sala. Cerrou a mandíbula quando viu Sarah procurar algo na mesa com seus brinquedos, Katherine estava presa na cadeira e não estava em seu melhor estado.

As mãos presas atrás de si, um pano enfiado na sua boca e ela podia ver gotas de sangue ali. A camisa foi arruinada, rasgada e Sarah havia feito cortes na barriga morena, no peito e o sangue manchava o jeans.

Margo se afastou, se encostou em outra parede. Escorregou até estar sentada no chão, puxou as pernas para si e se encolheu. Respirou fundo, havia visto Sarah torturar homens. Fazer eles gritar, tinha sua parcela de culpa. Afinal, era ela quem seduzia e quem comprava as coisas que Sarah pedia. Mas, ali era diferente. Ela sabia que aqueles homens haviam feito coisas erradas, haviam machucado pessoas, destruído vidas... mas o que Katherine havia feito de errado?

— Puta merda — rangeu os dentes.

Ela se sentiu culpada, muito culpada.

Tentou se acalmar, empurrar aquilo para um canto da sua mente. O que ela diria para Camile? *Olha só, meu amor, você estava certa e a srta. Psicopata-Assassina está torturando a sua namorada.* Ela não podia dizer isso. Mas também não poderia mentir. Camile saberia daquilo de qualquer maneira, seria impossível esconder. Não conseguiria planejar, talvez acabasse cuspiendo aquilo quando visse os olhos desesperados da detetive. Voltou para o quarto, Camile continuava de pé, as mãos juntas e olhou para ela ansiosamente.

— Olha... temos um pequeno problema.

Capítulo 47

Os olhos de Camile sempre mostravam seus sentimentos de um jeito claro. Ela estava ansiosa quando Margo entrou. Então mudou para um desespero quando viu que havia um incômodo na ruiva, ela havia visto algo de muito errado. Então se transformou em agonia quando ela falou o que Sarah estava fazendo e então havia raiva, muita raiva nela.

— Olha, Simons, calma aí.

— Calma o caralho! — parecia que até sua respiração emanava ódio - Ela está torturando Katherine e você quer que eu fique calma?

— Se você gritar ela vai perceber — cobriu a boca da detetive com uma mão, com a outra agarrou o pescoço dela — Vai piorar a situação, quer que ela mate a sua namorada? — Camile estava vermelha, muito vermelha de raiva. Katherine não era sua namorada, mas Camile estava ocupada demais agindo emocionalmente para corrigir isso. Aliás, já havia decidido que não se importava apenas por ela ser sua parceira e fingir isso só machucaria as duas — Respira, calma — Camile tentou diminuir o ritmo da sua respiração e Margo tirou a mão da sua boca e diminuiu o aperto.

— Eu preciso ir lá.

— Ela tem um bisturi, um taser, um monte de coisa e a sua pistola.

— Foda-se, eu não posso deixar ela machucá-la.

— E nem deixar ela machucar você.

— Ela não vai me machucar.

— Você não tem certeza.

— Não posso deixar isso acontecer, não entende? Se ela perder o controle? — ela estava aponto de implorar — Por favor, abre a porta e me deixa ir lá.

— Simons — puxou o ar pelo nariz, balançou levemente a cabeça em uma negação — Ela vai te machucar — Margo já estava se sentindo culpada o suficiente com Katherine sendo torturada, deixar a detetive se machucar do mesmo modo parecia intragável.

— Me deixa sair, eu posso bater em você.

— Não, não pode.

— Não duvide do que eu posso fazer quando tem alguém no meu caminho.

— Você mataria para salvar ela?

— Se for preciso.

Havia algo na voz dela que demonstrava o quanto ela estava disposta a fazer aquilo. Seus olhos demonstravam que não era apenas raiva, apenas ódio, que o motivo daquilo estava bem no fundo do seu peito. Foi aquilo, junto ao senso, à ideia que já estava na sua mente desde que havia começado a trabalhar com Stean, de que estava jogando do lado errado que fez Margo abrir a porta e sair do caminho de Camile.

Viu a detetive sair e ir em direção ao local onde Sarah estava com determinação.

Camile havia aprendido a ser silenciosa, a se aproximar sem ser detectada. Precisou controlar sua respiração, ela ficava naturalmente barulhenta quando estava furiosa. Ela cerrou os punhos, Sarah estava de costas para ela. Ela podia ver algumas gotas de sangue no chão, o que deixou sua raiva ainda mais forte. Como um animal rosnando em seu peito. Ela olhou pela mesa, sua pistola não estava lá, ela esperava que não estivesse nas mãos de Sarah.

Viu Sarah mudar de posição e ela percebeu que sua pistola estava na mão da mulher,

e agora apontada para Katherine. Com cuidado, pegou um bisturi sem fazer barulho algum, se aproximou de Sarah. Ouviu o barulho da pistola sendo destravada.

— Me dê um bom motivo para não explodir o seu coração — Sarah disse, havia frieza polar em sua voz.

— Péssima ideia — Camile murmurou, prendeu Sarah pelo pescoço, com uma mão forçou seu rosto para cima e pressionou levemente a lâmina na pele macia dela — E você me dê um bom motivo para eu não enfiar essa porra na sua garganta — ameaçou, falando devagar, a voz rouca de raiva.

— Realmente pretende enfiar isso em mim? — respondeu, a voz fria, mas dentro de si, havia um nervosismo com aquele tom de ameaça.

— Se você realmente pretende enfiar uma bala na *minha* mulher — pressionou um pouco mais a lâmina — Pretende fazer isso?

— Por que eu não faria?

— Porque tem um bisturi contra o seu pescoço. Atire nela e eu mato você em um segundo.

Sarah riu baixo. Estava com raiva, muita raiva, Camile estava ameaçando ela. Seu indicador estava encaixado no gatilho, só precisava de um pouco de pressão e tudo estava acabado. Nem ela e nem Katherine ficariam com Camile, pronto, simples, rápido. Então Camile murmurou em seu ouvido, baixo o suficiente para apenas ela conseguir ouvir.

Sua voz mudou, não era assustadora, ameaçadora ou forte. Havia um tom triste, muito triste, como se a dor que moldasse a sua voz. O sotaque australiano de repente pesava em sua voz, o que fazia ela parecer ter quinze anos anos outra vez.

— Vai fazer isso comigo? Acha justo? Eu me importo com ela, eu quero ela — apenas Sarah ouvia, Camile lançou um olhar rápido para Katherine, podia ver o quanto ela estava machucada e sangrando — Você me abandonou e agora quer matar ela?

— Você não vai ficar comigo, não vai ficar com ela!

— Filha da puta — em um momento rápido, tirou a mão do seu queixo, enfiou os dedos no cabelo loiro e conseguiu empurrar ela para longe. Sarah bateu na mesa e derrubou várias coisas — Realmente acha isso?

— Eu já te expliquei.

— Quer saber? Tenho certeza que alguém vai achar que eu sou uma completa idiota, mas me diz porque estou fazendo isso? Por que estou quase matando alguém e destruindo a minha carreira? Têm pessoas que só querem alguém que as ame e eu tenho duas dizendo a mesma coisa. Mas sabe de uma coisa? Não faz diferença! Uma psicopata e uma rainha do gelo. Uma me abandonou para torturar e matar e a outra me desprezou por um ano. A porra de uma porta sabe mais de amor do que vocês duas juntas! — ela apertava o bisturi com toda força, com raiva e tremendo — Uma pessoa que ama, cuida e se importa. Exatamente como eu fiz por anos com você, exatamente como estou fazendo com ela. Eu prefiro ficar sozinha. Assim eu não me machuco, eu não vou acreditar em promessas, não vou ser desprezada e nem vou ser abandonada. Mas sabe o meu problema? Eu já sei o que é ter alguém e eu quero ter outra vez.

— Então se acha isso, que nenhuma das duas é boa o suficiente, vamos lá, cumpra sua ameaça — apontou a arma para Katherine, que estava somente observando as duas. Não se importava com a ameaça de levar uma bala, se importava com o que aconteceria se Camile

realmente enfiar o bisturi em Sarah — Vamos lá!

— Você adora subestimar as pessoas — Camile conseguia imaginar a lâmina se enterrando na pele dela, o sangue espirrando e sujando seu rosto, suas mãos. Sarah caindo no chão, as mãos sobre o corte e se engasgando com o próprio chão.

— E você adora ameaçar e não fazer.

— Então atire e descubra o que vai acontecer.

Camile tinha quase dezesseis anos quando Sarah tirou ela daquele matadouro gelado, dezessete quando elas começaram a se relacionar e quase vinte quando ela decidiu que parar de ficar fugindo daquilo e assumir que queria algo sério com Sarah. Elas conviveram por anos juntas. Camile praticamente passou mais tempo com Sarah do que com seus irmãos. Ela viu Sarah mudar, ela conhecia Sarah perfeitamente. Mesmo que não tenha previsto aquele ódio, conhecia ela o suficiente para saber que Sarah realmente ia apertar o gatilho e matar Katherine.

E também se conhecia o suficiente para saber que jamais seu bisturi seria enfiado naquele pescoço esguio. O mesmo pescoço no qual ela já enfiou o rosto quando precisava de conforto, o mesmo que ela já beijou, mordeu e deixou marcas, o mesmo que ela amou por anos. Ela não poderia matar Sarah, mas Sarah havia torturado Katherine e seu dedo estava prestes a apertar o gatilho e meter uma bala na legista.

Onde diabos está Steele? Pensou, mas a pergunta fugiu. Ela conhecia Sarah, ela era rápida e boa em improvisar. Ela tinha duas opções, enfiar o bisturi no ombro de Sarah, onde faria ela soltar a pistola, ou tentar impedir o tiro. Não havia tempo, ela praticamente sentiu quando o cérebro de Sarah mandou o comando para seus músculos.

Anos de treinamento, anos de prática, reflexos imediatos. Isso foi a fórmula que fez o cérebro e a reação de Camile ser mais rápido que Sarah.

A mão livre da detetive estava perto do pulso de Sarah, do pulso ao qual a mão com a arma estava junto. Mais perto, mais fácil e garantido do que machucar seu ombro. Os dedos de Camile se fecharam no pulso, poderia ter empurrado, mas ela estupidamente puxou (claro, seu instinto mandando ela impedir que a bala pudesse acertar alguém, mesmo que tivesse sido rápida para que o alvo não fosse mais Katherine antes da bala sair do cano).

O bisturi, ainda com algum vestígio do sangue de Katherine, caiu no chão. E então estava tudo no mais absoluto silêncio.

Capítulo 48

Silêncio quase absoluto.

O bisturi caiu e quicou levemente. Dois segundos depois, Camile caiu de joelhos. As mãos pressionando com força o buraco em sua barriga por onde saía uma assustadora quantidade de sangue. Ela não planejava levar um tiro, foi apenas seu instinto de manter as pessoas ao seu redor protegidas. Ela morreria por Katherine, não era isso que ela estava fazendo?

Podia ouvir os sons que escapavam da garganta de Katherine enquanto ela tentava gritar com o pano sujo enfiado em sua boca, o som dos pés da cadeira sendo arrastados no chão enquanto ela tentava escapar. Fugir, se livrar do que a prendia para poder se aproximar. Ela se debatia desesperadamente. Por dois motivos. Poderia tentar ajudar Camile, afinal, ela era médica. Clínica geral, aquele cara que te atende primeiro, que pode resolver algumas coisa. Ela era capaz, ela podia ajudar Camile, ela só precisava escapar daquela maldita algema.

E o segundo motivo era, bem, a mulher por quem ela estava apaixonada estava sangrando no meio da sala aos pés da ex-noiva.

Camile sentiu o sangue quente subir pela sua garganta e encher sua boca, ela abriu e vomitou o líquido vermelho. Sarah estava paralisada, segurando a pistola com tanta força que sua mão tremia. O silêncio, antes cortado pelo som de Katherine completamente desesperada em sua cadeira, foi interrompido por passos pesados na escada. Camile deitou de lado, sem se importar com o vômito de sangue, a poça que se formava da sua hemorragia era mais preocupante do que o quanto ela ficaria suja. Ela se encolheu como uma bola, cuspidando sangue que subia pela garganta e tentando conter o sangramento.

— Abaixе a arma — uma voz masculina e forte soou da porta, um homem grande e forte apontava sua pistola diretamente para Sarah e era coberto por dois outros homens, os três vestiam o uniforme policial oficial — Ou eu atiro!

Sarah engoliu seco e deixou a arma cair. O homem avaliou a situação. Nenhuma das três pareciam realmente ameaçadoras. A garota com a pistola parecia em estado de choque, como se não pretendesse machucar ninguém e tivesse o feito. A garota na cadeira parecia completamente desesperada para se ver livre. E a garota no chão precisava urgentemente de atendimento médico, ou morreria naquela poça de sangue.

Por sorte, a denúncia havia avisado que poderia haver algo assim no local. O homem à sua esquerda, Erick, chamou pelo rádio e logo haveria uma equipe de paramédicos atendendo ela. A loira alta era a ameaça, mesmo em seu aparente estado de choque. Há muito tempo Bryan Young não tinha uma situação dessa para resolver.

Erick era o que tinha uma aparência mais simpática, então ele se aproximou de Katherine para libertá-la. Poderia tentar acalmá-la, tentar fazer ela não ter uma crise, não surtar. E se não pudesse, ela era pequena o suficiente para ele segurar sem a chance de machucar. E ele sabia que precisava ser cuidadoso, podia ver cortes nela e hematomas. Ela estava machucada também.

David, o detetive, pegou a algema presa em seu cinto e se aproximou de Sarah. E como Bryan passou anos trabalhando como segurança em um hospital, ele sabia lidar com pessoas feridas. Se ajoelhou ao lado de Camile, que havia desistido de esconder a dor e

gemia em agonia. Ele pôs a mão em seu ombro e ela o olhou.

Talvez fosse uma ilusão, algo causado pela dor de morrer, mas o homem que ajoelhou ao seu lado disposto a ajudá-la se parecia assustadoramente com seu pai. Os olhos castanhos claros, que perto do mar nos dias ensolarados pareciam azulados, no parque perto das árvores tropicais eles pareciam esverdeados. E no sol, eram dourados. Eram lindos e perfeitos. O cabelo, em corte militar, era negro como carvão. Ela podia imaginar como ele era ao toque, macio e sedoso, viciante. Ele tinha o queixo quadrado, sem nenhum pelo e deveria ser macio como a pele de um bebê.

A mão dele era quente, apertava levemente seu ombro, tentando deixar ela confortável e segura. Então ele abriu a boca e falou, ela teve certeza absoluta de que estava enlouquecendo. Era como chocolate, grave, mas suave. Forte, mas delicada. Ele fixou os olhos no dela, tentando mantê-la consciente e ajudou a pressionar o ferimento. Ele ouviu a mulher que Erick soltou gritar desesperadamente tentando se aproximar, mas ela parecia desesperada e histérica demais para ter alguma utilidade.

— Ei, não feche os olhos — escorregou a mão pelo seu braço e segurou uma mão, apertou, estava fria sob o sangue quente — Não durma.

— Dói... — murmurou. Ela só conseguia sentir a dor da bala e a mão quente do homem segurando, só conseguia ver o rosto que, mesmo que ela não o conhecesse, era familiar. Nem mesmo Katherine desesperada, Sarah sendo contida, nem isso conseguia entrar na bolha que a agonia havia formado ao redor dela e dele.

— Eu sei que dói, eu sei, mas você é mais forte do que isso. Ele estão chegando, eles vão te ajudar, eles vão te salvar — ele acariciou as costas da mão dela com o polegar, do mesmo modo que ele fazia com a filha dele e pareceu ter o mesmo efeito — Presta atenção em mim — só precisava mantê-la daquele modo durante os minutos em que a equipe levaria para entrar — Eu tenho olhos bonitos, todos dizem isso, então fique olhando para eles,

— Já estou olhando.

— Acha bonitos?

— São lindos — tossiu um pouco, virou o rosto para cuspir sangue antes de falar com uma voz fraca — Você parece meu pai.

— Oh... — ele ficou sem palavras por um segundo, mas os olhos dela pareciam gigantes e quase infantis enquanto o encaravam — E seu pai alguma vez mentiu para você?

— Acho que não.

— Então eu também não. Acredita em mim?

— Estou tentando.

— Continue tentando. Eu prometo que vai ficar tudo bem.

— E se não ficar?

— Vou atrás de você e faço ficar tudo bem — ela sorriu levemente, fechou os olhos, nem sabia o nome dele mas conseguia acreditar nas palavras dele — Não, não, não, querida. Lembra do que eu falei sobre fechar os olhos? — ela gemeu e abriu novamente — Viu, é isso aí.

— Estou cansada.

— Eu sei, logo você vai descansar. Pense... Uma garota bonita como você, deve ter alguém por quem vale a pena, não tem? Tem alguém que você goste? Não precisa ser um romance, mas deve ter alguém na sua vida que está te esperando — Camile assentiu. Ela

tinha Katherine... mas também tinha Laurie, era sua melhor amiga. Tinha Kriss. E ela se importava com Brown, com Abigail, até mesmo com Margo. E Sarah, ela não queria que tudo terminasse daquele modo — Então, mantenha-se acordada por quem se importa com você. Tem alguém te esperando?

— Kriss — murmura.

— Namorado?

— Meu gato.

— Um gato precisa do seu humano de estimação — isso ela sorrir levemente, manter os olhos abertos parece quase impossível.

Os paramédicos chegaram, dois se agacharam perto dela. O terceiro se aproximou de Katherine, Erick segurou ele e o paramédico conseguiu aplicar o calmante nela e fazê-la para de se debater violentamente. Os médicos providenciaram o modo para carregá-la até a ambulância.

— Ela vai ficar bem? — Bryan perguntou, assim que ele soltou ela, viu ela fechar os olhos.

— Vamos fazer o possível.

Capítulo 49

Katherine acordou lentamente, primeira coisa que viu foi o teto claro e uma lâmpada iluminando o quarto. Devagar, começou a perceber onde estava e tentou descobrir porque estava ali. Sentia um acesso enfiado no seu antebraço e olhou, seus olhos seguiram o tubo que colocava soro e remédio em suas veias. Respirou fundo, sentia um curativo na barriga e incomodo por ali e no peito. *O que diabos estou fazendo aqui?* Ela tentava se lembrar, mas a última lembrança clara era Camile levando café da manhã para ela depois de uma noite de nevasca. Qualquer coisa depois disso ficava confuso. Ela queria que a detetive estivesse ali para explicar o que estava acontecendo.

OuvIU o som da porta se abrindo, um homem alto apareceu. Ela se lembrou da última vez em que acordou em um hospital, a diferença era que daquela vez ela se lembrava perfeitamente. O homem era forte, estava usando jeans, camisa social, um casaco, uma pistola no coldre e um distintivo no seu cinto. Ela achava que tinha visto ele, e visto em algum momento daquelas horas (ou dias, não sabia), entre os *donuts* e acordar na cama.

— Boa noite, doutora — ele se aproximou da cama, andava de um até delicado para um gigante daquele — Como se sente?

— Confusa.

— Se lembra de mim?

— Tenho a impressão de que te vi antes... — ele sorriu levemente, mostrando que compreendia — O que houve?

— É uma longa história — ele olhou o saco de soro.

— Onde está Camile?

— No segundo andar — Katherine engoliu seco, ela conhecia o principal hospital de Beschi, onde tinha certeza que estava, era pra lá que funcionários públicos eram levados. Sabia que no segundo andar os quartos em que os pacientes mais graves eram internados — Não precisa dessa cara, eles vão transferir ela para um quarto comum logo.

— Eu quero vê-la.

— Aguenta andar? Estamos no último andar.

— Aguento.

Ela esperava que aguentasse. O homem chamou uma enfermeira, que pegou um mastro (n/a – não sei o nome desse negócio, é aquela coisa de ferro com ganchos e rodinhas onde penduram o saco de soro pro paciente andar), trocou o saco quase vazio por um novo e pendurou no gancho.

— Meu nome é Bryan — ele disse. Passou um braço ao redor dos ombros dela, Katherine percebeu que não era a primeira vez que ele fazia aquilo — Está com frio?

— Um pouco — ele tirou o casaco e pôs gentilmente em seus ombros. Era grande, ela gostou, assim não se sentiria tão desprotegida com a roupa aberta nas costas — Ah, obrigada.

— De nada — ele sorriu. Katherine nunca conseguia não se sentir constrangida com alguém sendo gentil com ela — Por que essa cara de nervosismo?

— Não consigo lidar muito bem com pessoas sendo gentis comigo — ela falou a verdade antes de pensar.

— Eu acredito no pensamento que devemos tratar os outros do mesmo modo como queremos ser tratados — ele ergueu as sobrancelhas, entraram no elevador e ele apertou o

botão — E acho que você não sabe é lidar com pessoas.

— Por que?

— É impossível não ser gentil com você — ele viu ela erguer as sobrancelhas pelo reflexo nas portas metálicas — Seja gentil com ela, não faça aquela cara de desespero.

— Ela está tão mal assim?

— Essa cara mesmo — Katherine engoliu seco e tentou amenizar sua expressão — Ela só está machucada.

— Na ala de pacientes graves.

— Ela estava pior antes, confia, você já vai entender.

Ela respirou fundo, deixou ele guiar até o último quarto do corredor à esquerda.

Pararam ali, Bryan bateu na porta e chamou:

— Cam!

— Estou tentando dormir — a voz sonolenta da detetive soou.

— Tenho uma visita para você.

— Já passou do horário.

— Sério? Você ameaçou me matar para ver ela e agora quer dormir?

— Espere, o que? — ele riu baixo.

— Sua garota está aqui — Katherine corou levemente — E ficou vermelha agora — ele abriu a porta — Vocês precisam realmente conversar.

Bryan ajudou ela a andar até ficar ao lado da cama, acenou para Camile e saiu. Katherine avaliou Camile. Viu como ela parecia pálida e cansada. Algo no lugar mostrava que ela estava doente e frágil. Talvez os tubos enfiados nela, o lugar realmente claro e limpo demais, a roupa de hospital que faziam ela parecer mais jovem.

— E aí, Kathy — disse, interrompendo o silêncio, nele o som dos bipes constantes do monitor cardíaco chegava a ser irritante.

— E aí, Cammy.

— Como você está?

— Melhor agora — isso fez a detetive sorrir levemente — Mas... mas eu não faço ideia de porque estamos aqui.

— Bem, vamos resolver isso — Camile se afastou um pouco para o lado — Acho que se você tomar cuidado, pode deitar aqui.

— Não vai te machucar?

— Não — sorriu, Katherine conseguiu sentar e depois deitar, tomando todo cuidado possível. Camile passou um braço ao redor dos ombros da legista, que deitou a cabeça no seu peito — Qual a última coisa que você se lembra?

— Café da manhã depois de passar a noite no escritório com você, por causa da nevasca.

— Certo... Como eu começo?

— Que tal me dizendo há quanto tempo isso aconteceu?

— Cinco dias. Acho que podemos começar com Margo...

— Margo?

— Aquela ruiva no bar.

— E vocês são íntimas o suficiente para chamarem-se pelo primeiro nome?

— Está com ciúmes?

— Estou!

— Não precisa disso, Kathy — riu baixo — Vamos, você vai entender no final.

— Okay... — respirou fundo, mesmo com cheiro de hospital, havia o cheiro doce de Camile — Então diga.

Camile resumiu tudo. Contou que Margo levou Katherine, como ela própria foi atrás de Sarah depois de perceber que era Sarah. Sobre as conversas, as torturas. Foi particularmente complicado contar os últimos momentos antes de Bryan ajuda-las. Afinal, não era fácil dizer “e ela te torturou”. Nesse momento, quando soube que os curativos e a sensação incômoda eram causadas por Stean, Katherine gemeu baixo e se encolheu contra Camile. A detetive fez uma pausa antes de continuar.

Katherine ficou alguns minutos calada depois que Camile terminou de falar. Ela fechou os olhos e afundou o rosto no peito da detetive enquanto imaginava as cenas, sua mente começava a lembrar e ela percebeu o quão doloroso isso era. Talvez ela tenha ficado tão desesperada com a cena de Camile morrendo em uma poça de sangue que sua mente simplesmente tentou esquecer e voltar para o último momento em que estavam juntas e seguras.

Camile começou a brincar com o cabelo claro, enrolando seu dedo nos fios e formando cachinhos, que eram desfeitos quando ela passava os dedos outra vez.

— Você é uma idiota.

— O que? — Camile esperava qualquer coisa, menos ser chamada de idiota com tanta raiva na voz dela.

— Você puxou a arma na sua direção — Katherine lembrou da cena, o cano apontado para seu coração e, no segundo seguinte, os dedos de Camile envolvendo o pulso de Sarah e mudando o alvo — Você deixou ela atirar em você! Você levou um tiro para me salvar!

— E você deveria me agradecer.

— Obrigada... mas você foi uma idiota de qualquer maneira.

— Kathy...

— Kathy o caralho, não vem com essa voz de filhote abandonado, você sabe que fez merda — ergueu a cabeça, encarando a detetive com raiva — Você fez merda.

— Kathy.

— E se tivessem demorado? E se tivesse acertado algum lugar vital?

— Kathy.

— Você poderia ter morrido!

— Katherine Susan Cooper, cala a sua boca.

— Não me manda calar a boca! Olha a merda que você fez! Olha o que poderia ter... — Camile, que não tinha parado de brincar com o cabelo em seus dedos, segurou sua nuca e a beijou. Katherine sentiu a tensão e a raiva que sentia, o medo também, se esvaír. Camile parou o beijo sem se afastar muito.

— Isso sempre funciona — murmurou e riu baixo.

— Vai se foder — cerrou os dentes, Camile riu e beijou a ponta do seu nariz — Eu deveria espancar você por ter feito isso.

— Kathy, olha para mim — a legista a olhou, estava claro nos olhos azuis que ela detestava a ideia de perder Camile — Se eu não tivesse feito aquilo, você não estaria aqui.

— Mas talvez você não estivesse aqui...

— Mas nós estamos, Kathy — beijou sua testa — E pretendo continuar aqui

Capítulo 50

Para Katherine, a parte mais irritante no processo de cicatrização de um corte era quando começava a coçar. Seus dedos formigavam com a vontade insana que ela tinha de enfiar suas unhas debaixo da blusa e coçar. Mas ela sabia que não podia coçar, que não era saudável, então cruzou os braços com força e suspirou.

Fazia uma semana desde que ela havia acordado, descobriu que não estava realmente dormindo desde o dia em que Camile foi baleada, na verdade, ela acordou várias vezes, mas em todas ela teve um ataque de pânico em quinze minutos e eles precisaram enchê-la de tranquilizante. E também que Abigail mandou Bryan levá-la até Camile assim que ela acordasse, antes que as memórias entrassem na sua cabeça e ela voltasse a surtar.

Deu certo, ela estava melhorando, já havia conseguido a alta. Em cinco dias faria um exame psicológico, se fosse 'aprovada', ela poderia voltar para o seu trabalho. O teste de Camile seria em quinze dias, afinal, ela ainda estava um pouco mal.

— Eu não vou passar no teste de primeira — a detetive, que no momento não era detetive, estava afastada do cargo sem seu distintivo e sua arma, disse quando Katherine sentou na beira da sua cama.

— Por que acha isso?

— Bem... — sorriu levemente. Ela não diria que era porque não conseguia dormir sem remédios. Falou baixo — Chega mais perto, eu tenho um segredo para te contar — Katherine riu — É sério, abaixa aqui.

— Está bem, teimosa — se inclinou, apoiando-se no colchão. Camile pôs a mão em sua nuca, puxou ela um pouco mais para baixo e grudou a boca na sua orelha.

— É um segredo, não conte para ninguém.

— Eu não vou contar.

— Prometa.

— Eu prometo.

— Eu não deveria estar trabalhando. Eu nunca passei no teste. Brown burlou o sistema para me colocar de volta porque ele queria você aqui e que eu fosse a sua parceira.

— Por que?

— Porque eu não passei ou porque ele queria nos juntar?

— Os dois.

— Não sou tão inteligente quanto você, Kathy, não faça perguntas difíceis — riu.

— Sua idiota — tentou se afastar, mas Camile não deixou e a beijou. A última vez que a australiana fez isso foi quando a legista estava lhe dando uma bronca por ela ter sido baleada. Mas esse beijo era diferente, não estava calando sua boca, era mais delicado. Quando deu por si, Katherine estava sorrindo quando Camile se afastou levemente.

— Mas você gosta da minha idiotice — respondeu e fez um biquinho. Katherine a beijou e murmurou.

— O que nós somos?

— Eu não sei... — suspirou — Eu só sei que esqueci de fazer uma coisa.

— Esqueceu o que? — ergueu as sobrancelhas

— De verificar se você é uma psicopata.

— Por que fazer isso?

— Não quero estar apaixonada por outra psicopata, Kathy.

— F-foi por isso que fez aquilo? Com a arma.

— Acho que sim, em parte pelo menos — Camile tratava aquilo como se não fosse nada, fosse praticamente parte da sua rotina.

— Por que age como se não fosse nada demais?

— Eu só fiz meu trabalho...

— Cammy...

— Calada, Cooper, agora já foi.

— Eu ainda vou te castigar...

— Castigue deitadinha aqui.

Katherine riu baixo e fez um pequeno contorcionismo para conseguir deitar com a cabeça no seu peito. A legista lembrava de quando achava insuportável ficar perto da garota. E agora ela não queria ficar longe, não precisavam de palavras, só estar por perto já era suficiente. Ela fechou os olhos, respirou fundo, o cheiro doce, por baixo do cheiro de hospital, encheu sua mente. Depois de um tempo, Camile olhou para o relógio na parede e resmungou.

— O que foi? — Katherine ergueu a cabeça e olhou para o relógio — Oh, eu tenho que ir.

— Ah... — a legista tentou levantar, mas Camile continuou segurando ela.

— Eu tenho que ir — riu baixo, Camile enfiou o rosto no seu pescoço — Cammy...

— Fica, por favor...

Katherine ainda estava tentando escapar da pegada quando Abigail apareceu na porta.

— Vocês são muito adoráveis — ela sorriu levemente — Mas o horário de visita já acabou.

— Foda-se — Camile respondeu e continuou agarrada à legista.

— Cam, solta ela.

— Não — Abigail se aproximou — Deixa ela ficar... — olhou para ela, Carter achava injusto o modo como os olhos castanhos tinham um efeito devastador nela.

— Vou falar com o médico.

Dez minutos depois, ela voltou dizendo que ele havia deixado depois que ela fez uma lista de argumentos das vantagens que aquilo traria.

— Por que quer tanto que eu fique? — Katherine perguntou.

— Sinto falta de dormir perto de você.

Camile não parecia interessada em conversar, então Katherine se ajeitou melhor. Camile não queria dizer para ela que queria ver se os pesadelos não viriam se estivesse com ela. Afinal, quando Sarah manteve elas no mesmo quarto, nenhum sonho ruim se intrometeu na mente da australiana. Não diria para Katherine sobre eles, sobre como eram piores agora.

Antes eram sobre Feltre e Dirk, ou sobre Rebecca e algumas vezes Katherine aparecia. E nessa semana, quando conseguia dormir naturalmente, sua mente era invadida com cenas em que Katherine era torturada. A maioria era torturas que Feltre havia feito. Camile tinha medo de ir para casa, não do seu apartamento ou de estar desprotegida sem a arma, mas de dormir sem os remédios. Ela não tinha certeza se ter Katherine perto ajudaria, ela esperava que sim.

Afinal, sua mente adorava fazer ela ver a legista ser torturada. Ser estuprada,

espancada, cortada, queimada, quebrada de novo e de novo.

Ela só conseguia dormir quando enchiam seu corpo de soníferos, então não havia sonhos, apenas uma eterna escuridão. Que com toda certeza era melhor do que os pesadelos infernais. Mas ela queria aqueles sonhos, os sonhos bons. A maioria dos sonhos bons eram com Sarah, com Dirk ou Laurie. Ela gostava bastante dos sonhos com Laurie. Eram divertidos e confortáveis.

Ela demorou algum tempo para entender o porquê de se sentir bem perto de Laurie. Era porque a mulher era quem Rebecca deveria ser, alguém que estava lá para cuidar dela, escutar quando ela precisava desabafar e dar conselhos. Camile não sabia quantas vezes havia deitado a cabeça no colo dela e chorado porque Sarah havia simplesmente arrancado ela dos seus planos.

Mas ela não me tirou... eu ainda estava nos planos dela. Eu ainda fazia parte do que ela queria.

Laurie ainda estava ocupando a mente de Camile quando ela conseguiu adormecer.

Capítulo 51

Camile estava errada sobre seus pesadelos.

Mesmo com o calor seguro de Katherine perto do seu corpo, com a segurança que ela sentia, os pesadelos chegaram. Em um minuto, ela estava com Laurie, se divertindo na pizzeria, no outro, estava presa em uma cadeira e Sarah torturava ela. Conseguia sentir o bisturi cortando sua pele, o sangue escorrendo lentamente e ouvia uma voz. Longe, como se ela estivesse debaixo d'água e alguém chamasse ela insistentemente.

Acorda, acorda, acorda.

A voz chamava. Outra e outra vez. Mas ela continuava sentindo o bisturi cortando sua pele, arrancando sangue e causando dor. Ela queria que Sarah enfiasse logo aquilo na sua garganta, que acabasse logo com toda a dor.

Cammy, acorda.

Mas ela estava presa. Acorrentada aos sonhos, as cordas se enterravam em sua carne, arrancavam sangue e não deixavam ela sair. Algo prendia ela no fundo do mar negro, o desespero e a agonia tomava conta do seu corpo.

Então ela sentiu uma mão em seu rosto. Não é Sarah, é um toque delicado demais. E novo. Não o toque de alguém que ela passou anos ao lado. Era o de quem ela havia acabado de conquistar. E então ela consegue escapar das garras escuras de dor e respirar. Quando abre os olhos, a primeira coisa que vê são os dois olhos azuis como o mar. Depois de um segundo, percebe o resto.

— Cammy?

— Kathy... — podia ver preocupação nos olhos azuis.

— Você teve um pesadelo, não foi? — Katherine acariciou seu rosto, do mesmo jeito que ela fazia quando Nicki tinha um sonho ruim.

— Tive — ela estava ofegando, fechou os olhos — Fica comigo?

— Fico — beijou sua testa — Fico até quando você quiser.

— E se isso significar para sempre?

— Então fico para sempre.

Camile queria acreditar, parecia um pouco difícil. Mas ela tentaria. Havia sinceridade genuína nos olhos azuis de Katherine. A australiana estava quase dormindo quando ouviu a mulher sussurrar, mas podia jurar que escutou um "eu amo você".

E Camile estava certa, ela não passou no primeiro teste. Katherine passou, mesmo que tenha pensado que não conseguiria, em alguns dias voltaria ao trabalho, com Abigail substituindo Camile. A australiana teria que fazer terapia segunda, quarta e sexta. Fazer o teste a cada duas semanas até conseguir passar e ter seu cargo de volta.

— Eu não gosto disso — Camile disse, batucando os dedos na perna enquanto o elevador descia. Ela estava na cadeira de rodas, não que precisasse, era apenas regras do hospital que ela fosse até a porta em cima da cadeira. Abigail estava atrás dela, Katherine estava no prestando depoimento.

— De ter que ser empurrada em uma cadeira de rodas?

— Não. De ficar sem minha pistola.

— Assim você não tenta se matar — era para ser uma pequena piada, mas Carter

percebeu que a mão dela se fechou e então pediu desculpas rapidamente — Desculpe.

— Tudo bem — abriu a mão, mexeu os dedos tentando relaxar — Você poderia me dizer como o processo está indo.

— Indo bem, estamos apenas esperando o seu depoimento. Parker vai ser deportada de volta para Austrália, Steele vai ter a pena reduzida por ter ligado para a polícia e pelos depoimentos que ela deu — as portas do elevador se abriram e empurrou ela.

— E Feltre? — Camile não sabia como ela estava, da última vez que ela o viu, ele parecia bem perto da morte.

— Se ele acordar, vai ser deportado e preso. Provavelmente nunca mais vai sair da prisão, só o seu caso já é suficiente para deixar ele muito tempo preso.

— Espero que não acorde — disse entredentes.

— Eu espero que acorde — Abigail ofereceu o braço para a australiana.

— Por que? — aceitou, suas pernas não estavam tão firmes, mas ainda conseguia andar.

— Você sabe o que fazem com estupradores na prisão.

— Isso parece um pouco cruel.

— Nada é cruel o suficiente pra gente como ele — pararam perto do carro, Carter segurou o pulso dela, e virou o braço para que a parte interna ficasse visível e viu as linhas finas, regulares que ela viu serem feitas no vídeo — Como consegue conviver com isso?

— Eu ignoro elas a maior parte do tempo — observou Abigail passar a mão pelo seu braço, o polegar acariciando delicadamente as cicatrizes — Elas não doem, então é fácil esquecer.

— Acho que você merece um parabéns — Camile sorriu levemente, Abigail continuou movendo o polegar sobre as cicatrizes quando murmurou — Obrigada.

— Pelo que?

— Por descobrir quem era Stean, por ter coragem de ir atrás. Por se sacrificar para salvar Katherine. Por levar um tiro e sobreviver.

— Eu só fiz o meu trabalho.

— E fez ele muito bem. Eu não conseguiria.

— Você é uma agente, eu sou só uma policial, você faria muito bem.

— Não — negou com a cabeça — Você enfrentou sua ex-noiva, quase morreu. Eu não conseguiria olhar para minha ex-namorada sem querer sair correndo — Camile riu levemente — Vamos, mal dá pra olhar para a sua cara de fofa e pensar que você é capaz dessas coisas.

— Você está exagerando.

— Não estou — subiu as mãos até os ombros da australiana e a abraçou. Camile demorou alguns segundos para retribuir, envolvendo a cintura da ruiva. Ela abraçava a garota com força.

— Você realmente se importa comigo?

— Sim, claro que me importo — Abigail enfiou o rosto na curva do pescoço,. Então uma coisa ocorreu a Camile.

— Posso fazer uma pergunta?

— Faça.

— Katherine parecia te odiar... por que?

— Bem, nós tivemos um caso — isso fez Camile erguer as sobrancelhas.

— Mas ela não era casada?

— Era.

— Isso não é muito ético.

— Eu sei.

— Você gosta dela?

— É uma boa pessoa.

— Estou falando além de amizade.

— Não importa.

— Claro que importa, se você sente algo por ela... deveria não gostar de mim.

— Mas você sabe o que dizem, Camile, tem pessoas que amam a ponto de deixarem quem elas amam ir embora se isso for o melhor. Mais ou menos o que Sarah fez com você. Algumas vezes dá certo, outras não — desfez o abraço e abriu a porta do carro, Camile a olhava confusa — Agora, entre no carro.

— Mas...

— Vamos, Kriss deve estar morrendo de saudades da dona.

Durante todo o caminho, Camile observou Carter dirigir. Como estavam conversando sobre como a primavera estava perto, ela tinha uma desculpa para olhar a agente e memorizar cada detalhe.

O modo como o cabelo vermelho combinava com a personalidade e o rosto dela. As sobrancelhas loiras que se moviam enquanto ela falava, como se tivessem vida própria. As mãos delas que saíam do volante para gesticular, mas logo voltavam a segurá-lo. A voz, o sorriso, a risada, Camile estava registrando cada detalhe.

Ela fazia isso quando alguém chamava sua atenção, e Abigail captou toda sua atenção quando falou sobre amar. Sobre deixar ir. Sarah tentou proteger, mas no final, apenas destruiu um pouco mais.

— Simons.

— Fala.

— Você parece no mundo da lua.

— Estava pensando no que você falou sobre amor. Eu sou o tipo que fica grudada.

— Combina com a sua fofura — Camile corou levemente, pararam na frente do portão do condomínio — Como entramos?

— Abaixar o vidro — Abigail o fez, Camile se curvou sobre ela e acenou para o porteiro, quando voltou, reparou em Carter soltando o ar — Prendeu a respiração.

— Você estava perto de mais de repente, só travei um pouco — acelerou para a vaga, nos dias em que Camile estava fora, alternou com Laurie a função de manter o apartamento limpo, sem cheiro de necessidades felina, e Kriss bem cuidado — Quer que eu suba com você ou vai sozinha?

— Não confio muito nas minhas pernas, ainda estão um pouco dormentes.

Abigail saiu do carro, abriu a porta do passageiro e ajudou a australiana. Camile segurava seu braço com força, mas não se apoiava nela, era apenas uma espécie de segurança. Kriss gritou e gritou até ela pegar o bichano. Apertou, beijou, mordeu, o gato ronronou alto e feliz com a volta da dona. Se jogou no sofá, o gato preso nos braços e o rosto enfiado no pelo dele.

— Você sentiu falta dele mesmo — Camile assentiu, mas continuou parada ali, respirando cheiro e pelo de gato — Quer algo para comer? Ou tem alguma alguma recomendação médica?

— Vou ter que viver a base de sopa por algum tempo, eu me viro — ela riu, sua voz estava abafada pelo corpo quente em seus braços. Ela olhou para Carter por cima do pescoço peludo — Obrigada.

— Só estava fazendo o meu trabalho — encolheu os ombros, se aproximou da australiana. Se inclinou e beijou sua testa, murmurou — Se cuida.

— Você também.

Abigail sorriu, afagou o gato e saiu do apartamento.

Camile fechou os olhos, encostou as costas na almofada. Kriss se aconchegou melhor em seus braços, o focinho enfiado em seu peito. Em duas horas Katherine estaria lá, ela só precisava não dormir. No dia seguinte daria seu depoimento, na próxima semana seria o julgamento.

Finalmente a tempestade acabou.

Table of Contents

[Capítulo 01](#)
[Capítulo 02](#)
[Capítulo 03](#)
[Capítulo 04](#)
[Capítulo 05](#)
[Capítulo 06](#)
[Capítulo 07](#)
[Capítulo 08](#)
[Capítulo 09](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11“](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15“](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)